

“

*Não amemos de palavra, nem de língua,  
mas por obra e em verdade*

*Apóstolo João*

# A Obra que demonstra Amor a Deus

Claudio Crispim

Este livro tem por objetivo evidenciar qual é o ‘caminho mais excelente’ apresentado pelo apóstolo Paulo no capítulo 13 da primeira epístola aos Coríntios. Um caminho que não é afetado pela subjetividade dos sentimentos, mas que se traduz objetivamente em obra.

A ideia de amor como sentimento é substituída por ‘amor por obra’ conforme evidencia o evangelista João em sua primeira epístola.

*“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, **mas por obra e em verdade.**” (1 João 3:18).*

O livro contém uma análise das obras de dois heróis da fé: o patriarca Abraão e a prostituta Raabe, o que evidencia que a essência do amor bíblico não emerge da racionalidade ou da moral humana, antes é proveniente de Deus.

Há um capítulo dedicado a demonstrar que, apesar de o apóstolo Paulo e o irmão Tiago utilizarem uma terminologia diferente, ambos não se contradizem na questão fé e obras.

*“Confessam que conhecem a Deus, mas **negam-no com as obras,** sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra.” (Tito 1:16);*

*“Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.” (Tiago 2:26).*

# **A Obra que demonstra Amor a Deus**

Copyright © 2021 by Claudio Crispim

Todos os direitos reservados à Claudio Crispim, proibida a reprodução, parcial ou integral, em todas as formas, sem a autorização expressa do autor.

Crispim, Claudio

A obra que demonstra amor a Deus, Claudio Crispim – 2ª Edição revista e ampliada - São Paulo – SP: 2021. Tradução para o Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Italiano por Páulete Maria de Paula Corrêa.



Claudio Crispim

**A Obra que  
demonstra  
Amor a  
Deus**

# Dedicatória

Ao meu pai, Miguel Augusto Crispim (in memoriam), o  
melhor pai.

# Prelúdio

Desde o Antigo Testamento o amor é apresentado de modo imperativo categórico, mas como colocar o amor em prática? Como evidenciá-lo em obra?

O amor conforme entendemos se impõe por si só, e a ordem para amar a Deus provoca um paradoxo, pois anula a autonomia do indivíduo.

Após ser tomado de assalto pelas questões acima, travei um embate ferrenho com os Evangelhos e as cartas do Novo Testamento na tentativa de compreender a natureza do amor bíblico.

A leitura do Novo Testamento somente evoluiu quando me refugiei nas trincheiras que o Antigo Testamento constantemente me oferecia e, progressivamente, através de comparações de textos bíblicos, conquistei terreno no ‘saber’ bíblico.

Compreender que os apóstolos utilizaram o idioma grego somente para apresentar o evangelho sem se imiscuir nas questões literárias e filosóficas dos gregos abre o entendimento para uma realidade bíblica quase desconhecida.

Espero que o leitor, como um arqueólogo, volte no tempo e, a cada página desta obra, descubra o significado do termo ‘amor’ quando empregado nas Escrituras, que não pode ser confundido com o sentido que hoje decorre da evolução do termo ao longo dos tempos.

Após a conclusão desse trabalho, sinto que saí vitorioso do embate e quero dividir com você esse precioso despojo.

Durante a leitura deste livro não deixe de acompanhar as referências apontadas em sua Bíblia, pois a compreensão da exposição depende em muito das referências bíblicas citadas.

O Autor

São Paulo, 27 julho de 2021. É inverno!

# Sumário

• <b>Introdução</b>	<b>10</b>
• <b>O amor em exercício</b>	<b>13</b>
• <b>O amor é por obra e em verdade</b>	<b>30</b>
• <b>O amor como mandamento</b>	<b>51</b>
• <b>O amor na Antiga Aliança</b>	<b>67</b>
• <b>O mandamento é o amor</b>	<b>90</b>
• <b>Amor e obra</b>	<b>150</b>
• <b>Queimando carros de bois</b>	<b>210</b>
• <b>Como amar os irmãos</b>	<b>312</b>
• <b>É possível amar os inimigos?</b>	<b>344</b>
• <b>Epílogo</b>	<b>380</b>
• <b>Bibliografia</b>	<b>395</b>

# Introdução

*“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade.” (1 João 3:18).*

Quando ouvimos falar de Deus, somos tomados por atitudes reverentes, um sentimento de devoção nos invade e a emoção fala alto. Não raras vezes, quando lemos sobre o amor de Deus demonstrado para com a humanidade, a voluntariedade nos aflora e queremos transformar nossos sentimentos e emoções em serviço.

Quando foi buscar a arca da aliança na casa de Abinadabe, o rei Davi estava tomado por devoção, cheio de emoções, transbordando de alegria e de atitudes reverentes. Davi festejava juntamente com o povo, com toda a sorte de instrumentos musicais, atitudes que demonstram o quanto ele estava feliz por trazer a arca do Senhor para junto de si.

Com a visão turvada pela alegria, Davi se deixou levar pela atitude desesperada dos Filisteus que, em aperto por causa da praga de hemorroidas, devolveram a arca do Senhor sobre um carro puxado por vacas (1 Samuel 6:11). Davi e todo o povo de Israel se esqueceram da ordenança de Deus e, displicentemente, conduziram a arca aproveitando o meio de transporte preparado pelos sacerdotes e adivinhos dos Filisteus (1 Samuel 6:2).

Todos cantavam e tocavam alegremente e seguiam após a arca que estava sobre um carro novo de bois. Quando chegaram à eira de Nacom, a arca quase caiu por causa do tropeço dos bois, e Uzá, que conduzia o carro, estendeu a mão para segurá-la e foi fulminado por Deus (2 Samuel 6:6-7). Foi quando o rei Davi temeu e fez a se-

guinte pergunta:

- *“Como virá a mim a arca do Senhor?”*

A passagem bíblica que narra o retorno da arca do Senhor à casa de Israel nos serve de alerta. Estamos sendo voluntariosos ao realizar uma obra segundo nossas conjecturas, ou temos consciência do que Deus exige de nós segundo a Sua palavra?

Você já se perguntou: - *“Qual é a obra que demonstra o seu amor para com Deus?”*; *“Qual o conceito bíblico de amor?”*; *“O que Deus exige do homem?”*

O evento que despertou o rei Davi para que buscasse (obedecesse) a Deus segundo o que Deus ordenara (1 Crônicas 15:2 e 13), me fez questionar: *“Será que o nosso conceito de amor e obra não foi conduzido até nós sobre um carro puxado por vacas?”*; *“Estamos amando a Deus segundo o que Ele ordenou?”*

Durante dois milênios de cristianismo ocorreram inúmeras revoluções culturais. Civilizações e culturas desapareceram, enquanto outras floresceram. Cada civilização e cada cultura que surgiu e desapareceu possuía conceitos e ideias próprias acerca do amor. Inúmeras religiões surgiram e, cada sacerdote, mago, adivinho, místico, ministro, líder, governo, etc., adotaram ou desenvolveram, segundo seus interesses, um conceito de amor.

O objetivo deste livro é ajudá-lo a entender qual ‘amor’ que Deus exige de nós, bem como o significado do termo amor empregado no Novo Testamento, o que nos permi-

mitirá entender o porquê Jesus perguntou três vezes ao apóstolo Pedro: - “*Simão, filho de Jonas, amas-me?*”, visto que as reiteradas perguntas do Senhor Jesus nos evidenciam que não basta somente dizer:

- “*Sim, Senhor, tu sabes que te amo!*”



# O amor em exercício

*“... que **jurais** pelo nome do Senhor, e **fazeis menção** do Deus de Israel, **mas não em verdade nem em justiça.**” (Isaías 48:1).*

**A**fetuosamente o apóstolo João faz uma recomendação emblemática aos seus ‘filhinhos’ gerados segundo a fé em Cristo Jesus:

*“**Não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade.**” (1 João 3:18).*

O que entender por ‘*não amar de palavra, nem de língua*’? Como compreender e praticar o amar ‘*por obra e em verdade*’?

Para compreender a recomendação do discípulo amado é essencial contextualizá-la à luz de todo o N. T (Novo Testamento), analisando essa recomendação através do princípio aludido pelo apóstolo dos gentios, que é comparar coisas espirituais com as espirituais<sup>1</sup> (1 Coríntios 2:13).

Com base nos versos a seguir que fazem referência ao amor, verifica-se que o apóstolo João estabelece um contraponto entre ‘*não amar de palavra e nem de língua*’ com ‘*amar por obra e em verdade*’.

<sup>1</sup> *As ‘coisas espirituais’ passíveis de comparação diz da palavra de Deus, pois Deus é Espírito (João 4:24). Como o Espírito de Cristo estava sobre os profetas, eles falavam as palavras de Deus (Lucas 1:67-70; 1 Pedro 1:11), de igual modo, quando na carne, Jesus recebeu o Espírito sem medida e igualmente falou as palavras de Deus (João 3:34). Portanto, basta comparar e relacionar as palavras contidas na Lei, nos profetas, nos salmos, nos provérbios, nos evangelhos e nas cartas do N.T., que se estará comparando ‘coisas espirituais’. Os livros das Escrituras devem ser analisados como um todo, visto que tudo que os profetas anunciaram tinha por tema o Verbo que se fez carne (Atos 10:43), cujas palavras são espírito e vida (João 6:63).*

Leia e compare:

“... nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do **amor de Deus, que ESTÁ EM CRISTO JESUS** nosso Senhor.” (Romanos 8:39);

“Porque **este é o amor de Deus: que guardemos OS SEUS MANDAMENTOS;** e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3);

“E **o amor é este: que andemos SEGUNDO OS SEUS MANDAMENTOS.** Este é o MANDAMENTO, como já desde o princípio ouvistes, que **andeis nele.**” (2 João 1:6);

“E qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque **guardamos OS SEUS MANDAMENTOS,** e **fazemos o que é agradável à sua vista.**” (1 João 3:22).

O apóstolo Paulo esclarece que o amor de Deus **está** em Cristo (Romanos 8:39), e o apóstolo João diz que o amor de Deus é ‘andar’, ou seja, ‘cumprir’ Seus mandamentos (1 João 5:3).

Considerando o que é ensinado em 1 João 5:3 e 2 João 1:6, ao definir que o amor é guardar e/ou andar nos mandamentos de Deus, conclui-se que quem ama a Deus faz o que lhe é agradável à Sua vista, e vice-versa.

Embora não tenha o termo ‘amor’ em 1 João 3:22, através dos três versículos anteriores conclui-se que ‘guardar os mandamentos’ e ‘fazer o que é agradável à vista’ é o mesmo que amar a Deus.

Qual é o amor de Deus? O evangelista João assim define:

“Porque **este é o amor de Deus que guardemos os seus mandamentos**; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3).

E quais são os mandamentos de Deus?

Evidentemente que o apóstolo João não se refere às ordenanças da lei mosaica, antes aponta para o novo mandamento, um jugo suave estabelecido em Cristo.

“Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:30).

Crer em Cristo é o mandamento de Deus, e qualquer que cumpre o Seu mandamento ama a Deus, conforme se lê:

“**E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo...**” (1 João 3.23);

“Porque **este é o amor de Deus**: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3; 2 João 1:6).

O apóstolo João define o amor de Deus objetivamente e em perfeita harmonia com a exposição paulina, que enfatiza que o amor de Deus está em Cristo, ou seja, é revelado em Cristo (Romanos 8:39).

O amor apresentado pelo evangelista João não percorre os caminhos sombrios da subjetividade humana, de modo que cada cristão estipule segundo sua percepção, sentimentos e emoções o que é amar a Deus.

Certa feita Jesus disse: “Porque, qualquer que **fizer a vontade de meu Pai** que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe.” (Mateus 12:50), em outras palavras, qualquer que crê que Jesus é o Filho de Deus ama a Deus, por conseguinte, pertence à família de Jesus.

**P**ara ler e compreender as Escrituras não seria mais fácil se socorrer da definição de amor que consta dos dicionários? Como o Novo Testamento foi escrito no grego, não seria mais seguro adotar o significado do termo que se traduz por amor que consta nos escritos gregos seculares?

Para interpretar as Escrituras, particularmente, não recomendo ao leitor se socorrer dos conceitos gregos para determinar o significado do termo amor. É mais seguro adotar a definição apresentada pelos apóstolos, que especificam que o amor de Deus é guardar os seus mandamentos.

Para compreender a essência da ordem: “**Não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade.**” (1 João 3:18), se faz necessário ter em mente que o amor sublinhado pelo apóstolo João não possui paralelo com o amor descrito pelos gregos, tanto na mitologia quanto na filosofia.

As concepções acerca do amor que emergem da literatura e da filosofia grega estão mais vinculadas ao mundo acadêmico à época que foram produzidos, do que para o substrato social no qual os discípulos e o povo de Israel, sob domínio Romano, faziam uso do grego *koine*.

As tendências acadêmicas geralmente estão voltadas para o mundo das ideias, sendo que a realidade social está presa as relações sociais, e é dessa realidade, que envolve as relações e interações sociais, que se depreende a ideia do amor abordado pelos apóstolos.

A análise do termo amor, bem como a ideia que do termo grego deve ser depreendido da seguinte interação entre *senhor* e *servo*:

**“Se me amais, guardai os meus mandamentos. (...) Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me**

ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele (...) Jesus respondeu, e disse-lhe **Se alguém me ama, guardará a minha palavra**, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada. **Quem não me ama não guarda as minhas palavras**; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou.” (João 14.15, 21 e 23-24).

O amor bíblico tem como elemento principal o dever de obedecer a Cristo como Senhor, sujeitando-se a Ele na condição de servo.

**O**s apóstolos Paulo e João abordaram aspectos distintos do amor, pois esse apresenta o amor como mandamento, e, aquele, apresenta o amor personificado.

Ambos abordam o tema amor, sendo que o apóstolo João destaca como o homem ama a Deus: crendo no Seu enviado, e o apóstolo Paulo evidencia como Deus amou o homem: enviando o seu Filho.

Preliminarmente podemos definir que o ‘amor’ é:

- a. Cristo (Romanos 8:39), e;
- b. Guardar os seus mandamentos (1 João 5:3).

O apóstolo Paulo enfatiza que o amor de Deus pela humanidade está em Cristo, e o apóstolo João define que o amor do homem para com Deus está em guardar os Seus mandamentos.

Cristo é o amor de Deus revelado e, crer em Cristo é o mandamento de Deus, ou seja, assim como uma moeda tem duas faces, as duas abordagens procedem da mesma verdade: Cristo.

Quando Jesus disse que *‘Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.’* (João 3:16), primeiro enfatizou a grandeza do amor de Deus para com os homens: deu o Seu Filho, e, em seguida, especifica o que foi concedido aos homens: vida eterna.

O ato de Deus entregar o seu Filho foi incondicional, evidenciando o amor de Deus para com todos os homens, sem distinção ou exceção alguma. Ao entregar o Seu Filho unigênito para que os que creem obtenham vida, implicitamente Deus deu um mandamento aos homens com promessa de vida aos que se sujeitarem a Ele, e nesse sentido a salvação é condicionada.

O mandamento em Cristo se assemelha ao do Éden, sendo que o mandamento em Cristo é para conceder vida, comunhão e liberdade, e o mandamento no Éden foi dado a Adão para preservar o que ele possuía: vida, comunhão e liberdade.

Enquanto o mandamento no Éden previa consequências visando preservar o *status quo* do homem, o mandamento em Cristo prevê recompensa.

*“Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”* (Gênesis 2.17);

*“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;”* (João 11:25).

Cristo é o amor de Deus evidenciado a humanidade. Em Cristo é revelado tanto à vontade (quer que todos os ho-



mens se salvem) quanto o mandamento de Deus (que creiais naquele que Ele enviou), de modo que o amor do homem para com Deus é ‘*cumprir o Seu mandamento*’, ou seja, crer no Seu enviado (1 Timóteo 2:4; 1 João 4:16; Romanos 5:5).

Todos que creem no amor demonstrado pelo Pai, que deu o Seu Filho unigênito, amam a Deus, pois fazem a vontade de Deus ao guardarem os Seus mandamentos. Embora queira salvar os homens, para satisfazer a Sua justiça, Deus só pode fazê-lo através de um mandamento.

“... ***dá um mandamento que me salve, pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza.***” (Salmos 72:3).

Observe que o salmista pede um mandamento para ser salvo, o que evidencia que a salvação não se dá pela soberania e nem por presciência. Como o salmista pede um mandamento após a criação do mundo na esperança de ser salvo, isso significa que a salvação não se deu antes da criação do mundo por eleição e predestinação. Por isso é dito que hoje é o dia sobremodo oportuno, que hoje é o dia de salvação!

**A** linguagem utilizada pelos apóstolos no Novo Testamento tem por base elementos contidos na Lei, nos Profetas e nos Salmos. Observe:

“***Pelo amor e verdade a iniquidade é perdoada, e pelo temor do Senhor os homens se desviam do pecado.***” (Provérbios 16:6).

A iniquidade do homem só é perdoada através de Cristo, que na Nova Aliança é o amor e a verdade de Deus revelada. Mas, para que o homem alcance o perdão, tem que obedecer ao amor e a verdade de Deus que está em Cristo.

Como o versículo acima é construído através de paralelismo, um recurso próprio à poesia hebraica, temos que *‘amor e verdade’* está para *‘temor do Senhor’* assim como a *‘iniquidade perdoada’* está para *‘se desviar do pecado’*.

*‘Temor’* no contexto significa *mandamento*, o princípio da sabedoria e do conhecimento, que em outras passagens bíblicas é apresentado como *‘amor e verdade’*.

“E disse Moisés ao povo: **Não temais**, Deus veio para vos provar, e para que **o seu temor** esteja diante de vós, afim **de que não pequeis**.” (Êxodo 20:20; Provérbios 1:7; Salmo 111:10).

É por isso que o apóstolo Paulo exorta: “... assim também operai a vossa salvação com **temor e tremor**,” (Filipenses 2:12), tendo em vista que o temor do Senhor é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus para os que creem, e o tremor refere-se à obediência requerida (1 Coríntios 1:24).

**A** exortação joanina *‘não amemos de palavra, nem de língua’* foi extraída de uma exortação de Deus contra o povo de Israel, dada por intermédio do profeta Isaias:

“Pois que este povo se aproxima de mim, e com **a sua boca, e com os seus lábios me honra**, mas o seu



coração se afasta para longe de mim e **o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído.**” (Isaiás 29:13; Mateus 15:7-9; João 7:19).

O povo de Israel se propunha a aproximar de Deus, mas a proposta era somente da boca para fora (*honrar com os lábios*). Como o ‘temor’ que os filhos de Israel seguiam não era o mandamento de Deus, mas o mandamento de homens, por mais que diziam que honravam a Deus através dos lábios, por obedecerem a mandamentos de homens, o coração deles seguia a *avareza*, portanto, estava distante de Deus.

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.” (Ezequiel 33:31; Salmos 5:9; Romanos 3:13 e 10:2).

O ‘*mandamento*’ (temor<sup>2</sup>) que o povo de Israel cumpria, se resumia em ‘*mandamentos de homens*’, ou seja, tentavam se aproximar de Deus, mas não obedecia ao Seu mandamento. Eram ‘*ouvintes esquecidos*’, ou seja, não executavam o que Deus determinou. Em outras palavras, não punham por obra o que ouviam (Oséias 5:11; Marcos 7:8).

‘*Honrar com a boca e com os lábios*’ em Isaias é o mes-

<sup>2</sup> Em Isaias 29:13, a palavra ‘temor’ não é o mesmo que medo, receio. O termo possui o significado de ‘mandamento’, ‘palavra’, ‘instrução’, algo que pode ser aprendido “Vinde, meninos, ouvi-me; eu vos ensinarei o temor do Senhor” (Salmos 34:11). Em Êxodo 20:20, Moisés alerta ao povo para que não tivesse medo, visto que Deus somente estava provando-os para que a sua palavra (temor) estivesse diante deles. “*Para o Deuteronômio o amor a Deus mostra-se no cumprimento dos seus mandamentos*” (SCHMIDT, 2004, p. 128). Leia também o artigo do autor intitulado ‘*Temor e tremor*’ no Portal Estudo Bíblico – < <https://estudobiblico.org/temor-e-tremor> >.

mo que *‘lisonjear com a boca’* em Ezequiel. De igual modo, *‘amar com palavras e com a língua’*, é o mesmo que *‘fazer menção do Senhor, mas não em verdade e nem em justiça’*.

Dizer que ama a Deus, mas sem obedecê-Lo, é falácia. Não é amor fazer cânticos, recitar poemas, comparecer em templos, ouvir sermões, ler às Escrituras, etc., se o homem não obedecer.

Como os filhos de Israel não obedeceram, Deus não apresenta os judeus como exceção, quando diz:

“Deus olhou desde os céus para os filhos dos homens, para ver se havia algum que tivesse entendimento e buscasse a Deus. **Desviaram-se todos (...) não há quem faça o bem, não há sequer um.**” (Salmos 53:2-3).

Se os líderes de Israel compreendessem as Escrituras, veriam que Deus protestava contra eles, quando disse:

“Acaso **não têm conhecimento** os obreiros da iniquidade<sup>3</sup>, os quais comem o meu povo como se comessem pão? **Eles não invocaram a Deus.**” (Salmos 53:4).

Se os líderes de Israel não tinham conhecimento, segue-se que não tinham *‘o temor do Senhor’*, por conseguinte, se aproximavam de Deus com os lábios, mas não O invocavam em *‘amor e verdade’* (Romanos 10:2).

O apóstolo Paulo destacou que a lei foi estabelecida por causa das transgressões dos filhos de Israel (Gálatas 3:19), de modo que ela serviu de *‘aio’* para conduzi-los a Cristo (Gálatas 3:24).

<sup>3</sup> Obreiros da iniquidade – se refere aos líderes dos filhos de Israel. O apóstolo Paulo aplica a passagem do Salmo 53 aos judeus, demonstrando que eles estavam em igual condição a dos gentios, e por isso mesmo eram nomeados pelos profetas de *néscios, loucos, povo de Sodoma, raça de víboras, ricos, adúlteros, etc.*

Como assim, a lei foi estabelecida por causa das transgressões? Ora, desde que o povo de Israel entrou na terra prometida, Deus protestava dizendo que era um povo de dura serviz, e que não queriam ouvir.

“Porque conheço a tua rebelião e a tua dura cerviz; eis que, vivendo eu ainda hoje convosco, rebeldes fostes contra o SENHOR; e quanto mais depois da minha morte?” (Deuteronômio 31:27);

“Porém não vos tem dado o SENHOR um coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje.” (Deuteronômio 29:4).

A função da lei era corrigir o povo de Israel, e por isso o apóstolo Paulo disse que *‘tudo o que a lei diz aos que estão debaixo da lei o diz.’* (Romanos 3:19). A lei foi dada aos judeus e tinha por alvo os judeus, mas eles por serem descendentes da carne de Abraão, reputavam que eram filhos de Abraão, e fragilizaram a lei.

“Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne;” (Romanos 8:3).

Como a lei cumpriria o seu papel se os filhos de Israel confiavam em si mesmo, pois faziam da carne o seu braço (força), e se esqueciam de Deus (Jeremias 17:5)? Como não compreendiam as Escrituras, os líderes de Israel não atinavam que não eram exceção à regra, pois tanto judeus quanto gentios não buscavam a Deus.

“Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus.” (Romanos 3:11; Salmos 14:1-3; Salmos 53:3).

Ninguém entre os filhos dos homens possuía entendimento e buscava a Deus, e os judeus, por sua vez, achavam que buscavam a Deus, mas, na verdade, somente lisonjeavam-No com a boca. Os filhos de Israel não amavam a Deus de fato, visto que não cumpriam o mandamento de Deus. Eles eram ímpios que recitavam os estatutos de Deus!

“Mas ao ímpio diz Deus: Que fazes tu em recitar os meus estatutos, e em tomar a minha aliança na tua boca?” (Salmos 50:16);

“Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? Porque a vossa benignidade (**amor**) é como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa.” (Oséias 6.4).

Por causa da compreensão distorcida da lei, o povo de Israel foi comparado a bêbados (Isaías 29:9; Efésios 5:18; Deuteronômio 32:28-33), visto que não compreendiam as profecias (Isaías 29:11-12 e 43:27).

Embora a lei evidenciasse o único modo de amar a Deus, Israel insistia em buscá-Lo segundo suas próprias concepções, ou seja, seguindo a avareza (Ezequiel 33.31). Como é impossível servir a dois senhores, os filhos de Jacó serviam a si mesmos ao preferirem as suas riquezas, e abandonavam o seu Deus (Mateus 6:24).

Como resultado, o povo entendia que buscava a Deus, porém, buscavam-No somente de palavra, de língua, pois, ao seguir mandamentos de homens, rejeitava o mandamento de Deus (Isaías 29:13).

**M**esmo com a desfeita de Israel, que ‘honrava’ a Deus somente com os lábios, Deus se comprometeu a realizar uma obra maravilhosa, que seria um assombro:

“Vede entre os gentios e olhai, e maravilhai-vos, e admirai-vos; porque realizarei em vossos dias uma

obra que vós não creereis, quando for contada.” (Habacuque 1:5);

“Portanto eis que continuarei a fazer uma obra maravilhosa no meio deste povo, uma obra maravilhosa e um assombro; porque a sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus prudentes se esconderá.” (Isaías 29:14).

A obra que Deus prometeu realizar, Cristo, o servo do Senhor, a executou cabalmente, como se verifica no Sermão da Montanha (compare Isaías 29:18-20 com Mateus 5:3-10).

Em Cristo inaugurou-se o tempo de refrigério previsto pelos profetas, e a bem-aventurança prometida a Abraão foi concedida a todas famílias da terra, visto que homens de todas as nações e línguas são socorridos por Deus em tempo aceitável (Gênesis 22:3; João 4:34).

Sobre a obra maravilhosa que Deus havia de realizar, discursou o apóstolo Paulo em uma sinagoga em Antioquia da Pisídia, dizendo:

“E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê. Vede, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; porque opero uma obra em vossos dias, obra tal que não creereis, se alguém vos contar.” (Atos 13:39-41).

Qual a obra operada por Deus que os filhos de Israel não creriam? A profecia em Habacuque citada pelo apóstolo dos gentios se cumpriu em dois momentos:

a. Em um primeiro momento, a profecia diz da ação de Deus em suscitar os caldeus como vara de correção contra o povo de Israel, e, à época, o povo não creu nos profetas quando anunciaram de antemão a invasão dos caldeus;

b. Num segundo momento, a profecia faz referência a outra obra de Deus: a vinda do Messias, obra realizada em meio aos gentios e, mais uma vez, os desprezadores (judeus) não creram.

“Vede entre os gentios e olhai, e maravilhai-vos, e admirai-vos; porque realizarei em vossos dias uma obra que vós não creereis, quando for contada.” (Habacuque 1:5; Atos 13:39-41).

A obra que os filhos de Jacó não criam tinha relação direta com os *‘pobres’*, com os *‘errados de espírito’*, que na plenitude dos tempos adquiririam compreensão da doutrina de Deus. Esta obra é exclusiva de Deus, como resultado do Seu amor demonstrado aos homens por intermédio de Cristo.

A obra e o amor de Deus estão vinculados ao Seu mandamento: crer naquele que Ele enviou:

“Portanto assim diz o Senhor, que remiu a Abraão, acerca da casa de Jacó: Jacó não será agora envergonhado, nem agora se descorará a sua face. Mas quando ele vir seus filhos, **obra das minhas mãos no meio dele**, santificarão o meu nome; sim, santificarão ao Santo de Jacó, e temerão ao Deus de Israel. E os errados de espírito virão a ter entendimento, e os murmuradores aprenderão doutrina.” (Isaías 29:22-24).



Cristo, o enviado de Deus, é a obra que os desprezadores não creriam se alguém a contasse.

“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou.” (João 6:29).

**A**o orientar seus filhinhos para que não amassem somente de ‘palavras’ ou de ‘língua’, o apóstolo João estava instruindo os cristãos a permanecerem crendo em Cristo (ou seja, obedecessem ao mandamento de Deus). Era um alerta para evitar que alguns cristãos voltassem as práticas dos argumentos frágeis dos judaizantes, como: não toques, não manuseies, não proves (Colossenses 2:21-22).

O apóstolo Paulo ordenou aos cristãos de Éfeso que se abstivessem do vinho (doutrina) que traz dissensão (compare Efésios 5:18 com 1 João 1:3 e 2:18-19). O *‘vinho da contenda’* era a doutrina que os judaizantes queriam ‘servir’ dissimuladamente aos cristãos.

“Não dando ouvidos às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se desviam da verdade.” (Tito 1:14);

“Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens; como o lavar dos jarros e dos copos; e fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas.” (Marcos 7:8).

Quando o evangelista João destaca que o ‘amor’ não é de ‘palavra’ nem de ‘língua’, e sim por ‘obra’ e em ‘verdade’,

estava evidenciando que não bastava dizerem que criam em Deus, antes tinham que crer que Jesus é o Cristo.

“NÃO se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.” (João 14:1);

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;” (Mateus 7:24).

O único modo de alguém crer em Deus é crendo em Cristo, pois as Escrituras são o testemunho que Deus deu acerca do seu Filho. Dizer que crê em Deus, mas não crê em Cristo é fazer Deus mentiroso.

“E **por Ele credes em Deus** que o ressuscitou dentre os mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus;” (1 Pedro 1:21);

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam;” (João 5:39);

“Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu.” (1 João 5:10).

O ‘amor’ de *palavra* e de *língua* diz da obediência a mandamentos de homens, lisonja de quem rejeita a obra e a verdade de Deus que foi revelada em Cristo (Tito 1:14; Marcos 7:7-8).

“E **sede cumpridores** da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpri-



dor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; Porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas **fazedor da obra**, este tal será bem-aventurado no seu feito.” (Tiago 1:22-25).

# O amor é por obra e em verdade

*“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas **por obra e em verdade.**”* (1 João 3:18).

**O** amor a Deus, segundo o apóstolo João, só é possível se for ‘*por obra*’ e ‘*em verdade*’.

Como amar por ‘obra’? O que é amar em ‘verdade’?

Os versículos a seguir contêm a resposta:

*“Disseram-lhe, pois: Que faremos para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu, e disse-lhes **A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou.**”* (João 6:28-29);

*“Aquele que **aceitou o seu testemunho**, esse **confirmou que Deus é verdadeiro.**”* (João 3:33; 1 João 5:10).

Depreendemos dos versículos que, se o homem crê em Cristo:

- a) realiza a obra exigida por Deus; e,
- b) crê no testemunho que Deus deu acerca do Seu Filho: a verdade.

Na pergunta da multidão: ‘*Que faremos para executar as obras de Deus?*’, há um elemento implícito que esca-

pa ao homem nosso tempo. Na perspectiva do homem à época, a pergunta tinha o seguinte viés: *‘Que faremos para nos tornar servos de Deus?’*

Para compreender a pergunta da multidão, se faz necessário descortinar a realidade da servidão, tão comum a sociedade à época, e quais às bases da relação entre senhor e servo. Um senhor realizava suas ações por intermédio dos seus servos, sendo que esses eram os executores, e aquele, o dono na obra.

Para esse mister, nos socorremos do livro ‘A Política’, de Aristóteles, que descreve a relação senhor e servo, evidenciando que este era instrumento daquele. Um servo só realiza um feito sob mando, e o que era produzido se torna propriedade doméstica.

“Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas **apresentai-vos a Deus**, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, **como instrumentos de justiça.**” (Romanos 6:13).

Ao questionar Jesus sobre o que fazer para executar a obra de Deus, a multidão estava dando a entender que queria se apresentar a Deus como *instrumento*, sujeitando-se a Deus como servo.

“**O filho honra o pai, e o servo o seu senhor; se eu sou pai, onde está a minha honra? E, **se eu sou senhor, onde está o meu temor?****” diz o SENHOR dos Exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome. E vós dizeis: Em que nós temos desprezado o teu nome?” (Malaquias 1:6).

Um servo não pertence a si mesmo, mas ao seu senhor, e isto significa que jamais pode deliberar, antes deve agir somente sob ordens, tornando-se uma extensão, uma parte do seu senhor. A virtude de um servo estava em bem executar o seu serviço, que consistia somente no apreço por seus deveres.

Um homem livre quando contratado desempenha suas funções em consonância com o que foi ensinado, já o servo deve se resignar a seguir a vontade do seu senhor que encomendou a obra.

Um homem só era escravo porque não podia viver conforme desejava, e a pergunta da multidão a Jesus acerca da obra de Deus tinha esse viés: sujeitar-se a Deus fazendo a sua vontade, embora, na verdade, a multidão fosse constituída de homens de dura cerviz.

**“Não sabeis vós que [a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis](#), ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de Doutrina a que fostes entregues.”** (Romanos 6:16-17).

Se a multidão queria ser serva de Deus, honrando-O com o devido temor, bastava crer em Cristo como o enviado de Deus. Se obedecessem ao mandamento de Deus, que é crer em Cristo, a multidão seria serva de fato, pois realizara a obra de Deus (Malaquias 1:6).

Ao concitar os seus filhinhos para amarem por obra, o apóstolo João estava instruindo para que se sujeitarem a Deus. Amar por obra é se apresentar a Deus para obede-

ce-lo como servo! Crer em Cristo é honrar a Deus como Pai e Senhor, pois realiza a Sua obra.

Na parábola dos Dois Filhos, qual dos filhos amou o pai por obra?

“Mas, que vos parece? Um homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi. E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi. **Qual dos dois fez a vontade do pai?** Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus. Porque João veio a vós no caminho da justiça, e não o crestes, mas os publicanos e as meretrizes o creram; vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer.” (Mateus 21:28-32).

O filho tratante amou o pai somente de palavra, ou seja, de língua, pois não fez a vontade do pai. Já o filho arrependido, amou o pai por obra ao realizar a vontade do pai.

O Senhor Jesus evidenciou aos homens o seu amor para com o Pai por obras ao se resignar a fazer exclusivamente o que lhe foi ordenado.

“Mas é para que o mundo saiba que **eu amo o Pai**, e que **faço como o Pai me mandou**. Levantai-vos, vamo-nos daqui.” (João 14:31).

O amor está em realizar a vontade de Deus, e Cristo deu exemplo:

“Jesus disse-lhes: A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra.” (João 4:34).

Além de amar por obra, o cristão deve amar ‘*em verdade*’.

Seria o mesmo que amar sem fingimento? Não! Essa não é a ideia do texto. Quem ama por obra não tem como fingir, disfarçar, tergiversar.

Quando o evangelista João especifica que o amor tem que ser em verdade, tem por objetivo excluir a obediência a mandamentos de homens, que muitos confundem com o amor a Deus.

Os judaizantes poderiam alegar que amavam a Deus por obra mesmo não crendo em Cristo, pois para eles as obras da carne era o mandamento de Deus, sendo que o mandamento de Deus é crer naquele que Ele enviou.

“Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão; Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne. Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.” (Filipenses 3:2-6).

Daí a necessidade de especificar que se deve amar ‘*por obra e em verdade*’, ou seja, segundo o testemunho que Deus deu acerca do Seu Filho nas Escrituras.

Não é porque alguém realiza uma obra sob alegação que é de Deus, que tal obra é de fato de Deus. Há quem profetize, expulsa demônios, faz muitas maravilhas, sob pretexto que ama a Deus por obra, mas que de fato não faz a vontade de Deus:

“Nem tudo o que me diz: **Senhor, Senhor!** entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” (Mateus 7:21).

Dentro da perspectiva de que Cristo veio para o que lhe pertencia, mas os seus concidadãos não O receberam (João 1:11), Jesus explica a Nicodemos através de figuras que, a luz veio ao mundo, mas os homens (os seus) amaram mais as trevas do que a luz, isto porque as suas obras eram más.

Como é impossível servir a dois senhores, os judeus rejeitaram o senhorio de Cristo, a luz que é a vida dos homens (João 1:4), e preferiram amar (obedecer, servir) às trevas, conseqüentemente, as obras deles eram más. Como os judeus praticavam o mal, odiaram (não obedeceram) Cristo e não se achegaram a Ele, pois não queriam que as suas obras fossem reprovadas.

“E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e **os homens amaram mais as trevas do que a luz**, porque as suas obras eram más. Porque **todo aquele que faz o mal odeia a luz**, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas

quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus.” (João 3:19-21);

“Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há **de odiar um e amar o outro**, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Lucas 16:13).

Como o povo de Israel ouvia a palavra de Deus e não praticava (põem por obra), antes seguiam a sua avareza (riquezas, Mamom), ou seja, não se sujeitavam (odiavam) a Deus como servos, rejeitavam a verdade: o testemunho que Deus deu acerca do Seu Filho.

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e **são elas que de mim testificam** (...) Porque, se vós crêsseis em **Moisés**, crerieis em mim; porque **de mim escreveu ele**.” (João 5:39 e 46).

As obras deles eram más porque se recusavam a ouvir a Deus e seguiam os seus corações malignos.

“Este **povo maligno, que recusa ouvir as minhas palavras, que caminha segundo a dureza do seu coração**, e anda após deuses alheios, para servi-los, e inclinar-se diante deles, será tal como este cinto, que para nada presta.” (Jeremias 13:10);

“E eles vêm a ti, como o povo costumava vir, e se assentam diante de ti, como meu povo, e **ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra**; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza.” (Ezequiel 33:31).



É necessário amar a Deus por obra e em verdade, pois é possível que alguém esteja com o coração longe de Deus, pois as suas obras têm por base mandamentos de homens, e não a verdade (Isaías 29:13).

Para amar *‘em verdade’* é necessário praticar a verdade, ou seja, a vontade de Deus. Quem se achega a Cristo (vem para a luz) pratica a verdade, ou seja, a vontade de Deus. E por que é necessário se achegar a Cristo? Para evidenciar que executou a obra de Deus, visto que ela é feita sob o mando de Deus (João 3.21).

É interessante que, posteriormente, quando os fariseus classificaram a multidão de maldita por desconhecerem a lei, Nicodemos saiu em defesa de Cristo fazendo uso da lei (João 7.51), e auxiliou os discípulos na preparação do corpo de Jesus quando do seu sepultamento (João 19:39).

Quem ama a Deus em verdade não anda segundo os rudimentos dos homens (trevas). Os judaizantes diziam que tinham comunhão com Deus, mas mentiam, pois, andavam segundo os homens angariando honra uns dos outros, e não criam em Cristo segundo as Escrituras.

“Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade.” (1 João 1:6).

**M**uitos são voluntariosos e perguntam pela obra de Deus, mas quando lhes é revelado qual é a obra de Deus, não realizam.

**“*Todavia me procuram cada dia*, tomam prazer em saber os meus caminhos, como um povo que pratica justiça, e não deixa o direito do seu Deus; perguntam-me pelos direitos da justiça, *e têm prazer em se chegarem a Deus, Dizendo*: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos as nossas almas, e tu não o sabes? **Eis que no dia em que jejuais achais o vosso próprio contentamento, e requereis todo o vosso trabalho.** Eis que para contendas e debates jejuais, e para ferirdes com punho iníquo; não jejueis como hoje, para fazer ouvir a vossa voz no alto. **Seria este o jejum que eu escolheria, que o homem um dia aflija a sua alma, que incline a sua cabeça como o junco, e estenda debaixo de si saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aprazível ao SENHOR?**” (Isaías 58:2-5).**

Deus censurou o povo de Israel pelo fato de sempre procurá-Lo a pretexto de saberem os caminhos d’Ele, como se tivessem prazer em se achegarem a Deus, mas o que se observava eram práticas que satisfaziam os seus próprios interesses, e ainda requeriam de Deus a paga pelas suas obras. Daí a reprimenda: ‘*Seria este o jejum que eu escolheria, que o homem um dia aflija sua alma?*’.

À época de Jesus nada havia mudado, pois a multidão saiu atrás de Jesus a busca de pão, e quando foram repreendidos por causa do comportamento reprovável de seguirem a Cristo somente por causa de pão, sem fazer conta da vida eterna, procuraram se justificar através da pergunta: ‘*Qual a obra de Deus?*’.

“Jesus respondeu-lhes, e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. **Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará;**

Porque a este o Pai, Deus, o selou. Disseram-lhe, pois: Que faremos para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou." (João 6:26-29).

A multidão agiu do mesmo modo que o doutor da lei, que se mostrou diligente em querer saber os caminhos de Deus ao perguntar a Jesus: *‘Mestre, que farei para herdar a vida eterna?’*, e ao ser informado que para alcançar a vida tinha que obedecer a Deus conforme estabelecido na lei, quis se justificar perguntando: *‘Quem é o meu próximo?’* (Lucas 10:25-29).

O Senhor Jesus sempre concitou os seus ouvintes a se sujeitarem a Ele como servos, pois se servissem a Cristo como Senhor, seriam honrados por Deus.

“Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará.” (João 12:26).

Se as pessoas quisessem ser instruídas por Cristo, deveriam se submeter, tomando o jugo de Jesus. Tomar o jugo é o mesmo que se humilhar a si mesmo, ou seja, deixar de ser livre fazendo a própria vontade, se oferecendo para fazer a vontade de Cristo.

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:29).

Mas, como Deus haveria de recompensar os filhos de Israel, se eles buscavam honra uns dos outros? Como amariam a Deus, se amavam a si mesmos?

“Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, e não buscando a honra que vem só de Deus?” (João 5:44).

Os escribas e fariseus adotavam práticas religiosas que permitia serem mensurados e louvados pelos seus pares, e quando se mostravam contristados a pretexto de jejuarem, na verdade, já recebiam o seu ‘contentamento’ (galardão, honra, tesouro).

“E, quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas; porque desfiguram os seus rostos, para que aos homens pareça que jejuam. **Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.**” (Mateus 6:16);

“Dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos as nossas almas, e tu não o sabes? **Eis que no dia em que jejuais achais o vosso próprio contentamento,** e requereis todo o vosso trabalho.” (Isaías 58:3).

**O**s escribas e fariseus queriam ser recompensados por Deus, mas tudo que faziam tinha o fito de serem observados e aceitos pelos seus pares.

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. **Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.**” (Mateus 6:19-21).

É nesse contexto que emerge a parábola dos dois senhores, quando Jesus destaca a impossibilidade de alguém servir a Deus e as riquezas.

“Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

Mas, como diz o ditado: ‘*O pior cego é o que não quer ver*’, Jesus alerta os seus ouvintes acerca de seus líderes ao fazer referência aos olhos como ‘*candeia do corpo*’.

O que faz ver a luz são os olhos, mas se os olhos forem maus, o corpo permanece nas trevas. Cristo é a verdadeira luz que ilumina os homens (João 1:4-5 e 9), mas os líderes de Israel não se achegavam a Cristo e impediam aqueles que queriam se achegar (Mateus 23:13).

“A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, **portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!**” (Mateus 6:22-23).

Nesse quesito, Jesus evidencia o apelo do profeta Isaías:

“E disse-lhe Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que **os que não veem vejam**, e **os que veem sejam cegos**.” (João 9:39; João 15:22-25);

“Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, e te tomarei pela mão, e te guardarei, e te darei por aliança do povo, e para **luz dos gentios. Para abrir os olhos dos cegos** para tirar da prisão os presos, e do cárcere os que jazem em trevas. (...) **Surdos, ouvi, e vós, cegos, olhai, para que possais ver.**” (Isaías 42:6-7 e 18; Mateus 12:17-21).

Diante da mensagem anunciada por Cristo e dos mila-

gres operado, os escribas e fariseus preferiam não ver, e ainda acusaram-No de expulsar os demônios pelo príncipe dos demônios.

“Ou fizeti a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fizeti a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. **Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus?** Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. O homem bom tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e **o homem mau do mau tesouro tira coisas más.**” (Mateus 12:33-35).

Diante de um milagre e do questionamento do povo: ‘*Não é esse o Filho de Davi?*’, os escribas e fariseus foram incoerentes, pois era possível identifica o Cristo como uma árvore boa através da obra que o Pai deu para ele realizar (João 5:36).

Mas, como os escribas e fariseus poderiam dar bom testemunho de Cristo, se eram maus e os ‘corações’ deles presavam ser vistos e louvados pelos homens?

“Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois **do que há em abundância no coração,** disso fala a boca.” (Mateus 12:34; Lucas 6:45).

Daí a reprimenda por amarem de palavra e de língua:

“Plantaste-os, e eles se arraigaram; crescem, dão também fruto; **chegado estás à sua boca, porém longe dos seus rins.**” (Jeremias 12:2).



**A**mar ‘em verdade’ é aceitar o testemunho que Deus deu acerca de Seu Filho nas Escrituras.

“Aquele que **aceitou o seu testemunho**, esse **confirmou que Deus é verdadeiro.**” (João 3:33);

“Se recebemos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; porque o testemunho de Deus é este, que de seu Filho testificou. Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho; **quem a Deus não crê mentiroso o fez, porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu.** E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida. Estas coisas vos escrevi a vós, os que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus.” (1 João 5:9-13).

João Batista veio para testemunho, ou seja, segundo as Escrituras, para testificar de Cristo. Ao ouvir João Batista, as pessoas deveriam relacioná-lo ao predito pelo profeta Isaías, a voz que clama no deserto, e por intermédio da mensagem de João Batista, crer em Cristo.

“Este veio para testemunho, para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele.” (João 1:7).

“Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías. (...) E eu vi, e tenho **testificado que este é o Filho de Deus.**” (João 1:23 e 34).

O alerta do apóstolo João para que seus filhinhos na fé amassem por obra e em verdade tinha por objetivo evitar que voltassem ao amor de palavra e de língua, ou seja, os rudimentos do mundo, que consistia em obediência a mandamentos de homens.

Amar de palavras e de língua é se ocupar com nacionalidade, lugar de adoração, genealogias, circuncisão, sábados, festas, comidas, etc., elementos estabelecidos por mandamentos de homens que se foca em se medirem a si mesmos, e se compararem consigo mesmos, angariando louvor um dos outros.

Amar por obra e em verdade é obedecer a Deus segundo a sua palavra, que é a verdade!

**“Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade.”** (João 17:17).

Crer em Cristo como o enviado de Deus é amar por obra, e crer em Cristo por intermédio das Escrituras, a palavra de Deus, é amar em verdade. E quem ama em verdade, por intermédio de Cristo, crê em Deus!

**“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que *pela sua palavra hão de crer em mim*;”** (João 17:20).

**“E *por ele credes em Deus*, que o ressuscitou dentre os mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus;”** (1 Pedro 1:21).

Crer que Deus é o único Deus, criador de todas as coisas, embora seja verdadeiro, não é o amor exigido por Deus: por obra e em verdade, conseqüentemente, tal crença não tem promessa de vida eterna. Mas, quando se crê que Deus ressuscitou a Cristo dentre os mortos, e o homem confia e espera em Deus por intermédio de Cristo, verdadeiramente se torna servo de Cristo com promessa de ter vida eterna e o galardão da herança.



"Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, **porque a Cristo, o Senhor, servis.**" (Colossenses 3:24).

**A** compreensão da relação *‘amar por obra e em verdade’* lança luz em outras passagens bíblicas e nos permite uma leitura melhor.

Crer em Cristo é amar a Deus *‘por obra e em verdade’*, e quem crê em Cristo adora a Deus em *‘espírito e em verdade’*, de modo que amar e adorar a Deus só é possível por intermédio de Cristo, que é o dom, a graça e o amor de Deus manifesto.

**“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.”** (João 1.14).

Quem ama a Deus, adora e, quem adora a Deus, ama, pois só os que creem em Cristo amam e adoram a Deus, pois a adoração está intrinsecamente vinculada a ser servo de Deus.

**“Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: *Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás.*”** (Mateus 4:10).

Analisando os evangelhos de Mateus e Marcos que citam uma passagem do profeta Isaías, percebe-se pelo contexto e aplicação que os termos *‘adoração’*, *‘honra’* e *‘amor’* são intercambiáveis:

**"Mas, **em vão me adoram**, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens."** (Mateus 15:9);

“E ele, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo **honra-me** com os lábios, mas o seu coração está longe de mim; em vão, porém, **me honram**, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens.” (Marcos 7:6-7).

Se amar, adorar, honrar e servir a Deus só é possível através da obediência ao mandamento de Deus, segue-se que na Nova Aliança, se ama, adora, honra e serve a Deus crendo em Cristo.

“E aos filhos dos estrangeiros, que **se unirem** ao Senhor, para o **servirem**, e para **amarem** o nome do Senhor, e para **serem seus servos, todos os que guardarem o sábado**, não o profanando, e os que **abraçarem a minha aliança**.” (Isaias 56:6).

O dativo preposicionado ‘*ἐν Χριστῷ*’ (em Cristo) é utilizado pelo apóstolo Paulo para destacar a condição da nova criatura, que está unida e/ou em comunhão com Cristo (BITTENCOURT, 1993, p.52).

“Assim que, se alguém **está em Cristo, nova criatura é**; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” (2 Coríntios 5.17).

Considerando o verso 6 de Isaías 56, alguém só se une a Deus quando se torna seu servo, amando-O ao abraçar a Sua aliança, nesse sentido, só é possível ao homem estar em Cristo quando se faz servo de Deus ao crer em Cristo conforme o vaticinado na lei e nos profetas.

“Mas confesso-te isto que, conforme aquele caminho que chamam seita, assim **sirvo ao Deus** de nossos pais, crendo **tudo quanto está escrito na lei e nos profetas**.” (Atos 24:14);

“Quem (crê) em mim, **como diz a Escritura**, rios de água viva correrão do seu ventre.” (João 7:38).

A nova criatura está e usufrui da comunhão com Deus, pois está em Cristo, ou antes, Cristo está nele, de modo que o amor de Deus é perfeito em quem crê em Cristo (1Jo 4:12).

“E **o seu mandamento é este**: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento. **E aquele que guarda os seus mandamentos** nele está, e ele nele. **E nisto conhecemos que ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado.**” (1 João 3:23-24).

“Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus.” (1 João 4:15).

Ser perfeito em amor não é o mesmo que ser caridoso, generoso ou indulgente, antes, diz de qualquer que, em maior ou menor grau, outrora foi blasfemo, injuriador, perseguidor, ignorante, etc., mas, que através da graça de Deus revelada em Cristo se tornou uma nova criatura verdade (fé) e mandamento (amor) que há em Cristo.

“A mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e injurioso; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E a graça de nosso Senhor superabundou com **a fé e amor que há em Jesus Cristo.**” (1 Timóteo 1:13-14).

O termo grego *πιστις* (pistis) traduzido por fé no N. T. evoca a o conceito do termo hebraico' *āman* que aponta algo estável, firme, que apoia ou sustenta algo, como

uma estaca ou um poste, que se traduz por verdade. Verdade no sentido de fidelidade, que remete a imutabilidade de Deus e a impossibilidade d’Ele mentir.

A graça de Deus superabundou em verdade (evangelho) e mandamento (amor, espírito) por Cristo Jesus, ou seja, em espírito e em verdade. O cristão, por sua vez, é ministro do espírito, ou seja, ministro da Nova Aliança, que é o mandamento de Deus aos homens.

"O qual nos fez também capazes de **ser ministros de um novo testamento**, não da letra, **mas do espírito**; porque a letra mata e o espírito vivifica." (2 Coríntios 3:6);

“Como lavareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que **não obedecem ao evangelho** de nosso Senhor Jesus Cristo;” (2 Tessalonicenses 1:8);

“Em quem também vós estais, depois que ouvistes **a palavra da verdade, o evangelho** da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.” (Efésios 1:13);

“Se, na verdade, permanecerdes **fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho** que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro.” (Colosenses 1:23).

Após a exposição e com base nos versos acima, conclui-se que adorar ‘em espírito e em verdade’ é amar ‘por obra e em verdade’, pois a palavra de Deus é espírito e fidelidade.

“AI dos filhos rebeldes, diz o SENHOR, **que tomam conselho, mas não de mim; e que se cobrem, com uma cobertura, mas não do meu espírito**, para acrescentarem pecado sobre pecado;” (Isaías 30:1).

O conselho que os filhos de Israel buscavam não passava de mandamento de homens, e rejeitavam o espírito de Deus, ou seja, a Sua palavra.

Quando crê em Cristo o homem se faz servo de Deus, ou seja, humilha a si mesmo, e Deus, por sua vez, realiza a Sua obra por intermédio do seu servo, pois ao obedecer ao mandamento de Deus, através do poder que detém sobre o barro, pega da mesma massa que fez os vasos para desonra (descendência de Adão) para fazer vasos para honra (descendência de Cristo, o último Adão).

“Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?” (Romanos 9:21).

Tanto o Pai quanto o Filho têm trabalhado e precisam de servos para executarem a sua obra referente a nova criação.

“E Jesus lhes respondeu: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também.” (João 5:17).

Deus prometeu a Davi que um dos seus descendentes haveria de edificar uma casa ao nome de Deus, e que, posteriormente, Deus firmaria o reino do descendente de Davi para sempre.

Com a vinda de Cristo, o descendente de Davi, Ele tem edificado um templo santo ao Senhor por meio do evangelho, sendo Ele mesmo o fundamento, a pedra de esquina. E como todo templo a ser erguido precisa de material, Deus tem preparado por meio do evangelho pedras vivas, que são pessoas de todas as nações sendo geradas de novo por meio da semente incorruptível, que é a palavra de Deus.

**“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina;”** (Efésios 2:20);

**“Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho;”** (2 Samuel 7:13-14);

**“Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.”** (1 Pedro 2:5);

**“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação.”** (Hebreus 9:11).

# O amor como mandamento

*“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3).*

Qual a base do apóstolo João ao estabelecer que o amor de Deus consiste em guardar os Seus mandamentos?

Diferentemente do apóstolo Paulo que cita passagens do A. T. ao enfatizar questões doutrinárias, o apóstolo João não fez nenhuma citação do Antigo Testamento em suas cartas ao se posicionar doutrinariamente, e as citações que ocorrem no evangelho de João foram feitas para demonstrar que se cumpriu a profecia, ou quando transcreveu a fala de algum personagem.

Como o apóstolo João afirma que guardar os mandamentos de Deus é o amor de Deus, se faz necessário identificar no A. T. onde está esse conceito.

Uma passagem do profeta Oséias me chamou a atenção, que diz:

*“Vosso **amor**<sup>4</sup> é como a nuvem da manhã, como o orvalho que logo se dissipa (...) porque eu quero o **amor** mais que os sacrifícios, e o **conhecimento** de*

<sup>4</sup> O termo hebraico *חֶסֶד*(*checed*), dependendo do contexto, transmite a ideia de 1) bondade, benignidade, fidelidade ou 2) reprovção, vergonha. As palavras gregas traduzidas por ‘amor’, dependendo do tradutor, sofrem variações como misericórdia, caridade, benignidade, etc., e essas variações influenciam a tradução do hebraico também. Leia nota nº 9, 11 e 12.



Deus mais que os holocaustos.” (Oseias 6:4).

A fidelidade que Deus protesta como fugaz, e comparável à névoa da manhã, se refere ao amor exigido por Ele em Deuteronomio:

“E agora, ó Israel, que é que o Senhor teu Deus pede de ti, senão que temas o Senhor teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e O ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardardes os mandamentos do Senhor, e os estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem?” (Deuteronomio 10:12-13).

A determinação divina para temer ao Senhor, andar em Seus caminhos, amar e servir só é possível quando se **guarda os mandamentos do Senhor**. Os verbos **servir, amar, honrar, andar e temer** reforçam a ideia de obediência à palavra de Deus.

Cumprir o exigido por Deus é crer no Senhor! Só é possível mensurar o quanto se crê em Deus através da obediência, por conseguinte, em obedecer ao mandamento se conjuga todos os outros verbos: **servir, amar, honrar, andar e temer**.

Ao comparar a passagem de Oséias com a de Samuel, se evidencia o exposto acima:

“Porque eu quero o AMOR mais que os SACRIFÍCIOS; e o CONHECIMENTO de Deus, mais do que os HOLOCAUSTOS.” (Oséias 6:4);

“Porém Samuel disse: Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se



obedeça à palavra do Senhor? Eis que o OBEDECER<sup>5</sup> é melhor do que o SACRIFICAR; e o ATENDER melhor é do que a GORDURA DE CARNEIROS.” (1 Samuel 15:22).

Partindo da asserção de que Deus se compraz em que se obedeça a Sua palavra, esses dois versículos evidenciam que o termo hebraico traduzido por ‘fidelidade’, ‘benignidade’, ‘amor’ tem valor denotativo equivalente a ‘obedecer’ e ‘conhecer’.

O termo hebraico כָּעַד (checed) em Oséias assume significado diverso do que estamos acostumados a fazer uso no dia a dia, pois a essência do amor exigido por Deus através do profeta Oséias é especificamente a obediência apontada pelo profeta Samuel.

No A. T. os profetas faziam uso da relação pai e filho para destacar o amor de Deus e a rebeldia dos filhos de Israel.

“Toda a sua malícia se acha em Gilgal, porque ali os odiei; por causa da maldade das suas obras lançá-los-ei para fora de minha casa. Não os amarei mais; todos os seus príncipes são rebeldes.” (Oséias 9:15);

“E não fossem como seus pais, geração contumaz e rebelde, geração que não regeu o seu coração, e cujo espírito não foi fiel a Deus.” (Salmos 78:8);

“Eu vos tenho amado diz o SENHOR. Mas vós dizeis: Em que nos tem amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o SENHOR; todavia amei a Jacó, e odiei a Esaú;” (Malaquias 1:2-3).

Por que os profetas contrapõem amor e rebeldia, amor e ódio, amor e aborrecimento? Para destacar o valor da obediência!

O homem da atualidade não percebe que a oposição amor e ódio tem como nuance a obediência, visto que só

<sup>5</sup> O requerido por Deus por intermédio do profeta Oséias tem por base a repreensão que o profeta Samuel proferiu contra o rei Saul. Comparando as duas passagens, constata-se que o que Deus exige é a obediência. Através dos dois textos fica patente que os termos amor, obedecer, atender e conhecer são intercambiáveis.

compreende o amor e o ódio como sentimentos opostos.

O homem do nosso tempo só pensa a relação familiar pai e filho da perspectiva sentimental, e perde de vista a relação pai e filho da antiguidade, a exemplo mais recente temos o *pater familias*, lei que regia a relação pai e filho em Roma, sendo que aquele tinha *vitae necisque potestas*, ou seja, o “*poder da vida e da morte*” sobre o filho, poder esse que, em certos aspectos, se assemelhava a relação senhor/escravo.

A honra devida ao pai pelo filho era a mesma honra exigida do escravo ao seu senhor, lembrando que enquanto não alcançasse a maioridade, o herdeiro em nada era diferente do escravo (Gálatas 4:1; Malaquias 1:6).

Analisando os termos utilizados, embora não faça citações do A. T., a exposição doutrinária do apóstolo João é bem elaborada e completa, pois ele concatena questões como **servir, amar, honrar, andar, temer, conhecer, união, comunhão** através da relação que surge do mandamento, que é objetivo, e da obediência, que é subjetivo.

O termo amor assume vários significados, como: afeição, compaixão, misericórdia, ou ainda, inclinação, atração, apetite, paixão, querer bem, satisfação, conquista, desejo, libido, etc., geralmente para descrever ou nomear eventos que envolvam vínculo sentimental e/ou emocional.

O apóstolo João, por sua vez, faz uso do termo amor sem se imiscuir no campo da subjetividade, pois, ele tem em vista um mandamento, e não sentimentos provenientes de sensações e emoções.

**O** léxico do Novo Testamento apresenta os seguintes significados para os termos gregos ἀγαπάω (verbo) e ἀγάπη (substantivo), respectivamente traduzidos por ‘amar’ e ‘amor’:

*“Αγαπάω amar, ter afeição por, gostar—1. De pessoas: Deus Jo 3.16; Jesus, Mc 10.21; pessoas humanas 2 Co 12.15. Amar, querer bem "adorar", mostrar-se solícito, a mais típica e excelente virtude cristã (mais frequente e tipicamente cristã do que φιλέω, mas, prov., equivalente a ele em Jo 21.15-17). Provar ou mostrar amor 13.1; 1 Jo3.18. —2. do amor a coisas: amar, ansiar, valorizar, ter em alta estima Lc 11.43; Jo 12.43; 2 Tim 4.8.”, e;*

*“Αγάπη, ης, ἡ —I. amor, afeição, estima a mais sublime virtude cristã 1 Co 13.13; Gl 5.22—1. Mútuo entre Deus e Cristo, Jo 15.10; 17.26, de Deus ou Cristo aos homens Rm 5.8, etc. A essência de Deus 1 Jo 4.8, 16. —2. de homens, a Deus ou Cristo, Jo 5.42; ou a outras pessoas 2 Co 8.7. —3. Como uma qualidade abstrata Rm 13.10; 1 Co 8.1; 13.1-3 (sendo o sentido determinado mais amplamente pelo contexto da passagem).—II. uma festa de amor, uma refeição comunitária da Igreja Primitiva, Jd 12; 2 Pe 2. 13, v.l.” (GINGRICH, 1982, p. 10).*

Neste dicionário bíblico, e em muitos outros, não há qualquer alusão ao termo ‘amor’ como sujeição a um mandamento, apesar da definição joanina de que guardar os mandamentos de Deus é o ‘amor’ e correlaciona-lo com outros termos. Compare:

“Porque **este é o amor de Deus**: que guardemos os Seus mandamentos” (1 João 5:3);

“E **nisto sabemos que O conhecemos**: se guardarmos os Seus mandamentos” (1 João 2:3).

Quem guarda os mandamentos de Deus simultaneamente **ama** e **conhece** a Deus, significados

que não são destacados pelos lexicógrafos.

Nessa perspectiva, o termo amor na Bíblia se reveste de uma peculiaridade exclusiva, visto que, nomeia a relação de alguém que manda e de alguém que obedece. Sem um mandamento não existe o amor, e sem a obediência esse amor não é correspondido.

Por causa desta peculiaridade própria ao amor bíblico é possível rastrear o motivo pelo qual os escritores do N. T. fizeram uso do termo grego ‘ágape’ para fazer referência ao amor de Deus para com o homem e vice versa.

Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich destacam que na literatura grega o termo ‘ágape’<sup>6</sup> é sem vitalidade, e o seu significado fraco, pois assume valores diversos, como “satisfazer-se”, “receber”, “saudar”, “honrar”, “preferir” e “alcançar”.

Perceba que esses renomados estudiosos não identificam no termo ‘ágape’ a ideia de ‘obediência’, e Kittel faz referência ao termo ‘honrar’ sem relacioná-lo com o A. T. ou o N. T.

Comparando o mandamento de honrar pai e mãe no A. T. como o expresso no N. T., percebe-se que ‘honrar’ e ‘amar’ possuem a mesma essência.

**“Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR teu Deus te dá.”** (Êxodo 20:12);

<sup>6</sup> “3. *agapán*. Esse termo não denota a magia de *erán* nem a cordialidade de *phileín*. Tem antes o **sentido fraco** de “satisfazer-se”, “receber”, “saudar”, “honrar” ou, num sentido mais íntimo, de “conquistar”. Pode comportar um elemento de simpatia, mas denota também “preferir”, especialmente em referência aos deuses. Nesse caso, trata-se de um amor que faz distinções, escolhendo livremente seus objetos. Por conseguinte, esse amor é, em especial, o amor de um ente superior por um inferior. É ativo, e não um amor que visa a si mesmo. Contudo, em escritores gregos, **o termo não apresenta nenhuma vitalidade**. É usado muitas vezes como variação de *erán* ou *phileín*, sobre o que não há muito o que considerar. O subst. *agápè* ocorre muito raramente.” (KITTEL, 2013, p. 8).

“Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim.” (Mateus 10:37).

Como os filhos devem honra aos pais, Jesus fez uso dessa regra para questionar os fariseus de modo que explicassem o motivo de Davi ter chamado o seu filho de ‘Senhor’.

“E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus, Dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-lhe: De Davi. Disse-lhes ele: Como é então que Davi, em espírito, lhe chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, Até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é seu filho?” (Mateus 22:41-45).

Quem seria o filho de Davi, se o seu próprio pai lhe devia honra?

Como honrar o Filho assim como se honra o Pai? Certamente que é amando o Filho, ou seja, se sujeitando a Cristo, de modo que quem ama honra e vice versa.

“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o envio.” (João 5:23);

“Disse-lhes, pois, Jesus: Se Deus fosse o vosso Pai, certamente me amaríeis, pois que eu saí, e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.” (João 8:42).

O Dicionário Beacon Teológico<sup>7</sup>, do editor Taylor define que amar a Deus é *‘dar o primeiro lugar’*, que, em outras palavras, seria *‘adorar somente a Ele’*. Essa definição deixa o amor no campo do subjetivismo, pois relega ao indivíduo ou a uma instituição decidir o que seria o *‘primeiro lugar’*.

Dentro da leitura de dar o primeiro lugar a Deus se dá a seguinte reflexão: *‘Tenho que dar o meu melhor a Deus’*, o que invariavelmente levará o indivíduo pela vereda dos votos e sacrifícios. Com essa definição, o caminho que leva a recalcitrância de Saul fica livre, pois em lugar de obedecer a Deus, o indivíduo perseguirá a proposta de colocar Deus em primeiro lugar.

Considerando a abordagem de Kittel, de que a etimologia do verbo *agapán* é incerta, seu sentido fraco e, entre os escritores gregos sem vitalidade, só o contexto pode dar vitalidade e cor ao termo.

Nesse sentido, a lição de Werner<sup>8</sup> é imprescindível para a análise do verbo *agapán* dentro do N. T., portanto, o intérprete não deve se guiar pelas impressões do homem da atualidade, antes deve mergulhar na *‘unidade originária’* de todos os aspectos sublinhada na palavra grega.

O valor do verbo *agapán* no N. T. não deriva dos gregos,

<sup>7</sup> “No maior mandamento, Jesus usa *αγαπησεις (agapeseis)*, “amor” e afirma a nossa obrigação de amar a Deus com todo o nosso ser. A mesma palavra é usada para indicar o dever para com o próximo. Amar a Deus significa dar o primeiro lugar, ou seja, adorar somente a ele.” (TAYLOR, 1984, p. 53).

<sup>8</sup> “... a unidade originária de todos aqueles aspectos – unidade vincada na palavra grega -, e não na diversidade sublinhada e consumada pelas locuções modernas (...) Ao empregar um termo grego para exprimir uma coisa grega quero dar a entender que essa coisa se contempla, não com os olhos do homem moderno, mas sim com os do homem grego” (JAEGER, 2001, p. 1).



e sim da essência do evangelho, que transmuta o termo ‘fraco’, ‘variável’ e ‘sem vitalidade’ em uma cor forte e vibrante.

Alguns autores conseguem aduzir o significado do termo *agapán* no contexto do N. T., porém, a abordagem se perde em meio a vários conceitos e adjetivos que se busca para o termo, como se a definição dada pelos apóstolos não fosse clara o bastante.

Observe essa colocação no Dicionário Bíblico VINI:

*“O amor cristão tem Deus por seu objeto primário, e se expressa, em primeiro lugar, em obediência implícita aos Seus mandamentos (Jo 14.15,21,23; 15.10; 1 Jo 2.5; 5.3; 2 Jo 6). A voluntariosidade, quer dizer, aquele que age só pela sua vontade para se agradar a si mesmo, é a negação do amor a Deus”* (VINI, 2002, p. 395).

Por que a definição dos apóstolos parece insuficiente para muitos estudiosos? A exemplo do Dr. Vini, os estudiosos não se resignam em abraçar a definição dos apóstolos, de que o amor cristão é a obediência aos Seus mandamentos, e acabam por acrescentar que o amor cristão *‘em primeiro lugar’*, se expressa em obediência *‘implícita’*.

Quando se diz que o amor a Deus *‘em primeiro lugar’* é obediência aos Seus mandamentos, o escritor deixa uma lacuna para se interpretar que a obediência aos mandamentos de Deus não é a medida exata do amor exigido por Deus.

A definição do amor a Deus é explícita e objetiva: obediência aos Seus mandamentos, mas a ideia que se tem é que se trata de algo implícito, subentendido.

Parece exagero fazer essa análise com base em dois acréscimos na definição do apóstolo João: ‘em primeiro lugar’ e ‘implícita’, porém, a definição de ‘voluntariedade’ que vem a seguir demonstra que não é um exagero fazer a análise. A voluntariedade condenável não é agir para ‘se agradar a si mesmo’, e sim agir côm-scio de que se está agradando a Deus, sem se resignar a cumprir única e exclusivamente os Seus mandamento, a exemplo do rei Saul.

A relação senhor e servo que deriva de quem **manda** e de quem se **submete** tem em polos opostos o **mandamento** e a **obediência**. **A obediência não provém da vontade, da emoção, do impulso ou do sentimento do indivíduo.** Na verdade, a ideia que o termo ágape sublinha se refere ao **exercício do livre arbítrio de quem se submete** ao que é proposto no mandamento, que em suma é ‘honrar’.

O termo ‘honrar’ ao longo da história da humanidade assume vários valores, e o que se destaca através do termo agapán dentro do N. T. tem suas raízes na ideia aristocrática que permeou as civilizações da antiguidade.

**C**omo o significado do verbo agapán é ‘fraco’ e ‘variável’ e muitos tradutores e escritores não compreendem a essência do texto bíblico, há uma enorme gama de variações nas traduções bíblicas, e dependendo da influência doutrinária do tradutor, ora se traduz o termo agapán e suas variações por amar, ora por ser caridoso, ora por ter compaixão, ora por exercer misericórdia, etc.



Uma análise da abordagem que James C. Hunter, um renomado e conhecido escritor, que consta do livro ‘*O Monge e o Executivo*’ será um lampejo de quão fraco é o significado do termo agapán e o quão importante é compreender a essência das Escrituras.

Quando Hanter faz referência ao substantivo ágape e o verbo correspondente, faz referência aos gregos e em como eles utilizavam o termo, como se existissem fontes literárias o bastante para embasar a sua definição. Mas, como já dito, nos escritores gregos, o verbo ágape não apresenta nenhuma vitalidade e as referências do substantivo agapaó são pouquíssimas<sup>9</sup>, de modo que a descrição grega de amor incondicional é imprecisa e não reflete a ideia bíblica.

Má compreensão das Escrituras, aliada a uma má leitura da essência do termo ágape e seus derivados, embora tenha dado a Hanter uma boa conclusão de que o amor bíblico não é sentimento, se equivoca ao considerar o amor bíblico como comportamento determinado por uma escolha<sup>10</sup>.

O amor bíblico deriva de um mandamento específico que implica obediência irrestrita, ou seja, sujeição.

**“Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará.”** (João 12:26);

<sup>9</sup> “... investigação quanto ao seu uso, quer na literatura grega, quer na Septuaginta, lança senão pouca luz em seu significado distintivo no Novo Testamento.” (VINI, 2002, p. 395).

<sup>10</sup> “... os gregos usavam o substantivo ágape e o verbo correspondente agapaó para descrever um amor incondicional, baseado no comportamento com os outros, sem exigir nada em troca. E o amor da escolha deliberada. Quando Jesus fala de amor no Novo Testamento, usa a palavra ágape, um amor traduzido pelo comportamento e pela escolha, não o sentimento do amor” (HANTER, 2004, p. 76).

“Como podeis vós crer, recebendo honra uns dos outros, e **não buscando a honra que vem só de Deus?**” (João 5:44).

Saul devia obediência irrestrita ao mandamento de Deus: exterminar todos os amalequitas. Na condição de servo não tinha uma escolha, se não a incumbência de obediência. No instante em que deliberou preservar a vida do rei Agague, fez uma escolha que determinou o seu comportamento, e foi achado em falta diante de Deus.

“Então disse Saul a Samuel: Antes **dei ouvidos** à voz do SENHOR, e caminhei no caminho pelo qual o SENHOR me enviou; e trouxe a Agague, rei de Amaleque, e os amalequitas destruí totalmente;” (1 Samuel 15:20).

A colocação de Hanter dá a entender que há poder nas escolhas de um indivíduo, entretanto, a ideia bíblica evidencia que o poder reside somente no mandamento de Deus.

Adão poderia fazer qualquer escolha entre os frutos das árvores que estavam no jardim do Éden, e as escolhas possíveis somente resultaria em diferentes sabores que ele experimentaria. Quando escolheu comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, a escolha de Adão não possuía poder algum, mas o mandamento era pleno de poder, tanto que alterou a sua natureza.

“Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.” (1 Coríntios 15:56).

É certo que as escolhas do homem podem determinar o seu comportamento, mas nenhuma escolha pode alterar

a sua natureza. Mas, quando o homem obedece ao mandamento de Deus que há no evangelho, recebe de Deus poder para ser feito um dos filhos de Deus (João 1:12-13).

O amor que Jesus aborda no N. T. não possui conexão com a vontade e nem com o comportamento do homem, pois é fato que:

“Se pecares, que efetuarás contra ele? Se as tuas transgressões se multiplicarem, que lhe farás? Se fores justo, que lhe darás, ou que receberá ele da tua mão? **A tua impiedade faria mal a outro tal como tu; e a tua justiça aproveitaria ao filho do homem.**” (Jó 35:6-8).

Nenhuma ação ou omissão do homem fora do mandamento estabelecido no evangelho resulta em salvação, pois o poder para salvação está no evangelho, que exige do homem sujeição.

“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, **pois é o poder de Deus para salvação** de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego.” (Romanos 1:16).

A ágape no N.T. tem por base o cuidado de Deus evidenciado através de um mandamento concedido à humanidade que, ao ser revelado na pessoa de Cristo, exige obediência, que demanda por parte do indivíduo assentimento proveniente da vontade em detrimento de questões sentimentais e emocionais.

Quando o apóstolo Paulo escreve a Timóteo e faz uso do termo ágape, é o contexto que dá cor ao termo, e pelo contexto é possível analisá-lo:

“Tu, porém, tens observado a minha doutrina, procedimento, intenção, fé, longanimidade, **amor**, perseverança...” (2 Timóteo 3:10).

A ágape decorre da διδασκαλία (doutrina), que molda o ἄγωγή (comportamento), que informa a πρόθεσις (intenção), sustem a πίστις (confiança), proporciona a μακροθυμία (constância) e sustém a ὑπομονή (perseverança). Todos os substantivos elencados, incluindo o ἀγάπη (amor), são termos que descreve quem é obediente.

O ministério do apóstolo Paulo é coroado pelos substantivos acima, sem esquecer das διωγμός (perseguições) e πάθημα (aflições), mas todos os substantivos descrevem quem de fato se fez servo, ou seja, é obediente.

“Por isso, ó rei Agripa, **não fui desobediente à visão celestial.**” (Atos 26:19).

No mesmo contexto, o apóstolo Paulo um pouco antes apontou a existência de indivíduos que tinham aparência de εὐσέβεια (piedade), mas que negavam a sua eficácia (poder).

“Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te.” (2 Timóteo 3:5).

O substantivo εὐσέβεια (piedade) no contexto assume o valor de διδασκαλία (doutrina), εὐαγγέλιον (evangelho), ἐντολή (mandamento), pois o poder que ‘os homens amantes de si mesmos’ negam se refere ao poder (eficácia) que emana do evangelho.

Ao escrever aos cristãos de Corinto, o apóstolo dos gentios enfatiza a necessidade de seus interlocutores contribuírem com os cristãos da Judeia, e através desta passagem fica evidente o quão variável e sem vitalidade é o termo ágape, e o quanto o termo depende do contexto para sublinhar o seu significado.

“Portanto, assim como em tudo abundais em fé, e em palavra, e em ciência, e em toda a diligência, e em **vosso amor** para conosco, assim também abundeis nesta graça. Não digo isto como quem manda, mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade de vosso amor (...) Agora porém, completai também o já começado, para que, assim como houve a **prontidão de vontade, haja também o cumprimento** segundo o que tendes” (2 Coríntios 8:7-8 e 11).

Ao abordar a questão da contribuição, primeiro o apóstolo Paulo relata a voluntariedade dos irmãos da Macedônia, que embora fossem pobres, foram mui generosos ao ofertarem para os cristãos da Judeia. Como Tito havia iniciado a arrecadação entre os coríntios, o apóstolo Paulo o instruiu para que completasse a arrecadação (1 Coríntios 8:1-6).

Qual seria o tom da ‘ágape’ dos cristãos para com o apóstolo Paulo e Tito? Gostavam deles? Tinham um afeto muito grande por eles? Honravam a ambos? Obedeciam a ambos? O termo comporta todas essas nuances, porém, como o que foi dito pelo apóstolo Paulo não tinha o tom de alguém que queria se assenhorar dos cristãos (2 Coríntios 8:8), neste contexto o termo adquire o tom de quem exerce uma preferência, escolha ou vontade.

A através do termo ágape o apóstolo dos gentios evidenciou que os cristãos se sujeitavam a ele e a Tito voluntariamente, visto que o apóstolo não lhes impôs nenhuma obrigação.

“Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vosso gozo; porque pela fé estais em pé.” (2 Coríntios 1:24);

“Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.” (1 Pedro 5:3).

Como não tinha a pretensão de se assenhorar dos cristãos, o apóstolo não determinou que contribuíssem, mas ao apresentar a generosidade dos Macedônios (diligência dos outros), colocou a ágape dos cristãos da cidade de Coríntios à prova.

A ágape neste contexto vai além do gostar ou não, vez que, os cristãos já haviam se prontificado a contribuir (prontidão de vontade), e que aquele era o momento de contribuírem (cumprimento). Só dizer que vai contribuir não é a ágape, mas cumprir o que se dispôs é a essência da ágape.

A falta de vitalidade que alguns lexicógrafos apontam no termo ágape se dá em função das relações interpessoais. Nas relações entre iguais, o termo envolve questões de foro íntimo como vontade e ação, podendo significar “satisfazer-se”, “receber”, “saudar”, “honrar” ou, num sentido mais íntimo, “conquistar”.

Em se tratando das relações entre senhor e servo, a vontade do servo é substituída pela do seu senhor, e cabe ao servo somente a ação, e o termo ganha o contorno de ‘obedecer’ e ‘honrar’.



# O amor na Antiga Aliança

*“Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:7).*

**N**o A. T. o verbo אהב 'ahab<sup>11</sup> ou אהב 'aheb geralmente indica um forte afeto (sentimental e/ou emocional), ou o anseio de ter ou estar com alguém ou algo. O termo é utilizado para descrever o sentimento que une um casal tanto no namoro quanto no matrimônio e, raramente, a atração sexual. O termo mais usual para descrever o ato sexual é ידע (yada), ‘conhecer’, ‘deitar’.

O termo אהב 'ahab ou אהב 'aheb também é utilizado para descrever a relação afetiva entre pai e filho, ou para descrever o amor entre parentes e familiares, mas o termo mais usual para descrever essas relações é רחם (rãham), ou o afeto que um escravo tem por seu senhor (Êxodo 21.5).

<sup>11</sup> “Na LXX, agapaõ se emprega, de preferência, para traduzir o verbo heb. אהב. O subs. agapè acha aqui a sua origem, ao representar o Heb. 'ah bâk. O vb. Ocorre, muito mais, frequentemente, do que o subs. 'ahèb e pode se referir, tanto a pessoas, como a coisas, e denota, em primeiro lugar, o relacionamento de seres humanos entre si, e, em segundo lugar, o relacionamento entre Deus e o homem (...) Na LXX (Septuaginta), surge diante de nós um quadro bem diferente; phileõ, ocorre raras vezes, enquanto o vb. agapaõ, e o subs. agapè (doutro forma, quase, inteiramente, desconhecido no Gr.) se acham a cada passo. Não é possível discernir se se empregam conforme regras fixas, pois phileò (30 vezes), tal como agapaò (cerca de 263 vezes), geralmente traduz o Heb. ahèb (e.g. Gn 27:4 e segs.; 37:4 [cf. 37:3]; Is 56:10; Pv 8:17 [cf. 8:21]). Embora o Heb. tenha uma gama inteira de palavras para expressar o conceito contrário do ódio (enquanto a LXX só tem a palavra única miseõ - Inimigo, art. miseõ), tem, virtualmente, a única raiz .ahèb à sua disposição para a gama de sentimentos, que se associam com o amor. O Gr., de outro lado, tem várias raízes e palavras derivadas para expressar as várias matizes do amor: philia (38 vezes), que geralmente traduz 'aheb, 'ahabâh, é comparativamente rara,

Os tradutores da Septuaginta, versão grega do A. T. traduzida para o grego koiné, entre o século III a.C. e o século I a.C., em Alexandria, fizeram uso do termo ‘ágape’ para traduzir os termos hebraicos que fazem referência ao amor, e hoje, o emprego do termo ágape nas traduções se deve mais ao trabalho dos LXX do que do seu significado no grego clássico.

Para compreender a essência da asserção: "**Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor**" (1 João 4:8), geralmente os tradutores se fixam no verbo ἀγαπάω (agapaó), porém, como o termo é fraco e sem vitalidade, se faz necessário se socorrer do termo subsequente: γινώσκω (ginóskó/conhecer).

A asserção deixa evidente que amar implica em conhecer e vice versa, de modo que, se o significado da ágape for estabelecido na frase, igualmente se estabelece o significado de ginóskó e vice versa.

Uma análise do versículo do Livro do profeta Oséias lança luz aos termos:

**“Porque eu quero a misericórdia, e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos.”** (Oséias 6:6).

Conhecendo a ordem que Jesus deu aos escribas e fariseus, certo é que se trata de um versículo de difícil compreensão, pois para entender a ordem de Jesus não basta conhecer o vernáculo hebraico e o grego como tão bem conheciam os interlocutores de Jesus.

**“Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento.”** (Mateus 9:13);

*embora philos (cerca de 181 vezes), que, geralmente, traduz rên, embora, frequentemente, sem equivalente heb., seja mais comum na LXX”* (COENEN, 2000, pp. 114 e 121).



“Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício, não condenaríeis os inocentes.” (Mateus 12:7).

Na abordagem de Oséias *misericórdia* está para *conhecimento*, assim como *sacrifício* está para *holocausto*, de modo que o significado do termo hebraico  $\text{חֶסֶד}$  (checed) traduzido por *misericórdia* é equivalente ao vocábulo  $\text{דַּאֲת}$  (daath), traduzido por *conhecimento*.

Um lexicógrafo ou um tradutor não se dá conta que os termos *misericórdia* e *conhecimento* podem relacionar-se, pois a raiz dos termos não os interligam.

Como verificar se há relação entre estes termos? Fazendo uso da estrutura própria à poesia hebraica: o paralelismo.

A poesia hebraica é composta de um encadeamento de pensamentos e ideias, que trabalha elementos como *ênfase*, *repetição* e *contraste*, o que é diferente das poesias ocidentais, que trabalha métrica, ritmo e rima.

Além de ser a base da poesia hebraica, o paralelismo serve para preservar inalterada a ideia do texto, pois o encadeamento das ideias faz surgir uma espécie de trava lógica que dificulta a alteração do texto.

O paralelismo também é utilizado em passagens bíblicas de grande importância, principalmente quando os escritores bíblicos faziam o registro da palavra de Deus.

O escritor do Livro de Samuel fez um registro histórico de Deus comissionando Saul para destruir os amalequitas, mas quando Deus repreende Saul por intermédio do profeta Samuel, a narrativa é interrompi-

da e dá lugar a uma estrutura construída com paralelismos:

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em **holocaustos e sacrifícios**, como em que **se obedeca** à palavra do SENHOR? *Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.*” (1 Samuel 15:22).

O que Deus quer (ou, em outras palavras: exige e tem prazer) é que O obedeam, e nada mais. O argumento de que Deus quer o melhor dos seus servos é falácia, pois Saul preservou o melhor do interdito para a multidão oferecer em sacrifício em Gilgal, e foi rejeitado pelo Senhor.

“Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; **porquanto deixou de me seguir, e não cumpriu as minhas palavras**. Então Samuel se contristou, e toda a noite clamou ao SENHOR.” (1 Samuel 15:11).

Mas, por que o profeta Oséias utiliza o termo חַסֵּד (checed) traduzido por misericórdia, e não o termo שָׁמַע (shama) traduzido por obedecer? A estrutura textual demonstra claramente que o profeta Oséias repete a instrução dada pelo profeta Samuel, mas por que ele mudou um dos termos?

“Porque eu quero a **misericórdia**, e não o **sacrifício**; e o **conhecimento** de Deus, mais do que os **holocaustos**.” (Oséias 6:6).

A resposta está no Pentateuco, na palavra de Deus registrada por Moisés:

“E **faço misericórdia** a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

Inicialmente o povo de Israel foi instruído por intermédio de Moisés que Deus exerce misericórdia especificamente para com aqueles que O amam, ou seja, que obedecem aos seus mandamentos, porém, o povo era mais dado aos sacrifícios do que em obedecer, e deste modo, Deus não podia exercer a sua misericórdia.

Com o termo חַסֵּד (checed) o profeta Oséias evoca o que foi ensinado lá no Êxodo, evidenciando que Deus queria exercer misericórdia sobre os filhos de Israel, e que para isso eles precisavam amar (אָהַב) ou seja, obedecer שָׁמַע (shama)

Quando se lê a passagem: *‘Eu quero a misericórdia’*, por causa do ensino no Êxodo e em Deuteronômio, o entendimento deve ser: *‘Eu quero que me amem e que guardem os meus mandamentos’*, pois só assim é possível Deus ter misericórdia do indivíduo.

Não adianta intercessão, sacrifícios, choro, rogos, gritos, etc., pois Deus só tem misericórdia de quem ama, ou seja, de quem obedece, e até Moisés teve que aprender essa lição.

“Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; **e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer.**” (Êxodo 33:19).

Deus tem misericórdia de quem O obedece, ou seja, de quem O ama, e nada e ninguém pode alterar essa verdade. Deus não pode revogar ou alterar a sua palavra:

“Agora, pois, **perdoa o seu pecado, se não, riscame**, peço-te, do teu livro, que tens escrito. Então disse o SENHOR a Moisés: **Aquele que pecar contra mim, a este riscarei do meu livro.**” (Êxodo 32:32-33).

Por causa da relação entre ‘*misericórdia*’ e ‘*obediência*’, ‘*misericórdia*’ e ‘*amor*’ estabelecida no Êxodo, o profeta Oséias substitui o termo *obediência* por *misericórdia*, de modo a concitar os filhos de Israel a obedecerem a Deus.

A regra de ouro do verso 6, de Êxodo 20, ecoa por toda as Escrituras:

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, **porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados.**” (1 Samuel 2:30).

**O** substantivo חֶסֶד (checed), que traz no seu bojo a ideia de benignidade, amor, firme, graça, misericórdia, fidelidade, bondade e devoção, no mesmo contexto de Oséias está relacionado com o termo נֶאֱמָר (daath). Vejamos:

“Então **conheçamos, e prossigamos em conhecer** ao SENHOR; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.” (Oséias 6:3).

Quando *se conhece* e *se prossegue em conhecer* ao Senhor, o homem alcança misericórdia, que é descrita através de figuras como ‘*a chuva que rega a terra*’, uma referência à bondade de Deus, e ‘*a saída da alva*’, que aponta a fidelidade de Deus, em suma, a misericórdia de Deus.

Como não poderia deixar de considerar especulações de cunho filosófico, tem-se a indagação: é possível o finito *conhecer* o que é infinito? É possível a criatura determinar através de seus fundamentos lógicos um conhecimento objetivo acerca do Criador?

É óbvio que o profeta Oséias não trata de questões epistemológicas ao apresentar a necessidade de se conhecer a Deus, e sim, àquilo que Deus requer do homem:

“Porque eu quero a **misericórdia**, e não o **sacrifício**; e o **conhecimento** de Deus, mais do que os **holocaustos**.” (Oséias 6:6).

Deus quer a *misericórdia*, ou seja, que os homens obedeçam. E qual é o *conhecimento* de Deus? O *conhecimento* é a Sua palavra!

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que **se obedeça à palavra do SENHOR**? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.” (1 Samuel 15:22).

O que permite afirmar que o conhecimento de Deus se refere à palavra de Deus? O paralelismo com que foi escrito esses versos (e muitos outros) do Livro dos Provérbios:

“Porquanto odiaram **o conhecimento**; e não preferiram o **temor** do Senhor” (Provérbios 1:29);

“Então entenderás o **temor** do Senhor, e **acharás o conhecimento de Deus**” (Provérbios 2:5).

Com base no verso 29, de Provérbios 1, é possível *amar* ou *odiar* (אִנְיָ/sane) um conhecimento? Como entender a oposição amor e ódio? Jesus lança luz aos termos, quando disse:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de **odiar** um e **amar** o outro, ou se **dedicará** a um e **desprezará** o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

O termo hebraico אִנְיָ tem o sentido de ‘*não preferir*’ (בָּחַר/bachar), ‘*desprezar*’, evidenciando a não sujeição de um servo ao seu senhor, uma questão divorciada de sentimentos e emoções. ‘*Odiar*’ o conhecimento é não se sujeitar, não ter em preferência, desprezar.

“O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu **rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei**, para que não sejas sacerdote diante de mim; e, visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos.” (Oséias 4:6).

Tanto Salomão quanto Jesus utilizaram o termo *amor* no sentido de dedicação, sujeição, serviço, e o termo *ódio* no sentido de desprezo, recalcitrância. O paralelismo sinônimo no verso 29, de Provérbios 1, indica esse significado:

a) “Porquanto *odiaram o conhecimento*;

b) “... e *não preferiram o temor do Senhor*”  
(Provérbios 1:29);

No verso ‘odiaram’ está para ‘não preferiram’ e ‘conhecimento’ está para ‘temor do Senhor’, pois através do paralelismo sinônimo a linha ‘b’ repete uma parte da linha ‘a’, mas com palavras diferentes, de modo a reforçar e preservar a ideia do texto.

O verso 5, de Provérbios 2, reforça o significado do termo ‘conhecimento’:

“Então *entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus*” (Provérbios 2:5).

‘Entender’ no contexto significa ‘achar’ e, ‘temor do Senhor’ é o mesmo que ‘conhecimento de Deus’, significados impressos nos termos que decorrem das relações firmadas pelo paralelismo e que não se encontram em dicionários.

Observe a relação que o paralelismo impõe ao verbo מֵצֵא *matsa* traduzido por *achar*, que no contexto só pode ser compreender, entender:

“Eu amo aos que me amam, e os que cedo me buscarem, me acharão.” (Provérbios 8:17).



Quando o apóstolo João disse: “Aquele que não **ama** não **conhece** a Deus; porque Deus é amor.” (1 João 4:8), apesar de fazer uso dos signos linguísticos e regras próprias ao grego *koine*, o significado dos termos ἀγαπάω (agapaó) e γινώσκω (ginóskó/conhecer) emergem do A. T., como uma espécie de hebraísmo.

Retrocedendo um pouca na abordagem, acima afirmamos que ‘*temor*’ é o mesmo que ‘*conhecimento*’, ou seja, o termo tem duplo significado, pois dependendo do contexto pode significar ‘*medo*’ ou ‘*conhecimento*’, ‘*instrução*’.

“E disse Moisés ao povo: **Não temais**, Deus veio para vos provar, e para que o **seu temor** esteja diante de vós, afim de que não pequeis.” (Êxodo 20:20).

Que temor é esse que impede o homem de pecar? O medo? Não! A palavra de Deus.

“Escondi **a tua palavra** no meu coração, para **eu não pecar contra ti.**” (Salmos 119:11).

Se o tradutor da Bíblia não se der conta que a forma substantivada do verbo יָרָא (yare'), que é יִרְאֶה (yirah) assume conotação diversa em função do contexto, e tomar por base somente a denotação que o termo grego impõe, fará traduções aberrantes, como a que se segue:

“Mas também, se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E **não temais com medo deles, nem vos turbeis;**” (1 Pedro 3:14). (ACF)



O tradutor entendeu que o apóstolo Pedro estava dando uma ordem aos cristãos para não ficarem com medo de pessoas que pudessem lhes fazer mal, e se equivoca duas vezes:

- a) Por não considerar que se trata de uma citação do profeta Isaías;
- b) Por considerar o substantivo φόβος (phobos) como sendo medo, fobia.

“Não chameis conjuração, a tudo quanto este povo chama conjuração; e não temais o que ele teme, nem tampouco vos assombreis.” (Isaías 8:12).

O verbo φοβέομαι (phobeó) e o substantivo φόβος (phobos) foram utilizados para representar a mesma função linguística dos termos hebraicos יָרֵא (yare') e יִרְאָה (yirah), respectivamente, verbo e substantivo, mas o significado dos termos emerge do anunciado pelo profeta Isaías.

No texto de Isaías os termos hebraicos יָרֵא (yare') e יִרְאָה (yirah), não possuem a conotação de medo, antes, os termos, em função do contexto, se transmutam, e passam a significar, respectivamente, ‘obediência’ e ‘doutrina’. Na passagem do Livro de Isaías, Deus estava instruindo o profeta a não chamar santo tudo quanto os filhos de Israel chamavam santo (conjuração), e que ele não podia obedecer (temais) a doutrina (teme) deles.

Por que o profeta Isaías não podia ‘temer’ o que os filhos de Israel ‘temiam’? Porque o ‘temor’ deles era só man-

damentos de homens em que foram instruídos, ou seja, não era a palavra de Deus!

“... o seu **temor** para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído” (Isaias 29:13).

“Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens.” (Marcos 7:7).

Como o ‘temor’ dos filhos de Israel era somente doutrinas que são mandamentos de homens, tem-se a ordem: “... e não temais o que ele teme, nem tampouco vos assombreis.” (Isaias 8:12), que o apóstolo repassa aos cristãos convertidos dentre os judeus, para que não seguissem o judaísmo em seus diferentes matizes doutrinários: farisaísmo, sadoquismo, etc.

Observe que o evangelista Marcos não se atém a citar *ipsis litteris* a passagem de Isaias, e converte a instrução em uma abordagem mais apropriada ao homem do seu tempo.

Se o interprete não se socorrer do A. T. para estabelecer o significado dos termos utilizados pelos apóstolos, comparando passagens específicas nos livros dos profetas Oseias, Samuel, Isaias a epístola do apóstolo João, equivocadamente concluirá que a ágape do N. T. diz de um sentimento e se perderá no subjetivismo.

A definição de Erickson: *‘O amor de Deus é um interesse altruísta por nós, em nosso benefício. É ágape, não eros’* (ERICKSON, 1997, p. 123), escorrega para o campo do subjetivismo, pois o que é tido por altruísta para uns,

não o é para outros, e não são os termos ágape e eros que definem o amor, pois o próprio Deus é a definição de amor. Se considerar somente os signos linguísticos grego que descrevem o amor, haverá indefinição acerca do amor no N. T., como se observa na definição de Grün, no seu livro *‘Morar na casa do amor’*.

*“Não podemos designar o amor nem como sentimento nem como ato da vontade. Ele parece ser um poder independente, que atua no coração do homem e afeta todas as suas relações...”* (GRÜN, 2006, p. 118).

O que ‘parece’, jamais pode ser classificado como aquilo que é, portanto, ele apresentou uma ‘indefinição’.

Paulo Coelho, no livro *‘O dom Supremo’*, que é uma releitura livre do Sermão *“The Greatest Thing in the World”*, de Henry Drummond, faz uma interpretação do escreveu o apóstolo Paulo aos Corintos, na primeira epístola, capítulo 13: *“Depois de comparar o amor com tudo o que já vimos, Paulo - em três versos pequenos - faz uma surpreendente análise do que é este Dom Supremo. Ele nos diz que o Amor é uma coisa composta de muitas outras.”*, e chega a uma imprecisão terminológica repleta de indefinições, que, por sua vez, conduz a outras indefinições: *“O Amor é uma rica, forte e generosa expressão de nossas vidas - a personalidade do homem em seu mais completo desenvolvimento”* (COELHO, O dom Supremo, pp. 19 e 4) Disponível: < [https://docs.google.com/file/d/OB5TCJ\\_2aW\\_osLW5CSnZ1Vmk1NoE/edit](https://docs.google.com/file/d/OB5TCJ_2aW_osLW5CSnZ1Vmk1NoE/edit) > Consulta realizada em 27/07/2021.

O apóstolo Paulo não decompõe o amor em partes, como um prisma faz com a luz, antes ele apresenta características de quem é obediente: sofredor, benigno, desapegado, sincero, humilde, decente, paciente, confiante, resignado, etc.

“O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13:4-7).

O chamado Dom Supremo não diz do desenvolvimento da personalidade humana e nem é a composição de muitas outras coisas. Henry Drummond fez uma leitura equivocada da exposição paulina, e o escritor Paulo Coelho, por sua vez, somente potencializou a distribuição de uma mensagem totalmente divorciada do que propôs o apóstolo dos gentios.

O obediente não busca os seus interesses, e sim, os interesses de quem emitiu a ordem. O obediente jamais se vã-gloria, pois não há como se ensoberbecer quando se sujeita a uma ordem. Quem obedece não suspeita mal, pois se suspeitasse, não obedeceria.

Drummond acreditava que *‘a mensagem de FÉ de um homem está na maneira como vive a sua vida, e não nas palavras que ele diz’* (DRUMMOND, 1994, p. 27), um engano completo, pois o apóstolo Paulo define que a mensagem de fé do cristão é o evangelho, cujo autor e consumidor é Cristo, de modo que a fé do evangelho está nas palavras que o homem professa, e deve andar conforme o que professa.

O amor não é expressão da personalidade do indivíduo, antes a sujeição do indivíduo ao mandamento de Deus, que é crer em Cristo. A essência do amor bíblico está na relação Senhor e servo, sendo que a este cabe a obediência aos mandamentos, e aquele a generosidade em dar mandamentos (Lucas 17:7; Mateus 19:17).

No amor bíblico há um vislumbre da essência e severidade pertinente à nobreza aristocrática, vez que a vontade do senhor é o bem para o seu servo (Mateus 19:22).

O servo fiel e prudente deve amar, honrar e servir ao seu amo do modo que ele estabeleceu (Mateus 24:45-46), pois é senhor que governa a sua casa (oikos), o que engloba a habitação e tudo o que pertence ao senhor. É nesse ambiente aristocrático que se encaixa a declaração de Jesus:

“Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?” (Mateus 10:25).

Os servos eram os domésticos<sup>12</sup> do pai de família, o que se depreende de alguns documentos antigos de Portugal.

**A** abordagem do apóstolo João permite reescrever as asserções sem alterar a ideia do texto, e assim, estabelecer novos parâmetros para comparação textual.

<sup>12</sup> “... há muito o não puderam fazer, porque não podiam levar em suas companhias seus domésticos, escravos ladinos, que constituam a melhor parte das suas propriedades.” (Documentos, 1870, p. 8).

O versículo:

“Aquele que **não** ama **não** conhece a Deus;” (1 João 4:8), pode ser reescrito assim:

*"Aquele que ama conhece a Deus;"*

Deste modo, colocações paulinas podem ser analisadas de uma nova perspectiva:

“Confessam que **conhecem** a Deus, **mas negam-no com as obras**, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra.” (Tito 1:16).

Há aqueles que dizem que conhecem a Deus, ou seja, que O ama, no entanto, negam com as suas obras, o que segundo o apóstolo João, é amar de palavra e de língua.

É muito mais fácil analisar e compreender outras passagens bíblicas, como:

“Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9).

Como é possível alguém ‘conhecer’ a Deus? Ora, basta amar a Deus que se conhece a Deus, ou antes, ser conhecido por Ele. O termo γινώσκω (ginóskó) traduzido por ‘conhecer’ evidencia a comunhão do cristão com Deus, pois por intermédio de Cristo agora são um.

“E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, **para que sejam um, como nós somos um.**” (João 17:22).

No hebraico, o verbo יָרָדָה (yarda), traduzido por ‘conhecer’, dependendo do contexto, refere-se a união íntima entre o homem e a mulher, ou seja, quando ambos se tornam um só corpo.

“E **conheceu** Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz a Caim, e disse: Alcancei do SENHOR um homem.” (Gênesis 4:1).

Quando Jesus disse: “E **conhecereis** a verdade, e a verdade vos libertará.” (João 8:32), o verbo γινώσκω (ginóskó) tem o significado de comunhão íntima, se tornar um, pois só quando o homem é um com o Pai e o Filho estará liberto do pecado.

‘Saber acerca de’ Cristo é permanecer no seu ensino, e ser liberto pela verdade é se tornar um com Cristo, pois Cristo é a verdade.

Após compreender a essência dos termos ‘amor’ e ‘conhecer’, a leitura da seguinte passagem bíblica é mais precisa:

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que **amam** a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes **conheceu** também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Romanos 8:28-29).

O apóstolo Paulo deixa claro que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que cumprem o mandamento de Deus (amam), pois ao se tornar um



com Cristo (dantes conheceu) estará destinado a sem conforme a expressa imagem de Cristo (1 João 3:1-2).

“Porque este é o amor de Deus: **que guardemos os seus mandamentos.**” (1 João 5:3);

“E nisto sabemos que O conhecemos: **se guardarmos os Seus mandamentos.**” (1 João 2:3).

Ao guardar os mandamentos de Deus, o homem alcança tanto o ἀγαπάω (agapaó) quanto o γινώσκω (ginóskó/conhecer), pois isso não há contradição em dizer que quem ama a Deus conhece a Deus e, quem não ama a Deus, não conhece a Deus.

**É** difícil encontrar um autor que, ao tratar do amor no N. T., não seja atraído para o campo do subjetivismo.

Thomas Hobbes, na sua obra *Leviatã ou Matéria, Palavra e Poder de um Governo Eclesiástico e Civil*, comumente chamado de *Leviatã*, produzida no século XVI, destaca com precisão o significado do de obediência conforme o N. T. apresenta:

*“A obediência exigida por Deus, que aceita em todas as nossas ações a vontade pelos atos, é um esforço sério de lhe obedecer e é também denominada com todos aqueles nomes que significam esse esforço. E, portanto, a **obediência é umas vezes denomina**”*

da com os nomes de caridade e amor, porque implicam a vontade de obedecer - e mesmo o nosso Salvador faz do nosso amor a Deus e ao próximo um cumprimento de toda a lei -, e algumas vezes pelo nome de retidão, pois a retidão nada mais é do que a vontade de dar a cada um o que lhe é devido, isto é, a vontade de obedecer às leis” (HOBBS, 2003, p. 491) grifo nosso;

“Obedecer é honrar, porque ninguém obedece a quem não julga capaz de ajudá-lo ou prejudicá-lo. Consequentemente, desobedecer é desonrar (...) Louvar, exaltar ou felicitar é honrar, pois nada é mais prezado do que a bondade, o poder e a felicidade. Depreciar, troçar ou compadecer-se é desonrar” (Idem, p. 78).

Para Hobbes não há meias palavras ou tergiversações acerca das denominações atribuídas à obediência:

- a) Obedecer é honrar<sup>13</sup>, e;
- b) A obediência às vezes é denominada caridade e amor.

Qual o significado que se depreende do verbo grego τιμάω (timaó) traduzido por *honrar*? Usualmente a ideia do termo é ‘deferência’, ‘reverência’<sup>14</sup>, ‘estima’, etc., porém, a honra exigida por Cristo vai além, ou seja, a mesma honra devida a Deus.

<sup>13</sup> “... e ser amado parece ter bastante semelhança com ser honrado...” (ARISTÓTELES, 1984, p. 187).

<sup>14</sup> “... é melhor afirmar que ‘ali onde está a reverência, também está o temor’”. (PLATÃO, 1999, p. 52).

"Para que todos **honrem** o Filho, **como honram** o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o envia." (João 5:23).

Qual a honra devida a Deus?

**"Amarás**, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças." (Deuteronômio 6:5).

A deferência devida a Cristo, o Filho de Deus, é amá-Lo de todo coração, alma e forças! A única forma de honrar a Cristo, assim como se honra o Pai, é se fazendo servo de Cristo.

**"Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará."** (João 12:26);

**"Tomai sobre vós o meu jugo**, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque **o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.**" (Mateus 11:29-30);

**"E não temais com medo deles, nem vos turbeis; antes, santificai ao SENHOR Deus em vossos corações;"** (1 Pedro 3:14-15).

Qual o significado do verbo קָבַד (kabad ou kabed), traduzido por 'honrar'? Considerando o anunciado pelo profeta Isaias, honrar é obedecer, ou seja, seguir o caminho do Senhor, fazer à vontade d'Ele e anunciar somente a palavra d'Ele.

**"... e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falares as tuas próprias palavras..."** (Isaias 58:13).

Um exemplo negativo de quem não honrou a Deus foi Saul, pois não obedeceu a ordem divina, seguiu seu próprio caminho e buscou lucrar com a ordem de Deus.

“Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; **porquanto deixou de me seguir, e não cumpriu as minhas palavras.** Então Samuel se contristou, e toda a noite clamou ao SENHOR.” (1 Samuel 15:11).

A obediência possui um veio único, e o homem não pode se desviar nem para a direita e nem para a esquerda.

“Olhai, pois, que **façais como vos mandou o SENHOR** vosso Deus; não vos desviareis, nem para a direita nem para a esquerda.” (Deuteronômio 5:32).

A exortação à obediência possui vários verbos para descreve-la: temer, andar, amar, servir, guardar, conhecer, buscar, chegar, tremer, etc., e todos os verbos sempre estará em conexão com a palavra de Deus.

“Agora, pois, ó Israel, que é que o SENHOR teu Deus pede de ti, senão que temas o SENHOR teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao SENHOR teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, que guardes os mandamentos do SENHOR, e os seus estatutos, que hoje te ordeno, para o teu bem? (...) Ao SENHOR teu Deus temerás; a ele servirás, e a ele te chegarás, e pelo seu nome jurarás.” (Deuteronômio 10:12-13 e 20).

O uso do idioma grego, especificamente o grego *koine*, para comunicar a verdade do evangelho, expressa ideias

oriundas do A. T., e o termo grego 'ágape' utilizado pelos apóstolos não expressa a concepção dos gregos com relação ao amor.

Já no A. T. os filhos de Israel diziam que amavam a Deus, e demonstravam a sua religiosidade, potencializada pelos sentimentos e emoções, através de sacrifícios, cânticos, orações, gestuais, cultos, votos, etc.

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o SENHOR? Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto de vossas mãos, que viésseis a pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue.” (Isaias 1:11-15).

Todas as práticas elencadas acima demonstram o quanto os filhos de Israel tinham afeição por Deus, e muitos estavam dispostos até sacrificarem suas vidas terrenas em função do que sentimento que nutriam em relação a Deus, porém, não atinavam que amar a Deus

só é possível cumprindo o Seu mandamento.

Para figurar como sujeito do verbo 'amar' em relação a Deus, conforme expresso pelos profetas Oseias, Isaías e Samuel, é necessário obedecer a Deus segundo a Sua palavra. Na Bíblia, não importa se no A.T. ou no N. T., o amor do homem para com Deus consiste em obediência aos Seus mandamentos e, o amor de Deus para com os homens se refere ao Seu cuidado expresso no mandamento.

# O mandamento é o amor

*“E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, toma a cruz, e segue-me.” (Marcos 10:21).*

**C**erta feita Jesus olhou para um jovem e o amou! Vale frisar que o amor de Jesus pelo jovem religioso foi a ἀγάπη (ágape), conforme registrado pelo evangelista Marcos.

Quando ele registrou que Jesus amava aquele jovem, o que Marcos evidenciou? Que Jesus tinha carinho e queria fortalecer os laços de amizade? Além disso, se apegou a ele? Foi uma demonstração de afeto? Jesus praticou a caridade ao dar amor? Seria amor incondicional?

Se a resposta para qualquer pergunta acima for sim, haverá nova avalanche de indagações. Jesus teve preferência por aquele jovem? Como Jesus poderia ter amado aquele jovem e não o salvar? O amor de Jesus não foi efetivo? Seria um amor ‘comum’? Não foi um amor ‘irresistível’? Seria o amor ‘comum’ um amor real?

Às questões acerca da ágape não param por aí, principalmente se a abordagem tiver viés religioso, filosófico, sociológico, psicológico, biológico, etc.? Será que se acrescentar à equação variáveis como: época, costume, cultura, etc., o sentido do termo ágape muda?



Se o interprete não se fixar no texto para ter uma resposta, divagará indefinidamente por miríades de especulações, sendo que a abordagem de Jesus é clara e efetiva: uma ordem direta! Como Jesus amou aquele jovem? Oferecendo uma oportunidade para que ele se fizesse Seu servo!

“Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, **sois servos daquele a quem obedeceis**, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” (Romanos 6:16).

Para um descendente de Abraão como o jovem rico, não deveria ser difícil abrir mão do que possuía para seguir a Cristo, visto que Abraão, exemplo de fé, saiu do meio da sua parentela para uma terra desconhecida abrindo mão do que poderia herdar de seu pai, Terá (Gênesis 12:4).

Em outra ocasião, Abraão abriu mão dos despojos de guerra para não enriquecer à custa de Bera, rei de Sodoma, evidenciando o quanto Abraão não era apegado às possessões deste mundo (Gênesis 14:23). Pátria, terra, cidade, familiares, possessões, herança, etc., nada significava diante da ordem divina.

Se dizer filho de Abraão é fácil, difícil é confiar em Deus e realizar o que Ele propõe assim como fez o crente Abraão. Se dizer filho de Abraão ou chamar Jesus de bom mestre não passa de lisonjas, ou seja, amar de boca e de língua, pois amar de fato é obedecer a ordem do Mestre e segui-Lo!

O evangelista Mateus ao narrar o mesmo evento não fez uso do termo ágape, mas deixou registrado que Jesus apresentou ao jovem a possibilidade de ser perfeito, uma exigência divina factível e que consta da lei:

“Perfeito serás, **como** o SENHOR teu Deus.” (Deuteronômio 18:13);

“Sede vós pois perfeitos, **como é perfeito** o vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:48);

“Disse-lhe Jesus: **Se queres ser perfeito**, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me.” (Mateus 19:21).

Ao se fazer servo, o jovem rico alcançaria a perfeição proposta na lei.

“E **estais perfeitos nele**, que é a cabeça de todo o principado e potestade;” (Colossenses 2:10);

“O discípulo não é superior a seu mestre, mas **todo o que for perfeito será como o seu mestre.**” (Lucas 6:40);

“**Quem é cego, senão o meu servo**, ou surdo como o meu mensageiro, a quem envio? E **quem é cego como o que é perfeito**, e cego como o servo do SENHOR?” (Isaías 42:19).

A ordem que Jesus deu ao jovem rico é personalíssima, assim como a ordem dada a Abraão para imolar o seu único filho. Como a ordem dada ao jovem era personalíssima, vale lembrar que dar bens aos pobres voluntariamente não proporciona tesouro nos céus, e sim, o tomar a cruz e seguir após Cristo.

“E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, **e não tivesse amor**, nada disso me aproveitaria.” (1 Coríntios 13:3).

O que seria esse ‘amor’ que, se alguém não tiver, mesmo que distribua toda fortuna para sustento dos pobres, não

é de proveito algum? O mandamento emanado de Cristo! Se o jovem rico vendesse todos os seus bens e distribuísse aos pobres, seria plenamente proveitoso, pois ágape está presente tanto na ordem de Jesus quando em o jovem obedecer ao mandamento.

**P**ara uma desambiguação, vale destacar que o mandamento não tem em vista a necessidade de o homem desenvolver em si um sentimento de afeição por Deus ou pelo próximo, antes, o próprio mandamento é a essência do amor e vice-versa.

A definição joanina: *‘Este é o mandamento: que andeis n’Ele’*, tem relação direta com o princípio da identidade pertinente à lógica, ou as sentenças de lógica de primeira ordem (LPO), pois, assim como o amor é o mandamento, segue-se que o mandamento é o amor.

O mandamento de Deus é a expressão do Seu amor para com os homens (ande segundo os Meus mandamentos), e a obediência ao mandamento (andeis neles) é o modo como o homem expressa o seu amor para com Deus.

Amar segundo o mandamento de Deus não possui relação com as perspectivas clássica, moderna ou contemporânea de amor que é louvada na literatura secular mundial.

Elementos como caridade, boas ações, doações, esmolas, causa humanitárias, auxiliar nas necessidades do dia a dia, não diz do amor que o apóstolo amado apresenta no seu evangelho e nas suas epístolas.

Não conhecer a essência do evangelho de Cristo e não se

inteirar das peculiaridades específicas dos escritos joaninos, principalmente quanto ao significado dos termos empregados, levará o leitor ao equívoco de considerar que o evangelista, ao tratar do amor, simplesmente estava recomendando aos seus filhinhos na fé ações caridosas, que implicassem em bem-estar social, ou que difundissem princípios de ordem moral e ética norteadores de condutas nas relações interpessoais.

Para compreender a essência do amor apresentado pelo apóstolo João, se faz necessário analisar a relação de amor entre o Senhor Jesus e o Pai Eterno.

Durante um ensinamento, Jesus apresentou o motivo pelo qual o Pai o amava: voluntariamente Jesus entregou a Sua vida para depois tomá-la. Mas, onde está o amor de Deus para com o Seu Filho, se o Filho tinha que dispor da própria vida?

O amor estava no mandamento que o Filho recebeu do Pai.

**“Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.”** (João 10:17-18).

Sem o mandamento dado pelo Pai, Jesus poderia entregar o seu corpo para ser queimado, ou crucificado, ou degolado, etc., que de nada adiantaria, conforme foi dito pelo apóstolo dos gentios na epístola aos Coríntios, verso 3, capítulo 13.

Mas, como Jesus recebeu um mandamento do Pai, isto indicava que o Pai o amava, e por isso mesmo, Jesus deu a sua vida para tornar a reavê-la. A ágape no contexto

não é sentimento, pois o ato de se entregar à morte não é algo desejável.

Entregar a vida sem o mandamento do Pai esperando livramento seria tenta-Lo. Se entregar à morte sem ter sido ordenado pelo Pai seria loucura, um completo absurdo e desatino. Nesse sentido, o amor do Pai emerge do mandamento dado ao Filho, e não do ato do Filho entregar a sua vida.

Por outro lado, o Filho demonstra que ama o Pai no ato de dar a sua própria vida única e exclusivamente porque o Pai deu o mandamento, pois se assim não fosse, não haveria como o Filho demonstrar o seu amor pelo Pai.

Somente quando faz o que o Pai manda é possível ao Filho demonstrar que ama o Pai. Sem o mandamento, dar a vida seria sem significado e totalmente sem propósito.

“Mas é para que o mundo saiba que eu amo o Pai, e que faço como o Pai me mandou” (João 14:31).

O verso 17, do capítulo 10 do evangelho de João expõe o motivo pelo qual o Pai ama o Filho: o Filho é obediente, e não porque o Filho é voluntarioso. Dar a vida não foi uma escolha do Filho, antes o Pai ordenou que o Filho entregasse a vida, e com base no mandamento, o Filho tinha autoridade para dar e tornar a tomar a sua vida.

Se o ato de entregar a vida voluntariamente fosse o motivo do Pai amar o Filho, a oração no Getsêmani seria sem sentido. Observe que Jesus se prontificou a fazer a vontade do Pai, e não *‘fazer o seu melhor’*, *‘dar o seu melhor’* ou *‘no mínimo dar a Deus o máximo’*, como apregoam alguns.

“Dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua.” (Lucas 22:42);

“Então disse: Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tira o primeiro, para estabelecer o segundo.” (Hebreus 10:9).

Ter iniciativa que contrarie ou somente tangencie o que foi determinado é afronta ao Senhor, a exemplo do que fez o rei Urias, que em razão da sua posição, se arvorou no direito de queimar incenso sobre o altar de incenso, o que era próprio somente aos sacerdotes.

“Mas, quando ele se havia tornado poderoso, o seu coração se exaltou de modo que se corrompeu, e cometeu transgressões contra o Senhor, seu Deus; pois entrou no templo do Senhor para queimar incenso no altar do incenso.” (2 Crônicas 26:16).

O alerta dos sacerdotes foi claro:

“E resistiram ao rei Uzias, e lhe disseram: A ti, Uzias, não compete queimar incenso perante o SENHOR, mas aos sacerdotes, filhos de Arão, que são consagrados para queimar incenso; sai do santuário, porque transgrediste; e **não será isto para honra tua da parte do SENHOR Deus.**” (2 Crônicas 26:18).

O rei Uzias devia ter visto diversas vezes o serviço prestado pelos sacerdotes, e pela sua engenhosidade e capacidade pessoal (2 Crônicas 26:15), deixou o orgulho tomar conta do coração, e achou que poderia executar

uma das funções dos sacerdotes: acender o incenso.

A rebelião diante de Deus, muitas das vezes, surge de sentimentos e pensamentos nobres: - *‘Posso executar essa tarefa melhor’*; - *‘Posso honrar a Deus com minhas habilidades’*, - *‘Se possuo tais habilidades é porque Deus quer que eu as use’*, etc.

O rei Uzias somente deixou de considerar o seguinte princípio:

“E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão.” (Hebreus 5:4).

Não importa se rei, filho, habilidoso, reverente, religioso, etc., a honra está em ser chamado, e não em ter habilidade ou poder para realizar um serviço.

“Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, para se fazer sumo sacerdote, mas aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, Hoje te gerei.” (Hebreus 5:5).

Os sofrimentos que Cristo suportou ao se entregar aos pecadores indicam com precisão que Cristo, mesmo sendo Filho, aprendeu a obediência. Como homem, Cristo não queria abrir mão da sua existência, e até rogou ao Pai que O livrasse da morte, mas ao se entregar na morte, evidenciou ser obediente em tudo.

“O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.” (Hebreus 5:7-8).



Na eternidade, o Verbo Eterno que se fez carne, ofereceu a Si mesmo em resgate da humanidade, um ato unilateral e deliberado. Quando neste mundo, em obediência ao Pai, Cristo-homem deu a sua vida agindo como servo, e não como senhor de si mesmo.

O rei Uzias achou que, ao acender incenso, estava honrando a Deus, e que seria retribuído com honra, e não considerou que Deus honra aos que O honram (1 Samuel 2:30). Fidelidade e honra advêm única e exclusivamente da obediência, e a ágape no N. T. possui essa essência.

“E respondeu Aimeleque ao rei e disse: E quem, entre todos os teus criados, há tão fiel como Davi, o genro do rei, pronto na sua obediência, e honrado na tua casa?” (1 Samuel 22:14).

Quando Jesus afirma: *“Por isto o Pai me ama,”* e passa a descrever o que iria fazer: *“... porque dou a minha vida...”*, ocorre o que o apóstolo João afirma sobre o amor: *“Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado.”* (1 João 2:5).

O mandamento que Jesus recebeu do Pai é a sua palavra, e como Jesus doou sua vida segundo a palavra do Pai, o mandamento (amor) de Deus em Cristo foi verdadeiramente aperfeiçoado.

**J**esus amou o jovem e deu um mandamento, Deus, por sua vez, amou o mundo e deu o Seu único Filho. Se o

amor de Jesus demonstrado para com o jovem for comparado com o amor de Deus, se não for compreendido, o amor de Deus parece incondicional e doação, e o amor de Jesus não.

No versículo: “**Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.**” (João 3:16), é fácil identificar o amor de Deus, mas poucos conseguem identificar o mandamento de Deus, sendo que o mandamento é o amor de Deus.

Da mesma forma que Jesus amou o jovem e deu um mandamento: - “*Vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres*”, ao dar o seu Filho unigênito Deus estabeleceu um mandamento: creiam em Cristo! Na ordem que Jesus deu havia uma recompensa: um tesouro nos céus, e na ordem dada por Deus a recompensa é a vida eterna.

O mandamento de Deus expressa do amor de Deus para com o homem, mesmo o primeiro mandamento dado no Éden, que tinha uma pena estabelecida: ‘*certamente morrerás*’, tinha por objetivo preservar a condição do homem: vivo e livre.

Na Nova Aliança, o mandamento em Cristo evidencia o mesmo cuidado de Deus no Éden, que quer conceder vida eterna aos homens que estão na morte em decorrência da ofensa de Adão.

“**Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida.**” (Romanos 5:18).

A balança da justiça divina exige perfeito equilíbrio, o que só é possível através de uma substituição de ato: um ato de justiça em substituição a um ato de ofensa. E esse ato substitutivo não poderia ser de qualquer homem, antes tinha que ser de um homem perfeito e livre de pecado como o era Adão: Cristo, o último Adão.

“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante.” (1 Coríntios 15:45).

Ao obedecer ao Pai, Cristo estabeleceu um novo e vivo caminho pelo qual os homens podem voltar à comunhão com Deus. Qualquer homem que queira ser salvo basta ouvir as palavras que o Pai deu ao Filho para falar e crer.

“Pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne,” (Hebreus 10:20).

“Eis lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e **porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.** E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele.” (Deuteronômio 18:18-19).

Sobre essa verdade, Cristo declarou:

“E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto **o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito.**” (João 12:50).

O mandamento de Deus é o amor e, crer em Cristo como o enviado de Deus é o mandamento.

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.” (1 João 3:23).

Se crer em Cristo é o amor de Deus, cada cristão deveria se ocupar em compreender como crer em Cristo. É necessário crer em Cristo segundo o testemunho que Deus deu do seu Filho, testemunho esse registrado na Antiga Aliança.

Certa feita Jesus disse que rios de água viva fluiriam do ventre de quem cresse n’Ele conforme diz as Escrituras.

“Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.” (João 7:38).

Somente através das Escrituras é possível compreender perfeitamente a dimensão do amor de Deus sobre o qual os cristãos estão arraigados e estabelecidos. Somente através das Escrituras é possível aos cristãos terem comunhão (conhecer) com o amor de Cristo, já que ele excede todo entendimento.

“Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o

entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus.” (Efésios 3:17-19).

Pela fé (πίστις) do evangelho Cristo reside nos corações dos cristãos, ou seja, a fé pela qual os cristãos devem batalhar (Judas 1:3; Filipenses 1:27). Por que é necessário batalhar pelo evangelho? Porque o evangelho é o amor de Deus dado aos homens, boas novas que tem por tema o mandamento crer em Cristo.

A principal preocupação do cristão deve ser compreender todas as nuances de crer em Cristo segundo as Escrituras, mas pela má leitura do termo amor, se preocupam e questionam mais em como amar o irmão, do que compreender quem é Cristo.

Como amar os irmãos? O evangelista João diz que é segundo o Seu mandamento, e não segundo os sentimentos humanos! Sem crer em Cristo segundo as Escrituras é inviável amar o irmão, pois o amor ao irmão primeiro demanda crer em Cristo, a obediência ao mandamento.

Sem compreender a essência de crer em Cristo, ou o amor de Deus, para muitos parecerá impossível amar uns aos outros como Cristo amou os seus discípulos, bem como dar a vida pelos irmãos.

“Novo mandamento vos dou: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei a vós, assim também deveis amar uns aos outros” (João 13:34);

“Conhecemos o amor nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos.” (1 João 3:16).

Mesmo Jesus alertando que o seu fardo é leve, e o evangelista João destacando que os mandamentos de Deus não são pesados, quando muitos cristãos se deparam com a ordem para amar uns aos outros da mesma forma que Cristo amou (dar a vida pelos irmãos assim como Cristo), se sentem incapazes de cumprir tal mandamento.

Para obedecer a ordem de Jesus, primeiro se faz necessário compreender a ordem e a essência do amor. Como amar os irmãos? Se amar é como Jesus amou, se faz necessário compreender como Jesus amou os seus discípulos.

De que modo Jesus amou os seus discípulos? Cumprindo tudo o que o Pai ordenou, ou seja:

- a) “Anunciando o mandamento conforme o Pai lhe prescreveu” (João 12:49-50);
- b) “Entregando a sua vida e tornando a tomá-la em conformidade com o que o Pai ordenou” (João 10:17-18).

Para muitos que desconhecem como Jesus amou os seus discípulos, concluem que amar como Jesus amou é ter empatia e se doar ao próximo. O fazer bem e não olhar a quem, atender as necessidades materiais dos outros, são perspectivas das quais os cristãos se tornam voluntários em causas humanitárias, apoiam projetos sociais, mudam hábitos e costumes de consumo, etc., tudo como forma de ‘amar’ o próximo.

O amor de Jesus não teve por base tais sentimentos, filosofias ou práticas filantrópicas, embora durante o seu

ministério terreno tenha auxiliado os pobres com o apoio de seus discípulos (Lucas 8:3).

Jesus amou os seus discípulos retransmitindo estritamente o mandamento que é a vida, anunciando o evangelho conforme o Pai ordenou. Ao fazer os discípulos conhecerem a Deus e se ocupar em ensiná-los de modo que conhecessem mais e mais a vontade de Deus, Jesus retransmitiu **o amor que o Pai O amou**, de modo que o amor de Deus estivesse em seus seguidores.

“E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que **o amor com que me tens amado esteja neles**, e eu neles esteja.” (João 17:26).

Que amor (ἀγάπη) seria esse que o Pai amou (ἀγαπάω) o Filho? Qual seria o ‘amor’ com que Deus ‘amou’ o Filho estaria nos discípulos? O mandamento de Deus!

O substantivo grego ἀγάπη (amor) refere-se ao mandamento que o Pai deu ao Filho, amor esse que foi retransmitido aos homens. O verbo ἀγαπάω (amar) é demonstrado através do mandamento, que no verso é nomeado ἀγάπη (amor).

Para se ter comunhão com Deus se faz necessário andar em Cristo, a verdadeira luz que ilumina o mundo (João 1:9). Em outras palavras, só tem comunhão com Deus quem pratica a verdade, ou seja, quem crê em Cristo, ou no testemunho que o Pai deu do seu Filho (1 João 5:10).

Quem crê em Cristo anda na luz e está em Deus, por conseguinte, tem comunhão com os irmãos. Guardar a



palavra, praticar a verdade, andar na luz, crer em Cristo, etc., é amar a Deus, ou melhor, é estar ao abrigo do amor de Deus.

“Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado. (...) Mas qualquer que guarda a sua palavra, **o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado**; nisto conhecemos que estamos nele.” (1 João 1:6-7).

Em Cristo está o amor de Deus e, quando o homem crê em Cristo, o amor de Deus é verdadeiramente aperfeiçoado, ou seja, aqueles que creem no mandamento de Deus alcançam a vida eterna (Hebreus 5:9; 1 João 2:5). Deus deu o Seu mandamento a todos os homens para cumprir, ou seja, Deus ama a todos os homens sem distinção alguma, e aqueles que creem (obedecem) no Seu amor (mandamento), alcançam a redenção (amor aperfeiçoado).

A maior evidencia de que um cristão ama o seu irmão é a comunhão com Deus, que se estende aos membros do corpo de Cristo. Essa comunhão vai além da divisão do pão cotidiano, pois diz da comunhão de estar em Deus e Deus no crente, que é ser membro do corpo de Cristo.

Quando um cristão se propõe a manter o outro unido ao corpo de Cristo, a Igreja, verdadeiramente ama o seu irmão. Igreja neste contexto não diz de uma instituição

ou comunidade, e sim, do corpo místico de Cristo.

Jesus sabia que Ele era o amor do Pai evidenciado ao mundo, e por isso, se resignou em anunciar aos homens o mandamento do Pai, que é crer n'Ele. Da mesma forma que Jesus amou o jovem rico e determinou que ele vendesse tudo que possuía e distribuísse aos pobres, Deus amou o mundo ao dar o Seu único Filho para que os homens cressem.

Ao mesmo tempo, o Pai deu um mandamento ao Filho, e Cristo, como servo obediente entregou a Si mesmo, deixando um perfeito exemplo de obediência aos homens.

Nesse sentido, quem anuncia o evangelho tal como recebeu, ama o seu irmão, assim como Cristo amou os seus discípulos e anunciou o mandamento do Pai. Da mesma forma que Cristo em obediência ao Pai deu a sua vida em resgate de muitos, quem obedece ao evangelho nega-se a si mesmo, ou seja, dá a sua vida pelo irmão.

“Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim. E **quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim.** Quem achar a sua vida perdê-la-á; e **quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á.** Quem vos recebe, a mim me recebe; e quem me recebe a mim, recebe aquele que me enviou.”  
(Mateus 10:37-40).

*‘Dar a vida pelos irmãos’ não é ‘entregar o corpo para ser queimado’ ou ‘distribuir toda fortuna para o susten-*

*to dos pobres*’, pois é possível dar o corpo a ser queimado ou dar todos os bens para os pobres e não ter amor (1 Coríntios 13:2).

Há um único modo de amar o irmão assim como Cristo amou:

**“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos”** (1 João 5:2).

Qualquer que crê que Jesus é o Filho de Deus e que ressurgiu dentre os mortos pelo poder de Deus ama os filhos de Deus, pois só é membro da família de Deus quem faz a vontade de Deus: crê em Cristo.

**“Mas, respondendo ele, disse-lhes: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a executam.”** (Lucas 8:21).

Quem toma a sua cruz e segue após Cristo, ou perde a sua vida por amor a Cristo, esse ama e dá a sua vida pelos irmãos.

**“Conhecemos o amor nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos.”** (1 João 3:16).

**S**e o amor de Deus é guardar os seus mandamentos (1 João 5:3; 2 João 1:6), permanecer no amor de Deus é guardar os mandamentos de Deus, a exemplo do Senhor Jesus Cristo.

“Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que **eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai**, e permaneço no seu amor” (João 15:10).

Quando na carne, Jesus amou o Pai e evidenciou como os homens devem amar a Deus: fazendo o que o Pai ordenou. Como a obediência à palavra de Deus é o amor exigido, obedecer é o mesmo que amá-Lo, ou permanecer no seu amor.

Apesar das mudanças socioculturais, a relação pai e filho subsiste em todos os tempos e sociedades, portanto, serve como figura para ilustrar a relação entre Deus e os homens.

O vínculo entre pai e filho no transcorrer das eras é forte em todas culturas, e a base desse vínculo geralmente é nomeado amor. Outrora o amor designava tanto o cuidado dispensado pelo pai quanto o dever de obediência dos filhos, mas, nos dias atuais, o amor entre pai e filho se transmutou somente em afetividade.

Para o homem do nosso tempo, a relação pai e filho tem por base somente questões de ordem sentimental, porém, à época de Cristo, a relação pai e filho, além do vínculo de sangue e dos direitos decorrentes, tinha por base a honra que o filho dispensava ao pai, que em contra partida, dispensava o seu cuidado ao filho.

Embora os fariseus alegassem que tinham Deus por pai (João 8:41), ao ordenar que fossem aprender o significado de *‘misericórdia quero’* (Mateus 9:13 e 12:7), Jesus evidenciou que eles não obedeciam a Deus.

Na condição de Pai, Deus requer de seus filhos obediência à sua palavra (Malaquias 1:6; Mateus 15:4; João 5:23), que em outras palavras é honrá-Lo e amá-Lo. Quem se submete a uma ordem se faz servo, pois abre mão de sua vontade para executar a vontade de seu senhor.

Nesse sentido, aos filhos cabe honrar<sup>15</sup> o pai através da obediência, pois não há outra forma de fazê-lo.

“O filho honra o pai, e o servo o seu senhor; se eu sou pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o meu temor? diz o SENHOR dos Exércitos a vós, ó sacerdotes, que desprezais o meu nome. E vós dizeis: Em que nós temos desprezado o teu nome?” (Malaquias 1:6).

O filho deve honra ao pai, e o servo deve obediência ao mandamento (temor) do seu senhor. Embora os sacerdotes em Israel alegassem que tinham Deus por pai ou que eram seus servos, desprezavam-No, ou seja, não honravam e nem consideram o mandamento (temor) do Senhor.

Dizer ‘bom mestre’ não é honrar e nem é amar. Obedecer é amar e honrar, o que é próprio ao servo, que abre mão de seguir sua própria vontade para servir ao seu senhor. Só serve a Cristo aquele que segue após Cristo, não se apartando do seu Senhor.

“Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali

<sup>15</sup> “Mas a autoridade do pai sobre os filhos é real, porque ele é pai, porque governa com amor, porque tem a preeminência da idade, caracteres distintivos da autoridade real. Eis porque Homero, chamando júpiter de pai dos deuses e dos homens, di-lo com razão o rei de todos esses seres.” (ARISTÓTELES, 2011, p. 41).

estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará” (João 12:26).

O verso 16, de primeira João, capítulo 3, evidencia a ágape: Cristo deu Sua vida. O ato de Cristo dar a vida é um resumo da mensagem do evangelho, que consiste no anunciado pelos profetas, o nascimento de Cristo, o ministério de Jesus e Sua morte em obediência a vontade do Pai.

“Nisto conhecemos o amor: que **Cristo deu a sua vida por nós**; e devemos dar nossa vida<sup>16</sup> pelos irmãos” (1 João 3:16).

O amor conhecido apenas no evangelho é chamado a cruz de Cristo, poder de Deus, sangue precioso, etc., nomes que descrevem o ato de Cristo dar sua vida.

No verso seguinte, o apóstolo amado argumenta que se alguém tem bens, que deve atender a necessidade do seu irmão, um exemplo utilizado para demonstra a essência da ágape:

“Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” (1 João 3:17).

“Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará” (João 12:26).

O argumento do evangelista João que disse: *‘vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas’* não é o

<sup>16</sup> Não se pode esquecer o que é a ‘nossa vida’ dentro do contexto apresentado pelo apóstolo Paulo: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória” (Colossenses 3:4).

mandamento, mas muitos confundem o argumento do evangelista como sendo a essência do mandamento. O argumento serve somente para dar peso ao seguinte pensamento: assim como é dever daquele que possui recursos materiais atender a necessidade de seus familiares, quem está de posse do amor de Deus<sup>17</sup> deve dar a vida pelos irmãos.

Quando o apóstolo João disse: “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade.” (1 Joao 3:18), na ordem não há apelo de ordem emocional como: - ‘*Sintam amor por Deus*’, ou – ‘*Tenham afeto por Deus*’, ou – “Reparta seus bens com os irmãos”, etc.

O apelo do apóstolo João está além de questões materiais, pois envolve obediência, sujeição e serviço a Deus.

Uma má leitura do versículo acima é entender que amar ‘*por obra e em verdade*’ se dá através de ações assistencialistas, como caridades, doações, contribuições, etc.

Quem ama a si mesmo, submete-se à vontade de Deus, condição essencial para compartilhar o cuidado de Deus com o seu irmão, que se resume em retransmitir o Seu mandamento.

Quando escreveu à senhora eleita, o apóstolo João relembra o mandamento que era desde o princípio: ‘*que*

<sup>17</sup> O verso em comento traz a argumentação final “... como estará nele o amor de Deus” como essencial ao exemplo “*Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas...*” (1 João 3:17), sendo que a argumentação final é essencial ao mandamento: dar a vida pelos irmãos. Para uma interpretação correta do verso temos que lembrar que: a) nos manuscritos mais antigos não havia qualquer pontuação, acentos e que a escrita das palavras eram contínuas, e; b) que ações de caridade ou humanitária não se evidenciam o amor de Deus.



*nos amemos uns aos outros*'. Mas, como amar uns aos outros? A resposta é: *'que andemos segundo os Seus mandamentos*' (2 João 1:6).

Só é possível amar o irmão quando se obedece a Deus praticando o Seu mandamento:

**“E o Seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o Seu mandamento.”** (1 João 3:23).

Quem não obedece a Deus é mentiroso e homicida, portanto, não tem como amar (cuidar) o seu irmão. Mentiroso no contexto é condição do ser como *vil, baixo, mau*, ralé, e não uma referência ao ato de faltar com a verdade. É em função da natureza que o apóstolo Paulo afirma que *'sempre seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso*' (Romanos 3:4), uma vez que todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.

O exemplo do verso 17, de primeira João 3, temos o substantivo grego *σπλάγχνα* (*splagchnon*) que trata de sentimentos, emoções e afeto, e não do amor como mandamento. Quem tem afeição pelo irmão jamais cerraria as suas entranhas, semelhantemente, que tem o amor de Deus jamais negará a sua vida aos irmãos.

A pergunta: *“... como estará nele o amor de Deus”*, está vinculada ao dever de dar a vida pelos irmãos, e não ao exemplo que foi apresentado em seguida, que envolve questões materiais. Se alguém possui a vida eterna concedida por Cristo e se negar a dá-la aos irmãos, como poderia estar nele o amor de Deus? Seria um contrassenso ter o amor que Cristo deu ao entregar a sua vida e se negar a conceder esse mesmo amor a quem necessita (1 João 3:16).

De outra banda, é possível alguém não ter o amor de Deus e dar bens materiais aos necessitados. Socorrer as necessidades básicas de alguém não é sinônimo de ter o amor de Deus, mas conceder o mandamento de Deus tal qual recebeu, aí se evidencia o amor de Deus.

Existiram ‘cristãos’ que neles não estava o amor de Deus? Analisando algumas passagens do Novo Testamento, identificamos algumas pessoas que se diziam cristãs, mas que promoviam o judaísmo, eram tendenciosas e não promoviam o amor de Cristo aos gentios, pois o que anunciavam estava amalgamado às questões da lei como se o *‘fermento dos fariseus’* fosse o evangelho de Cristo (Atos 15:1 e 5).

A abordagem do apóstolo João acerca do amor aos irmãos não visa promover as *‘dádivas’* (Filipenses 4:17), antes o mandamento (amor) de Deus, pois, em dar bens materiais ou satisfazer as necessidades dos irmãos não está o amor, e sim, em dar a vida (mandamento) (João 12:50).

Conceder bens deste mundo aos seus filhos (semelhantes), até os maus assim procedem, mas, só os filhos do Pai Celeste podem repartir com os que necessitam o pão vivo que desceu dos céus.

“Se vós, pois, sendo maus, **sabeis dar boas coisas aos vossos filhos**, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhe pedirem?” (Mateus 7:11; Filipenses 4:17).

O cristão tem o dever de dar a vida pelos irmãos, assim

como Cristo deu a sua vida, deste modo, deve se portar como alguém que possui bens deste mundo e não despede vazio o irmão necessitado.

Só é possível dar a vida pelo irmão quando se está de posse da vida, ou seja, quando passou da morte para a vida. Quem não ama o seu irmão, permanece na morte, pois ama o mundo, e não tem como dar o que não possui para o irmão (1 João 2:15 e 3:14).

Quem não socorre os membros do corpo de Cristo defendendo a verdade do evangelho, que é o único modo de preservar a comunhão do corpo de Cristo na unidade do Espírito (evangelho), na verdade, não tem em si mesmo o amor de Deus.

Dar a vida pelos irmãos é a premissa maior, mas para evitar qualquer divisão, o cuidado dispensado aos membros do corpo de Cristo tem que ser igual, ou seja, sem privilegiar uma pessoa em detrimento de outra por questões como etnia, nacionalidade, língua, sexo, etc.

**“Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.”** (1 Coríntios 12:25-26).

O apóstolo Paulo é um exemplo límpido de alguém que deu a sua vida pelos irmãos:

**“Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado.”** (2 Coríntios 12:15).

O apóstolo Paulo buscava igualdade social, distribuição de renda, fim da escravidão? Não! Ele buscava o aperfeiçoamento dos cristãos através da unidade da fé

(evangelho), segundo o poder que lhe foi conferido. O apóstolo se deixava gastar pelo abundante cuidado que tinha pelas almas, porém, o seu cuidado não era correspondido à altura por muitos (2 Coríntios 12:9-14; 1 Coríntios 1:18; João 17:13).

Assim como a cabeça, que é Cristo, cuida de todos os membros do Seu corpo, aquele que pertence ao corpo está ligado à cabeça, e busca fazer o que é necessário para preservar a unidade do corpo, que se dá através da comunhão dos membros.

A igreja, o corpo de Cristo, se dá pela união da cabeça, que é Cristo, com os seus membros em particular. A unidade do corpo decorre do espírito, a palavra da verdade, e cada membro em particular deve falar única e exclusivamente a verdade do evangelho uns com os outros.

**“Por isso deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros.” (Efésios 4:25).**

Cristo cuida e alimenta o seu corpo através da palavra, que para alguns é leite racional e, para outros, alimento sólido (Efésios 6:29), e todos quantos ministram a palavra de Cristo, cuidam da manutenção e da comunhão dos santos, ou seja, amam a Deus e amam os seus irmãos (2 Pedro 3:2).

Amar por obra e em verdade é crer em Cristo, e amar segundo o Seu mandamento, que é a verdade, é anunciar e defender a verdade do evangelho.

**“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o Seu mandamento” (1 João 3:23).**

Só é possível amar a Deus quando em comunhão com Ele

Ele, do mesmo modo, só é possível amar uns aos outros quando em comunhão com o corpo de Cristo. Aquele que crê ama a Deus, pois cumpriu o mandamento, agora deve cuidar (amar) dos outros de modo que permaneçam crendo em Cristo.

O amor não se evidencia em doar bens materiais, porque de nada adianta doar todos os bens se o filantropo não está em comunhão com Cristo (1 Coríntios 13:3). O amor não é sentimento, afinidade, preferência, e sim mandamento, e mandamento só se efetiva através da obediência.

“E o amor é este: que andemos segundo os Seus mandamentos. Este é o mandamento (...) que andeis nele.” (2 João 1:6 e 1 João 5:3).

Na Antiga Aliança, o mandamento de Deus era:

“Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que este.” (Marcos 12:30-31).

Considerando que tudo que Jesus falava, falava por parábolas, certo é que no primeiro e grande mandamento da lei havia enigmas para interpretar. Em Israel muitos leram, outros ouviram, porém, não entendiam e nem compreendiam como cumprir o primeiro e grande mandamento da lei.

Para os filhos de Jacó a lei se tornou um monte de regras sobre regras, mandamentos sobre mandamentos, e não compreenderam que para amar a Deus era necessário cumprir este mandamento:

“Circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração, e não mais endureçais a vossa cerviz.” (Deuteronômio 10:16).

Bastava aos filhos de Jacó confiarem n’Aquele que circuncida o coração que, como Abraão, cumpririam toda a lei!

O jovem rico retrata perfeitamente a nação de Israel, visto que, na sua grande maioria seguia o estipulado nos dez mandamentos, porém, faltava o essencial: o amor!

“Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 19:18-19; Êxodo 20:2-17).

O que faltou ao jovem rico não era sentimento, prazer na alma ou espontaneidade para fazer o que desejava em relação à lei, antes, o que faltava era um coração que obedecesse, temesse e amasse a Deus (Deuteronômio 5:29).

Os filhos de Jacó achavam que se resignar em cumprir as restrições da lei os tornava justo e dignos do reino de Deus, porém, a lei tinha outra função, evidenciar que, assim como o restante da humanidade, eles também eram pecadores.

Se os judeus fossem justos de fato, Deus não daria a lei por mão de um profeta, mas como careciam de Deus, a lei foi dada para demonstrar que eram roubadores, adúlteros, falsos, etc.

“Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de



homens, para os mentirosos, para os perjuros...” (1 Timóteo 1:9-10).

Quando disse: “Ele, porém, respondendo, lhe disse: Mestre, tudo isso guardei desde a minha mocidade.” (Marcos 10:20), o jovem rico evidenciou que não fazia uso legítimo da lei, pois o que fazia não era motivo de vanglória diante de Deus, antes, deveria admitir que era miserável pecador.

“O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!” (Lucas 18:13).

A Lei, os Profetas e os Salmos acusavam os filhos de Israel de pecado, porém, eles não admitiam que eram pecadores, ou seja, eram pessoas de dura cerviz, o que impedia que Deus circuncidasse os seus corações.

Quando entraram na terra prometida, Deus avisou os filhos de Jacó de que eles não eram justos, mas que estavam entrando na terra porque Deus amava os pais e não podia deixar de cumprir a sua palavra.

“Porque povo santo és ao SENHOR teu Deus; o SENHOR teu Deus te escolheu, para que lhe fosses o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a terra. **O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu**, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; mas, **porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da ser-**



vidão, da mão de Faraó, rei do Egito. Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos. E retribui no rosto qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto lho pagará. Guarda, pois, os mandamentos e os estatutos e os juízos que hoje te mando cumprir.” (Deuteronômio 7:6-11).

“Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o SENHOR teu Deus te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo obstinado.” (Deuteronômio 9:6).

O obstinado não se deixa instruir e se guia por suas próprias convicções. É aquele que adota práticas se dizendo servo de Deus, mas que não acata a ordem de Deus.

Deus exigia dos filhos de Israel conversão, o que implicava em admissão de culpa, mas eles cada dia mais se lançavam aos sacrifícios e criação de novas regras, evidenciando obstinação e insensibilidade aos castigos.

“E te converteres ao SENHOR teu Deus, e deres ouvidos à sua voz, conforme a tudo o que eu te ordeno hoje, tu e teus filhos, com todo o teu coração, e com toda a tua alma,” (Deuteronômio 30:20);

“Ai, nação pecadora, povo carregado de iniquidade, descendência de malfeitores, filhos corruptores; deixaram ao SENHOR, blasfemaram o Santo de Israel, voltaram para trás. Por que sereis ainda castigados, se mais vos rebelardes? Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco.” (Isaías 1:4-5).

O castigo era *evidência* do amor de Deus, mas do que adianta castigar obstinados?

“E já vos esquecesteis da exortação que argumenta convosco como filhos: Filho meu, não desprezes a correção do SENHOR, E não desmaies quando por ele fores repreendido; Porque o Senhor corrige o que ama, E açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos.” (Hebreus 12:5-8).

Se o jovem rico tivesse compreendido o papel da lei, teria ido a Cristo clamando por misericórdia (Romanos 10:4; Gálatas 3:4), e não esperando reconhecimento por cumprir pontos da lei. Se admitisse que era cego, pobre e nu ao ver o Cristo, alcançaria misericórdia, e teria o coração circuncidado por Deus.

Somente após Deus realizar a sua obra, que é a circuncisão do coração, seria possível ao jovem rico amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo entendimento, etc., como se lê:

“E o Senhor teu Deus **circuncidará** o teu coração (...), **para** amares ao Senhor teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma.” (Deuteronômio 30:6).

Um coração incircunciso está morto diante de Deus, por isso a necessidade da incisão que só Deus pode operar, quando Deus dá um novo coração e um novo espírito. Somente após ser circuncidado por Deus o homem passa a ter vida, comunhão com Deus:

“E o Senhor teu Deus **circuncidará** o teu coração (...) **para** que vivas.” (Deuteronômio 30:6; Ezequiel 11:19).

A circuncisão de Deus é para o homem obter vida, pois Deus é Deus de vivos, e não de mortos. Enquanto a circuncisão do prepúcio era quesito para um indivíduo ser membro da nação de Israel, a circuncisão do coração é imprescindível para ser participante do Israel de Deus (Romanos 9:6).

Somente Deus pode realizar a circuncisão do coração de modo que o homem venha a amá-Lo, e para alcançar a circuncisão do coração é preciso ao homem reconhecer que é pecador e que carece de misericórdia.

“E o Senhor teu Deus **circuncidará** o teu coração, e o coração de tua descendência, **para amares** ao Senhor teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma, para que vivas.” (Deuteronômio 30:6).

Após ser circuncidado pelo Senhor, o homem recebe um novo coração e um novo espírito (Salmo 51:10). É tirado o coração de pedra e concedido um coração de carne (Ezequiel 36:26). É criado em verdadeira justiça e santidade um novo homem (Efésios 4:24). Tudo se faz novo, de modo que não há nenhuma condenação (Romanos 8:1)!

O profeta Ezequiel anunciou que, através da sua palavra (água pura), Deus haveria de conceder um novo coração e um novo espírito aos homens, que é o mesmo que o novo nascimento. Quando o homem crê em Cristo, Deus passa a habitá-lo, condição imprescindível para que os homens amem, andem, guardem e cumpram os estatutos de Deus (Ezequiel 36:25-27).

Somente após receber um novo coração e um novo espírito (nascer de novo), o homem regenerado passa a adorar a Deus em espírito e em verdade, ou seja, conse-

gue amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento.

Deus deu testemunho de que Abraão cumpriu toda a lei 430 anos antes de ser entregue a lei a Moisés pois, quando creu, Deus circuncidou o prepúcio do coração de Abraão. **Ao declará-lo justificado, Deus deu a Abraão o sinal da circuncisão**, selo da justiça da fé, pois a circuncisão é a do coração, e não a da carne (Romanos 2:29; Gênesis 26:5; Romanos 4:11).

Elogiar a Cristo não é o mesmo que amar a Deus de todo o coração.

“Muito bem, Mestre, e com verdade disseste...!”  
(Mateus 12:32-33).

Para o escriba também ainda faltava alguma coisa, pois não basta reconhecer que Jesus apresentou um ensino verdadeiro:

“Não estás longe do reino de Deus.” (Mateus 12:34).

Se o escriba observasse melhor, veria que a porta para ter acesso ao reino de Deus estava aberta bem a sua frente! Se ele abandonasse os seus conceitos (arrependimento), veria o quão próximo estava o reino dos céus:

“Arrependei-vos, pois está próximo o reino dos céus.”  
(Mateus 3:2).

**O** estilo de escrita do apóstolo João se assemelha a estrutura das poesias hebraicas, principalmente às epístolas, o que proporciona parâmetros seguro para uma boa leitura e interpretação.

As ideias desenvolvidas nas epístolas do evangelista João são apresentadas através de asserções ou proposições simples. Quando se trata de asserções, as afirmações se assemelham a definições, mas, quando se tratam de proposições, por se tratar do evangelho, o leitor tem elementos para determinar se o valor lógico da proposição é verdadeiro ou falso, o que gera uma espécie de trava lógica.

Um versículo com duas proposições, em que a primeira é reafirmada ou negada pela segunda, remete o leitor a essência da poesia hebraica, que trabalha com o chamado paralelismo dístico, ou seja, proposições que expressam pensamentos sinônimos em cada frase.

Quando o apóstolo João apresenta uma asserção, geralmente a abordagem seguinte é uma negativa que realça a verdade anterior.

**“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus.”** (1 João 4:2-3).

O apóstolo João em muitas asserções procura ser assertivo, de modo a evidenciar posicionamento anterior, ou dar base para o desenvolvimento de ideia posterior.

Quando o apóstolo repete a mensagem que ouviu de Cristo, é bem assertivo: **“Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma.”** (1 João 1:5), e estabelece o argumento principal que dará base para as argumentações seguintes:

a) ***“Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade”*** (v. 6);

b) *“Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado”* (v. 7);

c) *“Se dissermos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e não há verdade em nós”* (v. 8);

d) *“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça”* (v.9);

e) *“Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós”* (v. 10).

Para compreender os versículos acima, se faz necessário ter em mente os pseudosseguidores de Cristo que diziam crer n’Ele, mas que de fato não criam. Como isso é possível?

Observe o comportamento de alguns discípulos que diziam crer em Cristo, mas quando confrontados, evidenciaram o que havia no coração:

*“Jesus dizia, pois, aos judeus que **criam nele**: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.”* (João 8:31-32).

Eram judeus que diziam ter comunhão com Cristo, mas quando alertados que deveriam permanecer na sua palavra para serem discípulos de fato, quando se tornariam um com Cristo (conhecereis a verdade), e libertos por Cristo (a verdade vos libertará), contra argumentaram que, como descendentes de Abraão, nunca foram escravos.

Aqueles judeus diziam ter comunhão com Cristo, porém, *‘andavam em trevas’, ‘mentiam’ e ‘não praticavam a verdade’*. Se não reconheciam uma realidade social, pois

desde a diáspora estavam sob domínio dos gentios, como poderiam reconhecer uma realidade espiritual: que eram pecadores.

Jesus estava destacando uma realidade espiritual: eles precisavam ser livres do pecado, mas contra-argumentaram apontando uma questão terrena e ainda foram desonestos, vez que eram escravos dos romanos.

O versículo 7 é um contraponto ao versículo 6, pois quem diz ter comunhão com Cristo, tem que andar com Ele (na Luz, permanecendo na sua palavra), assim como Cristo está em Deus (na Luz).

Se a pessoa segue ou permanece nos ensinamentos de Cristo, tem comunhão com Ele (v. 6; João 8:38), e tem comunhão uns com os outros (v. 7). Por ter comunhão com Cristo, essa pessoa verdadeiramente está na luz, ou seja, é livre, porque foi purificado de todo pecado (v. 7; João 8:32 e 36).

A diferença entre os textos do capítulo 8 do evangelho de João e a sua primeira epístola é a figura utilizada para fazer referência ao pecado. No evangelho de João, Jesus aponta o pecado como um senhor e os homens como servos, e nas epístolas, o evangelista aborda o pecado como uma mancha.

Se aqueles que estão em comunhão com Cristo são purificados de todo pecado, isto significa que permaneceram no ensino de Cristo e conheceram (comunhão) a verdade, portanto, estão livres do pecado.

Voltando a abordagem do evangelista na sua primeira epístola, qualquer que ouve a mensagem anunciada por Cristo, que diz: “*Deus é luz*”, e em lugar de reconhecer



que precisa ser liberto por Cristo, disser que não tem pecado ou que não é cego, engana-se e não está na verdade.

“Se dissermos que **não temos pecado**, enganamos a nós mesmos, e não há verdade em nós.” (1 João 1:8);

“Disse-lhes Jesus: Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas **como agora dizeis: Vemos**; por isso o vosso pecado permanece.” (João 9:41).

Aqui cabe uma ressalva, pois muitos cristãos que dizem ter comunhão com Cristo, por má leitura desses versículos, continuam dizendo que são pecadores, mesmo quando Jesus afirma que quem permanece n’Ele é limpo de todo pecado ou, em outras palavras, é verdadeiramente livre.

Somente quem ainda não creu em Cristo conforme diz as Escrituras e ouve a mensagem do evangelho é que deve ter consciência de pecado (admitir que é pecador, ou que é cego), diferentemente daquele que creu e permanece no ensino de Cristo, portanto, não é pecador, visto que Cristo não é ministro do pecado.

“Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo, **nós mesmos também somos achados pecadores**, é porventura Cristo ministro do pecado? De maneira nenhuma.” (Gálatas 2:17).

O posicionamento dos judeus que dizem crer em Cristo, mas que rejeitaram o ensinamento de Cristo, era o mesmo que ‘fazer’ Deus mentiroso e, por isso, a palavra de Cristo não estava neles (v. 10). Como aqueles judeus

não admitiram (confessar) que eram pecadores, não foram perdoados, pois Deus sendo fiel e justo, não pode negar a Si mesmo (v. 9; 2 Timóteo 2:12).

Através do estilo de escrita do evangelista João, que estabelece que quem cumpre os mandamentos de Deus o ama, e que o mandamento é crer em Cristo, conclui-se que quem crê em Cristo ama a Deus.

Esse mesmo estilo de escrita permite demonstrar que amar os filhos de Deus (uns aos outros), não diz especificamente de ter empatia ou de suprir as necessidades materiais, e sim, amar a Deus, sujeitar-se a Deus.

**“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.”** (1 João 5:2).

Observe que na passagem de primeira João 5, versos 1 à 3, o tradutor faz distinção entre ‘*amar a Deus*’ **e** ‘*guardar os Seus mandamentos*’, dicotomizando uma ideia que é una. A tradução, dentro do que já analisamos, deveria ser:

*‘... quando amamos a Deus guardamos os Seus mandamentos’.*

Observe essa frase no grego:

*‘... του θεου οταν τον θεον αγαπωμεν και τας εντολας αυτου τηρωμεν’* Byzantine/Majority Text (2000).

Na frase a conjunção *καί*, traduzida por ‘e’, indica que amar a Deus é o mesmo que guardar os mandamentos de Deus, e não que é necessário amar a Deus e, concomitantemente, guardar os seus mandamentos, como se fossem premissas distintas.

Na frase, a conjunção καὶ assume um valor explicativo (de fato, a saber), demonstrando que o elemento posterior é equivalente ao anterior. Na língua portuguesa, a conjunção ‘e’, denominada ‘copulativas’, ‘aproximativas’ ou ‘aditivas’ estabelecem uma relação de ligação entre duas orações ou palavras expressando uma ideia de adição, soma ou acréscimo, porém, acaba por dicotomizar uma ideia ou ação. Ex.: ‘*Fabio jogou bola e descansou*’; ‘*Agrediu a outro e foi agredido*’.

Já no versículo: “**Amarás, pois, o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças.**” (Deuteronômio 6:5), a conjunção ‘e’ somente coordena os elementos da oração, porém, as ações descritas são indissociáveis, pois o amor exigido só é pleno quando emana concomitantemente do coração, da alma e da força, ou seja, do indivíduo.

**É** equivocada a ideia de que o apóstolo amado recomendou aos seus leitores que amassem uns aos outros porque, à época, ele constatou que as relações interpessoais dos seus interlocutores eram desprovidas de afeto natural.

Na verdade, tanto o evangelho de João quanto as epístolas de João visam defender a verdade do evangelho, assim como fizeram o apóstolo Paulo e Judas.

Analisando as epístolas do apóstolo João, fica evidente que ele procurou preservar inalterado o mandamento de Deus, pois se no mandamento está o amor de Deus e a vida eterna (1 João 2:7 e 24), permitir distorções é ini-

mizade com Deus e morte eterna.

“Conservai-vos a vós mesmos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.” (Judas 21).

‘*Se conservar*’ no amor de Deus é *perseverar*, permanecer firmado, ou seja, não se demover da verdade do evangelho, mas para isso, o evangelho não pode sofrer alteração.

“Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contra dizentes.” (Tito 1:9).

Para evitar a ideia que o amor aos irmãos é de ordem afetiva, se faz imprescindível uma releitura dos ensinamentos do apóstolo João em sua primeira epístola à luz do ensinamento de que o amor de Deus é o Seu mandamento.

Considerar o vínculo que alguns termos possuem com o que foi anunciado pelos profetas no Antigo Testamento é imprescindível para uma boa releitura. Ao considerar o vínculo que há entre os termos utilizados pelo apóstolo e os termos utilizados pelos profetas, o leitor terá elementos para se desvencilhar dos conceitos da atualidade que, ao longo dos tempos, foram cunhados por diversos movimentos culturais e filosóficos, e impregnaram o termo ágape de sentimentalismo, o que não possui relação com a ideia defendida pelo apóstolo João.

No início da epístola, o discípulo amado demonstra que

testificou acerca de Cristo para que os seus interlocutores, cristãos convertidos dentre os judeus, tivessem comunhão com a Igreja, o corpo de Cristo, deste modo, teriam comunhão com o Pai e o Filho (1 João 1:3).

Em seguida, o apóstolo João alerta que quem *‘conhece’* a Deus *‘guarda’* os Seus mandamentos, ou seja, quem crê que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (1 João 2:3), mas qualquer que diz que conhece (estar n’Ele) a Cristo e não guarda os Seus mandamentos, está perdido, pois as trevas lhe cegaram os olhos (1 João 2:11).

Os interlocutores da epístola haviam passado da morte para a vida, visto que creram em Jesus e estavam em comunhão (amavam) uns com os outros (1 João 3:14 comparado com 3:23), porém, havia entre os cristãos aqueles que diziam que amavam a Deus (palavra e língua), porém, não tinham comunhão (odiavam) com os irmãos e nem com a Igreja de Cristo (1 João 1:3).

O alerta do apóstolo era por causa de indivíduos que buscavam enganar os cristãos apresentando um outro evangelho. Sobre essas pessoas operava o espírito do anticristo e, algumas delas haviam saído do seio da Igreja (1 João 2:18-26).

O apóstolo alerta os seus leitores de que, quem não tem comunhão com os irmãos (Igreja) é homicida e, que eles não estavam em comunhão com Deus, que é amor, verdade e vida (1 João 3:15).

A comunhão que o apóstolo João faz referência não diz das relações interpessoais entre os cristãos, e sim, da verdade do evangelho que compartilhavam. A fé do evangelho é a essência da comunhão cristã.

**“Isto é, para que juntamente convosco eu seja conso-**

lado pela fé mútua, assim vossa como minha.”  
(Romanos 1:12).

Qualquer que professasse um evangelho diverso do anunciado pelos apóstolos de Cristo, por mais que fossem hospitaleiros e generosos nas relações interpessoais, não estavam em comunhão com Cristo ou com a Igreja.

Um exemplo de comunhão verdadeira temos no apóstolo Paulo e Barnabé, que certa feita, apesar de se desentenderem, a ponto de se apartarem um do outro, estavam em plena comunhão com o corpo de Cristo. Discordaram acerca de quem eles deveriam levar durante a viagem missionária, contudo, a uma mente comungavam da verdade do evangelho.

“E tal contenda houve entre eles, que apartaram um do outro. Barnabé levando consigo a Marcos, navegou para Chipre” (Atos 15:39).

Qualquer que não comunga da verdade do evangelho, ou que procura apresentar um outro evangelho é anátema. O apóstolo João nomeia qualquer que anuncie outro evangelho de *homicida*. A mensagem de Cristo é o amor, mas as mensagens dos falsos profetas e dos anticristos são ódio.

É observando quem obedece ao evangelho, ou seja, que pratica a justiça, que se identifica quem é filho de Deus e quem é filho do adversário. Os filhos do adversário não pertencem a Deus por não praticar o mandamento de Deus, e por isso, não ama o seu irmão.

“Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus.” (1 João 3:10).

Quando o apóstolo João faz referência a Caim, como propriedade do maligno, destaca que ele matou Abel porque as suas obras eram más.

“Não como Caim, que era do maligno, e matou a seu irmão. E por que causa o matou? Porque as suas obras eram más e as de seu irmão justas” (1 João 3:12).

Aqueles cuja *‘obras eram más’* é um modo de fazer referência aos opositores de Cristo, ou seja, qualquer que promove heresia de perdição se opõe a verdade do evangelho, portanto, possui as mesmas motivações de Caim (João 3:19-21).

Ao apontar Caim como homicida do seu irmão, o apóstolo João demonstra que aqueles que produzem obras justas (creem no amor de Deus) são alvos do ódio dos filhos do maligno (que não creem). Os filhos do maligno odeiam os filhos da luz porque as obras destes são justas, e as obras daqueles, são más.

Como é possível um filho do maligno matar um filho da luz? Fazendo com que o filho da luz deixe de viver conforme a verdade que há em Cristo e passe a comungar de outro evangelho (1 João 3:13 e 15).

Quando alguém anuncia um evangelho diverso do anunciado por Cristo, o amor de Deus não foi verdadeiramente aperfeiçoado e, em suma, é alguém que odeia o seu irmão, um homicida, pois a sua palavra é segundo o espírito do anticristo, que induz à perdição.

Certa feita o Senhor Jesus se levantou durante a ceia e tirou a vestimenta de cima. Pegou uma toalha e se cingiu.



Colocou água em uma bacia e começou a lavar os pés dos discípulos. Quando terminou de lavar os pés de todos, Jesus determinou aos seus discípulos que seguissem o seu exemplo, fazendo o que Ele fez (João 13:14-15).

O evangelista João antes de narrar o evento destacou que Cristo cuidou (amou) dos seus discípulos e, que cuidou deles até o fim (João 13:1). Todos os discípulos, exceto Judas, estavam limpos por causa da palavra de Cristo (João 15:3), porém, do mesmo modo que Cristo lavou os pés dos seus discípulos, eles deviam fazer de igual modo .

Ao dar-lhes o exemplo como mandamento a ser seguido, Jesus reitera o seu amor:

“Se sabeis estas coisas, bem aventurado sois se as fizerdes.” (João 13:17).

Jesus lavou os discípulos pela palavra porque não falou de Si mesmo, antes, falou tudo o que o Pai lhe prescreveu (João 12:49-50; Isaías 58:13). Ele sabia que o mandamento de Deus é o amor de Deus e que no mandamento está a vida eterna. O mandamento de Deus é a palavra que limpa, de modo que os discípulos estavam limpos pela palavra (Ezequiel 36:25).

O que limpa é a palavra, e quase todos os discípulos estavam limpos, exceto Judas, o Iscariotes. Quando Jesus lavou os pés dos discípulos, estava dando exemplo para que cada discípulo cuidasse do seu irmão, pois haveria momentos que seria necessário lavarem os pés uns dos outros.

Como foram lavados por Cristo, os discípulos tinham parte com Cristo (João 13:8), mas, durante a caminhada desta vida, é dever dos discípulos de Cristo lavarem os pés uns dos outros, segundo o que Cristo prescreveu.

Quando o apóstolo Paulo repreendeu o apóstolo Pedro porque este se tornou repreensível (Gálatas 2:11), ocorreu entre eles um *'lavar dos pés'*, já que o apóstolo Pedro e aqueles que estavam com ele, naquele evento em particular, não andavam conforme a verdade do evangelho (Gálatas 2:14).

Aquele que crê ser Cristo o Filho unigênito de Deus, que foi morto, ressurgiu e se assentou à destra da majestade nas alturas, está em comunhão com Deus e com os irmãos, e deve se portar segundo a mensagem do evangelho: evitando qualquer divisão no corpo. O apóstolo Paulo amou os irmãos ao repreender o apóstolo Pedro, e o apóstolo Pedro, por sua vez, amou os irmãos ao se deixar instruir.

Semelhantemente, qualquer que nega que Jesus veio em carne, ou que não tenha morrido ou ressuscitado, é mentiroso, não está em Deus e as suas palavras não são conforme o amor que Deus ordenou, mas são palavras de um homicida que promove dissensão (1 João 4:3-4).

O exemplo no qual o discípulo amado faz referência às necessidades físicas de um membro da família, evidencia a necessidade premente dos cristãos comungarem da doutrina de Cristo, pois a multiforme graça de Deus é o dom que cada um recebeu:

**“Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus.”** (1 Pedro 4:10; 1 João 1:3).

A preocupação dos apóstolos não era com vestimentas e alimentos, pois o reino de Deus não é comida e nem bebida (Romanos 14:17), pois os bons despenseiros se ocupam em administrar o evangelho como recebeu, e assim, repartem o pão com o faminto, recolhem em casa o pobre e cobrem o nu, como se lê:

“Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?” (Isaias 58:7).

Neste diapasão, mesmo que alguém doe todos os seus bens e até entregue o seu corpo para ser queimado, mas nega que Cristo veio em carne, não ama a Deus, não está em comunhão com o corpo de Cristo, odeia o seu irmão e é homicida.

Somente através da palavra que alguém professa é possível saber se uma pessoa, que se diz cristã, permanece ligada à cabeça, que é Cristo, pois, pelo fruto<sup>18</sup> se conhece a árvore (1 João 3:24; 2 João 1:9).

Sobre a contribuição para os irmãos necessitados, o apóstolo Paulo disse:

“Quanto, porém, ao amor fraternal, **não necessitais de que vos escreva**, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus que vos ameis uns aos outros.” (1 Tessalonicenses 4:9-10).

Mas, com relação à salvação, o evangelho da verdade, temos:

<sup>18</sup> O fruto vincula-se aos lábios, aquilo que o homem professa. O fruto está ligado com o que o homem professa acerca de Cristo, e não com as boas ações (Hebreus 13:15; Oséias 14:2, Provérbios 18:20).

“Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós.” (Filipenses 3:1).

Como o mandamento de Deus é amor e vida (João 12:50; 1 João 5:3), só é possível ao cristão transmitir o amor e a vida se tiver o mesmo cuidado que Cristo e os apóstolos tiveram:

“E sei que o seu mandamento é a vida eterna. Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai mo tem dito.” (João 12:50).

O mandamento é a palavra que Cristo falou estritamente como o Pai lhe disse, e que os apóstolos retransmitiram aos cristãos (1 João 2:7; 2 Pedro 2:21 e 3:2; Tito 1:3; 1 Timóteo 6:14). Sabedor de que o mandamento é amor e vida, o mandamento deve ser preservado tal qual foi recebido do Senhor, pois, qualquer distorção deixará de ser o mandamento de vida.

A ênfase das cartas do apóstolo João é a comunhão com Cristo, conseqüentemente, com o Pai e a Igreja, o que é possível alcançar somente através do amor de Deus, que é Cristo. Qualquer que não professa a Cristo conforme a doutrina que ouviu dos apóstolos não está em comunhão com Cristo, e tudo que professa promove morte e separação.

Qualquer que não comunga do evangelho não ama a Deus e nem desfruta do Seu amor, pois só é possível amá-Lo através do Seu mandamento, que é crer em Cristo. Quem não professa o evangelho não possui comunhão com o corpo de Cristo e não ama a Deus, ou seja, não conhece e nem é conhecido de Deus (Gálatas 4:9; 1 João 4:19).

Na época do apóstolo João existiam pessoas que se diziam cristãs e alegavam que amavam a Deus, mas não obedeciam a Deus. Se não amavam a Deus, conseqüentemente, odiavam o seu irmão, pois só é possível amar o irmão segundo o mandamento de Deus, ou seja, quando se crê em Cristo (1 João 3:23; João 12:49-50).

Se Jesus amou os discípulos anunciando as palavras do Pai (João 14:24), pois só assim estariam ao abrigo do amor do Pai (João 14:10), cabe aos seguidores de Cristo amarem uns aos outros anunciando o evangelho Cristo. Só é possível ao mundo conhecer que os cristãos são discípulos de Cristo quando amam uns aos outros, ou seja, quando obedecem ao mandamento e anunciam as palavras de Cristo.

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”  
(João 13:34-35).

Por que foi necessária a instrução para os discípulos retransmitirem exatamente o que aprenderam? Porque Jesus amou os seus discípulos anunciando somente as palavras que o Pai ordenou, e deu a sua vida sob ordem do Pai. Se os seguidores de Cristo querem cumprir o mandamento de amar uns aos outros como Cristo amou, terá que anunciar especificamente o que aprendeu de Cristo e permanecer crendo n'Ele.

Os judeus entendiam equivocadamente que a vida decorria da obediência (amor) à Lei, dos cultos, da cir-

cuncisão, da comunidade judaica, dos sábados, das festas, etc., e tinham medo abrirem mão de tais coisas em obediência a Cristo.

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam;” (João 5:39).

Além de não compreenderem que a Lei foi dada para conduzir os judeus a Cristo (Gálatas 3:23), muitos judeus tinham medo de serem expulsos das sinagogas e perderem o reconhecimento e honra dos líderes do judaísmo, e por isso, rejeitavam a honra que vem de Deus ao obedece-Lo crendo em Cristo.

O apóstolo Paulo para alcançar a Cristo considerou tudo como escória (Filipenses 3:8), enquanto muitas autoridades e seguidores do judaísmo que creram em Cristo, por causa dos Fariseus, não professavam a sua fé por medo de serem expulsos da sinagoga (João 12:42-43).

Jesus amou os discípulos e, em obediência ao Pai, deu a sua vida, os cristãos, por sua vez, além de crer em Cristo, devem amar os irmãos assim como Cristo amou, e para isso, não podem ficar presos às questões da antiga vida.

Para servir a Deus basta crer em Cristo, ou seja, Deus não exige que seus servos tenham que morrer para servi-Lo, embora, cada cristão está sujeito a ser perseguido por causa do evangelho e, se for o caso, morrer por causa do evangelho.

De Cristo, Deus exigiu que Ele entregasse a vida, dos cristãos, é exigido que odeiem a sua vida, ou que dêem a suas vidas pelos irmãos. Nesse sentido, dar a vida pelo

irmão não é se deixar crucificar no madeiro, e sim, considerar o outro como superior a si mesmo.

“Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e onde eu estiver, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, meu Pai o honrará.” (João 12:25-26);

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo.” (Filipenses 2:3).

**E**nquanto a obediência ao mandamento é amor a Deus, a desobediência ao mesmo mandamento é denominada ódio. Rebelião e obstinação andam de mãos dadas quando o homem fala de Deus segundo o que presume por si mesmo.

“Como o prevaricar, e mentir contra o Senhor, e o desviarmo-nos do nosso Deus, o falar de opressão e rebelião, o conceber e proferir do coração palavras de falsidade.” (Isaías 59:13).

O profeta Jeremias faz uso de várias figuras para destacar aqueles que falam segundo o que presumem de si mesmo, e não conforme a palavra de Deus.

“Uma flecha mortífera é a língua deles; fala engano; com a sua boca fala cada um de paz com o seu próximo, mas no seu coração arma-lhe ciladas.” (Jeremias 9:8).



O profeta Isaías também faz uso de figuras:

“Porque o vil fala obscenidade, e o seu coração pratica a iniquidade, para usar hipocrisia, e para proferir mentiras contra o SENHOR, para deixar vazia a alma do faminto, e fazer com que o sedento venha a ter falta de bebida.” (Isaías 32:6).

O **vil** apontado pelo profeta Isaías é o homem de classe baixa, a ralé, o mentiroso, o mau, e o que o vil faz é deixar a alma do próximo faminta e sedenta (Salmos 62:9). O profeta está falando do pão cotidiano? Não!

Negar a palavra de Deus ao próximo ensinando ou proferindo palavras segundo suas próprias conjecturas é deixar o próximo sedento e faminto. Quando Jesus nomeia os escribas e fariseus de hipócritas, não o faz no sentido de apontar quem é fingido, e sim, de que fala obscenidades, no sentido de mentiras.

O apóstolo Paulo utiliza o termo torpe para apontar quem fala obscenidade, ou seja, que fala *mentira*, porém, a leitura que muitos interpretes fazem é que o apóstolo estava reprimindo quem falava palavras de baixo calão.

“Não saia da vossa boca nenhuma palavra **torpe**, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem.” (Efésios 4:29).

Um pseudo evangelho é a expressão máxima do ódio que os inimigos do evangelho de Cristo promovem. A ação das palavras dos que se desviando do evangelho se assemelha à gangrena.

“E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto; Os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns” (2 Timóteo 2:17).

Quando o apóstolo Paulo insta os cristãos a falarem a verdade com o companheiro, tem por foco preservar a verdade do evangelho, e não reprimir o comportamento reprovável daqueles que são dados a distorcer os fatos pertinentes às questões do dia a dia, o que também é reprovável do ponto e vista da moral.

“E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.” (2 Timóteo 4:4);

“Por isso deixai a mentira, e **falai a verdade** cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros.” (Efésios 4:25);

“Estas são as coisas que deveis fazer: **Falai a verdade cada um com o seu próximo**; executai juízo de verdade e de paz nas vossas portas.” (Zacarias 8:16).

Ao repetir o que expôs Zacarias, o apóstolo Paulo não estava ensinando um Novo Mandamento, antes estava ensinando Mandamento Antigo, que foi anunciado pelos profetas: ‘Estas são as coisas que deveis fazer...’ (Zacarias 8:16).

A mentira da qual o apóstolo Paulo protestou aos cristãos em Éfeso diz da distorção promovida por homens vãos, que não obedecem (ouvem) ao mandamento de Deus, e anunciam o devaneio dos seus corações enganosos.

“Assim falou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Executai juízo verdadeiro, mostrai piedade e misericórdia cada um para com seu irmão. E não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente cada um, em seu coração, o mal contra o seu irmão. Eles, porém, não quiseram escutar, e deram-me o ombro rebelde, e ensurdeceram os seus ouvidos, para que não ouvissem.” (Zacarias 7:9-11).

Quando Jesus mandou os escribas e fariseus aprenderem *‘misericórdia quero’*, queria que eles executassem *juízo verdadeiro*, mostrando piedade e misericórdia cada um com o seu irmão. O único modo de mostrar piedade e misericórdia é não sendo vil, falando obscenidades, ou seja, transtornando a verdade do evangelho.

Quem lança luz ao exposto pelo apóstolo dos gentios que interpretou o anunciado pelo profeta Zacarias é o profeta Isaías:

“Ouvi isto, casa de Jacó, que vos chamais do nome de Israel, e saístes das águas de Judá, que jurais pelo nome do Senhor, e fazeis menção do Deus de Israel, mas não em verdade nem em justiça.” (Isaías 48:1);

“Todavia me procuram cada dia, tomam prazer em saber os meus caminhos, como um povo que pratica justiça, e não deixa o direito do seu Deus; perguntam-me pelos direitos da justiça, e têm prazer em se chegarem a Deus...” (Isaías 58:2).

Aqueles que falam a verdade, que executam juízo de

verdade, que vestem o nu com vestes de justiça, que repartem o pão que dá vida e que promovem a paz entre Deus e os homens são aqueles que honram a Deus, ou seja, que não seguem os seus próprios caminhos e nem falam de si mesmo:

“... e o honrastes não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falares as tuas próprias palavras...” (Isaías 58:13; João 12:50).

Quem não cumpre o mandamento de Deus, por mais bem intencionado que esteja, amará somente de boca e de língua, ou seja, do seu coração perverso e incircunciso procederá somente a mentira.

“Porque as vossas mãos estão contaminadas de sangue, e os vossos dedos de iniquidade; os vossos lábios falam falsidade, a vossa língua pronuncia perversidade. Ninguém há que clame pela justiça, nem ninguém que compareça em juízo pela verdade; confiam na vaidade, e falam mentiras; concebem o mal, e dão à luz a iniquidade.” (Isaías 59:3-4).

Certa feita um doutor da lei perguntou a Jesus: - *‘Mestre, que farei para herdar a vida eterna?’* Certo que estava sendo provado, Jesus respondeu: - *‘O que está escrito na lei? Como lê?’* A última pergunta de Jesus evidencia que não basta ler, e sim, como se lê (Lucas 10:26).

O doutor da lei respondeu o que leu e, segundo o que interpretou, que amar é mais que todos os holocaustos e sacrifícios. Jesus respondeu: - *‘Respondeste bem. Faze isto, e viverá!’*

Conforme lembra o apóstolo Paulo, Jesus apontou ao doutor a justiça que é da lei:

“Ora Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas **viverá** por elas.” (Romanos 10:5).

Se o doutor da lei lesse bem, compreenderia que a lei o acusava de morto, pois para ele viver precisava cumprir, ou seja, não ser somente ouvinte.

“Porque os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser **justificados.**” (Romanos 2:13).

Se o homem *‘viverá do que sai da boca de Deus’* (Deuteronômio 8:3), é impossível ao homem alcançar vida por meio das obras da lei, pois dependeria do homem fazer o estabelecido sem tropeçar em nenhum ponto.

Se o doutor cresse em Deus conforme o crente Abraão, certo é que cumpriria a lei e todos os seus preceitos, pois ao crer no Descendente, que é Cristo, viveria segundo o anunciado por Deus.

“Porquanto Abraão obedeceu à minha voz, e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis.” (Gênesis 26:5).

Ao tentar se justificar, o doutor da lei perguntou: - *‘E quem é o meu próximo?’* Foi quando Jesus propôs a parábola do samaritano.

A parábola do samaritano é rica em detalhes, pois o ho-

mem que caiu nas mãos de salteadores estava na cidade de Jerusalém e descia para Jericó e necessitava do cuidado de qualquer um que passasse por ali (Lucas 10:30).

O homem caído à beira do caminho poderia ser um judeu, pois descia de Jerusalém, mas, como estava nu, era impossível identificá-lo.

Além da impossibilidade de identificar qual a nação do homem caído, tinha o problema do sangramento, o que representava um risco duplo de contaminação para os dois religiosos judeus que passaram, pois o homem nu caído poderia ser um gentio sujo de sangue (Lucas 10:30).

Jesus introduz na parábola a figura de um samaritano - povo que não se comunicava com os judeus - que, ao ver o homem caído, moveu-se de íntima compaixão, parou, atou os ferimentos, deitou-lhe azeite e vinho e o colocou em segurança.

Jesus deixa claro o quanto o samaritano foi generoso para com o desconhecido, e: - *‘Qual destes três te parece que foi o próximo (daquele que caiu) nas mãos dos salteadores?’* A resposta do doutor da lei foi objetiva: - *‘O que uso de misericórdia!’*

Novamente Jesus ordena: - *‘Vai, e faze da mesma forma!’* O que ele deveria fazer? Socorrer todos os caídos a beira do caminho? Dar esmolas e exercer filantropia garante direito aos céus?

Como o doutor da lei não sabia ler e interpretar a lei, para cumprir o determinado por Jesus teria que ir e aprender o significado *‘misericórdia’*. Não bastava saber

quem era o próximo, mas também o que é misericórdia.

“Ide, porém, e **aprendei** o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento.” (Mateus 9:13).

Apesar de citar a lei de cor, o doutor não sabia identificar quem era o seu próximo, e desconhecia como amá-lo. A ordem é clara: - *‘Vai, e faze da mesma maneira’!* Jesus repete a ordem inicial, que foi: *Faze isto, e viverás!*

“E que **amá-lo** (obediência) de todo o coração, e de todo o entendimento, e de toda a alma, e de todas as forças, e **amar** o próximo como a si mesmo, **é mais do** que todos os holocaustos e sacrifícios.” (Marcos 12:33; Efésios 5:21 e 23; Oséias 6:6).

Deus quer o amor (misericórdia) dos homens, ou seja, que O obedeçam, pois obedecer é mais que os holocaustos e os sacrifícios. Aquele que obedece (ama) e leva o mandamento de Deus aos outros homens, sem distinção de nacionalidade, cuida (amar) do próximo como a si mesmo (Mateus 5:7; Lucas 6:36).

O amor ao próximo é cuidado (Levítico 19:18 e 34), e Jesus vincula a ação benevolente (cuidado) do samaritano da parábola como figura da misericórdia.

A ordem: - *‘Faze isto, e viverá’*, não tem relação com a justiça que é da lei (Romanos 10:5), e sim com a justiça da fé, pois somente após ser circuncidado por Deus o homem passa a ter vida.

“E o Senhor teu Deus **circuncidará** o teu coração (...) **para que vivas.**” (Deuteronômio 30:6; Ezequiel 11:19).

Somente quando Deus realiza por intermédio da sua pa-



lavra a sua obra, a circuncisão do coração, o homem ou a mulher passa a amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo entendimento, etc., como se lê:

“E o Senhor teu Deus **circuncidará** o teu coração (...), **para amares** ao Senhor teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma.” (Deuteronômio 30:6).

Deus deu testemunho de Abraão como obediente:

“Porquanto Abraão obedeceu à minha voz, e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis.” (Gênesis 26:5).

Embora não fosse circuncidado na carne, ao crer na palavra da promessa, Abraão foi circuncidado no coração, pois amou ao Senhor de todo coração. Após crer, Abraão recebeu a circuncisão do coração, o selo da justiça da fé, sendo justificado.

“E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que creem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada;” (Romanos 4:11).

Abraão creu, o que é superior a holocaustos e sacrifícios, e recebeu a circuncisão do coração, sendo declarado justo por Deus, mesmo estando na incircuncisão da carne. Como foi circuncidado por Deus, Abraão ‘amou’ a Deus de todo o coração, ou seja, cumprir o mandamento de Deus é amor, misericórdia e temor.

Quem exerce cuidado (misericórdia) segundo o manda-

mento de Deus, cumpre o mandamento, portanto, ama a Deus e é bem-aventurado, pois Deus cuida daqueles que O obedecem.

“E faço misericórdia a milhares **dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.**” (Êxodo 20:6);

“E a todos quantos **andarem conforme esta regra,** paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus.” (Gálatas 6:16; Mateus 5:7; Lucas 1:50; Salmos 25:10).

Comparemos:

“Eu amo aos que me amam, e os que cedo me buscarem, me acharão.” (Provérbios 8:17);

“... e **terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer.**” (Êxodo 33:19);

“Com o benigno, te mostras benigno; com o homem íntegro te mostras perfeito. Com o puro te mostras puro; mas **com o perverso te mostras rígido.**” (2 Samuel 22:26-27);

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém agora diz o SENHOR: Longe de mim tal coisa, porque **aos que me honram honrarei,** porém **os que me desprezam serão desprezados.**” (1 Samuel 2:30).

O amor de Deus é cuidado, misericórdia e benignidade, e quem O ama, cumpre o Seu mandamento, portanto,

buscou e achou o Senhor. O cuidado, a misericórdia de Deus, não é um ato unilateral, antes, a misericórdia de Deus é contrapartida para os que O amam.

É por isso que Deus mandou os fariseus aprenderem sobre a misericórdia, pois estavam perseguindo o aflito de Deus (Mateus 9:13; Salmos 109:16). Os religiosos judeus estavam tão próximos do reino de Deus, mas como não se sujeitavam a Deus para crer em Cristo, não entravam pela porta estreita.

“E Jesus, vendo que havia respondido sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus.”  
(Marcos 12:33).

# Amor e obras

*“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?”  
(Tiago 2:14).*

**O** amor se evidencia através da obediência, pois só é possível amar quando se cumpre o mandamento.

Agora, analisaremos mais detidamente o sentido do termo grego ἔργον (ergon) comumente traduzido por obra, e o seu emprego pelo apóstolo João ao contrapor o termo λόγος (logos).

*“Meus filhinhos, **não amemos** de **palavra**, nem de língua, mas **por obra** e em verdade.” (1 João 3:18).*

A língua trabalha com palavras, e se as palavras procedem de um coração enganoso, na boca haverá mentira.

*“Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (Mateus 12:34);*

*“Pelo pecado da sua boca e pelas palavras dos seus lábios, fiquem presos na sua soberba, e pelas maldições e pelas mentiras que falam.” (Salmos 59:12).*

Enquanto o *amor de palavras e de língua* é mentira, o *amor por obra e em verdade* é verdadeiro, de modo que os termos ‘palavra’ e ‘obra’ figuram em polos opostos.

O educador Felix Wilbur Gingrich na sua obra *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*, o termo grego ἐργον (ergon) significa:

“ἐργον, ov, to trabalho — 1. Ato, ação Lc 24.19; Cl 3.17; 2 Ts 2.17; Hb 4.3, 4, 10; Tg 2.14ss. Manifestação, prova prática Rm 2.15; Ef 4.12; 1 Ts 1.3; 2 Ts 1.11; Tg 1.4. Ato, realização Mt 11.2; Mc 14.6; Lc 11.48; Jo 3.19, 20s; 6.28s; 7.3, 21; 10.25, 37s.; At 9.36; Rm 3.20, 28; Cl 1.10; Hb 6.1; Tg 3.13; Ap 15.3. — 2. Trabalho, tarefa, ocupação Mc 13.34; Jo 17.4; At 14.26; 15.38; 1 Co 15.58; 2 Tm 4.5. — 3. Trabalho, no sentido passivo, indicando o produto do trabalho At 7.41; 1 Co 3.13, 14, 15; Hb 1.10; 2 Pe 3.10; 1 Jo 3.8. — 4. Coisa, matéria At 5.38; talvez 1 Tm 3.1. [Ergometria]” (GINGRICH, 1982, p. 84).

Entender o termo ‘ἐργον’ (obra) nas epístolas do apóstolo João somente como ‘efeito do trabalho ou da ação’, ou ‘aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim’, ou ‘atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento’ é temerário, pois, o contexto no qual o termo foi utilizado remete a uma ‘tarefa a ser cumprida em função de uma ordem’, ‘um serviço que envolve obrigação’, ‘responsabilidade’ e ‘perseverança’.

No Dicionário Vini, o termo tem o seguinte significado:

“1. *Ergon* (εργον) denota “trabalho, ação, ato”. Quando usado no sentido de “ação ou ato”, a ideia de “trabalho” é acentuada (por exemplo. Rm 15.18); ocorre frequentemente em sentido ético acerca das ações humanas, boas ou ruins (por exemplo, Mt 23.3; 26.10; Jo 3.20.21; Rm 2.7.15; 1 Ts 1.3; 2 Ts 1.11, etc.): às vezes em sentido menos concreto (por exemplo. Tt 1.16; Tg 1.25. literalmente, “da obra”).” (VINI, 2002, p. 827).

Além da ideia de ação ou ato, que pode representar o trabalho, o Dicionário Vini diz haver um sentido pertinente ao termo menos concreto, e aponta o verso 25, do capítulo 1, da epístola de Tiago.

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito” (Tiago 1:25).

Se o termo *ἔργου* (obra) significa ato ou ação como trabalho em um sentido ‘menos concreto’, porque Tiago faz uso do substantivo ποιητής (poiétés) para nomear o ‘executor’, o ‘fazedor’, o ‘autor’ de algo? É possível o executor da obra realizar algo que seja quase abstrato?

“Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra.” (Tito 1:16).

Se *ἔργου* (obra) é algo com sentido menos concreto, o apóstolo Paulo estava instruindo os cristãos acerca de pessoas que não conheciam a Deus por questões quase abstratas? Evidente que não.

Ao escrever a Tito, o apóstolo dos gentios classificou de desordenadas, faladoras, vãs e enganadoras as pessoas ligadas à circuncisão (Tito 1:10), pois diziam conhecer a Deus (amar de palavra e de língua), mas negavam com as obras (amar por obra e em verdade).

Quem ‘ama’ de palavra e de língua é nomeado pelo apóstolo Paulo de abominável, desobediente e réprobo, o que evidencia que o termo ἔργου (obra) no contexto possui um sentido real de trabalho, algo a ser feito, realizado, como também é real o sentido de abominável, desobediente e réprobo.

Qual obra o homem deve realizar para ser bem-aventurado? Na exposição de Tiago a obra é realizar o proposto na *‘lei perfeita da liberdade’*. Que lei seria essa que se deve atentar e perseverar?

Observando o contexto da carta, a lei perfeita da liberdade refere-se ao evangelho de Cristo, que no verso 18 é apresentado como *‘palavra da verdade’*, pela qual o homem é de novo gerado (Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23), e nos versos 21 a 23, o evangelho é denominado somente como *‘palavra’*.

A palavra poderosa para salvar é o evangelho (Efésios 1:13; Romanos 1:16), que deve ser obedecido.

“Por isso, rejeitando toda a imundícia e superfluidade de malícia, **recebei com mansidão a palavra em vós enxertada**, a qual pode salvar as vossas almas. **E sede cumpridores da palavra**, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, **se alguém é ouvinte da palavra, e não**



**cumpridor**, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; Porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era.” (Tiago 1:21-24).

Receber com mansidão é o mesmo que tomar o jugo de Jesus, aprendendo os ensinamentos daquele que é manso e humilde de coração (Mateus 11:29). A palavra a ser cumprida se refere aos ensinamentos de Cristo, e todos que escutam e praticam o que foi ensinado se assemelha ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha (Mateus 7:24).

Aquele que ouve o evangelho e não é cumpridor, se assemelha ao homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia (Mateus 7:26), ou a alguém que se observa no espelho e, após se afastar, logo se esquece de como era o seu rosto.

Aqueles que atenta bem para a lei perfeita, a lei que concede liberdade, e nela persevera, de fato conheceu a verdade e é liberto por Cristo, diferentemente da lei mosaica, que tinha por objetivo tornar conhecida a condição de quem estava aprisionado sob domínio do pecado.

Quem ouve o evangelho e para ele atenta (no sentido de observa, executa, realiza), executou a obra exigida, que é crer em Cristo (Tiago 1:22-23).

Em outras palavras, quem crê e persevera crendo que Jesus é o Cristo é fazedor da obra, portanto, não é ouvinte esquecido (ou seja, que não pratica, que não crê, que não põe por obra), conseqüentemente, é bem-aven-

aventurado. Em outras palavras, quem ouve a lei perfeita da liberdade (evangelho) e faz a sua obra (crê) e nisso persevera é bem-aventurado.

Aquele que ‘atenta’ executa a obra e, se perseverar na obra que executou, que é crer no enviado de Deus, o tal é perfeito e completo, porque a perseverança é a obra completa (Tiago 1:3-4).

A obra recomendada por Tiago é a mesma que Cristo recomendou à multidão:

**“Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou”** (João 6:29);

**“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram”** (João 20:29).

Na abordagem: **“E o Seu mandamento é este: que creiamos no nome de Seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o Seu mandamento”** (1 João 3:23), há um mandamento que impõe um trabalho a ser realizado, e que implica em obediência.

O crente em Cristo é um homem de obra, o que contrapõe a quem é de palavra e de língua. Acreditar que Jesus é o Filho de Deus é uma obra, a obra<sup>19</sup> de Deus, que deriva da ideia defendida por Tiago e João:

<sup>19</sup> *“Esta era a visão das civilizações da antiguidade clássica: “... existe uma obra, desde que haja comando de uma parte, e de outra obediência.” (ARISTÓTELES, 2011, p. 25); “Ora, o escravo faz parte do seu senhor como um membro vivo faz parte do corpo – apenas essa parte é separada.” (ARISTÓTELES, op. cit., p. 29).*

turado. Em outras palavras, quem ouve a lei perfeita da liberdade (evangelho) e faz a sua obra (crê) e nisso persevera é bem-aventurado.

Aquele que ‘atenta’ executa a obra e, se perseverar na obra que executou, que é crer no enviado de Deus, o tal é perfeito e completo, porque a perseverança é a obra completa (Tiago 1:3-4).

A obra recomendada por Tiago é a mesma que Cristo recomendou à multidão:

“Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho” (2 João 1:9);

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito.” (Tiago 1:22).

*É por isso que Jesus apresenta através de uma linguagem aristocrática a obra de Deus de modo imperioso: ‘Que creiais naquele que Ele enviou.’ (João 6:29), quando os seus ouvintes indagaram acerca do que fazer para se tornarem servos de Deus (Que faremos para executarmos as obras de Deus?), pois ‘Há também, por obra da natureza e para a conservação das espécies, um ser que ordena, e um ser que obedece.’ (ARISTÓTELES, op. cit., p. 20). Ao apresentar o mandamento de Deus, o Senhor Jesus concita seus ouvintes a se apresentarem como servos (Romanos 6:16), pois ao obedecer, crendo que Jesus é o Cristo, Deus realiza a Sua obra neles. A obra pertence a quem tem autoridade, poder de mando e, embora os servos obedeçam e sirvam, a obra não lhes pertence. Portanto, diante do imperativo do Evangelho: creiam no enviado de Deus, não há que se falar em salvação pelas obras, mesmo que o crer envolva por parte do cristão assentimento de vontade, pois quando o homem se oferece por servo, a obra é do Senhor. Cristo, o servo do Senhor, foi anunciado pelos profetas como ‘o braço do Senhor’ (Isaias 40:10 e 52:10), é por isso que Cristo jamais realizou a sua própria vontade, antes realizou a vontade daquele que O enviou (João 4:34-6:38 e 9:4).”*

**P**or que analisar o significado do termo ‘obra’ quando empregado na epístola de Tiago?

Primeiro, para desfazer uma narrativa pejorativa que se arrasta ao longo dos séculos quanto ao termo ‘obra’, pois, equivocadamente, muitos estudiosos da Bíblia contrapõem ‘fé’ e ‘obra’ como se fossem termos inconciliáveis ao abordar o tema salvação.

Em segundo lugar, para demonstrar que o público alvo das cartas de Tiago e do evangelista João possuía origem cultural idêntica, visto que, na sua grande maioria, eram cristãos convertidos dentre os judeus, daí a semelhança no estilo de escrita e em alguns termos empregados nas epístolas.

Durante a leitura das epístolas, muitos cristãos se esquecem de considerar que, à época dos apóstolos, a oposição dos seguidores do judaísmo era muito forte, e para defenderem a verdade do evangelho, os apóstolos faziam referência a doutrina judaica de várias formas.

O apóstolo Paulo por trafegar entre os gentios, falava abertamente dos seguidores do judaísmo nomeando-os de a ‘circuncisão’. Os outros apóstolos, por ter entrada entre os judeus, abordava o judaísmo de forma o mais velada possível para evitar entraves ao anúncio do evangelho.

Tiago e o evangelista João escreveram principalmente aos cristãos convertidos dentre o judaísmo (Tiago 1:1),

peças que antes professavam a lei mosaica como regra de fé, e muitos leitores da Bíblia se esquecem de considerar o embate dos apóstolos contra a doutrina dos judaizantes.

O termo grego πίστις (pistis) traduzido por ‘fé’ não era de uso exclusivo dos cristãos, tanto que o termo hebraico אמונה (‘emuwnah) traduzido por fé era de uso dos hebreus. Do ponto de vista doutrinário, o judaísmo é uma fé, assim como o evangelho de Cristo é uma fé.

Há posicionamentos doutrinários que ensinam que a salvação é alcançada por intermédio de caridades, penitências, indulgências, etc., e mesmo que o dogma que acreditam tenha por base boas ações, continua sendo denominada de fé.

Quando os apóstolos empregavam o termo ‘fé’, para os cristãos convertidos dentre os judeus o termo expressava um entendimento que refletia em ação, que dependia de firmeza e convicção por parte do indivíduo.

Essa era a descrição do judaísmo, doutrina que os judeus antes da conversão ao evangelho acreditavam e professavam:

“... tens a forma da ciência e da verdade na lei”  
(Romanos 2:20).

Para os judeus a lei era conhecimento e verdade, convicção evidenciada através de festas, sábados, comidas, circuncisão, etc. Nesse sentido, os judeus possuíam uma fé, uma doutrina que, embora fosse de homens, acreditavam e divulgavam.

Vale destacar que o apóstolo Paulo utilizou o termo πίστις (pistis) várias vezes em suas epístolas, Tiago seis vezes e o evangelista João duas vezes, uma na primeira epístola e a outra no Livro do Apocalipse, sem contar as variantes do termo, como verbo (πιστόω) e adjetivo (πιστός).

O apóstolo Paulo faz uso do substantivo πίστις (pistis) para fazer alusão ao evangelho, e quando utiliza o termo no sentido de acreditar, geralmente fez em conexão com a pessoa de Cristo.

“Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo **é anunciada a vossa fé.**” (Romanos 1:8);

“Examinai-vos a vós mesmos, **se permaneceis na fé;** provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados.” (2 Coríntios 13:5).

O termo πίστις (pistis), na sua grande maioria, quando empregado nas epístolas paulinas, pode ser substituído por doutrina, evangelho, mensagem, ou pela pessoa de Cristo, o autor e consumidor da fé.

No mundo todo era anunciado o evangelho (vossa fé), a doutrina de Cristo, a mensagem que salva. Os cristãos, por sua vez, devem permanecer em Cristo, no evangelho, na doutrina ou na fé.

As duas vezes que o apóstolo João faz uso do termo πίστις (pistis), faz alusão a mensagem do evangelho, ou

seja, a doutrina de Cristo.

“Porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a **nossa fé**.” (1 João 5:4);

“Se alguém leva em cativo, em cativo irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos.” (Apocalipse 13:10).

Cristo venceu o mundo, e Ele é a nossa fé, portanto, o que vence o mundo é Cristo, o Senhor de todos aqueles que creem.

Tiago, por sua vez, ao fazer uso do termo πίστις (pistis), não o faz aos moldes do apóstolo Paulo e João, pois dependendo do contexto e como o termo é empregado pode significar doutrina ou confiança.

“Sabendo que a **prova da vossa fé** opera a paciência. (...) Peça-a, porém, **com fé, em nada duvidando**; porque o que dúvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte.” (Tiago 1:3 e 6).

Se Tiago utilizasse o pronome na terceira pessoa: *nossa*, a fé seria o evangelho, mas como está na segunda pessoa: *vossa*, o termo refere-se a confiança dos cristãos, algo subjetivo. Nesse sentido, quem pede com fé, pede com confiança, convicção, algo subjetivo, diferente da verdade do evangelho, que é algo objetivo.

Já no capítulo 2, verso 1, o termo πίστις (pistis) refere-se a doutrina do Senhor Jesus, e não a confiança do indi-



víduo, e o contexto é que dá o significado do termo.

“MEUS irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas.” (Tiago 2:1).

A fé em análise é do Senhor Jesus, ou seja, o evangelho, e quem a tem, não deve tê-la e fazer acepção de pessoas, pois o evangelho foi dado a todos os povos, sem exceção.

O termo πίστις (pistis) ganha esse contorno por se tratar de algo comum aos irmãos, já no verso 14, do capítulo 2, o termo não se aplica aos irmãos, mas a ‘alguém’. Esse alguém não é identificado como irmão, e a fé que ele alega ter não está especificada.

“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?” (Tiago 2:14).

Quem seria esse alguém? E qual seria a fé dele?

Se esse ‘alguém’ fosse um dos irmãos, certo é que a fé seria comum a todos e a pergunta teria Tiago incluso: “*Meus irmãos, que aproveita se dissermos que temos fé*”? (Tito 1:4) Se a fé em análise fosse em Cristo Jesus, a pergunta seria descabida, pois a fé em Jesus é poderosa para salvar.

Isto posto, conclui-se que o ‘alguém’ apontado por Tiago, que diz que tem fé, não se trata de um cristão, e nem a fé que esse ‘alguém’ professa ter esta alicerçada no Senhor Jesus.

A fé que Tiago estava contestando não dizia da fé em

Cristo, que aquele que tem terá grande e avultado galardão (Hebreus 10:35). Tiago estava protestando contra aqueles que diziam ter fé (πιστεύω) na existência de um só Deus, mas que não obedeciam o mandamento de Deus.

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem.” (Tiago 2:19).

Por causa do contexto cultural dos seus interlocutores e a necessidade de se fazer compreender entre os cristãos convertidos dentre os judeus, Tiago se expressa utilizando ou termos ‘*palavra da verdade*’, ‘*lei da liberdade*’ em lugar do termo ‘*evangelho*’, e através do termo ‘*obra*’ evidencia a necessidade de crer em Cristo.

Os leitores da epístola de Tiago foram concitados a cumprirem o proposto no evangelho (palavra), ou seja, amar por obra e em verdade. Se engana aquele que diz crer na existência de um só Deus, mas que não crê no enviado de Deus. Quem ouve o evangelho, mas que não cumpre o exigido, se assemelha a alguém que edifica a casa na areia.

“E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural;” (Tiago 1:22-23).

Através dos termos ‘fé’ e ‘obras’, Tiago contrapõe aqueles que amavam somente de palavra e de língua, com aqueles que amavam por obra e em verdade, uma abordagem e uma linguagem específica da epístola de Tiago.

“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?” (Tiago 2:14);

“Meus filhinhos, não amemos de palavra nem de língua, mas por obra e em verdade.” (1 João 3:18).

A má leitura se dá quando a grande maioria dos teólogos contrapõem ‘fé’ e ‘obras’, comparando a abordagem de Tiago com a do apóstolo Paulo. Enquanto o apóstolo Paulo faz uso do termo ‘fé’ para fazer referência ao *evangelho*, e o termo ‘obras’ para fazer referência as *obras da lei*, no capítulo 2 da epístola de Tiago, o termo ‘fé’ é utilizado para fazer referência aos seguidores do judaísmo que acreditavam na *existência de um só Deus*, e faz uso do termo ‘obras’ para evocar aqueles que são *cumpridores do evangelho*.

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito.” (Tiago 1:25).

Embora os leitores da epístola de Tiago fossem cristãos, era difícil para eles se desvencilharem de costumes e tabus antigos, e do sentimento de seguiam a ‘melhor’ religião à época. Muitos cristãos eram doutores e mestres da lei antes de se converterem (Tiago 1:26), e deviam se resignar em abrir mão de tudo para ganhar a Cristo, ou seja, receber com mansidão a palavra da verdade que foi implantada neles, pois só por meio dela alcançariam salvação (Tiago 1:21).

Se de fato criam no evangelho, os cristãos convertidos dentre os judeus, além de terem executado a obra (crer) da lei da liberdade (evangelho), não podiam fazer acepção de pessoas:

“Meus irmãos, **não tenhais a fé** de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, **em acepção de pessoas.**” (Tiago 2:1).

Se de fato fizeram a vontade de Deus, que é crer em Cristo como o enviado de Deus, os cristãos precisavam ser pacientes, perseverantes, ou seja, não podiam se demover da fé para poderem alcançar a promessa.

“Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa.” (Hebreus 10:36).

Os cristãos convertidos dentre os judeus constantemente eram bombardeados com mensagens, memórias e sentimentos impregnados com preceitos da lei, festas, dias e comidas, e precisavam se transformar pela renovação do entendimento (Romanos 12:2).

Antes de se converterem, as práticas e fé dos interlocutores de Tiago se fixava em confiarem na carne, na circuncisão e na lei, pois:

- a) descendiam da carne de Abraão;
- b) comungavam da circuncisão, e;
- c) dos cuidados pertinentes à lei mosaica.

O apóstolo Pedro é um exemplo cristalino do quanto era

difícil aos cristãos convertidos dentre os judeus se desvencilharem de preceitos, condutas e entendimentos que aprenderam por costume.

O apóstolo Pedro se converteu a Cristo, e mesmo após pregar durante a Festa de Pentecostes, quando várias pessoas creram no evangelho, passado algum tempo, ainda permaneceu preso a ideia de que, como judeu, não podia entrar na casa de gentios ou se assentar para comer com eles.

Somente após ter uma visão e após o chamado de Cornélio que o apóstolo Pedro considerou a essência do evangelho e se transformou pelo renovar do entendimento, e chegou à seguinte conclusão:

“E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um homem judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo.” (Atos 10:28).

Os leitores da carta de Tiago, apesar de terem sido gerados segundo a vontade de Deus pela palavra da verdade (Tiago 1:18), ainda precisavam aprender a andar segundo a verdade do evangelho, compreendendo que Deus não faz acepção de pessoas, e que um crente em Cristo não pode fazê-lo.

“E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo.” (Atos 10:34-35).

Para reter firme a fiel palavra e evitar distorções doutrinárias (Tito 1:9), os cristãos convertidos dentre os

judeus não podiam excluir os cristãos convertidos dentre os gentios da comunhão, como faziam os seguidores do judaísmo.

Tiago invocou a ‘lei real’ encontrada nas Escrituras que resume os mandamentos mosaicos, pelos posicionamentos equivocados que surgiam entre os cristãos.

“... amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Tiago 2:8; Romanos 13:9).

Mas, por causa dos contenciosos e transgressores, que ainda faziam acepção de pessoas, que não procediam segundo o que professavam (Tiago 2:8 e 12), Tiago argumentou:

“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?” (Tiago 2:14).

De nada aproveita dizer que tem ‘fé’, e rejeitar a *‘lei da liberdade’*. Aqueles que rejeitam a *‘palavra da verdade’* ou a *‘lei da liberdade’* e volta seguir as questões da lei, na verdade, está de posse de uma fé que não pode salvar, pois pela lei ninguém será justificado.

“Sabendo que o homem **não é justificado pelas obras da lei**, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e **não pelas obras da lei**; porquanto **pelas obras da lei nenhuma carne será justificada**” (Gálatas 2:16).

É possível alguém dizer que tem fé e rejeitar a palavra da verdade? É possível esse alguém estar seguindo as

questões da lei e, mesmo assim, dizer que tem fé? Sim! Entre os Gálatas ocorreu esse movimento:

“Ó INSENSATOS gálatas! quem vos fascinou para **não obedecerdes à verdade**, Perante os olhos de quem Jesus Cristo foi evidenciado, crucificado, entre vós. Recebestes o Espírito pelas **obras da lei** ou pela **pregação da fé**? Sois tão insensatos que, tendo começado **pelo Espírito, acabeis agora pela carne**? Será em vão que tendes padecido tanto? Aquele, pois, que vos dá o Espírito, e que opera maravilhas entre vós, fá-lo pelas **obras da lei**, ou pela **pregação da fé**?” (Gálatas 3:1-5).

Durante a leitura da epístola de Tiago, não se pode perder de vista que ‘*Obedecer a verdade*’ é o mesmo que ser ‘*cumpridor da palavra*’ (Tiago 2:22), ou ‘*receber com mansidão a palavra*’ (Tiago 2:21). A palavra da verdade, que também é denominada ‘*espírito e vida*’, foi dada aos cristãos pelas ‘*obras da lei*’ ou pela ‘*pregação da fé*’?

Neste pequeno trecho da epístola, o apóstolo Paulo dá nomes a dois sistemas doutrinários diferentes: ‘*obras da lei*’ ao judaísmo e, ‘*pregação da fé*’ ao cristianismo. Os cristãos aos Gálatas haviam começado pelo espírito (evangelho) e estavam terminando na carne (obras da lei), ou seja, eles estavam se voltando para circuncisão, sábados, dias de festas, comidas, etc.

O termo ἔργων (obras) no contexto da carta aos Gálatas tem o sentido de práticas ‘*segundo a lei*’, ou práticas ‘*segundo a carne*’, conforme o apóstolo Paulo expressou aos cristãos aos Filipenses:



“Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão; Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e **não confiamos na carne. Ainda que também podia confiar na carne;** **se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu:** Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.” (Gálatas 2:2-6).

Para confiar na carne era necessário ser como Saulo: *‘Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, ser fariseu’, etc.* Através dessa abordagem do apóstolo Paulo verifica-se que *‘andar no espírito’* é andar segundo o evangelho e *‘andar segundo a carne’* é andar segundo o judaísmo.

“**PORTANTO, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.**” (Romanos 8:1).

Não há condenação para os que andam segundo o evangelho, as palavras que são espírito e vida, diferentemente dos que andam segundo a carne, pois pela lei não há como ser justificado diante de Deus.

“**Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição;** porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as

coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las.”  
(Gálatas 3:10).

Não importa se hebreu de hebreu ou prosélito, todos os que pertencem as obras da lei estão debaixo da maldição da lei. O termo obras só assume tom reprovável quando associado à lei.

Como estavam tratando de dois sistemas doutrinários diferentes: ‘evangelho’ e ‘lei’, e ambos podem ser denominados de fé: *‘fé cristã’* e *‘fé judaica’*, Tiago fez uso do termo obra para enfatizar a obediência ao evangelho, e o apóstolo Paulo fez uso do termo fé para evidenciar a doutrina a ser obedecida.

“Por isso também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação, e cumpra todo o desejo da sua bondade, e a **obra da fé** com poder;” (2 Tessalonicenses 1:11);

“Concluímos, pois, que o homem é justificado **pela fé** sem as **obras da lei.**” (Romanos 3:28).

O homem é justificado pelo **evangelho, a fé que foi dada aos santos** e que é poder de Deus para salvação de todo que crê (Judas 1:3; Romanos 1:16-17; Efésios 1:13)

A obra de Deus é específica: que os homens creiam naquele que Ele enviou, e os homens só se tornam servos ao crerem em Cristo, quando executam a obra de Deus. O termo ‘obras’ se aplica aos dois sistemas doutrinários, pois ao obedecer a qualquer dos sistemas, a lei ou a graça, o homem se torna servo, ou do pecado ou da justiça.

“Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.” (Romanos 7:6).

**H**á quem lê o verso 1, do capítulo 2 de Tiago, que versa sobre alguém que diz ter fé, e entende que Tiago estivesse criticando quem tem uma fé de cunho teórica, ou que faz uma confissão *vazia* e meramente *intelectual*.

A ideia de ‘fé intelectual’, ‘fé teórica’ é invenção teológica recente para tentar explicar a aparente contradição entre o exposto pelo apóstolo Paulo e Tiago. Através da suposta existência de uma fé teórica, cria-se uma brecha para muitos líderes religiosos criticarem o estilo de vida adotado por muitos cristãos, e acabam impondo aos seus seguidores um modo de vida de práticas sociais, sacrifícios, devoção, etc.

O ideário do evangelho de Cristo não se imiscui ou se confunde com práticas de ajuda voluntária aos necessitados, como se ações humanitárias fossem a prática da ágape bíblica, e geralmente apresentam o bordão: *‘a pratica da caridade se resume em fazer o bem ao próximo sem desejar nada em troca’*.

Nesse esteio, no meio dito cristão, surgem movimentos em busca de igualdade social, luta por bem-estar social, promoção de ações sociais, defesa das minorias ou defesa de políticas públicas de responsabilidade social,

etc., como se essas questões fossem a essência do evangelho de Cristo.

Analisando os evangelhos e as cartas dos apóstolos não se verifica os apóstolos tentando influenciar ou concitar os cristãos a defenderem mudanças nas estruturas sociais, políticas e econômicas da sociedade à época.

Em nenhuma epístola o apóstolo Paulo tentou influenciar os cristãos a lutarem por transformações ou revoluções nas estruturas sociais à época. O instituto da escravidão tão patente nas sociedades à época é um exemplo, pois os pontos abordados nem de longe incitam a insurgência dos cristãos escravos:

**“Foste chamado sendo servo? não te dê cuidado; e, se ainda podes ser livre, aproveita a ocasião.”** (1 Coríntios 7:21).

Confundir ‘obra’ na epístola de Tiago com ‘boas ações’ ou ‘indulgências’ resulta em má leitura, a ponto de alguém tê-la considerado ‘*epístola de palha*’<sup>20</sup>. Quando se diz que não há nenhuma característica evangélica na epístola de Tiago, é ignorar que a epístola tem o tom de defesa do evangelho, e mesmo assim, enfatiza a essência do evangelho:

<sup>20</sup> *“Se eu tivesse que ficar sem uma ou outra — ou as obras ou a pregação de Cristo — eu antes ficaria sem suas obras do que sem sua pregação. Pois as obras não me ajudam, mas suas palavras dão vida, como ele mesmo diz. Ora, João escreve muito pouco sobre as obras de Cristo, mas muito sobre sua pregação. Os outros evangelistas escrevem muito de suas obras e pouco de sua pregação. Portanto, o evangelho de João é aquele terno, verdadeiro, de longe o principal evangelho a ser preferido aos outros três e colocado acima deles. Assim, também, as epístolas de São Paulo e São Pedro, ultrapassam de longe os outros três Evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas. O evangelho de João e sua primeira epístola, as epístolas de Paulo, especialmente Romanos, Gálatas e Efésios, e a primeira epístola de Pedro são livros que te mostram Cristo e te ensinam tudo o que é necessário e salvífico conhecer, ainda que jamais vejas ou escutes outro livro ou doutrina. Por isso a epístola de Tiago, comparada com eles, é realmente uma epístola de palha, já que não há nenhuma característica evangélica nela.”* (LUTHER, 1982, pp. 439-444).

“Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como primícias das suas criaturas.” (Tiago 1:18).

Quando lemos: **“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?”** (Tiago 2:14), a obra exigida não se refere a prática de boas ações, antes a obra exigida é a obediência à lei perfeita da liberdade (Tiago 1:25), que é poderosa para salvar (Tiago 1:21).

A abordagem de Tiago está centrada na salvação (porventura a fé pode salvá-lo?), e por isso, ele questiona se a tal fé (na existência de um só Deus) sem se sujeitar (obras=crer no enviado de Deus) a Deus pode salvar.

Essa pergunta é evolução de questões anteriores, pois que aproveita alguém ter a fé em Cristo e fazer acepção de pessoas? Ou, que aproveita a fé sem a paciência, a obra perfeita da fé? (Tiago 1:2-3; 2:1).

Não aproveita alguém dizer que tem fé em Deus e não obedecê-Lo, pois Deus através do evangelho exige que se creia em Cristo. Há quem tem fé na existência de Deus, no impossível, em milagres, em anjos, etc., mas não são de proveito algum, pois essas crenças não salvam.

Os judaizantes diziam ter fé em Deus, mas não tinham a obra exigida, que é crer em Cristo. Alguns cristãos, por sua vez, tinham a fé e a obra, pois creram no evangelho de Cristo, mas não perseveraram crendo ou não andavam conforme o evangelho, pois faziam acepção de pessoas.

Se não permanecer crendo até o fim, sem se demover da

fé (evangelho), o homem não alcançará a esperança proposta (Mateus 24:13; Colossenses 1:23; 2 João 1:9). Se faz acepção de pessoas é passível de ser repreendido, pois não anda bem e diretamente conforme a verdade do evangelho (Gálatas 2:14).

Tanto a ‘obra’ quanto o ‘fruto’ são considerados por muitos cristãos como se fossem boas ações, boa conduta ou evidência de que alguém engajado nos trabalhos de uma comunidade é regenerado, porém, ambos não se referem a esses aspectos da vida cristã.

O fruto se refere a mensagem que o indivíduo professa, e por isso, o fruto pode ser bom ou mal, dependendo da árvore que o produz. Se a árvore for boa, o fruto é bom, e se a árvore for má, o fruto é mal.

“Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons.” (Mateus 7:17-18).

O fruto não é comportamento, pois qualquer pessoa, quer seja cristã ou não, pode viver em sociedade seguindo um padrão de ética e moral elevado, algo que está relacionado a valores que essa pessoa internalizou ao longo da vida.

Quando Jesus falou da árvore e do fruto, enfatizou que era possível identificar um falso profeta pelo fruto.

“Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. **Por seus frutos os conhecereis.** Porventura colhem-se uvas dos espi-



nheiros, ou figos dos abrolhos?” (Mateus 7:15-16).

Através de comportamento, vestimenta, costumes, etc., é impossível identificar um falso profeta, pois eles se transvestem de ovelhas. Isso significa que é possível ao falso profeta transparecer ser o que não é, porém, algo que não pode disfarçar é o interior, e o fruto evidencia o que há no coração.

“Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (Mateus 12:34).

Através da censura que Jesus fez aos escribas e fariseus, de que não podiam dizer boas coisas porque eram maus, é possível concluir que os escribas e fariseus eram árvores más, e que o fruto era o que falavam. Como os corações dos escribas e fariseus eram maus, o que eles falavam evidenciava o que havia em seus corações.

João Batista identificou os escribas e fariseus que foram se batizar pelo fruto, ou seja, pelo que professavam. Como? A mensagem apregoada por João Batista era muito simples: mudem o entendimento de vocês (arrependei-vos), porque é chegado o reino dos céus!

Qualquer que fosse ao batismo de João, à luz da mensagem anunciada por ele deveria confessar que estavam se batizando por causa da chegada do Cristo, mas como continuavam alegando que tinham por pai Abraão, o profeta conseguiu identifica-los através do que diziam.

“E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras,



quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; **E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão**; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão.” (Mateus 3:7-9).

O fruto dos escribas e fariseus era: - *‘Temos por pai a Abraão’*, pois presumiam que ser descendente da carne de Abraão era condição imprescindível para ser salvo, e desconsideraram a mensagem de João Batista: a chegada do Cristo.

Mesmo alguns discípulos que diziam crer em Cristo, ou seja, que diziam ter fé, quando confrontados, evidenciaram através do que professaram que continuavam árvores más, pois o falaram o que havia no coração mau.

“Jesus dizia, pois, **aos judeus que criam nele**: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Responderam-lhe: **Somos descendência de Abraão**, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: **Sereis livres?**” (João 8:31-33).

A confissão: - *‘Somos descendência de Abraão’*, ou seja, - *‘Temos por pai a Abraão’*, evidenciou quem eram aqueles judeus que diziam ter fé em Cristo: árvores más e que não produziam bons frutos.

Embora alegassem crer em Cristo, o fruto que os judeus produziam era evidencia de que não estavam ligados à videira verdadeira, que é Cristo.

“EU sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu em vós; como **a vara de si mesma não pode dar fruto**, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós as varas; **quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.**” (João 15:1-5).

Quando se compreende qual é o fruto que o crente em Cristo produz, se entende a parábola do vinhateiro que procurou fruto na figueira plantada na vinha por três anos e não encontrou.

“E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando; E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho. Corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?” (Lucas 13:6-7).

O fruto é aquilo que o homem professa, ou seja, uma doutrina, uma mensagem, uma fé, etc., e a obra diz da obediência a uma doutrina.

Nesse sentido, quem professa que Jesus não veio em carne não está ligado à Videira verdadeira, que é Cristo, conseqüentemente, não produz o fruto que glorifica a Deus (João 15:8; 2 João 1:7). Na verdade, essas pessoas são plantas que Deus não plantou (Mateus 15:13), e serão arrancas por não produzirem o fruto esperado (Isaias 60:21 e 61:3).

Quem pratica a obra de Deus, ou seja, crê em Cristo, é participante de Cristo e produz o fruto que glorifica a Deus. A ‘obra’ está intimamente ligada ao ‘fruto’ que produz aquele que está ligado à Videira verdadeira, pois o fruto procede dos lábios de quem está em Cristo.

“Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome.” (Hebreus 13:15).

O que aquele que está ligado à Videira produz é o fruto dos lábios que professa a Cristo, conseqüentemente, Deus é glorificado através do fruto (João 15:5 e 8; Oseias 14:2; Provérbios 18:20).

A mensagem do evangelho é singular, por isso, qualquer que professa que Jesus não veio em carne é o enganador e o anticristo. Desse modo, qualquer que professa servir a Cristo não pode ir além da doutrina de Cristo, pois cortaria a comunhão com Deus (2 João 1:9), e todos que tiverem comunhão com quem se afastou da doutrina de Cristo se faz participante das suas obras más (2 João 1:11; João 3:19-20).

**O** versículo 19, do segundo capítulo da epístola de Tiago empresta cor ao versículo 14:

“Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o creem, e estremecem” (Tiago 2:19).

Faz bem quem acredita na existência de um só Deus, mas

tal crença não difere da dos demônios, que também acreditam e se sujeitam. Se os demônios creem e estremeçam, mas permanecem perdidos, qual o valor da crença deles?

Por que Deus não salva os demônios, se eles creem na existência de Deus e se estremeçam? Por dois motivos Deus não salva os demônios:

- a) Os anjos caídos não fazem parte do propósito eterno que Deus estabeleceu em Cristo, e;
- b) Deus não lhes deu mandamento algum.

Para compreender as afirmações acima, vale destacar que Deus amou os filhos de Israel em função da promessa que foi feita aos patriarcas:

“O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito.” (Deuteronômio 7:7-8).

Mas, por que Deus fez promessa aos patriarcas e escolheu seus descendentes para amar? Por causa do seu propósito eterno estabelecido em Cristo: constituí-Lo como o mais elevado dos reis da terra.

“Também o farei meu primogênito mais elevado do que os reis da terra.” (Salmos 89:27).

Por causa do proposito eterno estabelecido em Cristo, de fazê-Lo cabeça de um corpo constituído de homens semelhantes a Ele, congregando n'Ele todas as coisas, tanto as que estão nos céus quanto as que estão na terra, Deus fez uma promessa a Abraão evidenciado que amava a todos os povos, e através do descendente prometido a Abraão deu um mandamento para todos os povos (Efésios 1:10).

“Na verdade, **ama os povos**; todos os seus santos estão na sua mão; postos serão no meio, entre os teus pés, e cada um receberá das tuas palavras.” (Deuteronômio 33:3).

O propósito eterno de Deus estabelecido é a preeminência de Cristo em tudo, e a humanidade foi criada para levar a efeito esse propósito.

Por causa do propósito que Deus estabeleceu em Cristo:

- a) Adão foi criado alma vivente à imagem e semelhança do Cristo que haveria de vir (Romanos 5:14);
- b) Foi dito a mulher que a sua semente calcaria aos pés a cabeça da serpente (Gênesis 3:15);
- c) Deus prometeu a Abraão que no seu descendente seriam benditas todas as famílias da terra;
- d) Tornou-se santuário, casa de oração para todos os povos (Isaiás 8:14 e 56:7);
- e) Tornou-se pedra de tropeço e rocha de escândalo as duas casas de Israel (Isaiás 8:14), e;

f) Deus estabeleceu o seu primogênito como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque e grande rei sobre o trono de Davi, seu pai.

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.” (Colossenses 1:18).

Os seres angelicais são espectadores no desenvolvimento do propósito eterno, e tomaram conhecimento da multiforme sabedoria de Deus através da igreja, o corpo de Cristo.

“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,” (Efésios 3:10-11).

Aos demônios não foi dado mandamento algum, o que significa que, não foram chamados com santa vocação assim como foram chamados os crentes em Cristo, para serem coerdeiros e semelhantes ao Cristo ressurreto para Ele ser primogênito entre muitos irmãos.

Após a queda, os demônios não foram amados, já a humanidade, Deus amou a todos ao dar um mandamento visando o Seu eterno propósito.

Tiago escreveu a cristãos convertidos dentre o judaísmo, pessoas que antes de terem contato com o evangelho, professavam fé em um único Deus.

“Tiago, servo de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos que andam dispersas, saúde.” (Tiago 1:1).

Os interlocutores de Tiago foram nomeados de vãos ou insensatos (Tiago 2:20), adúlteros e adúlteras (Tiago

4:4), ricos (Tiago 5:1), predicativos que foram utilizados pelos profetas e na lei para fazer referência aos filhos de Israel.

Ao nomeá-los loucos, adúlteros e ricos, Tiago estava destacando a condição daqueles que não andavam bem segundo o evangelho, pois se amoldavam as características denunciada pelos profetas: povo de Sodoma e Gomorra, adúlteros, ricos, bêbados, insensatos, loucos, cegos, etc. (Deuteronômio 32:28-33; Salmos 53:1-5).

Dizer que tem fé em um só Deus e se esquivar de realizar a obra exigida por Deus em Cristo é uma crença inútil. Por isso Tiago direciona a sua abordagem ao homem *vão*, e não aos irmãos em Cristo.

“Mas, **ó homem vão**, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?” (Tiago 2:20).

O irmão em Cristo é aquele que atenta para o evangelho e persevera. Diferentemente do ouvinte esquecido, o crente em Cristo é bem-aventurado por realizar a obra.

“Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito.” (Tiago 1:25).

Os irmãos em Cristo estavam sendo instruídos acerca de algumas pessoas que diziam ter fé, mas que não tinha a obra, e para ilustrar a exposição, Tiago apresenta um exemplo: assim como é inútil dizer para alguém que está com frio e com fome: -‘*Fique aquecido*’, sem lhe dar um casaco, ou: -‘*Vai, e se farte!*’, sem lhe dar o alimento necessário, também é inútil dizer: -‘*Tenho fé em Deus*’, e não obedecer ao mandamento de Deus, que é crer em Cristo (Tiago 2:15-16).



O exemplo do verso 15 e 16 é um comparativo, para demonstrar o quanto é inútil dizer e não fazer. Tiago não estava estabelecendo que a obra essencial àquele que diz ter fé fosse auxiliar os necessitados, dar esmolas, ser caridoso, etc. Tal entendimento é vilipendiar a explicação de Tiago, que somente evidenciou através do exemplo o exposto na parábola dos dois filhos.

“Mas, que vos parece? Um homem tinha dois filhos, e, dirigindo-se ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele, porém, respondendo, disse: Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi. E, dirigindo-se ao segundo, falou-lhe de igual modo; e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi. **Qual dos dois fez a vontade do pai?** Disseram-lhe eles: O primeiro. Disse-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no reino de Deus.” (Mateus 21:28-31).

Como o homem pode se salvar: acreditando na existência de um só Deus ou fazendo a vontade de Deus?

Acreditar na existência de Deus, no impossível, em milagre, em anjos, em demônios, no céu, no inferno, etc., é uma fé morta em si mesmo. Mas, aquele que realiza algo em função da palavra de Deus, está de posse da fé (palavra de Deus) e da obra (fez a vontade de Deus).

“Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.” (Tiago 2:17).

No Éden, Adão podia acreditar que o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal era suculento e prazeroso, que era bom para dar entendimento, que a

serpente era inofensiva, etc., mas o que ele acreditava fora da palavra de Deus era inócuo em si mesmo, pois só se perderia se contrariasse o mandamento de Deus.

Quando ele realizou o que estava vetado no mandamento, não importando se acreditava ou não no mandamento de Deus, o seu ato de desobediência trouxe sobre a humanidade o peso da lei: a morte.

Nesse sentido, não importa se alguém acredita na ciência, que a terra é plana, que a terra é o centro do universo, no absurdo, etc., só será salvo se crer<sup>21</sup> que Jesus é o Cristo, evidenciando através da confissão (fruto dos lábios) a sua fé.

“No entanto, o que isso diz? A palavra está com você, em sua boca e em seu coração. Saber que esta é **a palavra da fé que pregamos**. Se você confessar com sua boca o Senhor Jesus, e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Pois a Escritura diz: todo aquele que nele crê não se envergonhará.” (Romanos 10:8-11).

A palavra da fé (verdade) no Éden era: “E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: **De toda a árvore do jardim comerás livremente**, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morre-

<sup>21</sup> “Podemos sentir no próprio espírito que desta qualidade de caráter depende até mesmo a nossa própria salvação eterna. Sim, porque não basta apenas confessar com a boca que Jesus Cristo é o Senhor para que sejamos salvos, porque isso qualquer um pode fazer.” (MACEDO, 2011, p. 120).

rás.” (Gênesis 2:16-17), e assim como toda ordenança divina, o mandamento no Éden enfatizava e garantia plena liberdade (2 Coríntios 3:17), e não bastava Adão dizer que acreditava e Deus, antes tinha que obedecê-Lo.

Adão evidenciaria a sua fé em Deus caso não tivesse comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, mas ao lançar mão do fruto e comer, Adão evidenciou a sua incredulidade.

Adão evidenciou a sua incredulidade pela sua obra, e Cristo, pela sua obra evidenciou total sujeição ao Pai.

“Jesus disse-lhes: A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra.” (João 4:34).

Nesse sentido, ao solicitar ao tal ‘alguém’ que mostrasse a sua fé em Deus sem as obras, Tiago sabia que era impossível fazê-lo, pois através das obras é possível evidenciar tanto a fé quanto a incredulidade.

“Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tiago 2:18).

Quando apresentou Abraão como alguém que foi justificado pelas obras, Tiago não estava descaracterizando a confiança que Abraão tinha em Deus, antes estava demonstrando que a confiança na palavra de Deus era tamanha, que ele executou o que foi determinado sem toscanejar.

“Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?” (Tiago 2:21).

Quando Deus determinou que Abraão saísse do meio de sua parentela, Abraão obedeceu prontamente, abrindo mão da segurança da casa de seu pai, e saiu em busca de uma terra que ainda seria revelada (Gênesis 12:1).

Qualquer pessoa que sair da casa dos seus pais e da sua pátria terá direito a ser abençoado? Não! Mas, no caso de Abraão, como ele saiu como o Senhor Deus lhe havia dito (Gênesis 12:4), isso significa que Abraão teve por firme a palavra da promessa.

“E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra.” (Gênesis 12:2-3).

A obra realizada por Abraão evidenciou a sua confiança em Deus, e a obediência só foi possível por causa do mandamento de Deus. Os filhos de Israel alegavam serem filhos de Abraão, mas não honravam a Deus como Pai, vez que não obedeciam.

Certa feita, os judeus alegaram: -"Nosso pai é Abraão", e Jesus disse: “Se fôsseis filhos de Abraão, **faríeis as obras de Abraão**” (João 8:39). Quais foram as obras de Abraão? As obras que Abraão realizou foram todas em obediência a palavra de Deus, e somente os que obedecem a Deus podem ter Abraão por pai.

“Disse-lhes, pois, Jesus: **Se Deus fosse o vosso Pai, certamente me amaríeis**, pois que eu saí, e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas Ele me enviou” (João 8:42).

Qual era a fé (crer) daqueles judeus? Que Abraão era o pai deles, conseqüentemente, eles acreditavam que eram filhos de Deus (João 8:1). A fé deles era inócua, pois acreditar não torna ninguém filho, mas ao obedecer a palavra de Deus se adquire o poder de ser feito filho de Deus.

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome;” (João 1:12).

Jesus foi claro: - ‘*Se Deus fosse o vosso pai, certamente me amaríeis (obedecer)*’, mas como não se sujeitaram a Cristo como Senhor, não se sujeitaram Aquele que deu o Seu Filho unigênito para que os homens cressem e fossem salvos por Ele. Como não cumpriram o mandamento de Deus, não executaram a obra exigida como faria o pai Abraão.

Quando Abraão ofereceu Isaque segundo a palavra de Deus, executou a obra exigida (Gênesis 22:5), o que significa que Abraão amava a Deus. Ao obedecer, Abraão não amou apenas de palavra e de língua, mas por obra e em verdade.

Quando executou a obra, Abraão assim o fez porque exultava na salvação que Deus havia prometido através do seu Descendente, que é Cristo, e não em Isaque. Como Abraão creu que Deus enviaria o Descendente, em que todas as famílias da terra seriam benditas, ofereceu Isaque em holocausto porque estava convicto que Deus

ressuscitaria seu filho Isaque para cumprir a promessa quando saiu do meio da sua parentela (Hebreus 11:19).

“Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se” (João 8:56).

A exultação de Abraão ao visualizar que o Descendente prometido um dia viria sobre a terra lhe proporcionou tamanha alegria, que a tristeza de ter que imolar o seu único filho foi suplantada, pois a promessa de que todas as famílias da terra seriam benditas em Abraão não poderia ser invalidada por um mandamento posterior.

Quando o escritor aos Hebreus disse: *‘Pela fé ofereceu Abraão a Isaque...’*, a fé de Abraão não é a mesma do ‘alguém’ que diz ter fé, que acredita na existência de um só Deus, ou que Deus faz o impossível, ou que Deus opera milagres, etc., algo subjetivo formulado pela mente de Abraão.

Pela ‘fé’ refere-se a palavra de Deus, ou seja, pela palavra de Deus, que é firme e verdadeira, Abraão sendo chamado, obedeceu. Abraão não foi voluntarioso, antes houve um chamado, e por ele crer na palavra de Deus, obedeceu.

“Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia.” (Hebreus 11:8).

Quando é dito que *‘Pela fé ofereceu Abraão a Isaque...’*, considera-se fé a palavra de Deus que convocou Abraão e lhe fez as promessas: *‘Em ti serão benditas todas as famílias da terra’* e *‘Em Isaque será chamada a tua descendência’*. Tendo por firme a promessa do Descendente, o autor e consumidor da fé, Abraão ofereceu sobre o altar a sua esperança (Hebreus 10:36;

Romanos 4:18).

A obra de Abraão era a vontade do seu Senhor, e para realiza-la, Abraão somente foi obediente. A obra é fruto da sujeição, de humilhação, mas a má leitura denigre o termo 'obra' como se da obra viesse somente altives, vã glória.

“Pela fé ofereceu Abraão a Isaque, quando foi provado; sim, aquele que recebera as promessas ofereceu o seu unigênito. Sendo-lhe dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para até dentre os mortos o ressuscitar; E daí também em figura ele o recobrou.” (Hebreus 11:17-19).

**S**e Abrão foi justificado pelas obras como afirmou Tiago, isto não significa que Abraão teve mérito? Abraão cooperou com Deus para sua justificação<sup>22</sup>?

Para responder a essas perguntas, primeiro se faz necessário compreender a natureza e os atributos da divindade.

A Bíblia apresenta Deus como soberano, misericordioso, amoroso, longânime, porém, Ele é igualmente santo, jus-

<sup>22</sup>“Por isso, quando tratamos, aqui, do ponto principal da justificação, rejeitamos e condenamos as obras. É um tópico que, de forma alguma, admite uma disputa a respeito de boas obras. Suprimimos, portanto, neste artigo, simplesmente, todas as leis e todas as obras da lei (...) Mas, como, aqui, tratamos do tópico justificação, rejeitamos, por ora, as obras que os adversários, obstinadamente, retêm e atribuem à justificação. Isso significa arrebatam a glória a Cristo e atribuí-la às obras.” (LUTERO, 2017, 240 e 253).



to, verdadeiro, etc., de modo que, ao justificar o pecador, Deus não pode abrir mão da sua justiça.

Nesse sentido o apóstolo Paulo diz:

“Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, **para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus.**” (Romanos 3.26).

Quando da ofensa e, conseqüentemente, da queda da humanidade no pecado, Deus havia dado um mandamento a Adão. Para resgatar a humanidade do pecado revertendo as conseqüências da ofensa, Deus só poderia operar a salvação da humanidade através de um novo mandamento.

“Sê tu a minha habitação forte, à qual possa recorrer, continuamente. **Deste um mandamento que me salva,** pois tu és a minha rocha e a minha fortaleza.” (Salmos 71.3).

Semelhantemente, como a ofensa foi operada por Adão, a obediência deveria ser operada por outro Adão, que é Cristo, o último Adão. Através desses textos bíblicos percebe-se que a justiça de Deus, dentro de uma perspectiva de reparação, visa o equilíbrio, equidade e paridade entre os eventos da queda e da redenção.

“Assim, está, também, escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante.” (1 Coríntios 15.45);

“Pois, assim, como por **uma só ofensa veio o juízo** sobre todos os homens para condenação, assim, tam-

bém, **por um só ato de justiça** veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida. Porque, como **pela desobediência de um só homem**, muitos foram feitos pecadores, assim, **pela obediência de um**, muitos serão feitos justos.” (Romanos 5.18-19).

Quando lançou mão do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, a ofensa de Adão não tinha poder de operar nada, mas, o que operou a morte foi o poder que a lei continha: ‘*certamente, morrerás*’ e, por isso, é dito que o pecado para se evidenciar excessivamente maligno operou a morte pelo bem.

“Logo, tornou sê-me o bom em morte? De modo nenhum; mas, o pecado, para que se mostrasse pecado, operou em mim a morte pelo bem; a fim de que, **pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente maligno.**” (Romanos 7.13);

“Ora, o aguilhão da morte é o pecado e **a força do pecado é a lei.**” (1 Coríntios 15.56).

Semelhantemente, isso significa que, na capacidade do homem acreditar em alguém ou em algo não há poder algum para mudar a sua condição diante de Deus, porém, tal poder está na palavra que Deus anunciou a Abraão.

“... e em ti serão benditas todas as famílias da terra.” (Gênesis 12.3).

Adão se alimentou da árvore do conhecimento do bem e do mal e o poder contido na palavra de Deus, que disse:

‘*certamente morrerás*’, afastou o homem de Deus. Quando o homem se alimenta de Cristo, não tem poder algum, mas, o poder contido na palavra de Cristo, que disse: ‘*quem de mim se alimenta, também viverá por mim*’, é que concede vida e comunhão com Deus.

“Assim, como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também, viverá por mim.” (João 6.57).

A mesma promessa que constituiu Abraão herdeiro do mundo, também, prometeu bem-aventurança a todos os povos, de modo que, o poder de realizar está inteiramente na palavra de Deus e não na confiança do homem.

“Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo, não foi feita pela lei a Abraão ou, à sua posteridade, **mas, pela justiça da fé.** (...) Portanto, **é pela fé, para que seja segundo a graça,** a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas, também, à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós, (Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí) perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos e chama as coisas que não são, como se já fossem.” (Romanos 4.13 e 16-17).

É Deus quem vivifica os mortos e chama as coisas que não são, como se já fossem, e não a confiança do homem.

Abraão creu na palavra de Deus e passou a viver segundo a palavra da promessa, andando como peregrino na ter-

ra da promessa e não atentou para a sua condição e nem para a de Sara, antes, creu na promessa, estando certo de que Deus era poderoso para realizar o que prometeu, e por isso a confiança de Abraão lhe foi imputada como justiça.

“Como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí perante aquele no qual creu, a saber, Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são, como se já fossem, o qual, em esperança, creu contra a esperança, tanto, que ele tornou-se pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: Assim, será a tua descendência. E não enfraquecendo na fé, não atentou para o seu próprio corpo, já amortecido, pois, era já de quase cem anos, nem, tampouco, para o amortecimento do ventre de Sara. E não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade, mas, foi fortificado na fé, dando glória a Deus, e estando certíssimo de que, o que Ele tinha prometido, também, era poderoso para o fazer. Assim, isso lhe foi, também, imputado como justiça.” (Romanos 4.17-22);

“E creu ele no SENHOR e lhe imputou isso, por justiça.” (Gênesis 15.6).

Quando se anuncia que é necessário crer em Cristo para ser salvo, significa que o homem não tem que atentar para a sua impossibilidade de se salvar, nem, tampouco, para a sua condição moral ou para a sua insignificância, antes, é estar certíssimo de que Aquele que fez a promessa de vida eterna é fiel e poderoso para salvar (1 João 2.25).

“Fiel é o que vos chama, o qual, também, o fará.” (1 Tessalonicenses 5.24).

Quando o homem crê na palavra de Deus, ou seja, se ‘fortifica’ na fé, rende glória a Deus, de modo que é impossível haver mérito ou se jactar ao crer na palavra de Deus.

Para alguém se jactar de suas ações, tem que se guiar por suas próprias convicções e decisões. Por exemplo: se Abraão se decidisse espontaneamente sair do meio da sua parentela para habitar as regiões de Canaã em tendas, teria do que se gloriar, mas diante de Deus, essa decisão não teria significado e não seria recompensado.

Mas, ao atender à ordem divina: - ‘Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem e, em ti, serão benditas todas as famílias da terra.’ (Gênesis 12.1-3); Abraão não se guiou por suas convicções, antes confiou na palavra de Deus que lhe deu direito a promessa.

Qualquer que sair do meio da sua parentela sem a ordem divina não terá respaldo de Deus, pois, sai por vontade própria e não sob ordem.

“Assim, partiu Abrão **como o SENHOR lhe tinha dito**, e foi Ló com ele e era Abrão da idade de setenta e cinco anos, quando saiu de Harã.” (Gênesis 12.4).

Com relação à salvação, Deus deu a realizar uma obra

aos homens, à semelhança da ordem que deu a Abraão:

“Jesus respondeu e disse-lhes: **A obra de Deus é esta**: Que creiais naquele que Ele enviou.” (João 6.29);

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.” (1 João 3.23).

Quando alguém faz a obra que Deus determinou, se humilha, ou seja, se faz servo de Deus. Deixa de viver segundo as suas próprias convicções na questão da salvação, e passa a ser servo de Deus.

“Não sabeis vós que **a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis** ou, do pecado para a morte ou, da obediência para a justiça? Mas, graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, **obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues**. E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.” (Romanos 6.16-18).

Deus providenciou salvação e a concedeu aos homens através da sua palavra:

“E há de ser que **todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo**;” (Joel 2.32);

“Portanto, assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; **aquele que crer não se apresse**.” (Isaías 28.16).

Diante da mensagem de salvação, se o homem crer, Deus o salvará segundo a sua palavra, pois, não pode mentir e é poderoso para fazê-lo. Não há nem sombra de mérito em quem se refugia em Deus, retendo a esperança proposta.

“Para que, por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta;” (Hebreus 6.18).

Calvinistas dizem que só é possível ao pecador crer se for um dos eleitos de Deus para a salvação, pois, primeiro será despertado para crer, através de uma graça irresistível, o que contraria, flagrantemente as Escrituras. Abraão creu em Deus ao obedecer à ordem divina e saiu do meio da sua parentela, e não porque Deus ‘despertou’ Abraão para obedecer.

A palavra de Deus foi o suficiente para Abraão atender à ordem de Deus, da mesma forma a mensagem do evangelho é suficiente para o homem crer em Deus, por intermédio de Cristo Jesus.

“E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dentre os mortos, e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus;” (1 Pedro 1.21).

Conclui-se que é necessário crer, porque somente crendo que Jesus é o Cristo é possível confirmar que Deus é verdadeiro, pois, esse é o testemunho de Deus, que consta das Escrituras.

“Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o tes-



temunho; quem a Deus não crê, mentiroso o fez, porquanto, não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu." (1 João 5.10).

Só crendo que Jesus é o Filho do Deus bendito torna o homem servo de Deus, portanto, um bem-aventurado, como o crente Abraão.

**“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama e aquele que me ama, será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele.”** (João 14.21);

**“Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”** (Mateus 11.29-30).

Deus providenciou salvação e quer salvar, portanto, a Sua palavra é suficiente para a salvação do homem. Deus disse: **“O meu conselho será firme e farei toda a minha vontade.”** (Isaías 46.10), de modo que Ele opera, tanto o querer (conselho), quanto o efetuar, segundo a sua boa vontade (Filipenses 2.13), de modo que, quando o homem crê, **ele não coopera com Deus** na sua salvação, antes, como Ele é o Senhor que tem uma obra a realizar, realiza a sua obra através dos seus servos. Quando o homem crê, Deus realizou a sua obra.

O mérito é de Deus, que deu mandamento aos seus servos, não dos servos que, ao crerem em Cristo, se apresentaram por servos e laboraram em Sua obra.

**A**lém de trazer à baila a ideia de na obra há mérito, a má leitura da abordagem de Tiago fomentou o argumento de que a fé que não produz boas ações não é a fé salvadora.

Quem entende que ‘qualquer’ que tem fé necessariamente tem que produzir boas ações não considera que o exemplo apresentado por Tiago nem de longe pode ser caracterizada como uma *boa ação*, visto que Abraão levantou um cutelo para imolar o seu próprio filho.

Os argumentos: -‘*As obras são o resultado da salvação*’, -‘*Não somos salvos por causa das obras, mas, para as obras*’, e -‘*As boas obras não são a causa da nossa salvação, mas, o resultado dela*’, surgiram da má leitura da epístola de Tiago, e todos são equivocados.

Na sua epístola, Tiago não tratou de boas ações, a essência da religião, e sim, da obediência à palavra de Deus (Tiago 1:26-27). Como Deus gera o novo homem através da palavra da verdade, o evangelho que salva, Tiago estava orientando os cristãos a obedecerem ao evangelho, e utilizou termos que os judeus entenderiam melhor a determinação, que seria: seja ‘*fazedor da obra*’ (Tiago 1:18 e 1:21; 1 Pedro 1:3 e 23-25).

Quando Tiago conclui a sua exposição dizendo que ‘... *o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé*’, não tinha em mente questões como mérito ou boas ações, pois o exemplo da prostituta Raabe não envolve

mérito e nem boas ações, pois ao esconder os emissários de Israel, ela estava traindo o seu povo.

“E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho?” (Tiago 2:25).

Antes de destacar que Raabe foi justificada pelas obras assim como o crente Abraão, Tiago enfatiza a condição social e moral dela: mulher, estrangeira e meretriz.

Aceitar que o pai Abraão foi justificado pelo que fez era algo aceitável para os seguidores do judaísmo, mas aceitar que, assim como o pai Abraão, uma estrangeira de reputação reprovável também foi justificada pelas obras, era algo que, apesar de constar nas Escrituras, não era bem digerido pelos seguidores do judaísmo.

O que levou Raabe a esconder os dois espias de Israel? Primeiro, Raabe ouviu acerca de como o Deus de Israel operou maravilhosamente no Egito em favor de Israel e creu que Deus é Deus nos céus e na terra e esperou por misericórdia (Josué 2:10-11).

Acreditar na existência de Deus não resultaria em misericórdia para Raabe e sua família, mas ao acolher em paz os espias, Raabe se apresentou por serva do Deus de Israel esperando por misericórdia.

“Pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias.” (Hebreus 11:31).

Ao esconder os espias, Raabe evidenciou pela sua obra a sua confiança na misericórdia de Deus, por perceber que Deus era Deus e que conduziu o povo de Israel em

segurança desde a saída do Egito.

Através dos exemplos de Abraão e Raabe, que foram justificados pelas obras, Tiago conclui:

“Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2:26).

Se Raabe somente dissesse crer em Deus e não tivesse escondido os espias, a sua crença seria inútil, uma fé morta.

Tiago estava demonstrando aos cristãos convertidos das doze tribos da dispersão que, acreditar em Deus é louvável, porém, é uma fé sem efeito se não tiver o amor, a obediência, a sujeição aos mandamentos de Deus.

Se Deus não fez acepção quando aceitou Abraão e Raabe, dois estrangeiros incircuncisos para comporem a linhagem de Cristo, a acepção que alguns faziam com relação aos cristãos gentios era um comportamento que destoava da fé que diziam professar, pois o próprio Deus não fez e não faz acepção de pessoas (Deuteronômio 10:17).

Enquanto a proposta da epístola de Tiago é evidenciar que:

- a) Qualquer que diz ter fé em Cristo, mas não persevera no evangelho não é perfeito (Tiago 1:3-4);
- b) Qualquer que diz ter fé e faz distinção entre pessoas nas reuniões solenes, na verdade não

compreendeu e nem obedeceu ao evangelho de Cristo (Tiago 2:1);

c) Qualquer quem tem fé em Cristo não professa duas doutrinas: o evangelho e a lei (Tiago 3:12);

d) Qualquer que tem fé não promove dissensão no corpo de Cristo (Tiago 3:14 e 16), pois muitos judeus que se diziam cristãos não queriam comer com os gentios promovendo dissensões.

A má leitura leva a concluir que Tiago estava preocupado com questões de cunho social.

Nesse sentido, temos a lição de Eliú:

“Se pecares, que efetuarás contra ele? Se as tuas transgressões se multiplicarem, que lhe farás? Se fores justo, que lhe darás, ou que receberá ele da tua mão? A tua impiedade faria mal a outro tal como tu; e a tua justiça aproveitaria ao filho do homem.” (Jó 35:6-8).

Enquanto a preocupação dos apóstolos era com a falta do fruto a altura do arrependimento, pois muitos que diziam crer em Cristo continuavam professando que tinham por pai Abraão, ou evitar que alguns que se diziam membros do corpo de Cristo e impunham obrigações aos gentios alegando serem necessárias para alcançar a salvação, a má leitura dos evangelhos e das epístolas leva a questionar se há mérito do homem quando se sujeita a Deus (Gálatas 2:14; Atos 15:24).

É impossível ao crente se gloriar de ter crido em Cristo, pois é inadmissível ao evangelho de Cristo presumir que

o crente teria mérito por confiar em Cristo.

É esdruxula a conjectura de que o homem poderia ter algum mérito, ou cooperar com Deus na sua salvação, como se crer no evangelho fosse uma faculdade do próprio homem.

Na verdade, quem crê em Cristo conforme o testemunho das Escrituras se gloria em Cristo, não restando qualquer possibilidade do homem se jactar de ter descansado em Cristo (Filipenses 3:3).

Quem crê em Cristo, na verdade se rendeu à fidelidade e ao poder de Deus expresso na sua palavra. O mérito, a glória e a virtude para a salvação estão no evangelho, a mensagem de boas novas de que Cristo veio ao mundo salvar os pecadores.

“Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1:15).

É um erro colossal reputar que no ato de crer é possível ao crente se jactar por alcançar a salvação por seus próprios méritos. O evangelho é mandamento de Deus, e quem crê, na verdade, se fez servo, se submetendo a vontade de Deus.

Quem crê em Cristo tomou sobre si o jugo suave de Cristo, e leva sobre si um fardo suave, de modo que quem está a serviço do seu senhor como teria condições de bater no peito e se vangloriar, ou se ensoberbecer, ou ter mérito por realizar a obra d’Ele.

A obediência não comporta vangloria ou soberba. Na obediência há sujeição, ou seja, humilhar-se a si mesmo, de modo que, com relação ao evangelho, o mandamento de Deus, é impossível ter mérito por obedecer.

Levantar suspeita de que é possível ter mérito em quem crê no evangelho é desconhecer a essência do evangelho, pois o próprio evangelho exclui a jactância.

“Onde está logo a jactância? **É excluída**. Por qual lei? Das obras? Não; mas **pela lei da fé**” (Romanos 3:27).

Não há como alguém se gloriar de amar (servir) a Cristo, pois quem ama não se envaidece e nem se vangloria (1 Coríntios 13:4). Quem crê em Cristo não tem como se vangloriar, pois crer que Jesus é o Filho de Deus é obra de Deus, e não dos homens (João 6:29).

Quando Jesus concitou os seus interlocutores cansados e sobrecarregados a tomarem sobre si o seu jugo, na verdade, estava requerendo que eles se sujeitassem a Ele como servos (Mateus 11:28-30). Como se gloriar de tomar sobre si o jugo de Jesus? Onde está a jactância no ato de levar sobre si um fardo, mesmo que leve?

**A** aparente contradição que algumas pessoas identificam entre o exposto por Tiago e o apóstolo Paulo se deve a má leitura do que é ‘obra’ e do que é ‘fé’.

Quando ‘fé’ e ‘obras’ são colocadas em polos opostos e analisadas como antagônicas, o termo obra acaba assumindo um sentido pejorativo. A doutrina reformada



em função da doutrina da eleição e da predestinação ao longo dos séculos tem associado a ideia de mérito ao termo ‘obra’, demonizando-o.

Os escritores do N. T. em momento algum apresentaram a ‘fé’ e a ‘obra’ como antagônicas, pois a oposição que eles evidenciam ocorre entre a ‘lei’ (mosaica) e o evangelho (fé).

A oposição que existe é entre a ‘lei’ e o ‘evangelho’ como se verifica nas figuras de Hagar e Sara, Ismael e Isaque, Sinai e Jerusalém, carne e espírito, escrava e livre, etc., ou seja, os apóstolos não apresentam ‘obra’ e ‘fé’ como entes antagônicos.

Em função da oposição ‘lei’ e ‘evangelho’, o apóstolo Paulo faz referência a lei como ‘obras da lei’, e referência ao evangelho como ‘obras da fé’, que significa, respectivamente, ‘obediência’ à lei e ‘obediência’ ao evangelho.

Os apóstolos Paulo e João e o irmão Tiago anunciaram o mesmo evangelho sem contradição alguma. Observe:

“**Confessam** que conhecem a Deus, mas negam-No com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda a boa obra.” (Tito 1:16);

“Meus filhinhos, **não amemos de palavra, nem de língua**, mas por obra e em verdade.” (1 João 3:18);

“Meus irmãos, que aproveita se alguém **disser que tem fé**, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?” (Tiago 2:14).

Já vimos que só é possível conhecer a Deus quando se ama a Deus, ou seja, quando se guarda o seu mandamento (1 João 2:3 e 4:8). Quando o apóstolo Paulo diz que os contaminados e infiéis *‘confessam que conhecem a Deus, mas negam-No com as obras’*, ele expressa o que o apóstolo João diz: *‘que amam de palavra e de língua’*, mas não o amam, pois não guardam os seus mandamentos.

Qual o mandamento que os contaminados e infiéis negam com as obras? O evangelho de Cristo, que é a palavra segundo o mandamento de Deus, a fé dos eleitos, o conhecimento da verdade e a esperança da vida eterna.

“Mas a seu tempo manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador;” (Tito 1:3).

Quem ama de palavra e de língua é porque alega que tem fé, ou seja, que conhece a Deus, porém, não tem as obras, não ama por obra e em verdade, não obedece ao mandamento de Deus.

Mas, como compreender a abordagem de Tiago de que Abraão foi justificado pelas obras, se o apóstolo Paulo expressa que se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se jactar?

“Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque?” (Tiago 2:21);

“Porque, se Abraão foi justificado pelas obras,

**tem de que se gloriar, mas não diante de Deus.”**  
(Romanos 4:2).

A aparente contradição entre as falas de Tiago e do apóstolo Paulo ocorre porque eles estão analisando períodos distintos da história do patriarca.

Tiago fala da justificação de Abraão pelas obras porque a análise está focada no período que Isaque estava com Abraão, precisamente no momento quando o patriarca oferece o seu filho Isaque em holocausto (Gênesis 22:1).

A análise do apóstolo Paulo, por sua vez, compreende um período anterior à prova de Abraão, quando Abraão tentou apresentar seu mordomo, Eliezer, como seu herdeiro (Gênesis 15:2-4 e 6).

**“E eis que veio a palavra do SENHOR a ele dizendo: Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de tuas entranhas sair, este será o teu herdeiro.”** (Gênesis 15:4).

A citação do apóstolo Paulo refere-se especificamente ao momento logo após Deus esclarecer o patriarca haveria de gerar um filho.

**“Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça.”**  
(Romanos 4:3; Gênesis 15:6).

Se o leitor não prestar atenção que o período de tempo analisado pelo apóstolo Paulo é anterior ao de Tiago, não terá elementos para desfazer a aparente contradição.

Quando Abraão creu na promessa não tinha do que se gloriar segundo a carne, pois ainda não havia alcançado Ismael, um filho segundo a carne, e que não foi aceito como herdeiro pelo Senhor (Romanos 4:1).

“DEPOIS destas coisas veio a palavra do SENHOR a Abrão em visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão. Então disse Abrão: Senhor DEUS, que me hás de dar, pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliezer? Disse mais Abrão: Eis que não me tens dado filhos, e eis que um nascido na minha casa será o meu herdeiro.” (Gênesis 15:1-3).

“E não enfraquecendo na fé, não atentou para o seu próprio corpo já amortecido, pois era já de quase cem anos, nem tampouco para o amortecimento do ventre de Sara.” (Romanos 4:19).

O apóstolo Paulo faz essa afirmação contundente para evidenciar que Abraão foi justificado quando ainda estava na incircuncisão (Romanos 4:10-11), e que a promessa não foi dada a Abraão através da lei de Moisés, e sim, pela justiça da fé (Romanos 4:13).

Enquanto Tiago estava instruindo os seus interlocutores a perseverar crendo em Cristo (Tiago 1:4), receber com mansidão o evangelho (Tiago 1:21), ser cumpridor da palavra (Tiago 1:25), não fazer acepção de pessoas (Tiago 2:1), e contestando aqueles que diziam que tinham fé em um só Deus, mas que não obedeciam (Tiago 2:14), o apóstolo Paulo estava batalhando em defesa da verdade do evangelho expondo a impossibi-

lidade da lei justificar.

“Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.” (Romanos 3:20).

Se nenhuma carne será justificada diante de Deus pelas obras da lei, isto significa que o próprio patriarca não seria exceção a regra. No capítulo 4 da epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo evidencia que até mesmo o patriarca Abraão não foi justificado pelas obras, pois não foi segundo a carne (Ismael) que ele alcançou a promessa.

Por que o apóstolo não especifica que Abraão não foi justificado pelas ‘obras da lei’? Porque a lei só veio 430 anos mais tarde.

“Mas digo isto: Que tendo sido a aliança anteriormente confirmada por Deus em Cristo, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a invalida, de forma a abolir a promessa.” (Gálatas 3:17).

O apóstolo Paulo não tinha como contestar as ‘obras da lei’ ao analisar o patriarca Abraão, porém, como os seguidores do judaísmo se jactavam de descenderem da carne de Abraão, o apóstolo destaca a impossibilidade de alcançar algo segundo a carne, até mesmo Abraão. Enquanto o apóstolo Paulo evidencia o que consta no verso 5, do capítulo 17 de Jeremias, ao dizer que Abraão não foi justificado pelas obras, visto que o patriarca não fez da carne o seu braço quando não tinha herdeiro, antes confiou na palavra da promessa, Tiago evidencia o que consta no verso 7, ao dizer que Abraão foi justificado pelas obras, pois ao realizar o que Deus determinou acerca do seu herdeiro segundo a promessa, evidenciou que confiava no Senhor.

“Assim diz o SENHOR: Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR! Bendito o homem que confia no SENHOR, e cuja confiança é o SENHOR.” (Jeremias 17:5 e 7).

As obras pelas quais Abraão foi justificado conforme apontou Tiago não eram decorrentes de um mandamento sob maldição, mas sob a égide da promessa.

“E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi.” (Gênesis 22:2).

A obra de oferecer Isaque em holocausto evidenciou a total confiança de Abraão em Deus, pois ele não tinha como confiar na carne, pois já estava em avançada idade, logo, não havia mais a possibilidade de jactância, visto que a jactância decorre da lei e da carne.

“Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé.” (Romanos 3:27).

A obra pela qual ninguém será justificada se refere as ‘obras da lei’, cujo tropeço em um dos mandamentos faz com que o indivíduo se torne transgressor de toda a lei (Tiago 2:10-11) e impõe maldição sobre os transgressores.

“Todos aqueles, pois, que são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que es tão escritas no livro da lei, para fazê-las”

(Gálatas 3:10)

Ao confiar em Deus como o crente Abraão, o homem cumpre toda a lei, pois Deus deu testemunho de Abraão a Isaque, dizendo:

“... e confirmarei o juramento que tenho jurado a Abraão teu pai; E multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e darei à tua descendência todas estas terras; e por meio dela serão benditas todas as nações da terra; Porquanto Abraão obedeceu à minha voz, e guardou o meu mandado, os meus preceitos, os meus estatutos, e as minhas leis” (Gênesis 26:3-5).



# Queimando carros de bois

*“As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.” (1 Coríntios 20:13).*

O presente trabalho não é e nem pretende ser um tratado filosófico acerca do ‘amor’ como emoção ou sentimento, pois já foram produzidos inúmeros tratados sobre o tema sob diversas perspectivas.

O objetivo deste trabalho é redescobrir a essência da ‘ágape’ e tornar conhecida a ideia defendida pelos apóstolos quando utilizaram o termo.

Visando alcançar esse objetivo, comparamos e analisamos passagens do A. T. com passagens do N. T., sem se deixar influenciar por conceitos filosóficos.

Conforme orientação do apóstolo Paulo, para se comparar *‘as coisas espirituais com as espirituais’*, o método de análise utilizado foi comparar passagens bíblicas revisitando os significados dos termos utilizados pelos escritores da Bíblia.

Em linhas gerais é patente que o amor de Deus para com os homens se evidencia através do Seu mandamento e, aqueles que guardam o Seu mandamento são os que O amam.

Este exercício se fez necessário porque em nosso tempo basta dizer que Jesus perguntou a Pedro: - “*Simão, filho de Jonas, amas-me?*” (João 21:16), e as pessoas deixarão transparecer algum tipo de influência acadêmica, pois de pronto apresentarão o seguinte argumento: - “*Você sabia que no grego há pelo menos quatro palavras para designar o amor?*”.

Embora a informação de que há mais de uma palavra grega para designar o amor seja verdadeira, a informação se reveste de importância e a pergunta de Jesus fica em segundo plano. As pessoas acabam dando mais importância aos significados que os termos gregos ‘ágape’, ‘phílos’, ‘storgué e ‘eros’ podem assumir, do que ao conteúdo da mensagem.

O Senhor Jesus e os apóstolos utilizaram os termos ‘ágape’ e ‘phílos’ para falar aos homens acerca do amor do Pai, porém, os termos utilizados no N. T., apesar de pertencerem ao idioma grego, não remetiam os interlocutores do N. T. as questões filosóficas de Platão<sup>23</sup> ou de Aristóteles<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Amor platônico – Em nossos dias o conceito de amor platônico diz de afeição sem contato sexual, embora o conceito de Platão diga de uma afeição em um patamar ideal além do contato físico, porém, sem excluí-lo. Na obra *O Banquete*, de Platão, no discurso final, a filosofia é eleita a melhor forma de amor, o que deu origem ao termo ‘amor filosófico’, sinônimo de ‘amor platônico’.

<sup>24</sup> O amor (phília) aristotélico aborda o que é semelhante e recíproco, ou seja, se é amigo de quem é agradável e útil, que, por motivo idêntico aceita a amizade. Diz da amizade que deriva da virtude que o outro possui e, vice-versa.

O mundo das ideias de Platão não era tangível à sociedade grega à época, pois era um conhecimento restrito a certos círculos do mundo acadêmico. De igual modo, o racionalismo como ponto central da filosofia aristotélica não era algo comum e difundido a todos os homens gregos, conhecimento que foi produzido e permaneceu restrito às comunidades acadêmicas.

Pensar o mundo grego e a língua grega tendo como material de estudo somente os escritos ‘científicos’ produzidos à época trará uma concepção embotada daquela sociedade, haja vista que, nem mesmo a nossa sociedade com tanta tecnologia, consegue aproximar o pensamento acadêmico da realidade do dia a dia.

Para analisar o evangelho de Cristo se faz necessário se afastar dos conceitos filosóficos e da escrita utilizada nos centros acadêmicos e se aproximar do significado que os termos empregados pelos escritores do N. T. possuíam na sociedade, principalmente com relação ao uso do grego koine.

**D**istinguir o cristianismo fundado por Cristo que foi difundido pelos apóstolos do pretense cristianismo que surgiu logo depois, ainda no final do primeiro século da era cristã é uma tarefa difícil. Os desvios doutrinários que surgiram naquele período ainda hoje continuam sendo a base de sustentação de inúmeras religiões e organizações ditas cristãs.

Muitos erros doutrinários foram produzidos por influência das culturas greco-romana, pois muitos padres da antiguidade, como Tomás de Aquino e Agostinho, redigiram os seus tratados teológicos sob influência da filosofia grega.

Ao se ocuparem em dar respostas teológicas às perguntas de ordem metafísica, especialmente as de cunho ontológicas, os pensadores cristãos do primeiro século não só se deixaram influenciar, como passaram a utilizar os pressupostos filosóficos para responderem questões teológicas.

O apóstolo Paulo já havia alertado os cristãos para terem cuidado com homens que poderiam fazê-los presas utilizando como laço filosofias e sutilezas, mas os doutores eclesiásticos rejeitaram o exemplo e o alerta do apóstolo Paulo e se imiscuíram em doutrinas e filosofias várias sob pretexto de melhor expor o evangelho aos povos.

O apóstolo Paulo foi claro:

“A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder;” (1 Coríntios 2:4);

E ainda:

"Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do

**“mundo, e não segundo Cristo;”** (Colossenses 2:8).

Isto significa que o apóstolo Paulo era contra a filosofia? Não. Ele alertou acerca de certas pessoas que faziam uso da filosofia, mas isso não significava que, como conhecimento humano, a filosofia fosse má.

O texto de Colossenses não é um ataque à filosofia grega, até porque o risco maior para o evangelho naquele momento era o judaísmo, que ora se apresentava como religião, ora como sistema filosófico.

O alerta maior emerge da carta aos Coríntios, que destaca que os judeus buscavam sinal e os gregos sabedoria, mas Cristo para estes era loucura e, para aqueles, escândalo.

**“Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos.”** (1 Coríntios 1:22-23).

Se o apóstolo Paulo considerou como escória o que segundo a carne era considerado ganho pela excelência do conhecimento de Cristo e não se deixou levar por sabedoria de palavras ao evangelizar para que a cruz de Cristo não se fizesse vã (Filipenses 3:7; 1 Coríntios 1:17), seria leviano por parte do apóstolo Paulo se imiscuir na filosofia grega.

O apóstolo Paulo foi cuidadoso ao expor o evangelho, tanto que não se envolveu com a filosofia. Alguns estudiosos chegaram a aventar a possibilidade do evangelho anunciado pelos apóstolos ter sofrido influên-

cias da filosofia grega<sup>25</sup>, mas, estudos recentes demonstram que, o que se presumia não ocorreu, tanto que tal pensamento não foi confirmado por escolas modernas.

O idioma utilizado em qualquer matéria tem a sua relevância e merece um estudo apropriado. Entretanto, com relação ao evangelho, não significa que, por terem utilizado o idioma grego, Cristo e os apóstolos adotaram os conceitos, as categorias de pensamento, as metáforas, os mitos ou a práxis<sup>26</sup> dos gregos.

Quando os escritores do N. T. fizeram uso do grego *koine*<sup>27</sup> sabiam que os seus interlocutores compreenderiam os termos utilizados na exposição tendo por base o uso coloquial do idioma. Neste sentido, o grego do poviléu se situava muito distante da linguagem própria do mundo científico, filosófico e cultural da época.

Nota-se no N. T. que os exemplos e as parábolas que Jesus contava ao povo se restringiam às questões agrícolas como: semente, fruto, árvore, estações, semeadura, colheita etc., tendo como foco principal as

<sup>25</sup> “A chamada história geral da religião abordou a influência religiosa estrangeira no Cristianismo primitivo numa frente mais ampla, mas também aflorou a influência dos Gregos. Por outro lado, um impacto directo da filosofia grega no Novo Testamento e, em particular, em S. Paulo, que escolas anteriores de estudos teológicos (p. ex., a de D. F. Strauss) costumavam presumir, não foi confirmado pela investigação histórica moderna” (JAEGER, 2002, p. 15).

<sup>26</sup> Em um sentido amplo, diz da atividade humana em sociedade e na natureza.

<sup>27</sup> “Embora Metzger e Colwell narrem o episódio de modo diferente (...) ele envolve a pessoa de um grande pastor alemão, Gustav Adolf Deissmann, de Marburgo, que, na biblioteca da Universidade de Heidelberg, tomando um volume de papiros recém-publicado, na época, em Berlim, repentinamente descobriu, admirado, a similaridade da linguagem dos papiros com a do Novo Testamento. Continuando os seus estudos, chegou à conclusão de que as peculiaridades do grego do Novo Testamento são devidas à sua relação com o grego coloquial popular, linguagem não-literária do tempo, e não, devido à influência semítica ou à chamada ‘linguagem do Espírito Santo’” (BITTENCOURT, 1993, p. 47).

relações<sup>28</sup> sociais entre pai e filho, senhor e servo, nobre e vil, rei e súditos, marido e mulher.

Nas parábolas de Jesus não há qualquer referência às questões de foro íntimo como sentimentos e emoções ou prescrição de princípios morais. São valores que sofrem variação de sociedade e de tempo, enquanto os ensinamentos de Jesus são atemporais e válidos para todos os povos.

**A** linguagem do N. T. tem como pano de fundo a pujança da aristocracia que forma o cenário sociocultural da época em que as Escrituras foram produzidas, portanto, não se assemelha a linguagem do humanismo renascentista, movimento cultural e filosófico desenvolvido entre os séculos XIV e XVI na Europa.

A concepção de amor que os religiosos dos nossos dias prescrevem aos seus seguidores não guarda qualquer relação com o amor imperativo grave e objetivo estabelecido no N. T.

<sup>28</sup> *“Aquele que quiser atribuir a Deus apenas o que é garantido pela razão natural, ou deve servir-se de atributos negativos, como infinito, eterno, incompreensível; ou de superlativos, como o mais alto, o maior, e outros semelhantes; ou de indefinidos, como bom, justo, sagrado, criador, e em tal sentido como se não quisesse declarar aquilo que ele é (pois isso seria circunscrevê-lo dentro dos limites de nossa fantasia) mas sim como o admiramos, e como estamos prontos a obedecer-lhe, o que é um sinal de humildade e de vontade de honrá-lo tanto quanto possível, pois só existe um nome para significar nossa concepção de sua natureza e esse nome é, Eu sou, e apenas um nome de sua relação conosco, e esse é Deus, no qual está contido o Pai, o Rei e o Senhor”* (HOBBS, 2003, p. 306).



“Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de **odiar um e amar o outro**, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Lucas 16:13);

“Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?” (Mateus 20:15).

‘Amar’ é estar a serviço de um senhor que tem autonomia para dispor aquilo que lhe pertence da forma que bem quiser, porém, o ‘amor’ divulgado por muitos religiosos é permeado de subjetivismo.

Ao utilizar o termo ágape, Jesus exigiu dos seus servos ‘obediência’, ‘sujeição’ e/ou ‘serviço’ exclusivo, e os religiosos, por sua vez, fazem uso do termo para exigir afeição ou sentimento dos seus adeptos sob pretexto de visar o bem comum.

**“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.”** (Mateus 11:29).

Tomar o jugo de Jesus é amar somente a Cristo servindo-O na condição de servo, o que só é possível quando o homem deixa de servir a si mesmo. Observe que em nenhum dos ensinamentos de Jesus há referência aos eventos teatrais palacianos e nem uso de fábulas para expor uma verdade espiritual.

No N. T., no máximo há citações de poesias seculares nos escritos paulinos, no mais, toda abordagem visa esclarecer e informar os cristãos acerca da fé cristã.

Em certos círculos, o termo ágape acabou sendo divinizado, como se o termo tivesse se transmutado em função do evangelho para fazer referência ao ‘amor divino’. Entretanto, analisando o idioma empregado pelos apóstolos nada há de místico que vinculem os termos utilizados às questões de cunho ‘espiritual’, visto que tais termos também podem e foram empregados negativamente. Exemplo:

“Traidores, obstinados, orgulhosos, mais **amigos** dos deleites do que **amigos** de Deus” (2 Timóteo 3:4; 1 Timóteo 6:10).

O termo φίλος (philos) foi utilizado com relação a Deus e ao mundo, da mesma forma que o termo ágape pode ser empregado positivamente ou negativamente. O apóstolo Paulo na segunda epístola a Timóteo fez uso do verbo ἀγαπάω (agapao) com sentido negativo, o que desmitifica a ideia de que o termo ágape significa ‘amor divino’.

“Porque Demas me desamparou, **amando** o presente século, e foi para Tessalônica, Crescente para Galácia, Tito para Dalmácia” (2 Timóteo 4:10).

Não é porque o termo ‘ágape’ foi empregado nas Escrituras com relação a Deus, como na declaração joanina: “*Deus é amor*”, que os significados subjacentes e pertinentes à língua grega devam ser esquecidos.

Dependendo do contexto, os profetas do A. T., ao utilizarem o termo hebraico אהב (aheb) traduzido por amor não lhe negaram a devida conotação sexual em função do contexto, o que também não pode ser negado ao termo ágape simplesmente por ter sido empregados pelos escritores do N. T.

“E O SENHOR me disse: Vai outra vez, **ama** uma mulher, amada de seu amigo, contudo adúltera, como o SENHOR **ama** os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses, e amem os bolos de uvas.” (Oséias 3:1).

Tentar fazer com o termo ágape quando empregado no N. T. o que é próprio ao verbo hebraico בָּרָא (bara’), cujo sujeito só pode ser Deus é descaracterizar a essência do termo.

Quando fala que é necessário ao homem deixar pai e mãe para se unir a sua mulher, o apóstolo Paulo não exclui da união a conotação sexual, antes evidencia através da união do casal, quando ambos se tornam uma só carne, o grande mistério que há entre Cristo e a sua Igreja.

“Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da Igreja.” (Efésios 5:32).

Considerando que Deus é onisciente, conhecedor de todas as coisas, quando se lê a proposição condicional: “Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido dele.” (1 Coríntios 8:3), ser ‘conhecido dele’ não diz de ‘saber acerca de’, ou ‘ter ciência de’, antes remete a ideia de comunhão, quando o homem se tornar um só corpo com Cristo.

Ser conhecido de Deus é ter comunhão íntima, quando o homem se torna membro do corpo, da carne e dos ossos de Cristo.

“Porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos.” (Efésios 5:30).

‘Conhecer’ e ‘amar’ são aspectos diferentes da união na qual o homem passa a estar em Deus e Deus nele:

“E aquele que **guarda os Seus mandamentos Nele está, e Ele nele**. E nisto conhecemos que Ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado.” (1 João 3:24).

O versículo acima poderia ter sido redigido de outra forma que preservaria a mesma ideia: ‘*E aquele que **ama** Nele está, e Ele nele*’, visto que ‘*quem guarda os Seus mandamentos ama a Deus*’ (1 João 5:3).

A abordagem do apóstolo Paulo é a mesma do apóstolo João, pois quem ama conhece a Deus, visto que quem guarda os seus mandamentos está em Deus:

“Mas, se alguém ama a Deus, esse é conhecido Dele.” (1 Coríntios 8:3);

“E aquele que guarda os Seus mandamentos Nele está, e Ele nele. E nisto conhecemos que Ele está em nós, pelo Espírito que nos tem dado.” (1 João 3:24).

**O** conceito de autoridade que emerge da Bíblia diferente muito da ideia de autoridade que a nossa sociedade está habituada. Quando se fala em autoridade hoje, compreende-se que se refere a alguém que tem o direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar e de se fazer obedecer.

Enquanto nos nossos dias a autoridade é validada por sua legitimidade, na Bíblia a prerrogativa da autoridade decorre do dever de cuidado.

Quando o apóstolo Paulo diz que Cristo é a cabeça da Igreja, significa que Ele é quem exerce o domínio do corpo, o que se traduz em cuidado para com o seu corpo.

“Porque o marido é a cabeça da mulher, como também **Cristo é a cabeça** da igreja, sendo **ele próprio o salvador do corpo**. (...) Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; **antes a alimenta e sustenta**, como também o Senhor à igreja;” (Efésios 5:23 e 29).

Quem exerce autoridade tem o dever de cuidar.

“Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo;” (Mateus 20:25-27).

“Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más. Queres tu, pois, não temer a potestade? Faze o bem, e terás louvor dela.” (Romanos 13:3).

No bojo do termo ágape também está implícito a noção de autoridade, pois Cristo ‘amou’ a Igreja ao se sujeitar em obediência ao Pai e se entregar por ela. A Igreja, por sua vez, deve se sujeitar ao cuidado do ‘marido’, a essência da submissão, o seu amor por Cristo:

“Vós, maridos, **amai** vossas mulheres, como também Cristo **amou** a Igreja, e a si mesmo se entregou por ela.” (Efésios 5:25).

O amor do marido é expresso quando exerce cuidado para com a esposa. O cuidado é um ato de liberalidade do esposo dispensado a quem precisa de proteção, sustento e afeição.

Por outro lado, as mulheres ‘devem’ obediência aos seus maridos, o que evidencia o seu amor para com o esposo, a exemplo de Sara (Efésios 5:22).

“Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; (...) Como **Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor**; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto.” (1 Pedro 3:1 e 6).

A autoridade do marido não se dá por imposição, antes é uma conquista decorrente da liberalidade<sup>29</sup> que cerca a mulher de cuidado. A mulher, por sua vez, deve se sujeitar ao cuidado do marido, o que não se deve confundir com satisfazer caprichos.

“Igualmente vós, maridos, coabitai com elas **com entendimento**, dando honra à mulher, como vaso mais fraco;” (1 Pedro 3:7).

A condição de ‘vaso mais fraco’ não inferioriza a mulher, pois a paridade entre homem e mulher se dá na representação do ‘vaso’. Quando a mulher é colocada co-

<sup>29</sup>“O mérito especial do que comanda é a prudência. As outras virtudes lhe são comuns com os que obedecem. Estes não precisam de prudência, mas sim de confiança e de docilidade; são como os instrumentos ou então como o fabricante de alaúdes, e o homem que comanda é como o executante que os toca.” (ARISTÓTELES, A Política, p. 26).

mo vaso mais fraco, isto significa que a mulher requer maior cuidado e proteção em relação ao homem pela sua natureza, e não por ser inferior.

**A**pesar de o ideário do evangelho quando anunciado pelos apóstolos de Cristo não ter sido tocado por influências greco-romana, não podemos dizer o mesmo dos chamados ‘pais da igreja’<sup>30</sup>.

Conforme se abstrai de alguns registros literários, dos quais o mais antigo que se tem notícia é a carta de Clemente de Roma aos Corintos (JAEGGER, 2002, p. 21, nota de rodapé nº 44), vê-se que a cultura grega acabou se mesclando à mensagem dos ‘pais da igreja’.

Mas, por que isto ocorreu? Como os ditos ‘pais da igreja’ em tão pouco tempo se distanciaram da doutrina de Cristo e formularam um pensamento divorciado da doutrina dos apóstolos?

O historiador Jaeger lembra que o ensinamento dos *Dois Caminhos* era antigo, que aparece em Hesíodo<sup>31</sup>, em um tratado denominado *Pinax de Cebes* e, que, à época, havia um grupo denominado Pitagóricos, cujo estilo de vida era o ascetismo e que utilizava a letra ‘Y’ como símbolo de uma encruzilhada representando a ne-

<sup>30</sup> "Não há dúvida de que aqui Paulo descreve sob a influência do mito gnóstico a maldição que pesa sobre a humanidade adâmica." (BULTMANN, 2004, p. 312).

<sup>31</sup> HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*, 288-293, citado por Werner Jaeger em *Cristianismo Primitivo e a Paideia Grega primitiva*, pág. 21, nota de rodapé nº 18.



cessidade do homem se decidir sobre qual caminho tomar, o bem ou o mal<sup>32</sup>.

Apesar de ser impossível precisar como, os cristãos do I século acabaram adotando o ensinamento Pitagórico dos Dois Caminhos e o incorporaram ao *Didaqué*<sup>33</sup> dos Doze Apóstolos<sup>34</sup>, uma espécie de ensinamento moral filosófico combinado com os ‘sacramentos’ do batismo e da eucaristia.

Quando anunciou a parábola das Duas Portas e dos Dois Caminhos à multidão no Sermão da Montanha, Jesus não impôs valores de ordem moral e nem fomentou questionamentos de ordem filosófica.

A parábola das Duas Portas e dos Dois Caminhos utiliza duas figuras para apresentar um enigma à multidão, tendo em vista que Jesus não ensinava o povo abertamente.

“E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos.” (Marcos 4:34).

Jesus destaca a existência de duas portas, uma larga e outra estreita, e afirma que são muitos os que entram pela porta larga. Como Jesus dá ordem aos seus ouvintes que entrem pela porta estreita, fica implícito a

<sup>32</sup> Cf. Scripta Minora I, 140 – Idem.

<sup>33</sup> Didaqué dos Doze Apóstolos é um manual doutrinário escrito por cristãos do primeiro século com o objetivo de regular princípio de conduta e a liturgia da igreja cristã com base no que entenderam dos escritos dos apóstolos.

<sup>34</sup> “Existem dois caminhos: o caminho da vida e o caminho da morte. Há uma grande diferença entre os dois. Este é o caminho da vida: primeiro, ame a Deus que o criou; segundo, ame a seu próximo como a si mesmo. (...) Este é o caminho da morte: primeiro, é mau e cheio de maldições - homicídios, adultérios, paixões, furtos, roubos, idolatria...” Didaqué.

a necessidade do novo nascimento, de modo que temos parâmetros seguro para interpretar a parábola.

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem.” (Mateus 7:13-14).

A ordem: *‘Entrai pela porta estreita’* é um convite ao novo nascimento, pois Cristo como o caminho, a verdade e a vida é quem conduz os homens a Deus. A porta larga, de outra banda, refere-se a Adão, quando os homens entram no mundo através do nascimento natural.

Na parábola as portas representam os dois Adãos, o primeiro e o último, respectivamente, Adão e Cristo.

“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante.” (1 Coríntios 15:45).

Ao entrar por Adão, a porta larga, os homens são feitos almas viventes e estão em um caminho largo decorrente da ofensa de Adão que os conduzem à perdição. Para se ver livre da condenação, se faz necessário ao homem nascer de novo, de Cristo, que é espírito vivificante, que estará no caminho estreito que conduz os homens à salvação.

Neste ponto a doutrina de Cristo não tem paralelo com nenhuma religião, pois apresenta salvação aos homens hoje porque eles foram julgados e condenados no passa-

do em Adão. As religiões, por sua vez, oferecem salvação hoje para homens que ainda vão ser julgados no futuro.

Nesse sentido, os Dois Caminhos dos Pitagóricos contrariam a lógica, pois se homens precisam escolher entre o bem e o mal hoje, senão serão julgados e condenados no futuro, isto significa oferecer salvação a quem ainda não está perdido. Daí a pergunta: qual o objetivo de se oferecer salvação hoje a alguém que não está perdido?

Os Dois Caminhos apresentado na Didaqué não possui relação com os Dois Caminhos da parábola contada por Jesus, e em momento alguns na Didaqué é enfatizado que para o homem ser salvo é necessário crer que Jesus é o Cristo.

Inúmeras leituras equivocadas acerca da ágape têm feito com que muitos teólogos pensassem o evangelho como doutrina com poder de resgatar a sociedade transformando as relações sociais dos indivíduos através da transmutação de seus valores morais.

Poucos conseguem perceber que o evangelho de Cristo e dos apóstolos não pretendeu fomentar revoluções sociais ou culturais em busca de um mundo melhor. Jesus nunca esteve engajado em lutas de classes sociais e nem buscou desestabilizar as estruturas de governo, as barreiras sociais e a estrutura econômica estabelecida à época.

Pensadores como Agostinho (354-430 d.C.), que foi influenciado pelo maniqueísmo<sup>35</sup> na sua juventude e,

*35“Ah! Suscitas precisamente uma questão que me atormentou por demais, desde quando era ainda muito jovem. Após ter-me cansado inutilmente de resolvê-la, levou a precipitar-me na heresia (dos maniqueus), com tal violência que fiquei*

posteriormente se tornou seguidor das ideias de Plotino, com sua filosofia acabou influenciou sobremaneira o cristianismo ao longo dos séculos.

Em ‘A Cidade de Deus’<sup>36</sup>, Agostinho adotou a postura de um filósofo da história universal e a sua proposta é, sobretudo, moralista, ao sustentar o pressuposto de que há dois tipos de homens: os que se amam a si mesmos a ponto de desprezarem a Deus, e os que amam a Deus até ao ponto de desprezarem a si mesmos.

Com a ajuda e influência da filosofia neoplatônica e dos teólogos de Milão, a doutrina agostiniana promoveu o ‘casamento’ da metafísica com a moral e a ética, pois ele viu o problema da humanidade sob a ótica de um mal de ordem ontológica com implicação ética e moral.

Ao compreender a ágape como caridade, o amor em Agostinho assume uma perspectiva social, enquanto princípio que promove a união entre o homem individual e o homem social.

*prostrado. Tão ferido, sob o peso de tamanhas e tão inconsistentes fábulas, que se não fosse meu ardente desejo de encontrar a verdade, e se não tivesse conseguido o auxílio divino, não teria podido emergir de lá nem aspirar à primeira das liberdades — de poder buscar a verdade. Visto que a ordem seguida, então, atuou em mim com tanta eficácia para 21 resolver satisfatoriamente essa questão, seguirei igualmente contigo aquela mesma ordem pela qual fui libertado. Seja-nos, pois, Deus propício e faça-nos chegar a entender aquilo em que acreditamos. Estamos, assim, bem certos de estar seguindo o caminho traçado pelo profeta que diz: "Se não acreditardes não entenderéis". Ora, nós cremos em um só Deus, de quem procede tudo aquilo que existe. Não obstante, Deus não é o autor do pecado. Todavia, perturba-nos o espírito uma consideração: se o pecado procede dos seres criados por Deus, como não atribuir a Deus os pecados, sendo tão imediata a relação entre ambos?" (AGOSTINHO, 1995, p. 28).*

<sup>36</sup> *"Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor-próprio, levado ao desprezo de Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória a deus, testemunha de sua consciência" (AGOSTINHO, 1990, p. 285).*

Neste sentido, Agostinho viu a impossibilidade de o Estado<sup>37</sup> chegar a uma autêntica justiça se não primasse pelos princípios ‘morais’ do cristianismo, e o seu pensamento levou o seguimento eclesiástico a obter primazia em relação ao Estado.

Quase um milênio após, Tomás de Aquino<sup>38</sup> (1225-1274 a.C.) também enveredou pelo campo da moral; porém, seguiu um caminho diferente de Agostinho, e abraçou a moral tomista (agir racionalmente, em harmonia com a natureza racional do homem), essencialmente intelectualista, enquanto a moral agostiniana era voluntarista.

Para ambos, Agostinho e Aquino, o amor em pauta é o exaltado pela filosofia e se esqueceram da essência do evangelho: o amor é cumprir o mandamento de Deus, que é crer em Cristo segundo as Escrituras (João 7:38).

<sup>37</sup> “Que discussões, que doutrina de qualquer filósofo que seja, que leis de qualquer Estado se podem de algum modo confrontar com os dois preceitos nos quais Cristo diz que se compreendia toda Lei dos Profetas? [...] Nestas palavras se inclui a filosofia natural, visto que as causas todas de todos os elementos da natureza estão em Deus Criador; está compreendida a filosofia moral, uma vez que uma vida boa e honesta não de outra fonte recebe o seu sacrifício senão quando aquilo que é para se amar, a saber, Deus e o próximo, se ama como se deve; está incluída a lógica, pois a verdade e a luz da alma racional não são senão Deus; está contida também a salvação de um Estado (Civitas) louvável, pois não se funda nem se conserva melhor um Estado do que mediante o fundamento e o vínculo da fé e da sólida concórdia, a saber, quando se ama o bem comum, que na sua expressão mais alta e verdadeira é deus mesmo, e Nele os homens se amam mutuamente com a máxima sinceridade, no momento que se querem bem por amor d’Aquele ao qual não podem esconder o espírito.” (Epístola 137, 5, 17.).

<sup>38</sup> “Por onde, não se conhecendo bem a si mesmos não se amam verdadeiramente, mas, amam-se pelo que julgam ser. Ao contrário, os bons, conhecendo-se verdadeiramente a si mesmos, verdadeiramente a si mesmos se amam. E isto o Filósofo prova pelos cinco elementos próprios à amizade” (AQUINO).

Enquanto Platão louvou a beleza<sup>39</sup>, pseudo cristãos confundiram o amor de Deus com a proposta platônica acerca do belo, e promoveram uma união entre o que equivocadamente entenderam por ‘amor’ e por ‘belo’<sup>40</sup>.

Muitos estudiosos são unânimes quando afirmam que o pensamento platônico e aristotélico, apesar de ser um pensamento humano, foi mal compreendido e suas ideias distorcidas<sup>41</sup> por Agostinho e Aquino, que se dirá do evangelho, que é matéria de cunho espiritual e, segundo o apóstolo Paulo, é matéria que se discerne espiritualmente.

Analisando os gregos, principalmente Homero<sup>42</sup>, que não era naturalista e nem moralista, verifica-se que as questões éticas estão vinculadas às leis que regem o ser, o que foge do pensamento que se baseia no dever.

A visão do homem da antiguidade não era impregnada de questões éticas e morais, mas com o advento de Só-

<sup>39</sup> *“Quanto à beleza - como te disse -, ela brilhava entre todas aquelas Ideias Puras, apesar de nossa prisão terrena, seu brilho ainda ofusca todas as outras coisas. A visão é ainda o mais sutil de todos os nossos sentidos. Não pode, contudo, perceber a sabedoria. Despertaria amores veementes se oferecesse uma imagem tão clara e nítida quanto as que podíamos contemplar para além do céu. Somente a beleza tem esta ventura de ser a coisa mais perceptível e arrebatadora.”* (PLATÃO, Fedro, p. 17).

<sup>40</sup> *“As ‘razões do coração’, são as estruturas das experiências estéticas e de comunhão (beleza e amor); a razão ‘que não pode compreendê-las’ é a razão técnica”* (TILLICH, 2005, p. 91).

<sup>41</sup> *“Os conceitos de Aristóteles de anagnorisis (“reconhecimento”) e peripeteia (“reversão”) foram tão mal compreendidos na época do Renascimento quanto a sua concepção de hamartia...”* (MCLEISH, 2000, p. 32).

<sup>42</sup> *“Homero não é naturalista nem moralista. (...) Para Homero, como para os Gregos em geral, as últimas fronteiras da ética não são convenções do mero dever, mas as leis do ser.”* (JAEGER, 2003, p. 211).



crates e Platão inaugurou-se um novo tempo no pensamento do homem grego, e foi dessa fonte que os pais da igreja beberam e pautaram tanto o pensamento filosófico quanto teológico deles.

Sócrates buscou moralizar, *escolasticizar* e intelectualizar a concepção trágica do mundo da Grécia, e é devido a ele que a Grécia dos tempos subsequentes mergulhou no idealismo, moralismo e espiritualismo (JAEGER, 2011, p. 496 a 497). Mas, Sócrates não deve ser acusado de ter influenciado o pensamento teológico nesses dois milênios de cristianismo, antes, a culpa recai sobre os pretensos cristãos que se apropriaram indevidamente das suas ideias.

Em um primeiro momento, temos Agostinho fazendo uso da filosofia de Platão, como sublinha Jaeger, de que a obra Cidade de Deus nada mais é que uma releitura cristã da República de Platão (JAEGER, 2003, p.581), posteriormente, Tomás de Aquino escreveu uma dezena de comentários às obras de Aristóteles, surgindo assim a escolástica, uma tentativa de conciliar o racionalismo aristotélico e a tradição eclesiástica.

A influência grega na teologia não parou em Aquino, pois o humanista Erasmo de Roterdã se debruçou sobre as obras clássicas da literatura grega e romana, e ao se encantar com as propostas filosóficas de Sócrates, instrutor de Platão, acabou por declará-lo mártir pré-cristão, o *Sancte Socrates*<sup>43</sup>.

<sup>43</sup> “A posteridade cristã outorgou-lhe a coroa de mártir pré-cristão, e o grande humanista da época da Reforma, Erasmo de Roterdã, incluía-o ousadamente entre os seus santos e orava: *Sancte Socrates, ora pro nobis!* (...) Sócrates torna-se o guia de todo Iluminismo e de toda filosofia moderna: o apóstolo da liberdade moral, separado de todo dogma e de toda tradição, sem outro governo além daquele da sua própria pessoa e obediente apenas aos ditames da voz interior da sua consciência.” (JAEGER, 2003, p. 493).



A necessidade dos chamados pais da igreja em promover um diálogo entre teologia e filosofia fez surgir a ideia de que ambas as matérias estariam intimamente relacionadas. Daí adveio o pensamento de uma ética ligada ao amor, de que o cristianismo possui afinidade com determinados sistemas de governo, e que deve desempenhar um papel de crítica social denunciando o egoísmo da economia globalizada e o distanciamento existente entre as classes sociais.

**A** problemática erigida pelos chamados pais da igreja evoluiu ao longo dos séculos, e teóricos recentes, como Tillich, permaneceram firme na tentativa de fazer dialogar filosofia e teologia, só que agora sob pressupostos do existencialismo.

A teologia de Tillich se resume em apresentar respostas às questões existenciais do homem, e assevera que o estudo teológico depende de validação da filosofia<sup>44</sup>, sob o pressuposto de que a verdade está subordinada a filosofia.

Para Tillich a teologia não deve se ocupar em descobrir a essência da mensagem anunciada pelos apóstolos, antes deve produzir um conhecimento derivado de uma interpretação criativa do indivíduo com base em eventos

<sup>44</sup> *“A ontologia precede toda outra tentativa de aproximação cognitiva da realidade. Ela precede todas as ciências, nem sempre historicamente, mas sempre em dignidade lógica e análise lógica”* (TILLICH, 2004, p. 32).

que ocorrem no período que se está vivenciando<sup>45</sup>.

A filosofia de Tillich rotulada de teologia deriva do humanismo renascentista, que pretendia libertar o homem das garras da igreja católica, surgindo assim uma teologia subjetivista, produto de uma filosofia existencialista, que autoriza qualquer pessoa definir o que é a verdade.

Eis a definição de Tillich para o amor:

“Amor não é mera emoção, mas poder ontológico<sup>46</sup>, a própria essência da vida, a reunião dinâmica dos separados. Quando o amor for entendido dessa maneira, haverá de ser o princípio básico de qualquer ética social protestante, capaz de unir o elemento eterno com o dinâmico, o poder com a justiça, e a criatividade com a forma.” (TILLICH, 1992, p. 26)

Tillich analisa o amor do ponto de vista ontológico, e não à luz da hermenêutica bíblica, e por isso, na visão dele, a ágape não passa de um imperativo moral.

*“O princípio do ágape expressa a validade incondicional do imperativo moral e dá a norma última para todo conteúdo ético.”* (TILLICH, Paul, 2005, p. 509).

<sup>45</sup> “A teologia sistemática necessita de uma teologia bíblica que seja histórico-crítica sem quaisquer restrições, mas que seja, ao mesmo tempo, interpretativo-existencial, levando em conta o fato de que ela trata de assuntos de preocupação última.” (TILLICH, 2005, p. 51).

<sup>46</sup> “Em princípio, todas estas questões são respondidas pela interpretação do amor em termos ontológicos e do amor divino em termos simbólicos (...) O caráter ontológico do amor resolve o problema da relação entre amor e justiça retributiva.” (TILLICH, 2005, p. 287).

A hermenêutica bíblica tem como foco delinear o pensamento dos escritores da Bíblia, mas para Tillich essa seria uma tarefa impossível, portanto, sem importância.

Enquanto o apóstolo João expressa que o mandamento de Deus é o amor, entender que a ágape é a norma última da lei moral é desconsiderar a mensagem do apóstolo, pois o mandamento a que o apóstolo se refere não tem implicação moral ou ética, e sim sujeição plena.

Fazer teologia dialogar com filosofia é uma luta inglória experimentada por muitos autores ditos cristãos, e Søren Kierkegaard, filósofo e teólogo, também não escapou a armadilha.

No livro *‘As obras do amor’*, Kierkegaard opõe a sua concepção de amor cristão, ou seja, *‘o amor ao próximo como a si mesmo’* com outras três concepções de amor:

- a) o amor platônico, que em busca do ideal, abre mão do concreto;
- b) o amor aristotélico, que louva a amizade, e;
- c) o amor romântico dos poetas.

As considerações de Kierkegaard introduz uma ideia quase romântica sobre *‘elogiar o amor’*<sup>47</sup>, que nas palavras dele seria uma *‘obra do amor’*, com fundamen-

<sup>47</sup> “Para poder elogiar o amor, é preciso então, interiormente, auto abnegação, e, exteriormente, um desapego que se sacrifica. Se então alguém se encarrega desse elogio, e a questão é saber se ele o faz realmente por amor, é preciso responder a isso: “nenhuma outra pessoa pode decidir com certeza; pode ser que seja por vaidade, orgulho, enfim, por más razões; mas pode ser também que seja por amor.” (KIERKEGAARD, 2004, p. 101; 2005, p. 418).

to na abnegação, o chamado ‘amor desinteressado’, pois para Kierkegaard amar desinteressadamente seria “*o verdadeiro amor, o amor que se sacrifica, ama toda e qualquer pessoa de acordo com seu caráter próprio (sua individualidade), está pronto para realizar qualquer sacrifício: ele não procura seu interesse*” (KIERKEGAARD, 2005, p. 308).

Em linhas gerais, Kierkegaard entende que a intenção e a maneira como um ato é realizado determinam o amor e seu reconhecimento. Como a intenção não é algo demonstrável, Kierkegaard diz que é essencial crer no amor.

É confusa a metáfora que correlaciona árvore e fruto em Kierkegaard, pois a Bíblia diz que às árvores (homens) são conhecidas através do fruto (o que professam), e após fazer a citação bíblica: “**Cada árvore se reconhece pelo fruto que lhe é próprio**; não se colhem figos de um espinheiro, nem se colhem uvas de sarças.” (Lucas 6:44), Kierkegaard chega a uma conclusão que o texto não autoriza: ‘*Assim também se conhece o amor no seu próprio fruto*’.

Na Bíblia, árvores representam os homens, e o fruto representa a doutrina que o homem professa:

“Ou **fazei a árvore boa, e o seu fruto bom**, ou **fazei a árvore má, e o seu fruto mau**; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.” (Mateus 12:33-34).

Se o homem está ligado a videira verdadeira professa a Cristo, mas se está ligado ao judaísmo, professa a lei de Moisés e se gloria na carne de Abraão.

Mas, apesar de afirmar que o amor é cognoscível por seu fruto, Kierkegaard não define o que seria esse ‘fruto’.

Observe essa colocação:

*“É justamente assim também o que se dá com a cognoscibilidade do amor. O Apóstolo João diz (1 Jo 3, 18): “Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade.” E com que deveríamos melhor comparar este amor das palavras e das maneiras de falar, senão com as folhas das árvores; pois também a palavra e a expressão e as invenções da linguagem podem ser um sinal para o amor, mas um sinal incerto. A mesma palavra pode ser, na boca de alguém, tão rica de conteúdo, tão confiável, e na boca de um outro ser como o murmúrio indeterminado das folhas; a mesma palavra pode, na boca de uma pessoa, ser como o “grão abençoado que nutre”, e na de outra, como a beleza infecunda da folha.”* (KIERKEGAARD, 2003, 14).

Kierkegaard compara ‘o amar de palavra e de línguas’ criticado pelo apóstolo João como sendo às folhas das árvores, uma interpretação extensiva que cria uma nova metáfora não autorizada pelas Escrituras e introduz um erro que impedirá a compreensão do anunciado pelo apóstolo João e a parábola de Jesus.

As folhas das árvores jamais poderiam ser consideradas,

pois não há referência na parábola sobre o que representam. Mas, se fosse para representar algo, as folhas das árvores deveriam ser associadas a aparência das ovelhas, vez que os falsos profetas têm ‘vestimenta’ de ovelhas, mas são lobos devoradores e só é possível conhece-los pelos frutos.

“Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?” (Mateus 7:15-16).

O erro de interpretação de Kierkegaard persiste ao entender que a ‘qualidade’ de uma mesma mensagem muda dependendo do indivíduo que a anuncia. Entretanto, é a natureza do indivíduo que determina o conteúdo da mensagem e a sua qualidade.

Quem é nascido de novo da semente incorruptível, o evangelho, está ligado à videira verdadeira e a palavra na boca é o evangelho, de modo que a árvore ou o ramo é bom e o fruto bom. Se não é nascido de novo, é nascido da semente corruptível, a semente de Adão, e a palavra na boca é o engano segundo o coração enganoso que possuí, de modo que a árvore é má e o fruto mau.

A proposta de Jesus é: *‘Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau’*, de modo que é impossível *‘dizer boas coisas, sendo maus’*, ou *‘dizer más coisas, sendo bons’*, donde se conclui que a palavra (fruto) da árvore boa é diferente da palavra (fruto) da árvore má e vive versa.

O posicionamento de Kierkegaard, por sua vez, é que se trata de uma mesma palavra. Jamais o evangelho pode ser na boca de alguém rico em conteúdo e tão confiável, e na boca de um outro alguém pobre em conteúdo e sem aceitação. Jamais o evangelho pode ser na boca de alguém verdade e na boca de outra pessoa o engano, pois este não passaria de um pseudoevangelho.

Ler o que o pai do existencialismo pontua acerca do evangelho como teólogo é sofrível, pois o evangelho de Cristo não é a base para as suas asserções, e o que ele pontuou acerca de algumas passagens bíblicas é resultado de uma má leitura e ou má interpretação.

Os muitos aforismos que constam do Livro *As obras do amor* não passam de má leitura das considerações que o apóstolo Paulo faz acerca do amor na primeira epístola aos Coríntios no capítulo 13, que analisaremos mais adiante.

Quando Kierkegaard afirma que *‘não se pode ver o amor como tal, e por isso mesmo se tem de crer nele’*, não considerou que ‘Deus é amor’ e que Cristo é o amor de Deus evidenciado aos homens.

“Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.” (João 14:7)

**A**s correntes filosóficas se propõem apresentar um modelo de vida cujo pináculo da existência humana seja



venturoso tanto na convivência familiar quanto em sociedade. Este é o objetivo último das correntes filosóficas: Como alcançar uma existência gratificante e no que constitui essa felicidade?

A proposta de ser cristão tem em vista alcançar os objetivos do pensamento filosófico? Vejamos!

O apóstolo Pedro ao fazer algumas recomendações aos cristãos convertidos dentre os judeus solicitou que todos tivessem um mesmo parecer (mente, entendimento, intenção), e que fossem compassivos, amáveis e não dados à vingança (1 Pedro 1:1; 2:11 e 3:8-9).

A orientação acima tem um motivo: os cristãos sabiam que foram chamados para alcançar por herança a bênção. Que bênção? A graça da vida na condição de cordeiros, pois essa é a promessa que Jesus fez (1 Pedro 3:7, 1 João 2:25). Se esse era o parecer dos cristãos convertidos dentre o judaísmo, eles não deveriam se ocupar das mesmas questões dos seus concidadãos, que era lutar contra as nações gentílicas visando estabelecer a nação de Israel. E por que o apóstolo Pedro tem esse posicionamento? Qual a base da sua instrução? A base era as Escrituras, especificamente os salmos!

*“**Porque** ‘Quem quer amar a vida, E ver os dias bons, Refreie a sua língua do mal, E os seus lábios não falem engano. Aparte-se do mal, e faça o bem; Busque a paz, e siga-a. Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, E os seus ouvidos atentos às suas orações; Mas o rosto do Senhor é contra os que fazem o mal.’” (1 Pedro 3:10-12);*

“Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem? Guarda a tua língua do mal, e os teus lábios de falarem o engano. Aparta-te do mal, e faze o bem; procura a paz, e segue-a. Os olhos do SENHOR estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor. A face do SENHOR está contra os que fazem o mal, para desarraigar da terra a memória deles.” (Salmo 34:12-16).

Olhando as Escrituras, o homem natural entenderá que tanto a leitura do Salmo quanto a citação do apóstolo Pedro se tratam de textos com viés moralizante e prescritivo de comportamento visando melhorar as relações interpessoais na sociedade.

Já o homem espiritual vê coisas espirituais, pois a vida que anseia é a celestial, pois o bem maior está na eternidade. O homem espiritual possui um novo coração e um novo espírito, e como a boca fala do que há no coração, jamais falará o engano, posto que colocou um ‘guarda’ na boca (Salmo 141:3; Ezequiel 36:26).

Apartar-se do mal é deixar de servir a si mesmo, e fazer o bem é se submeter a Deus. Quem continua com o coração perverso herdado de Adão se aparta de Deus (Salmo 101:4; Isaías 65:11), daí a necessidade da circuncisão do coração, para alcançar um novo coração dado por Deus.

“E o SENHOR teu **Deus circuncidará o teu coração**, e o coração de tua descendência, para **amares** ao SENHOR teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma, para que vivas.” (Deuteronômio 30:6).

A interpretação da Bíblia remete sempre as questões espirituais, como Cristo assentado à destra da majestade nas alturas (Colossenses 3:1), e o homem natural analisa tudo segundo uma perspectiva terrena.

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.” (1 Coríntios 15:19).

As conjecturas filosóficas sobre o amor que os intelectuais constroem não possuem correlação com o amor bíblico.

O apóstolo João definiu que amar a Deus é obedecê-Lo, o que torna o crente apto a amar uns aos outros segundo o Seu mandamento (1 João 5:3). Qual o mandamento de Deus? Crer que Jesus de Nazaré é o Filho de Deus!

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.” (1 João 3:23).

O evangelista João também destaca que o amor de Deus se manifestou quando Ele enviou o seu Filho unigênito ao mundo para que os homens obtivessem vida por meio do Cristo (1 João 5:11).

“Nisto se manifesta o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos. Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor. Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito. E vimos, e testificamos que o Pai enviou seu Filho para Salvador

do mundo. Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus.” (1 João 4:9-15).

O apóstolo João parece ser repetitivo em sua abordagem, mas a essência do texto se depreende dos pronomes indefinidos *ninguém* e *qualquer*, traduções dos termos οὐδείς (oudeís) e ὅς (hos). Quando o evangelista utiliza o pronome indefinido οὐδείς (oudeís) juntamente com o advérbio πῶποτε (pópote), ele potencializa a ideia de exclusão, não deixando exceções. O apóstolo amado exclui todo e qualquer indivíduo da premissa e/ou suposição: ninguém!

Se *ninguém* jamais viu a Deus, segue-se que a exceção abarca tanto os judeus quanto os gentios, portanto, ambos os povos não podiam se gloriar de sua condição diante de Deus. Se ninguém viu a Deus, mas Cristo, o Filho unigênito O revelou, daquele momento em diante os homens deveriam se gloria em Cristo (Romanos 5:11; Filipenses 3:3), por quem a graça e a verdade vieram, o que contrasta com a lei dada por Moisés.

“Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. **Deus nunca foi visto por alguém.** O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.” (João 1:17-18).

Os cristãos não podiam se deixar enganar por ninguém, quer fosse por judeus ou gentios, antes deveria praticar a justiça, ou seja, se afastarem do mal se sujeitando a Deus (1 Pedro 3:10-12).

“Filhinhos, ninguém vos engane. Quem pratica justiça é justo, assim como ele é justo.” (1 João 3:7).

Os judaizantes negavam que Jesus era o Cristo e os gnósticos negavam que Jesus veio em carne (1 João 2:22;

1 João 4:3), o que indica a multiplicidade de enganos no mundo à época.

Mesmo que ninguém jamais tenha visto a Deus, se um cristão amar uns aos outros significa que guardou os mandamentos de Deus e o amor de Deus atingiu o seu objetivo: plena comunhão uns com os outros, sem qualquer tipo de acepção de pessoas.

“E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, **o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado;** nisto conhecemos que estamos nele.” (1 João 1:3-5).

“Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, **Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor.** Nisto conhecemos que estamos nele, e ele em nós, pois que nos deu do seu Espírito.” (1 João 4:12-13).

Os apóstolos viram e testificaram que Cristo foi enviado por Deus como salvador do mundo (1 João 4:14; 1 João 1:1-3), e qualquer pessoa, não importando se judeu ou gentil, que admitir que Jesus é o Filho de Deus, está em Deus e Deus nele.

Quem está em Deus por crer que Jesus é o Cristo e não faz acepção de pessoas, está isento de escândalo. Promover dissensão ou partidarismo no corpo de Cristo é causar escândalo (Marcos 9:38-42 e 50).

“Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está em trevas. **Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo.** Mas aquele que odeia a seu irmão está em trevas, e

anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos.” (1 João 2:9-11).

“Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o temperareis? Tende sal em vós mesmos, e **paz uns com os outros.**” (Marcos 9:50).

João, enquanto discípulo de Jesus, junto com os demais, viram uma pessoa que expulsava demônios em nome de Jesus e proibiu, isto porque essa pessoa não seguia Jesus juntamente com eles (Marcos 9:38). Após serem alertados para não proibirem aquela pessoa, Jesus alertou quanto as consequências de escandalizar um dos seus pequeninos e da necessidade de se ter paz uns com os outros (Marcos 9:50).

Quando um cristão testifica que o Pai enviou seu Filho para salvar o mundo está amando o próximo como a si mesmo, e quando aceita como irmão qualquer que confessa que Jesus é o Filho de Deus, significa que ama uns aos outros (1 João 4:14-15).

**C**onsiderar a ágape como sendo o amor desinteressado, amor doação sem espera de recompensa ou caridade, etc., contraria o exposto pelo apóstolo Paulo na primeira epístola aos Coríntios, no capítulo 13.

Se distribuir todos os bens aos pobres não é o amor, ou doar o corpo a ser queimado não é o amor, certo é que a concepção do ‘*amor desinteressado*’ não é o amor destacado pelo apóstolo Paulo (1 Coríntios 13:3).

Para compreender o uso que o apóstolo Paulo faz do ter-



mo ágape, se faz necessário revisitar alguns versículos que ele fez uso do termo.

Sobre amar a Deus, o apóstolo Paulo destaca aos cristãos o que foi dito pelo profeta Isaias: *‘as coisas que o olho não viu e o ouvido não ouviu e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que O amam’*, e observando o registrado pelo profeta Isaias se verifica que *‘esperar em Deus’* é o mesmo que amá-Lo.

“Mas, como está escrito: *As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, E não subiram ao coração do homem, São as que Deus preparou para **os que o amam.***” (1 Coríntios 25:9);

“Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti que trabalha para **aquele que nele espera.**” (Isaias 64:4).

Conforme já vimos, os que amam a Deus são os que obedecem ao mandamento (amor) de Deus demonstrado em Cristo, que é o mesmo que *esperar em Cristo*.

O apóstolo Paulo também destacou aos Coríntios que a circuncisão ou a incircuncisão nada é, e sim, a observância aos mandamentos de Deus. Quando se analisa o que foi dito aos cristãos da Galácia, temos:

“A circuncisão é nada e a incircuncisão nada é, mas, sim, **a observância dos mandamentos de Deus.**” (1 Coríntios 7:19);



“Porque em Jesus Cristo nem a circuncisão nem a incircuncisão tem valor algum; mas sim a fé que opera pelo amor.” (Gálatas 5:6);

“Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura.” (Gálatas 6:15).

O apóstolo Paulo fez três declarações sobre a circuncisão e a incircuncisão e faz três conclusões sobre o tema. Utilizando o princípio da equivalência da lógica, visto que as três proposições apresentam a mesma informação, embora de maneiras diferentes, é possível identificar as relações e os significados dos termos ‘*observância*’, ‘*mandamentos*’, ‘*fé*’, ‘*amor*’ e ‘*nova criatura*’.

Os três versos destacam que a circuncisão e a incircuncisão nada é, e apresenta o que tem importância diante de Deus:

- a) A observância (obediência) dos mandamentos (cuidado, amor) de Deus;
- b) A Fé (Cristo, mandamento, amor de Deus, cuidado) que opera pelo amor (obediência), e;
- c) Ser uma nova criatura = consequência da obediência à fé, ou da observância aos mandamentos de Deus.

Levando-se em conta o princípio da equivalência, a ‘*observância dos mandamentos*’ é a ‘*fé que opera pelo amor*’, de modo que ‘*observância*’ está para ‘*amor*’ assim como ‘*mandamentos*’ está para ‘*fé*’.

Como é necessário obedecer a fé, certo é que a fé em co-

mento diz do mandamento de Deus manifesto em Cristo conforme anunciado pelas Escrituras dos profetas.

“Mas que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para **obediência da fé;**” (Romanos 16:26).

Sem obediência (amor) à fé (mandamento), ou seja, sem a fé (mandamento) que opera pelo amor (obediência), Deus não efetua a Sua obra, que é fazer do pecador arrependido uma nova criatura.

Quem observa o mandamento, ou seja, quem crê em Cristo, é beneficiado pela ação da fé que opera pela obediência, fazendo do velho homem uma nova criatura, que passa a estar em Deus e andar n’Ele.

“Assim que, **se alguém está em Cristo, nova criatura é;** as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.” (2 Coríntios 5:17).

O apóstolo Paulo apresenta Cristo como a ‘fé’ que havia de se manifestar, portanto, Cristo é a ‘fé’ a quem o homem deve obediência (Romanos 1:5; 16:26; Gálatas 3:23).

Enquanto o apóstolo João apresenta a ágape em relação ao homem como obediência a Cristo, o apóstolo Paulo apresenta Cristo como a ‘fé’ que o homem deve obediência, portanto, dependendo do contexto, os termos ‘fé’ e ‘amor’ são intercambiáveis (Gálatas 5:6; Romanos 1:5; Apocalipse 14:12).

O homem deve obediência à fé, pois a fé é o mandamento de Deus. Cristo, o autor e consumidor da fé, é a fé manifesta em graça e verdade, o que contrasta

com a lei, que promove discursos vãos, má consciência e não purifica o coração do homem.

Cristo, o amor de Deus, uniu os povos (judeus e gentios) desfazendo a barreira de inimizade, ab-rogando o mandamento que consistia em ordenanças.

“Na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças.” (Efésios 2:15).

“Porque o precedente mandamento é ab-rogado por causa da sua fraqueza e inutilidade.” (Hebreus 7:18);

“Dizendo Nova aliança, envelheceu a primeira. Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar.” (Hebreus 8:13).

O apóstolo Paulo faz uso dos termos ‘*mandamento*’ e ‘*amor*’ de modo peculiar, e o leitor precisa ter muita atenção para perceber as nuances dos termos. Observe:

“Ora, o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida.” (1 Timóteo 1:5; Hebreus 10:22; 1 Pedro 3:21);

“Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.” (Romanos 10:4).

O termo grego τέλος (telos) traduzido por ‘fim’ nos versículos acima indica objetivo, finalidade, de modo que, no verso 5 de primeira Timóteo 1, o objetivo do mandamento é a obediência, ou seja, o amor de um coração puro, sincero e que acredita de fato, e no verso

com a lei, que promove discursos vãos, má consciência e 4, de Romanos 10, o objetivo da lei é conduzir os homens a Cristo (Gálatas 3:24), para justiça de todo aquele que crê, ou seja, o *‘amor de um coração puro’*.

O apóstolo Paulo aos Gálatas demonstra que se alguém obedece a Deus é conhecido d’Ele, terminologia mais usual nas epístolas do apóstolo João.

“Mas, **se alguém ama a Deus**, esse é **conhecido dele**.” (1 Coríntios 8:3);

“Mas agora, **conhecendo a Deus**, ou, antes, **sendo conhecidos** por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?” (Gálatas 4:9);

“E nisto sabemos que **o conhecemos**: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: **Eu conheço-O, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso**, e nele não está a verdade. Mas **qualquer que guarda a sua palavra**, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; **nisto conhecemos que estamos Nele**.” (1 João 2:3-5).

Em outra passagem, o apóstolo Paulo utiliza o verbo φιλέω (phileó) para acusar de anátema qualquer que não obedece ao Senhor Jesus, o que evidencia que os termos φιλέω (phileó) e αγαπάω (agapao) são intercambiáveis, o que reveste de relevância a matéria em análise, e não o termo utilizado.

“Se alguém **não ama** ao Senhor Jesus, seja anátema” (1 Coríntios 16:22).

Qual é o amor que alguns nomeiam de ‘O dom supremo’? Seria o amor doação? Ou o amor desinteressado?

No versículo: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons. E agora eu vos mostrarei o caminho mais excelente.” (1 Coríntios 12:31), o apóstolo Paulo fala de um caminho mais excelente, e no capítulo 14, faz a seguinte recomendação: “Segui o amor...” (1 Coríntios 14:1), que é o caminho sobre-excelente.

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor.” (1 Coríntios 13:13).

Para indicar o caminho mais excelente, o apóstolo Paulo enfatiza:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.” (1 Coríntios 13:1-3).

Falar o idioma de seres celestiais e o idioma dos homens sem ter o amor seria semelhante ao metal que soa ou o sino a tinir, cujo som chama a atenção e se perde. Sem o amor, o falar idiomas mil somente encantaria os ho-

mens, mas sem qualquer proveito diante de Deus.

Ter o dom de profecia, conhecer todos os mistérios e ter todo o conhecimento é nada sem o amor. O homem de Deus que foi devorado por um leão enquanto voltava para a cidade de Judá de Betel, apesar de ser profeta e ter anunciado a palavra de Deus a Jeroboão, possivelmente não teve amor (1 Reis 13:1-3 e 24).

Ou ainda, ter plena confiança que possibilitasse fazer o impossível, transporta os montes, mas não tivesse amor, diante de Deus nada seria. O rei Uzias era um homem que confiava em Deus, sendo instruído por Zacarias, realizou o impossível: promoveu a prosperidade dos filhos de Israel, porém, foi punido por Deus com lepra, o que evidencia que ele não teve amor (2 Crônicas 26:5 e 19).

O apóstolo Paulo deixa claro que, mesmo que se distribua uma fortuna visando o sustento dos pobres, tal generosidade não seria de proveito algum diante de Deus. Isto significa que a *'caridade'*, o *'amor doação'* ou o *'amor desinteressado'* não é o amor apregoado pelo apóstolo Paulo.

É evidente a falácia do *'amor desinteressado'* diante da argumentação paulina, posto que, ainda que se entregue o corpo a ser queimado, tal sacrifício de nada aproveitaria, pois não é o caminho sobre-excelente.

Observe que o apóstolo utiliza o substantivo ἀγάπη (ágape) no verso 1, do capítulo 13, da primeira epístola aos Coríntios, e não o verbo ἀγαπάω (agapaó), enfatizando aos cristãos a necessidade de estarem de posse da ágape, o que é diferente da ideia do verbo agapó, de alguém que pratica uma ação como sujeito do verbo.

“... ἀγάπην δὲ μὴ ἔχω...” Westcott/Hort with Diacritics

O verbo ἔχω traduzido por ‘ter’ indica a posse de algo, e o texto aponta esse algo como sendo a ágape. Que amor é esse que o homem necessita estar em posse para não se assemelhar a um metal que soa ou sino que tine? Qual o amor que o homem deve ter que lhe seja proveitoso?

Jesus Cristo é o amor que o apóstolo Paulo faz referência, pois se os homens não tiverem Cristo, o amor de Deus evidenciado à humanidade, mesmo que falem outras línguas, se assemelha a um metal que soa ou sino que tine.

Só estará de *posse* do amor quem recebe o *amor da verdade* (τὴν ἀγάπην τῆς ἀληθείας), e a salvação será o proveito decorrente de se estar de posse desse amor.

“E com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam **o amor da verdade para se salvarem.**” (2 Tessalonicenses 2:10).

O mandamento (palavra) de Deus é a verdade, e evidencia o Seu amor. Qualquer que obedece ao mandamento recebe o cuidado, a proteção de Deus. Não se trata de um amor que se centra na preferência moral, e sim, no cuidado que Deus dispensa aos que O obedecem.

O apóstolo João define o amor que o apóstolo Paulo faz referência:



“O PRESBÍTERO à senhora eleita, e a seus filhos, aos quais amo na verdade, e não somente eu, mas também todos os que têm conhecido a verdade, por amor da verdade que está em nós, e para sempre estará conosco: Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai, seja convosco na verdade e amor. Muito me alegro por achar que alguns de teus filhos andam na verdade, assim como temos recebido o mandamento do Pai. E agora, senhora, rogo-te, não como se escrevesse um novo mandamento, mas aquele mesmo que desde o princípio tivemos: que nos amemos uns aos outros. E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, que andeis nele.” (2 João 1:1-6).

O evangelista João amava a senhora eleita e seus filhos, e não somente ele, mas qualquer que tivesse conhecido a verdade também os amaria por causa da verdade que habita para sempre nos que creem (1 João 1:1-2). Os filhos da senhora eleita andavam na verdade segundo o mandamento que receberam de Deus, ou seja, guardar o mandamento de Deus é estar de posse do *amor da verdade*.

Os versos 1 a 3, do capítulo 13, da primeira epístola aos Coríntios apontam Cristo, o amor Deus, e qualquer que crê que Jesus é o Cristo estará de posse do amor.

O mandamento para crer em Cristo é proveniente de Deus, por isso, o amor enfatizado pelo apóstolo Paulo é um dom que, dependendo do contexto, pode ser nomeado ‘amor’ ou ‘fé’.

**“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus.” (Efésios 2:8).**

Por meio da fé, o dom de Deus, o homem é salvo, assim como é salvo ao receber o amor da verdade (2 Tessalonicenses 2:10). Como já demonstrado, a ‘fé’ no verso 8 de Efésios 2 diz da fidelidade de Deus expressa na Sua palavra, e não da disposição do homem em acreditar em algo.

Da mesma forma que a *fé* como expressão da fidelidade de Deus é objetiva, o amor como dom supremo apontado pelo apóstolo Paulo também é objetivo. O amor exigido para alguém não se assemelhar ao sino que tine era o mesmo que o apóstolo Paulo detinha, e o mesmo amor que os seus interlocutores estavam sendo instruídos a terem.

Se a ágape fosse algo subjetivo, cada indivíduo teria sua própria medida de amor, mas a observação paulina é que cada qual tenha o amor sem o qual tudo o que fizer será de nenhum proveito.

Considerando a filosofia moral de Agostinho, o amor enquanto princípio moral, apetite natural e/ou impulso moral seria algo subjetivo, portanto, variável de indivíduo para indivíduo, de sociedade para sociedade e de época em época.

Após destacar o amor como dom de Deus, mandamento que expressa o Seu cuidado, o apóstolo Paulo descreve o amor quando em exercício:

**“O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.**

Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá.” (1 Coríntios 13:4-8).

Os versículos 4 a 8, de primeiro Coríntios 13, destacam características própria ao amor quando *‘verdadeiramente aperfeiçoado’*, como evidenciado pelo apóstolo João:

“Mas qualquer que **guarda** a sua palavra, o **amor e Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado**<sup>48</sup>; nisto conhecemos que estamos Nele.” (1 João 2:5).

Se alguém guarda a palavra de Deus, o amor de Deus está nele, de modo que jamais será como o sino que tine. Quem obedece a palavra de Deus está de posse do amor de Deus, e como fez o que é agradável a Deus, mesmo que não fale as línguas dos anjos e dos homens, não tenha o dom de profecia, não conheça os mistérios e nem tenha toda a fé para realizar o impossível, não tenha fortuna para dar aos pobres e nem faça sacrifícios, é aceito por Deus.

Quem obedece a Deus é pleno do Seu amor, pois recebeu o *amor da verdade*. O amor naquele que obede-

<sup>48</sup> “A ideia grega de perfeição é funcional. Uma coisa é perfeita quando se realiza plenamente o propósito para o qual foi planejado, projetado e feito. Na verdade, esse significado está envolvido na derivação da palavra. O adjetivo teleios é formado a partir do substantivo telos. Telos significa um fim, um propósito, um objetivo, uma meta. Uma coisa é teleios, se realiza a finalidade para a qual foi planejada” (BARCLAY, 1995, Mt 5.43-48).

ce ao mandamento de Deus é eficaz, pleno, completo, perfeito.

**“Nisto é perfeito o amor para conosco, para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo. No amor não há temor, antes o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em amor.”** (1 João 4:17-18).

No que consiste a perfeição do amor? No fato de Deus estar no crente por cumprir o Seu mandamento. Se o cristão ama o outro, significa que obedece a Deus, portanto, o Seu amor é perfeito naquele que obedece.

**“Ninguém jamais viu a Deus; se nos amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o seu amor.”** (1 João 4:12).

Quando o apóstolo João afirma que o amor é isento de medo, descreve a natureza do mandamento de Deus em Cristo, que proporciona o galardão da herança, diferente do mandamento da lei de Moisés, que impunha medo por causa da pena (Gálatas 3:10; Êxodo 20:18-20).

Aquele que tem medo é redarguido pelo mandamento como transgressor, diferente de quem obedece, que por ser perfeito em amor tem a promessa, e não a pena (Tiago 2:9-10).

O uso que o apóstolo João faz dos termos ἀγάπη (ágape) e φόβος (fobos) não possui o mesmo significado do uso que o humanista Nicolau Maquiavel fez em sua obra ‘O Príncipe’:

*“Nasce disso uma questão, a saber: é melhor ser **amado** do que ser **\*temido** ou o contrário? (...) E os homens receiam menos ofender aquele que **se fez amar do que aquele que se fez temer** o amor mantém-se vinculado à gratidão, e esse vínculo, por serem míseros os homens, rompe-o toda ocasião conveniente; ao passo que o temor é mantido pelo receio aos castigos, e jamais faz com que te abandonem.”* (MAQUIAVEL, O Príncipe, p. 108).

Maquiavel utiliza os verbos ‘amar’ e ‘temer’ para descrever respectivamente afeição e submissão, enquanto o apóstolo João emprega o termo ἀγάπη (ágape) para indicar sujeição plena, e o termo φόβος (fobos) para indicar sentimento. Enquanto para o apóstolo João a sujeição afasta o medo, para Maquiavel, o receio do castigo perpetua a submissão.

Diferentemente dos príncipes, Deus não busca domínio, pois é Senhor de tudo e todos, antes, ao evidenciar o seu amor (cuidado) através de um mandamento, o amor (sujeição) exclui a condenação e o medo.

Como é possível o amor estar perfeito no homem? Basta confessar que Jesus é o Filho de Deus que o tal cumpriu o mandamento de Deus, portanto, está em amor e Deus está nele.

**“Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus. E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.”** (1 João 4:15-16).

O apóstolo Paulo descreve a ágape através dos verbos gregos μακροθυμέω (makrothumeó) e χρηστεύομαι (chrésteuomai), respectivamente traduzido por ‘sofredor’, ‘paciente’, ‘tolerante’ e ‘benigno’, ‘gentil’, ‘brando’, como predicativos do amor.

O amor tem essas características: sofredor e benigno, e aquele que obedece ao mandamento de Deus é sofredor (resignado) e benigno (brando).

“Ora o Senhor encaminhe os vossos corações **no amor de Deus, e na paciência de Cristo.**” (2 Tessalonicenses 3:5);

“Meus irmãos, tomai por exemplo de aflição e paciência os profetas que falaram em nome do Senhor.” (Tiago 5:10);

“Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa.” (Hebreus 10:36).

O Senhor Jesus por permanecer no amor do Pai, sendo obediente em tudo, é exemplo de resignações e paciência (João 15:10).

O rei Saul é um exemplo negativo, pois sendo desobediente, era impaciente e procedia mal.

“E **esperou Saul sete dias**, até ao tempo que Samuel determinara; não vindo, porém, Samuel a Gilgal, o povo se dispersava dele. Então disse Saul: Trazei-me aqui um holocausto, e ofertas pacíficas. E ofereceu o holocausto. E sucedeu que, acabando ele de oferecer o holocausto, eis que Samuel chegou; e

Saul lhe saiu ao encontro, para o saudar. Então disse Samuel: Que fizeste? Disse Saul: Porquanto via que o povo se espalhava de mim, e tu não vinhas nos dias aprazados, e os filisteus já se tinham ajuntado em Micmás, Eu disse: Agora descerão os filisteus sobre mim a Gilgal, e ainda à face do SENHOR não orei; e constrangi-me, e ofereci holocausto. Então disse Samuel a Saul: Procedeste nesciamente, e não guardaste o mandamento que o SENHOR teu Deus te ordenou; porque agora o SENHOR teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre;” (1 Samuel 13:8-13).

Saul procedeu como um louco, foi impaciente e culpou Samuel pelo seu desatino. Se Saul fosse perfeito em amor, teria esperado o profeta Samuel segundo o que Deus ordenara, e mesmo com a dispersão do povo, teria confiança. Como teve medo diante da iminente invasão dos filisteus, Saul procedeu mal se lançando ao sacrifício e, posteriormente, ao voto.

“GUARDA o teu pé, quando entrares na casa de Deus porque chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal.” (Eclesiastes 5:1).

O amor não é invejoso, não trata com leviandade e nem se ensoberbece, e aquele que tem em sua posse o amor por ser obediente ao mandamento de Deus, não será movido pela inveja, ou pela soberba e nem será leviano. O obediente se move segundo o mandamento de Deus, o amor da verdade, e não segundo seus sentimentos e emoções.



É impossível obedecer ao mandamento e ser leviano, obedecer a Deus e se gloriar de se sujeitar, ou ter o amor e promover divisões entre os que têm o amor de Deus.

“Mas, se tendes amarga inveja, e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade.” (Tiago 3:14).

Quem obedece ao mandamento não é indecente, não tem em vista seus próprios interesses, não incita e nem propõe o mal. É impossível o obediente buscar o seu próprio interesse, incitar ou visar o mal.

Com relação a essas características do amor, a impossibilidade de servir a dois senhores é bem didática:

“Não podeis servir a Deus e a Mamom.” (Mateus 6:24).

É impossível servir a Deus e a si mesmo, ou seja, às riquezas. Quem é servo de Deus é sofredor e benigno, mas quem serve a si mesmo, cujo ventre é o seu deus e ajunta tesouro nesta terra, é invejoso, leviano, soberbo, indecente, interesseiro, faccioso e promove o mal.

O rei Saul continua sendo um exemplo negativo de alguém que tentou servir a Deus e aos seus próprios interesses, e por isso foi rejeitado.

Deus deu a ordem para que o rei Saul destruísse completamente os amalequitas da face da terra, porém, enquanto cumpria a ordem de Deus, tentou angariar lucro para si, preservando Agague, rei dos amalequitas, e o melhor do interdito.

Saul portou-se indecentemente diante do povo ao permitir que preservassem o melhor do interdito, foi leviano ao dizer que havia cumprido cabalmente a ordem de Deus e soberbo ao buscar ser honrado diante dos anciões de Israel.

“Disse ele então: Pequei; **honra-me, porém, agora diante dos anciões do meu povo, e diante de Israel; e volta comigo**, para que adore ao SENHOR teu Deus.” (1 Samuel 15:30).

O amor se identifica com a verdade e não se alegra com a injustiça, por isso tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Quem tem o amor de Deus tem a verdade, pois a palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Quem obedece ao mandamento de Deus se regozija com a verdade e rejeita a injustiça.

Quem exercita o amor de Deus tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta porque é obediente, ou seja, após fazer o que é agradável a Deus, crer em Cristo, jamais se demoverá da esperança proposta.

O amor é descrito como infalível, pois, jamais perecerá, jamais chegará ao fim, nunca desaparecerá, visto que a palavra de Deus, expressão do Seu amor, jamais passará.

“Mas **a palavra do SENHOR permanece para sempre**. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada.” (1 Pedro 1:25).

Quem obedece a palavra evangelizada também permanecerá para sempre, o que evidencia que ter o amor de Deus é obedecer ao Seu mandamento.

**“Mas a palavra do SENHOR permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada.”** (1 Pedro 1:25).

Quem obedece a palavra evangelizada também permanecerá para sempre, o que evidencia que ter o amor de Deus é obedecer ao Seu mandamento.

**“E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.”** (1 João 2:17).

O amor que o cristão guarda consigo jamais passará, mas aquilo que os homens reputam como essencial para servir a Deus, como profecias, línguas e conhecimento, na verdade utilizam para se compararem entre si e promoverem emulações e divisões.

**“Porque não ousamos classificar-nos, ou compararmos com alguns, que se louvam a si mesmos; mas estes que se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento.”** (2 Coríntios 10:12)

Antes de falar do amor que cada cristão deve ter em sua posse, o apóstolo Paulo abordou algumas nuances acerca do que é concernente ao espírito.

Em um primeiro momento, o apóstolo dos gentios trata do *espírito*, no sentido de *palavra, evangelho, doutrina*, mas muitos confundem e acham que se trata de dons ou da terceira pessoa da divindade, o Espírito Santo.

**“ACERCA dos ~~dons~~ espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.”** (1 Coríntios 12:1).

Considerando que o cristão é ministro do espírito, ou seja, do evangelho, se falar segundo o espírito de Deus jamais dirá que Jesus é anátema. De outra banda, só dirá que Jesus é o Senhor pelo espírito, e por isso o evangelista João instrui os cristãos a julgarem os espíritos (1 João 4:1-3).

“Portanto, vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o SENHOR, senão pelo Espírito Santo.” (1 Coríntios 12:1);

“O qual nos fez também capazes de ser **ministros de um novo testamento**, não da letra, **mas do espírito**; porque a letra mata e o espírito vivifica.” (2 Coríntios 3:6).

Considerando a multiplicidade de indivíduos que compõe o corpo de Cristo (1 Coríntios 12:13), o apóstolo Paulo esclarece que há uma grande variedade de dons, mas que é imprescindível considerar que o espírito (evangelho) é o mesmo. Que apesar da diversidade de ministérios, o Senhor é o mesmo, portanto, todos são igualmente servos. E, que há uma grande variedade de operações, mas que é Deus que opera tudo em todos.

O alerta paulino visa evitar que os cristãos em função da multiplicidade de dons, ministérios e operações, cuja revelação do espírito concede a cada um o que for útil para o corpo de Cristo, não se deixassem levar pela cobiça e inveja.

“Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros.” (Gálatas 5:26).

Se os cristãos não considerassem que cada um deles eram membros do corpo de Cristo com igual importância diante de Deus, não importando o dom, o ministério ou a operação, acabariam por se medirem a si mesmos e se compararem consigo mesmos, o que provocaria emulações, divisões, guerras e porfias.

“Se alguém ensina alguma outra doutrina, e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, É soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, Contendas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho; aparta-te dos tais.” (1 Timóteo 6:3-5).

Os cristãos precisavam se conscientizar que, caso visse alguém com um dom, ou ministério, ou operação, que tal capacidade não era daquela pessoa, mas de Deus.

“Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus,” (2 Coríntios 3:5).

Alguns cristãos mesmo sabendo que a capacidade de cada membro do corpo de Cristo vem de Deus, acabam considerando que Deus teve preferência ao capacitar alguns membros do corpo de Cristo, como se Deus fizesse acepção de pessoas.

Os cristãos de Corintos precisavam compreender que pelo evangelho era dado a um a palavra da sabedoria e ao outro a palavra do conhecimento, e pelo mesmo e-

vangelho a outro a confiança e a outro o dom da cura. O apóstolo Paulo faz uma lista extensa acerca do que é concedido aos cristãos através do evangelho, como operação de maravilhas, profecias, discernimento de mensagens, variedades de idiomas, interpretação de idiomas, etc., repartido particularmente a cada um para o que for útil.

Ao falar da unidade do corpo e da organização dos seus membros em particular, o apóstolo Paulo quis destacar que Deus não tem em preferência nenhum membro do corpo de Cristo, tanto que judeus, gregos, servos, livres, etc., foram batizados no evangelho e beberam do evangelho (1 Coríntios 12:13).

Com essa exortação, o apóstolo Paulo queria chegar ao seguinte resultado prático:

“Para que não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros.” (1 Coríntios 12:25).

O corpo de Cristo é composto de muitos membros, pois se todos fossem um só membro, não haveria corpo (1 Coríntios 12:19-20), de modo que os mais fracos são necessários no corpo, bem como o correto seria cada membro em particular ter em honra os menos honrosos e menos decorosos (1 Coríntios 12:22-23).

Os membros mais nobres do corpo de Cristo não necessitam de honra, mas o que se vê são os membros mais nobres em busca de louvor, e os menos nobres, por sua vez, são desprezados.

“Porque os que em nós são mais nobres não têm ne-

cessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela;” (1 Coríntios 12:24).

O apóstolo Paulo esclarece que Deus estabeleceu na igreja primeiramente os apóstolos, secundariamente os pregadores, terceiroamente os mestres, e assim por diante: milagres, curas, apoio assistencial, administradores, variedades de línguas, etc.

Como há muitos membros no corpo de Cristo, seriam todos apóstolos? Ou todos seriam pregadores? Todos seriam mestres? É evidente que não! Daí a recomendação: que os cristãos desejassem os dons, porém, o apóstolo mostraria um caminho melhor e sobre-excelente, o amor! (1 Coríntios 14:1)

Tudo o que os cristãos reputavam ser excelente, como a profecia, as línguas, o conhecimento, etc., haveria de desaparecer, mas o amor de Deus manifesto pelo seu espírito não. Ao fazer conhecida a natureza efêmera dos dons, ministérios e operações, o apóstolo Paulo evidenciou o quão mesquinho e infantil era venerar pessoas proeminentes e desprezar pessoas humildes.

A igreja de Cristo é formada por todos e, sem os muitos membros e a multiplicidade de dons, ministérios e operações, etc., não seria um corpo. Daí o cuidado que se deve ter como membro do corpo, pois, as vezes o que parecem ser ou ter alguma coisa, acabam por não comunicar nada.

**“E, quanto àqueles que pareciam ser alguma coisa que tenham sido noutra tempo, não se me dá;**



**Deus não aceita a aparência do homem, esses, digo, que pareciam ser alguma coisa, nada me comunicaram;”** (Gálatas 2:6).

Enquanto o amor jamais cessará, a profecia, as línguas, o conhecimento, etc., terão um fim, visto que, ‘em parte’ se conhece e se profetiza. ‘ἐκ μέρους’ (em parte) não deve ser entendido como ‘parcialmente’, ‘imperfeitamente’, e sim, da Igreja constituída de muitos membros, pois nem todos profetizam e conhecem, antes alguns profetizam, alguns conhecem, e outros operam maravilhas (1 Coríntios 12:29).

A profecia, as línguas, o conhecimento, etc., não terá razão de ser quando Cristo se manifestar em glória e/ou quando os cristãos forem transformados (1 Coríntios 15:51-52). Quando da reunião de Cristo com o seu corpo, não haverá mais necessidade de profecias, línguas, apóstolos, etc., ou seja, o que é em parte será aniquilado (1 Coríntios 13:10).

Os cristãos precisavam deixar de falar e sentir como meninos, e passarem a agir como adultos, segundo o conhecimento do evangelho.

**“Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia, e adultos no entendimento.”** (1 Coríntios 14:20).

Isto porque todos os cristãos no presente momento, não importando se apóstolos, mestres, doutores, etc., veem por espelho, ou seja, em enigma. Ninguém no ‘agora’ pode se gloriar de ver a semelhança do Senhor, portanto, deve temer em não falar contra os demais ser-

vos do Senhor. Mas, todos os cristãos, não importando se judeus, gregos, servos, livres, apóstolo, profeta, doutor, etc., verão ao Senhor face a face.

“Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a semelhança do SENHOR; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés?” (Números 12:8).

Cada cristão, inclusive o apóstolo Paulo, conhece em parte, ou seja, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um, mas na redenção do corpo, conhecerá assim como é conhecido pelo Senhor.

“Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um.” (Romanos 12:3).

O apóstolo Paulo destaca que no presente momento (agora) permanecem a fé, a esperança e o amor, e dos três, o maior é o amor. O termo πίστις traduzido por fé no contexto se refere à verdade do evangelho, e o termo ἐλπίς traduzido por esperança à essência da promessa.

A fé é anunciada a toda criatura, mas poucos creem e muitos rejeitam. A esperança é firme, mas poucos a retêm, e muitos a desprezam. O amor, por sua vez, é o vínculo da perfeição que sustem o corpo.

“Aquele, pois, que vos **dá o Espírito**, e que opera maravilhas entre vós, fá-lo pelas obras da lei, ou pela **pregação da fé?**” (Gálatas 3:5);

**“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu.”** (Hebreus 10:23).

**“E vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; Onde não há grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos. Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; Suportando-vos uns aos outros, e perdoadando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição. E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos.”** (Colossenses 3:10-15).

Com o amor é o caminho mais excelente, a ordem é: segui o amor, pois as demais coisas passam, e quem obedece não falha, pois é perfeito.

**“Perfeito serás, como o Senhor teu Deus.”** (Deuteronômio 18:13);

**“Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito.”** (Gênesis 17:1);

**“Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.”** (Mateus 5:48);

“Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me.” (Mateus 19:21);

“O discípulo não é superior a seu mestre, mas tudo o que for perfeito será como o seu mestre.” (Lucas 6:40);

“Por isso todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo; e, se sentis alguma coisa de outra maneira, também Deus vo-lo revelará.” (Filipenses 3:15).

Quem segue (obedece) o amor é perfeito, pois só segue o amor quem está em Deus, e Deus nele.

“E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.” (1 João 4:16).

Como seguir o amor de Deus? Confessando Cristo como Senhor, pois ao confessar o homem passa a estar em Deus e Deus nele (1 João 4:15).

Quem obedece não tem medo, pois a obediência exclui o medo. O medo produz tormento e, quem teme não é perfeito em amor, ou seja, não obedeceu de fato crendo no amor que Deus tem pelo homem (1 João 4:15-19).

Que castigo pode ser impingido sobre o obediente? Quem condenará o obediente? Nenhuma condenação há para aqueles que estão em Cristo Jesus, ou seja, que tem o amor e são perfeitos (Romanos 8:1; 1 João 4:16).

**C**rer<sup>49</sup> em Cristo é amá-Lo (João 16:27), e o Senhor Jesus não deixou dúvidas em como amar.

“Se me amais, guardareis os meus mandamentos (...) aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama. E quem me ama será amado do meu Pai (...) quem não me ama não guarda as minhas palavras. Esta que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou” (João 14:15-24).

Quando Jesus perguntou para o discípulo Pedro por três vezes: - ‘*Simão, filho de Jonas, amas-me?*’, teve por três vezes a seguinte resposta: - ‘*Sim, Senhor, tu sabes que te amo*’. Em todas as respostas de Simão, Jesus deu a seguinte ordem: - “*Apascenta os meus cordeirinhos*”.

“E, depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, **amas-me** mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que **te amo**. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros. Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de Jonas, **amas-me?** Disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te **amo**. Disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas. Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, **amas-me?** Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: **Amas-me?** E disse-lhe: SENHOR, tu sabes tudo; tu sabes que **eu te amo**. Jesus disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas.” (João 21:15-17).

<sup>49</sup>“O amor crê em tudo. A palavra grega *peisteuein* significa ‘confiar’. O amor é sustentado por uma confiança fundamental nas pessoas, na vida, em Deus. Apenas quando acredito em alguém posso amá-lo” (GRÜN, 2006, p. 122) – Considero verdadeira a asserção inicial se for excluída a frase sublinhada.

Nas duas primeiras perguntas a Simão, Jesus utilizou o verbo ἀγαπάω (agapaó), e Simão respondeu ambas com o verbo φιλέω (phileó), dando a entender que tinha afeição por Cristo. Na terceira vez que perguntou a Simão, Jesus fez uso do verbo φιλέω (phileó), e a pergunta pela terceira vez entristeceu o discípulo Pedro.

Do texto emerge alguns questionamentos: Por que Simão não ficou triste na segunda vez que foi questionado? Por que em todas as respostas Simão fez uso do verbo φιλέω (phileó)? Por que Jesus fez uso do verbo ἀγαπάω (agapaó) nas duas primeiras vezes, e na terceira vez fez uso do verbo φιλέω (phileó)?

Para compreender o texto, se faz necessário lembrar que Jesus havia comissionado o discípulo Pedro para ser pescador de homens, mas, após a crucificação, Simão voltou ao seu antigo ofício: a pesca.

“E, de igual modo, também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante serás pescador de homens.” (Lucas 5:10).

Quando Jesus perguntou se Simão O amava, Jesus fez uso do verbo ἀγαπάω (agapaó), e Simão, por sua vez, respondeu que tinha afeição ao fazer uso do verbo φιλέω (phileó).

É evidente que Jesus estava cobrando um posicionamento, e Simão, como estava em falta, não conseguiu fazer uso do verbo ἀγαπάω (agapaó). Enquanto Simão se dedicava a pesca, quem estava apascentando o rebanho?

Nas duas vezes que perguntou utilizando o verbo ἀγαπάω (agapaó), Jesus estava cobrando como Senhor um posicionamento do seu ‘amigo’, e Simão pareceu não compreender a cobrança.

“Vós sereis meus amigos, **se fizerdes o que eu vos mando**. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer.” (João 15:14-15).

Simão estava pescando, ou seja, não estava fazendo o que o seu Senhor mandou!

O que entristeceu Simão na terceira pergunta foi a mudança de verbo, de ἀγαπάω (agapaó) para φιλέω (phileó), como se na pergunta de Jesus houvesse certa decepção: - ‘Então, é afeição que você tem por mim’?

“ἐλυπήθη ὁ Πέτρος ὅτι εἶπεν αὐτῷ τὸ τρίτον·φιλεῖς με”  
Westcott/Hort with Diacritics.

Entristeceu Simão porque na terceira vez Jesus perguntou se ele gostava, e não se ele amava, no sentido de obedecia. Foi quando Simão respondeu: - ‘SENHOR, tu sabes tudo’. Mesmo após enfatizar o senhorio de Cristo, o discípulo Pedro continuou fazendo uso do verbo φιλέω (phileó), pois como Jesus conhece todas as coisas, conhecia que Pedro estava amando de língua, mas que ainda não tinha posto por obra.

Ao fazer a mesma pergunta três vezes, Jesus deixa claro que faltava algo na confissão do seu discípulo. Pescar peixe não possuía relação alguma com ‘pescar’ homens,



e a decisão de Simão estava desvirtuando os demais discípulos da sua missão (João 21:3).

Enquanto pescava, Simão não estava obedecendo ao seu Senhor. O Jesus exigia do seu discípulo ia além de afeição pessoal. Jesus queria sujeição irrestrita. Amar tem que ser segundo as escrituras: obediência quero, ou seja, apascenta as minhas ovelhas (1 Samuel 15:22).

Jesus não está interessado em que gostem d'Ele. Ele não quer uma declaração de afeição, ou seja, não bastava dizer 'Eu O amo'<sup>50</sup>, antes tem que pôr esse amor por obra: conduzir ao pasto os cordeirinhos.

Jesus requer obediência irrestrita: apascenta os meus cordeirinhos! Quem ama obedece! Quem ama cuida segundo o mandamento de Deus, o Senhor. Quem ama toma sobre si o jugo de Jesus:

“E por que me **chamais**, Senhor, Senhor, e **não fazeis** o que eu digo? Qualquer que vem a mim e **ouve** as minhas palavras, e **as observa**, eu vos **mostrarei a quem é semelhante.**” (Lucas 7:46-47).

Quando a Bíblia determina que é necessário amar o próximo como a si mesmo, não se refere ao amor-doação, e nem ao amor-necessidade que C. S. Lewis lou-

<sup>50</sup> “... quando Jesus perguntou a Pedro se ele o amava e na resposta de Pedro. ([F. F. Bruce]. *As tentativas de B. F. Westcott e outros, para encontrar o significado da variação entre os dois verbos em Jo 21:15ss foram abandonadas — principalmente porque conclusões apontadas e mutuamente inconsistentes foram esculpidas dessa variação [como por Westcott, de um lado e R. C. Trench do outro]. A variação é uma característica do estilo joanino: nos mesmos três versos, duas diferentes palavras são também usadas para ‘conhecer’, duas para ‘alimentar’ [“ou cuidar”] e duas para “ovelhas” [ou “cordeiros”].) Em 1Co 16:22 ophile é claramente usado para mencionar o amor pelo Senhor Jesus: “Se alguém não tem amor algum pelo Senhor, que seja amaldiçoado. O nosso Senhor vem!” (BROWN, 1986, p. 117).*

va no livro *‘Os quatro amores’*.

É equivocada a ideia de que o sentimento ou a emoção do homem só merece ser denominado amor naquilo que se assemelha ao amor de Deus, visto que não há paralelo entre o amor de Deus e o amor dos homens.

Deus não se dirige ao tal amor-necessidade, antes exige sujeição irrestrita, quando diz: “**Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados**”, pois a tônica é: “**Tomai sobre vós o meu jugo**, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.” (Mateus 11:29).

As suposições de C. S. Lewis não coadunam com as Escrituras, pois só a um modo de o homem se aproximar<sup>51</sup> de Deus: por intermédio de Cristo, pois de outro modo, estará alienado de Deus e sem qualquer semelhança com Ele.

A análise a frase bíblica ‘Deus é amor’ sob as lentes de um autor moderno como M. Denis de Rougemont, de que “*o amor deixa de ser um demônio somente quando cessa de ser um deus*”, não esclarece o enunciado bíblico, e tergiversa sobre a afeição, a amizade, o erotismo e a caridade.

É assustador os equívocos que se avolumam das considerações de Lewis, mas nada se compara quando ele faz uma interpretação de uma passagem bíblica ou parábola de Jesus. Observe:

<sup>51</sup> “*O homem se aproxima mais de Deus quando, num certo sentido, ele se assemelha menos a Deus.*” (LEWIS, 2012, p. 7).

*“O perigo de amar nossos semelhantes muito pouco estava menos presente em suas mentes do que amá-los com idolatria. Em toda mãe, esposa, filho e amigo eles viam um possível rival de Deus. E, naturalmente, nosso Senhor faz o mesmo (Lucas 14:26).”* (LEWIS, 2012, p. 119).

Em passagem alguma Jesus exigiu dos seus discípulos que visualizassem seus familiares e amigos como rivais de Deus nas questões emocionais e sentimentais. A proposta de Jesus aos seus ouvintes tem relação com o que foi exigido de Abraão ao deixar sua parentela, de modo que qualquer que queira ser filho de Abraão tem que estar disposto a obedecer a Deus mesmo se for necessário contrariar o que os seus familiares acreditam.

*“Ora, ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhe: Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.”* (Lucas 14:25-26).

Os ouvintes de Jesus na sua grande maioria eram os seus compatriotas, seus irmãos segundo a carne, e por isso mesmo eles eram os seus inimigos.

*“Porque o filho despreza ao pai, a filha se levanta contra sua mãe, a nora contra sua sogra, **os inimigos do homem são os da sua própria casa.**”* (Miquéias 7:6).

Se os parentes de Jesus foram os seus inimigos, sendo Ele o pai de famílias, que se dirá dos seus domésticos?

“Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo como seu senhor. Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?” (Mateus 10:25).

Se chamaram Belzebu o Cristo, quanto mais aos seus discípulos, portanto, todo discípulo de Jesus tem que estar pronto a não acatar as imposições de seus familiares. ‘Odiar’ pai, mãe, irmãos, mulher, filho, etc., é não temer a Deus como o temor deles e nem chamar conjuração a tudo que eles chamam conjuração (1 Pedro 3:14; Isaías 8:12).

Quando tenta explicar o amor através da asserção joanina ‘Deus é amor’, Lewis elucubra sobre o amor-doação, e se socorre de subterfúgios para sustentar os seus argumentos. É verdade que Deus não tem necessidade, porém, a criação é fruto de Seu propósito, segundo o conselho da Sua vontade.

A concepção de que: *“Deus, que de nada precisa, faz existir pelo amor criaturas inteiramente supérfluas a fim de que possa amá-las e aperfeiçoá-las.”*, é equivocada, pois Deus criou todas as coisas justamente pelo que propôs em Si mesmo, e não que houvesse um fim em suas criaturas.

“Descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, **que propusera em si mesmo**, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra;” (Efésios 1:9-10);

“Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor,” (Efésios 3:10-11).

É soberba humana pensar que todas as coisas criadas têm por alvo o homem. Nesse sentido, por que os anjos não são o objetivo da criação, e não os homens? A criação não comporta uma visão antropocentrista, antes como o propósito eterno de Deus visa a Si mesmo na pessoa de Cristo, nesta questão, voltemos ao teocentrismo.

Quando o apóstolo João define que Deus é amor não estava se referindo a uma ‘energia’ como disse Lewis, antes a definição compartilha da essência de outras definições semelhante como: Deus é luz, Deus é vida, Deus é justiça, Deus é a verdade, Deus é espírito, etc.

“Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é.” (Deuteronômio 32:4).

Quando é dito que Deus é amor está implícito às questões da vida, da justiça, da verdade, da luz, etc. Neste sentido, quando foi dito que Deus amou Jacó e aborreceu Esaú, não significa que Deus preferiu Jacó a Esaú tendo por base as mesmas preferências de Isaque ou de Rebeca, pois esta tinha preferência por Jacó que habitava em tendas, e aquele, porque Esaú era perito em caça.

“E cresceram os meninos, e Esaú foi homem perito na caça, homem do campo; mas Jacó era homem sim-

ples, habitando em tendas. E amava Isaque a Esaú, porque a caça era de seu gosto, mas Rebeca amava a Jacó.” (Gênesis 25:27-28).

Deus amou Jacó porque era homem simples, e odiou Esaú porque era homem perito em caça? Não! O amor de Deus tem por base a justiça, de modo que qualquer um dos dois poderia ser amado, pois em Deus não há acepção de pessoas.

Não foi Deus que escolheu quem amar ou quem odiar, e sim, Esaú e Jacó, quando este propôs comprar o direito de primogenitura, e aquele, aceitou vender o direito. Caso houvesse interrupção no parto de Esaú e Jacó, a proposta de compra do direito de primogenitura nem poderia ser cogitado. Mas, como Jacó nasceu com a mão agarrada ao calcanhar de Esaú, não houve interrupção do parto, e a questão da primogenitura não estava de todo resolvida, o que possibilitou a negociação entre os irmãos.

Quando é dito que Deus amou Jacó significa que Deus deu a Jacó o que lhe era de direito, e não que Deus teve preferência por Jacó em detrimento de Esaú. Esaú e Jacó não eram irmãos? Não vendeu Esaú o direito de primogenitura a Jacó? Nesses termos, Deus deu o que era de direito a Jacó, e rejeitou a Esaú, ainda que arrependido buscou com lágrimas a bênção.

“Eu vos tenho amado, diz o SENHOR. Mas vós dizeis: Em que nos tem amado? Não era Esaú irmão de Jacó? disse o SENHOR; todavia amei a Jacó, e odiei a Esaú; e fiz dos seus montes uma desolação, e dei a sua herança aos chacais do deserto.” (Malaquias 1:2-3).



“E ninguém seja devasso, ou profano, como Esaú, que por uma refeição vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que com lágrimas o buscou.” (Hebreus 12:16-17).

Quando Deus declarou que tinha amado os filhos de Jacó, tal declaração não tem paralelo com o amor apresentado por Platão ou Aristóteles, e nem estava em pauta o amor-doação ou o amor-necessidade de C. S. Lewis.

A descrença dos filhos de Jacó ao questionar o amor divino demonstra que não compreendiam a essência do que Deus propôs em Abraão. Ao questionar: “**Em que nos tem amado?**”, os filhos de Jacó não conseguiam ver o cuidado de Deus em preservá-los com vida para cumprir a palavra dada a Abraão.

Na resposta: “**Não era Esaú irmão de Jacó? disse o Senhor; todavia amei a Jacó e aborreci a Esaú.**” (Malaquias 1:2-3), está presente todos os elementos essenciais para se compreender a essência do amor de Deus. Embora fossem irmãos, a casa de Esaú foi desarraigada e o povo uma desolação. Mesmo sendo os filhos de Jacó rebeldes, Deus estava preservando a descendência de Jacó em função do descendente prometido em quem todas as famílias da terra seriam benditas.

“**Estendi as minhas mãos o dia todo a um povo rebelde, que anda por caminho, que não é bom, após os seus pensamentos;**” (Isaías 65:2);



“Porque este é um povo rebelde, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR.” (Isaías 30:9).

Os filhos de Jacó estavam questionando o amor de Deus por causa dos reveses que estavam sofrendo, porém, não conseguiam ver o cuidado de Deus em mantê-los vivos por causa da promessa e nem atinavam que as desventuras eram decorrentes do amor de Deus que corrige a todos que ama.

“Ai, nação pecadora, povo carregado de iniquidade, descendência de malfeitores, filhos corruptores; deixaram ao SENHOR, blasfemaram o Santo de Israel, voltaram para trás. **Por que sériéis ainda castigados, se mais vos rebelaríeis?** Toda a cabeça está enferma e todo o coração fraco.” (Isaias 1:4-5).

O amor do homem decorre de preferências pessoais, e estas preferências foram retratadas, cada qual ao seu modo, tanto por Platão quanto por Aristóteles e, até mesmo por romancistas como Shakespeare.

Isaque amava Esaú pelo simples fato de gostar de caça. Se dependesse de Isaque, a bênção decorrente do direito de primogenitura seria dada a Esaú. Muito tempo depois, a lei mosaica regulamentou o direito de primogenitura, e a linguagem utilizada é importante ser analisada.

A lei proibiu os filhos de Israel fazerem os seus fi-

lhos herdarem em consonância com as suas preferências pessoais, e sim, conforme o que era de direito.

“Será que, no dia em que fizer herdar a seus filhos o que tiver, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da desprezada, que é o primogênito” (Deuteronômio 21:16).

Deus destacou aos filhos de Israel que não teve eles em preferência em detrimento dos outros povos, antes, os amava por estar em jogo o direito deles em função do que foi prometido aos pais.

“Não os teve o Senhor afeição nem vos escolheu, porque fosseis mais numerosos do que qualquer povo (...) mas, porque o Senhor vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais.” (Deuteronômio 7:7-8).

A afeição indica sentimento, ao passo que o amor bíblico implica em justiça, fidelidade e cuidado. Deus não está envolto em questões sentimentais, como gostar, ter preferência, entranháveis afetos, antes, Ele é fiel à sua palavra.

Deus não preferiu Jacó em detrimento de Esaú, antes, exerceu o seu amor: concedeu o que era de direito a Jacó. Os homens amam com base em preferências pessoais, Deus se compraz naquilo que é justo e reto. A ‘preferência’ de Deus é a justiça, por isso o povo de Israel estava sob o cuidado divino devido à promessa feita aos pais.

Se o amor de Deus tem em vista o que é justo, onde está estabelecido o que é justo? Nas Escrituras! Quando De-

us diz: “E faço misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Deuteronômio 5:10), temos tanto a base do Seu amor, quanto os termos como o homem pode ser amado por Ele.

Qualquer que se sujeita a Deus como servo guardando os Seus mandamentos é o que ama a Deus e alcança misericórdia. Simão, diante da cobrança de Jesus, não podia dizer que amava, pois não estava apascentando os cordeirinhos do Seu Senhor, e por isso, resoluto, expressou que tinha afeição pelo Mestre.

A maior expressão de amor de Simão seria apascentar os cordeirinhos do Seu Senhor. Sem ser cobrado, através de suas ações, diria: - *‘Eu te amo’*, em lugar de uma resposta amuada: - *‘Eu tenho afeição por você’*.

**Q**uando segurou a arca da aliança para evitar que caísse, Uzá o fez por afeição, porém, não amou a Deus segundo a ordenança. Por estar em rebelião, Uzá foi fulminado.

“E, chegando à eira de Nacom, estendeu Uzá a mão à arca de Deus, e pegou nela; porque os bois a deixavam pender. Então a ira do SENHOR se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu ali por esta imprudência; e morreu ali junto à arca de Deus.” (2 Samuel 6:6-7)

Fazer o necessário ou o que é de interesse não é obedecer. Uma boa ação ou uma boa intenção não substitui a devida obediência a Deus. Tanto Davi, quan-

to qualquer um do povo tinha que saber que a arca só podia ser conduzida pelos levitas.

“Então disse Davi: Ninguém pode levar a arca de Deus, senão os levitas; porque o SENHOR os escolheu, para levar a arca de Deus, e para o servirem eternamente.” (1 Crônicas 15:2).

Saul, por sua vez, durante a execução da ordem de Deus resolveu fazer algo do seu interesse e conflitante com a ordem divina. Por não obedecer fielmente à determinação divina, Deus desconsiderou tudo o que Saul fez, e a desobediência de Saul foi considerada um ato de rebelião.

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do SENHOR, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei.” (1 Samuel 15:23).

Da ordem divina dada a Saul, dos amalequitas sobrou somente o rei Agague e o melhor do gado, sendo que os demais, tanto homens, quanto mulheres e crianças foram todos mortos. Por causa da atitude de Saul, enquanto vivia Agague, a promessa que Deus fez a Moisés ainda estava sendo protelada.

“Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eu me recordei do que fez Amaleque a Israel; como se lhe opôs no caminho, quando subia do Egito.” (1 Samuel 15:2);

“Então disse o SENHOR a Moisés: Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué; que eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus. E Moisés edificou um

altar, ao qual chamou: O SENHOR É MINHA BANDEIRA. E disse: Porquanto jurou o SENHOR, haverá guerra do SENHOR contra Amaleque de geração em geração.” (Êxodo 17:14).

Que servo era esse que pôs o seu próprio interesse acima da palavra do seu Senhor? Ao poupar a vida do rei e o melhor do gado, tudo o que Saul realizou não serviu ao propósito de Deus: riscar a memória de Amaleque de debaixo do sol. Não houve obediência, portanto, o amor não foi aperfeiçoado, ou seja, a palavra de Deus não foi cumprida.

Saul tropeçou em um quesito: o interesse próprio. Tentou servir a dois senhores, a Deus e a si mesmo, e assim amou as riquezas e odiou ao Senhor.

Como Deus poderia honrar Saul, se Saul, por sua vez, não honrou ao Senhor?

“Portanto, diz o SENHOR Deus de Israel: Na verdade tinha falado eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém agora diz o SENHOR: **Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam serão desprezados.**” (1 Samuel 2:30).

A argumentação seguinte não é razoável: *“Mas o amor-Doação divino – o próprio Amor operando no homem – é inteiramente desinteressado e deseja o que é simplesmente melhor para o ente amado.”* (LEWIS, 2012, p, 127), pois Deus visa o que é justo, o cumprimento da sua palavra.

Deus deu a sua palavra a Abraão que o abençoaria, e que na descendência de Abraão seriam benditas todas as famílias da terra, e por isso amou os filhos de Israel, para cumprir o que foi prometido aos pais.

“O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos, pois vós éreis menos em número do que todos os povos; Mas, **porque o SENHOR vos amava, e para guardar o juramento que fizera a vossos pais**, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito. Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus, **o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos**. E **retribui no rosto qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia**; em seu rosto lhe pagará. Guarda, pois, os mandamentos e os estatutos e os juízos que hoje te mando cumprir.” (Deuteronômio 7:7-11).

O amor de Deus visa a sua fidelidade, pois é Deus justo e fiel que não pode mentir, e mesmo que o homem o negue, Ele permanece fiel à Sua palavra.

“Palavra fiel é esta: que, se morrermos com ele, também com ele viveremos; Se sofrermos, também com ele reinaremos; **se o negarmos, também ele nos negará; Se formos infiéis, ele permanece fiel**; não pode negar-se a si mesmo.” (2 Timóteo 2:11-13).

É essa verdade que o Provérbio exalta:

“Eu amo aos que me amam, e os que cedo me buscarem, me acharão.” (Provérbios 8:17).

Deus **cuida** daqueles que **obedecem a Ele**, e despreza todos quanto O aborrecem.

O melhor para o homem é obedecer a palavra de Deus, pois da palavra de Deus é dito:

“Porque a minha boca proferirá a verdade, e os meus lábios abominam a impiedade. São justas todas as palavras da minha boca: não há nelas nenhuma coisa tortuosa nem pervertida. Todas elas são retas para aquele que as entende bem, e justas para os que acham o conhecimento.” (Provérbio 8:7-9).

Se Saul levasse a cabo o que Deus determinou, estava declarando por obra e em verdade que estimava a vontade de Seu Senhor.

“Por isso estimo todos os teus preceitos acerca de tudo, como retos, e odeio toda falsa vereda.” (Salmo 119:128; 1 Samuel 15:20).

O Provérbio diz:

“Não repreendas o escarnecedor, para que não te odeie; repreende o sábio, e ele te amará.” (Provérbio 9:8).

O sábio é aquele acata a repreensão e obedece, ou seja, ama, e o escarnecedor, desconsidera a repreensão e não se sujeita.



Quando a arca foi enviada sobre um carro puxado por vacas, os filisteus estavam solucionando um problema interno da nação que estava sofrendo de uma praga de hemorroidas, portanto, a solução deles, de devolver a arca sobre carros de bois não podia servir de modelo aos filhos de Israel.

Semelhantemente, quando Platão, Aristóteles e outros filósofos falaram acerca do amor, estavam louvando os seus deuses ou propondo soluções para os problemas decorrentes das relações humanas na sociedade em que estavam, portanto, não serve de base para interpretar as questões do evangelho de Cristo.

Se bem observar os discursos que constam no livro O Banquete, de Platão, Pausânias<sup>52</sup> discorda de Fedro<sup>53</sup> e propõe que o amor se subdivide em dois deuses.

Afrodite Urânia, associada ao eterno, imortal, e Afrodite Pandêmia, associada ao transitório, mortal, sendo que Fedro faz um ode ao Eros como um dos deuses mais antigo, mais honrado e o mais poderoso para a aquisição

<sup>52</sup> *“Este é o amor da deusa celeste, ele mesmo celeste e de muito valor para a cidade e os cidadãos, porque muito esforço ele obriga a fazer pela virtude tanto ao próprio amante como ao amado; os outros, porém são todos da outra deusa, da popular. É essa, ó Fedro, concluiu ele, a contribuição que, como de improviso, eu te apresento sobre o Amor.”* (PLATÃO, O Banquete, p. 9).

<sup>53</sup> *“... que era um grande deus o Amor, e admirado entre homens e deuses, por muitos outros títulos e sobre tudo por sua origem. Pois o ser entre os deuses o mais antigo é honroso, dizia ele, e a prova disso é que genitores do Amor não os há, e Hesíodo afirma que primeiro nasceu o Caos - . e só depois Terra de largos seios, de tudo assento sempre certo, e Amor... Diz ele então que, depois do Caos foram estes dois que nasceram, Terra e Amor. E Parmênides diz da sua origem bem antes de todos os deuses pensou em Amor. E com Hesíodo também concorda Acusilau. Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens.”* (PLATÃO, O Banquete, p. 5).

da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em vida como no pós morte.

Erixímaco, por sua vez, em função do seu ofício de médico, após teorizar acerca da natureza do Eros, considerando que todas as coisas buscam o equilíbrio devido a sua natureza dual, conclui que Eros é o nome que se dá ao desejo ou a procura pelo todo visando harmonia. Aristófanés teoriza que o gênero humano inicialmente era subdividido em três: o masculino, o feminino e o andrógino, e quando os ancestrais da humanidade foram partidos ao meio, cada indivíduo sendo a metade de um, anseia por encontrar sua outra metade, o seu todo.

Agatão propõe que o Eros possui uma natureza moral<sup>54</sup>, por ser, entre os deuses, o mais justo, temperante, corajoso e sábio amor, e Sócrates, por sua vez, se socorre do discurso de uma sacerdotisa, Diotima, que propõe ser Eros um “daimon”, algo que se interpõe entre os deuses e os mortais<sup>55</sup>.

## O Banquete trata Eros como um deus menor que não

<sup>54</sup> “... a respeito do Amor, de que ele é delicado. Não é com efeito sobre a terra que ele anda, nem sobre cabeças, que não são lá tão moles, mas no que há de mais brando entre os seres é onde ele anda e reside. Nos costumes, nas almas de deuses e de homens ele fez sua morada, e ainda, não indistintamente em todas as almas, mas da que encontre com um costume rude ele se afasta, e na que o tenha delicado ele habita.” (PLATÃO, O Banquete, p. 15).

<sup>55</sup> “O de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo. Por seu intermédio é que procede não só toda arte divinatória, como também a dos sacerdotes que se ocupam dos sacrifícios, das iniciações e dos encantamentos, e enfim de toda adivinhação e magia. Um deus com um homem não se mistura, mas é através desse ser que se faz todo o convívio e diálogo dos deuses com os homens, tanto quando despertos como quando dormindo.” (PLATÃO, O Banquete, p. 21).

era cultuado publicamente em Atenas.

Eros, um deus menor da mitologia, teve o seu nome empregado pelos gregos para retratar o amor, porém, o termo não é utilizado no N. T., portanto, inconfundível com a ideia da ágape bíblico.

Observando a dicotomia que Pausânias fez com relação ao Eros, parece que tal iniciativa influenciou muitos teólogos a proporem vários tipos de amor, assim como propôs Platão de que inicialmente a alma do homem era dividida em três partes: a racional, a irascível e a irracional.

Essa conjectura de Platão que consta da República e do Fedro<sup>56</sup>, inegavelmente influenciou alguns pensadores cristãos a entenderem a oposição ‘lei’ versus ‘evangelho’, que foi apresentado pelo apóstolo Paulo aos Gálatas através da abordagem ‘carne’ versus ‘espírito’, como sendo uma luta entre os desejos carnis (do corpo) versus as aspirações do espírito<sup>57</sup>.

Diferente do carro de bois que foi enviado aos filhos de Israel pelos filisteus, ao longo da história do cristianismo muitos interpretes das Escrituras se dirigiram aos gregos em busca de conceitos para auxiliá-

<sup>56</sup> O mito do Fedro descreve a natureza humana através de uma alegoria, de um cocheiro que conduz um carro conduzido por dois cavalos alados, sendo um cavalo branco e bom e o outro preto e mau, que tencionam em direções opostas. Que a indisciplina do cavalo preto arrastou a alma da contemplação das essências puras, eternas e imutáveis para a existência terrena, e assim perdeu as asas e se esqueceu do que contemplara.

<sup>57</sup>“Inicialmente, no nosso caso o cocheiro dirige uma parilha desigual; depois, um dos cavalos da parilha é belo e nobre e oriundo de raça também nobre, enquanto o outro é o contrário disso, tanto em si mesmo como por sua origem. Essa a razão de ser entre nós tarefa difícilima a direção das rédeas” (PLATÃO, 1975, p. 246b).

los na interpretação da Bíblia.

Por fim, não fazem bem nem uma nem outra coisa, pois torcem as Escrituras ao

Analísá-la através das conjecturas dos gregos e leem mal o que foi produzido pelos filósofos gregos.

Ao pautarem as suas doutrinas respectivamente em Platão e Aristóteles, tanto Agostinho quanto Aquino não percebeu que a filosofia platônica inaugurou um novo tempo<sup>58</sup> e pouca coisa chegou às mãos do ocidente que evidenciasse a essência da sociedade grega Homérica.

Se socorrer da filosofia grega para interpretar a Bíblia se assemelha ao erro dos filhos de Israel que buscaram a ‘arca da aliança’ sobre carro de bois, pois, conceitos humanos não coadunam com a revelação das Escrituras.

A filosofia<sup>59</sup> não é terreno seguro para se entender a re-

<sup>58</sup> “Com Platão, inicia-se algo inteiramente novo; ou, para falar com igual propriedade, pode-se dizer que, em comparação com aquela república-dos-gênios que vai de Tales até Sócrates, desde Platão falta algo essencial aos filósofos (...) o poderoso curso da cultura grega não deve ser detido, sendo que perigos terríveis devem ser afastados de seu caminho, e ao filósofo, por seu turno, cabe proteger e defender sua pátria. Agora, desde Platão, ele se acha no exílio, conspirando contra sua terra natal. É uma verdadeira infelicidade que nos tenha ficado tão pouca coisa de tais mestres filosóficos antigos e que nos tenha escapado tudo o que havia de completo a seu respeito. Devido a essa perda, medimos involuntariamente tais mestres de acordo com falsas medidas e, pelo fato meramente acidental de que nunca faltaram apreciadores e copistas para Platão e Aristóteles...” (NIETZSCHE, 2008, p. 38 e 39).

<sup>59</sup> “Ninguém deve ter a ousadia de dar cumprimento em si à lei da filosofia, ninguém mais vive filosoficamente com aquela simples fé humana que impelia um antigo, seja lá onde ele estivesse, seja lá o que ele fizesse, a se comportar como estoico, caso alguma vez houvesse feito profissão de fé ao Stoa. Sob a aparência erudita, todo moderno filosofar é limitado política e policialmente por governos, igrejas, academias, costumes e pela covardia humana: não vai além do suspiro que exprime se fosse assim’, ou, então, do conhecimento que diz ‘era uma vez” (NIETZSCHE, 2008, p. 42).

velação das Escrituras, pois a experiência humana e as reflexões de ordem racional, que são as suas bases, não trarão ao filósofo nem de longe um vislumbre da verdade celestial.

Dado que a busca da verdade constitui um dos problemas fundamentais da filosofia, e que ela se firma na experiência humana, reflexões de ordem racional e em proposições suscetíveis à demonstração natural, e o evangelho, por sua vez, tem a pessoa de Cristo como a verdade, cuja base é o anunciado pelos profetas, segue-se que através dessas diferenças é impossível conciliar um sistema filosófico dito cristão com a doutrina cristã, sendo que este será desdenhada por daquele.

“Disse-lhe, pois, Pilatos: Logo tu és rei? Jesus respondeu: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, **a fim de dar testemunho da verdade**. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Disse-lhe Pilatos: **Que é a verdade?** E, dizendo isto, tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum.” (João 18:38).

Ao tentar interpretar o amor bíblico com as lentes dos gregos, muitos teólogos mais se assemelham ao cantor e compositor Renato Russo, que cita o apóstolo Paulo somente para emoldurar as colocações do poeta Luís Vaz de Camões.

Quando se compreende que o amor de Deus está em Cristo, e que amar a Deus é crer que Jesus é o Filho de Deus, todos os livros da Bíblia se tornam acessíveis ao intérprete.

No encerramento da epístola aos Efésios, o apóstolo Paulo demonstra que o favor imerecido de Deus é concedido a todos que amam a Cristo.

“A graça seja com todos os que **amam** a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade. Amém” (Efésios 6:24).

Quando se compreende que amar é cumprir os mandamentos de Deus, e que o mandamento é crer em Cristo, conclui-se que quem obedece ao evangelho ama a Deus e é amado por Ele.

“Se **guardardes** os **meus mandamentos**, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor.” (João 15:10).

O amor que consta dos evangelhos não reverbera questões éticas como as que os teólogos e filósofos abstraem da obra O Banquete. O evangelho não trata de aspectos éticos<sup>60</sup>, portanto, a fala de Platão que estabelece estreita relação do Eros com a busca do bem através de ações que impulsiona o homem a alcançar a

<sup>60</sup> “Se a melhor parte da alma sair vitoriosa e os conduzir a uma vida bem ordenada e filosófica, eles passarão o resto de sua vida feliz e em harmonia, sob o comando da honestidade, reprimindo a parte da alma que é viciosa e libertando a outra que é virtuosa. E ao morrer recebem asas e ficam leves, pois venceram um dos três combates verdadeiramente olímpicos, o maior bem que a sabedoria humana ou a loucura divina podem proporcionar a um homem. Mas se se entregam a uma vida em comum sem filosofia, e, contudo honesta, poderá suceder que os dois corcéis rebeldes assumam o domínio num momento de embriaguez ou de descuido. Os cavalos indomáveis dos dois amantes, dominando suas almas pela surpresa, os conduzirão ao mesmo fim. Eles se entregarão ao tipo de vida mais invejável aos olhos do vulgo, e se atirarão aos prazeres. Satisfeitos, gozarão ainda estes mesmos prazeres, mas raramente, porque esses mesmos prazeres não terão aprovação da alma. Terão uma afeição que os ligará, mas que será sempre menos forte do que aquela que liga os que verdadeiramente amam.” (PLATÃO, 1975, p. 256b-d).



felicidade não guarda relação com a bem-aventurança em Cristo.

Agostinho bebeu de Platão, e concluiu:

*“Basta por agora recordar que, segundo Platão, o bem supremo consiste em viver conforme a virtude – o que só pode ser alcançado por quem tem o conhecimento de Deus e procura imitá-lo: não há outra causa que possa torná-lo feliz. Também não hesita em dizer que filosofar é amar a Deus, cuja natureza é incorpórea. Donde se segue que o desejo de sabedoria (que o mesmo é que dizer: o filósofo) só se torna feliz quando começa a gozar de Deus.”* (Agostinho, A Cidade de Deus, VIII, 8).

Daí surgem algumas perguntas: qual seria o bem supremo para os gregos, ou para Platão? Quais seriam as virtudes dos gregos? Qual o conhecimento de Deus?

Para aproveitar as conjecturas de Platão, Agostinho desprezou o posicionamento de que Eros era uma espécie de “*daimon*”, ser mitológico que se interpõe entre os deuses e os mortais, do que se depreende que o

<sup>60</sup> *“Se a melhor parte da alma sair vitoriosa e os conduzir a uma vida bem ordenada e filosófica, eles passarão o resto de sua vida feliz e em harmonia, sob o comando da honestidade, reprimindo a parte da alma que é viciosa e libertando a outra que é virtuosa. E ao morrer recebem asas e ficam leves, pois venceram um dos três combates verdadeiramente olímpicos, o maior bem que a sabedoria humana ou a loucura divina podem proporcionar a um homem. Mas se se entregam a uma vida em comum sem filosofia, e, contudo honesta, poderá suceder que os dois corcéis rebeldes assumam o domínio num momento de embriaguez ou de descuido. Os cavalos indomáveis dos dois amantes, dominando suas almas pela surpresa, os conduzirão ao mesmo fim. Eles se entregarão ao tipo de vida mais invejável aos olhos do vulgo, e se atirarão aos prazeres. Satisfeitos, gozarão ainda estes mesmos prazeres, mas raramente, porque esses mesmos prazeres não terão aprovação da alma. Terão uma afeição que os ligará, mas que será sempre menos forte do que aquela que liga os que verdadeiramente amam.”* (PLATÃO, 1975, p. 256b-d).



ato de filosofar como forma de amar a Deus jamais será, segundo o que a Bíblia revela, amar a Deus.

Aristóteles, por sua vez, no livro VII da *Ética*<sup>61</sup> a Nicômaco, fez referência ao amor como amizade - φιλία (philía) – distinguindo três tipos: amizade pela utilidade, amizade pelo prazer e amizade perfeita. As duas primeiras são tratadas como amizades acidentais, pois, segundo o filósofo, as amizades pela utilidade e pelo prazer são transitórias, diferentemente da amizade que tem por base a virtude<sup>62</sup>, que seria a amizade perfeita.

Ancorado na premissa aristotélica de que todas as coisas tendem para um fim, e que a finalidade última de todo homem é a felicidade, e que, portanto, essa finalidade

<sup>61</sup>*“O reconhecimento de altivez ou magnanimidade como virtude ética parece, à primeira vista, estranho a um homem do nosso tempo. E parece ainda mais digno de nota que Aristóteles visse aí, não uma virtude independente como as outras, mas uma que pressupõe todas e ‘que, de certo modo, é apenas o seu mais alto ornamento’. Só podemos compreender isso com exatidão se admitimos que o filósofo reserva, na sua análise da consciência moral, um lugar para a altiva arete da velha ética aristocrática. Em outra passagem diz mesmo que Aquiles e Ajax são modelos desta qualidade. A altivez não é por si mesma um valor moral. É mesmo ridícula se não a enquadrarmos na plenitude de arete, unidade suprema de todas as excelências, como sem receio o fazem Platão e Aristóteles, ao usarem o conceito de καλοκαγαθία. Porém o pensamento ético dos grandes filósofos atenienses permanece fiel à sua origem aristocrática, ao reconhecer que a arete só pode atingir a perfeição em almas de escol. O reconhecimento da grandeza de alma como a mais elevada expressão da personalidade espiritual e ética fundamenta-se, tanto para Aristóteles como para Homero, na dignidade da arete. A altivez provém, assim, da arete; mas, daí resulta igualmente que a altivez e a magnanimidade são o que há de mais difícil para o Homem.” (JAEGER, 2003, p. 34).*

<sup>62</sup>*“Para ele, a virtude é uma “disposição interior”, um “costume” (εθος), ou ainda um “hábito” (εζις) que aperfeiçoa os seres humanos, tornando-os capazes de agir, quase sempre, de um modo excelente. Nesta perspectiva, os hábitos tornavam aptas as pessoas a construírem um estilo próprio de vida, o que poderia ser visto como a própria finalidade da ética. Desse modo, o homem virtuoso possuía, de um modo excelente, as virtudes do “belo” (καλος) e do “bem” (αγαθος), que resumiam o essencial do ideal ético da cultura helênica. No dizer de Léon Robin (1957, p. 1270), a expressão καλος και αγαθος (belo e bom) sintetizava o ideal helênico de um “homem realizado”, ou seja, o ideal de “un homme accompli”. (ROCHA, 2006, p. 65-86).*

se alcança através de práticas virtuosas decorrente da razão, Tomás de Aquino substitui a felicidade última que Aristóteles propôs e apresentou Deus como a finalidade última que os homens só podem alcançar através de ações virtuosas promovidas mediante a graça divina.

A análise das obras de Platão e Aristóteles é imprescindível para filosofia, história, sociologia, psicologia, arte, antropologia, letras, linguística, etc., mas nunca deveria ser objeto da teologia. Estudar a literatura, a arte, a linguística e a filosofia grega para melhor compreender os termos empregados pelos apóstolos deveria ser o único ramo da teologia a se debruçar sobre o que os gregos produziram, ademais, os estudos deveriam ser todos focados única e exclusivamente nas Escrituras.

Se os padres e os teólogos da atualidade visitassem os escritos gregos somente para compreenderem nuances dos termos empregados, não haveria problema, pois tal trabalho é importante para uma boa leitura do N. T., mas ao lançar mão do pensamento de Platão e Aristóteles para tentar explicar a existência de Deus, os pais da igreja cometeram um erro irremediável.

Agostinho e Aquino leram mal as Escrituras, e a leitura dos escritos gregos não foi melhor, pois em vez de analisarem a filosofia grega com espírito investigativo focado em descobrir o que inspirou os filósofos gregos a proporem um pensamento ético para a sociedade do seu tempo, somente viram uma oportunidade de plagiar e transformar os princípios que os filósofos clássicos desenvolveram para responderem questões acadêmicas

e religiosas de outra sociedade em uma época muito distante.

Considerando o pensamento metafísico tomista e a leitura que foi feita das obras de Aristóteles, percebe-se que Aquino não considerou quais foram as fontes de inspiração de Platão e Aristóteles ao desenvolverem o pensamento ético deles.

Sem entender que o pensamento ético de Platão e Aristóteles foi inspirado na moral aristocrática da Grécia arcaica<sup>63</sup> <sup>64</sup>, qualquer leitura dos clássicos ficará comprometida, e utilizá-la como modelo para estabelecer uma moral dita cristã é muito pior. Através de uma breve e limitada incursão semântica, considerando o termo grego *philia* (φιλία), observe a associação que Tomás de Aquino fez entre *ágape* é *philia*:

*“A amizade honesta não tem por objeto senão o homem virtuoso, como pessoa principal; mas, por causa dele, amamos também as pessoas que lhe dizem respeito, mesmo sem serem virtuosas. E deste modo, a caridade, que é por excelência uma amizade*

<sup>63</sup> *“This article falls into two parts: the first is an analysis, in the light of my earlier discussions of ἀρετή and τιμή, of the Homeric usage of φίλος, φιλεῖν, and φιλησις; the second, an attempt to show that, as in the case of ἀρετή, the effects of Homeric usage persist to a considerable degree in the moral philosophy of Aristotle”* A. W. H. Adkins ‘Friendship’ and ‘Self-Sufficiency’ in Homer and Aristotle, < <https://pdfslide.net/documents/adkins-friendship-and-self-sufficiency-in-homer-and-aristotle.html> > Consulta realizada em 27/07/2021.

<sup>64</sup> *“O pensamento ético de Platão e Aristóteles baseia-se, em muitos pontos, na ética aristocrática da Grécia arcaica. Isto exigiria uma interpretação histórica minuciosa. (...) ... o pensamento ético dos grandes filósofos atenienses permanece fiel à sua origem aristocrática, ao reconhecer que a arete só pode atingir a perfeição em almas de escol.”* (JAEGER, 2003, p. 33 e 34).

*honestas, estende-se aos pecadores, que amamos com caridade, por amor de Deus.”* Tomas de Aquino, Suma Teológica. <  
<https://permanencia.org.br/drupal/node/4836> >  
Consulta em 27/07/21.

Forçar uma interpretação por associação de ideias díspares não é salutar, principalmente porque o termo *φιλία* tem que ser entendido tanto segundo a concepção do homem grego que inspirou Aristóteles quanto através da ideia que o termo representava à época para o filósofo, e não segundo a concepção do homem da idade média ou de hoje, pois a diversidade de conceitos que influenciaram e se somaram aos termos ao longo dos séculos são muitas.

Considerando *φιλία* (amizade) em Homero<sup>65</sup>, o termo remete aos valores e relações de uma sociedade aristocrática, portanto, só pode ser compreendida através da ótica do homem grego daquela época, em que o *ἀγαθος*<sup>66</sup> (bom, nobre, real), era idealmente autossu-

<sup>65</sup> “Em Homero, os termos *φιλία*, *φιλεῖν* e *φιλότης* só podem compreender-se no âmbito de uma sociedade típica, em que o *ἀγαθος*, idealmente auto suficiente, afirma a sua *ἀρετή* num círculo de pessoas e coisas a ele ligadas. *φίλος* tem mais um sentido possessivo que afetivo e, como acentua Adkins, tem sempre sentido passivo. No seu *oikos*, o *ἀγαθος*, centro de todas as relações, não é *φίλος* no sentido passivo. Pelo contrário, exerce uma ação de ajuda e benemerência que não implica reciprocidade atual mas virtual. As relações de *ξενία* estão no âmbito desta vida virtualmente cooperativa: o *ἀγαθος* «*φιλεῖ*» um estrangeiro que se apresenta como *ικέτης*, ajuda-o na sua sobrevivência, possibilita-lhe o exercício da sua auto suficiência, condicionada embora à situação e etiqueta de hóspede.” (OLIVEIRA, 1978, p. 217).

<sup>66</sup> “O *pathos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” – eis a origem da oposição “bom” e “ruim”.” (NIETZSCHE, Para a Genealogia da moral, p. 7).

*“Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual –*

ficiente e evidenciava a sua ἀρετή<sup>67</sup> (excelência, virtude) em um círculo de pessoas e coisas próximas, conclui-se como assevera Jaeger, que toda investigação tenha a cultura aristocrática como ponto de partida<sup>68</sup> para determinar o significado de termos e ideias defendidas pelos filósofos gregos.

Nesse esteio, para compreender a φιλία (amizade), é imprescindível compreender a ἀρετή<sup>69</sup> (excelência, virtude), não com viés moral, e sim, como expressão do ideal da nobreza cavaleiresca. A ἀρετή era próprio ao homem da elite, ao ἀγαθός enquanto bom (nobre), um modelo ideal de homem que busca o escol da raça. Ideal da nobreza cavaleiresca. A ἀρετή era próprio ao homem da elite, ao ἀγαθός enquanto bom (nobre), um modelo ideal de homem que busca o escol da raça.

*que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim”” (Idem, p.)*

<sup>67</sup> *“Também o adjetivo aghatos, que embora procedente de outra raiz correspondente ao substantivo arete, continha em si a conjugação de nobreza e bravura militar. Às vezes significa nobre, outras, valente ou hábil; quase nunca tem o sentido posterior de ‘bom’, como arete não tem o de virtude moral” (JAEGER, 2003, p. 27) grifo nosso.*

<sup>68</sup> *“Uma vez que a mais antiga tradição escrita nos mostra uma cultura aristocrática que se eleva acima do povo, importa que a investigação histórica a tenha como ponto de partida. Toda a formação posterior, por mais elevada que seja, e ainda que mude de conteúdo, conserva bem clara a marca da sua origem.” (JAEGER, 2003, p. 25).*

<sup>69</sup> *“O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de arete, que remonta aos tempos mais antigos. Não temos na língua portuguesa um equivalente exato para esse termo; mas a palavra ‘virtude’, na sua acepção não atenuada pelo uso puramente moral, e como expressão do mais alto ideal cavalheiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, talvez pudesse exprimir o sentido da palavra grega.” (JAEGER, 2003, p. 25).*

O ἀγᾶθος é aquele que se guiava tanto na vida privada quanto na guerra por normas de condutas alheias aos comuns, e que se orgulhava de responder a medidas mais exigentes pelo sentido do dever. A busca pela honra era a grandeza do herói grego, e algo natural aos olhos do homem grego, de modo que os nobres não receavam de reclamar a honra devida.

Na arete estão inclusas questões como prestígio social e a posse de bens, o que possibilitava o homem nobre exercer a liberalidade e a magnanimidade. Com o declínio da aristocracia, a riqueza foi considerada sem serventia ao homem vulgar, se não tinha o espírito reto, pois os seus bens o precipitariam na perdição.

Deste entrave surgiu a máxima: *‘Toda virtude se encerra na justiça e só é nobre quem é justo’* (JAEGER, 2003, P.248), pontuada por Jaeger, ao registrar a fala que se atribui a Teógnis, ao se referir ao nobre sem a sua riqueza. O ἀγᾶθος é tido como reto, irrepreensível e sem falhas<sup>70</sup>, sendo necessário destacar o sublinhado por Jaeger, que Homero *‘só uma vez, nos livros finais, entende por arete as qualidades morais ou espirituais’* (JAEGER, 2003, p. 274).

Através da ξενία (hospitalidade) verifica-se que um ἀγᾶθος (bom) φίλει (ama) um estrangeiro ικέτης (suplicante) através de ações efetivas que atendam as demandas do forasteiro, o que se distancia o termo φίλει

<sup>70</sup> *“É explicado no célebre escólio de Simônides ao nobre Escopas de Tessália. Aparece nele um conceito de arete que engloba simultaneamente corpo e alma. ‘Difícil é chegar a ser um homem de autentica arete, reto e sem falha, nas mãos e nos pés e no espírito (...) Quando no meio dos que a terra alimenta descubro um homem totalmente irrepreensível, julgo-me no dever de o anunciar’.* (JAEGER, 2003, P. 259).



das questões de ordem emocional ou intencional, que nada provê ao estrangeiro. Hoje o termo φίλος (amigo) e φίλει (ama) indicam afeição, proximidade, enquanto Homero pontua com o termo algo próximo de possessão e sempre empregado no modo passivo.

O ἀγάθος como chefe de uma família potencialmente autônoma, em sua casa (οἶκος), centro de todas as relações, o φίλος não é passividade, mas sim uma ação de ajuda e benevolência que não implica imediata, mas potencial reciprocidade. A hospitalidade destaca-se como uma relação de cooperação, pois quando o ἀγάθος ajudava ou amava um estrangeiro, acolhendo-o como hóspede, ajudava o convidado suplicante na sua sobrevivência, e o convidado, por sua vez, permitia que o ἀγάθος se manifestasse totalmente suficiente.

Todas as pessoas e coisas sobre as quais o ἀγάθος exerceu a sua arete são consideradas amigas, visto que foram inseridas num círculo de posse e carinho em que o hóspede deve respeito ao ἀγάθος, cabendo a quem pleiteava proteção o dever de amar, ou seja, proteger quem o protegeu.

Considerando que:

a) A φιλία (philia) e a ἀρετή (virtude) sublinhavam as relações da aristocracia, pois a verdadeira amizade se dava entre os bons em absoluto, pessoas que possuíam areté e compunham uma relação de inter-

<sup>71</sup> “Todas as pessoas e coisas sobre as quais a ἀρετή é exercida são φίλα ou φιλότης, ou seja, entram em um círculo de posse e afeição em que o protegido (φίλος) deve respeito ao protetor, aquele que tem o dever de, no caso de necessidade futura, "amar", isto é, "proteger" o benfeitor atual.” (OLIVEIRA, 1978, p. 218).



dependência cooperativa;

b) O substantivo ἀγάπη (ágape) quase não aparece no grego pré-bíblico e que o verbo αγαπαω<sup>72</sup> (de etimologia desconhecida, sem significado preciso, sem o calor de φιλέω e sem a intensidade de ἐρᾶω) implicava decisão e ação por parte do sujeito;

c) O homem comum (do povo) na Grécia antiga não tinha arete, pois era atributo exclusivo da nobreza, e que, embora a plebe não buscasse ou tivesse areté, tinha por dever socorrer um estrangeiro viajante à semelhança do nobre;

<sup>72</sup> “agapaõ que, originalmente, significava “honrar” ou “dar boas-vindas”, é, no Gr. clássico, a palavra que tem menos definição específica; frequentemente, se emprega como sinônimo de phileõ, sem haver qualquer distinção, necessariamente nítida, quanto ao significado (...) 4. Não está clara a etimologia de agapaõ e agapè. O vb. agapaõ aparece, frequentemente, na literatura gr. de Homero em diante, mas o subs. agapè é uma construção, que só aparece no Gr. posterior. Foi achada uma só referência fora da Bíblia: ali, a deusa Isis recebe o título de agapè (P. Oxy, 1380, 109; século II d.C.), agapaõ é frequentemente uma palavra descolorida em Grego e aparece, com frequência, como alternativa para, ou sinônimo com, eraõ e phileõ, com o significado de “gostar de”, “tratar com respeito”, “estar contente com”, e “dar as boas-vindas”. Quando, em raras ocasiões, se refere a alguém que foi favorecido por um deus (cf. Dio. Cris., Orationes 33, 21), fica claro que, diferentemente, de eraõ, não se refere ao anseio humano por posses ou valores, mas, sim, uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra.”. (COENEN, 2000, pp. 113 e 114).

“(6) agapazo, agapao: Etymology unknown, has neither the warmth of phileó nor the intensity of erao. A colorless word, often meaning merely ‘be content with,’ ‘like.’ Its sense is not vat all sharply defined, so that it can serve as a synonym for both phileó and eran, bwhen a synonym is required for the sake of euphony; but it does evidently refer to the will rather than to the emotion, and often conveys the idea of showing love by action. The substantive agape is almost entirely absent from pre-Biblical Greek. (RICHARDSON, 1950, p. 134);

“Amor (gr. agape) (1 Pe 4.8; Rm 5.5, 8; 1 Jo 3.1; 4.7, 8,16; Jd 21) Esta palavra raramente era usada na literatura grega, antes do Novo Testamento. E quando isso acontecia, ela era usada para expressar um ato de gentileza aos estrangeiros, de oferecer hospitalidade e ser caridoso”. (RADMACHER, 2010, p. 701).

d) O grego clássico era usado pela classe instruída, o que inclui os acadêmicos, filósofos, poetas, etc., e o grego koiné o dialeto do trabalhador, do camponês, etc.;

e) As grandes obras literárias foram escritas no grego clássico, e o N. T. e a Septuaginta foram redigidos no grego koiné;

f) O ensino do N. T. tinha por alvo o povo, razão pelo qual o dialeto mais popular (simples, comum) à época foi utilizado, enquanto o grego clássico serviu aos propósitos da elite política, intelectual e acadêmica;

g) O grego faz parte da família de línguas indo-europeias, sendo os dialetos principais da língua: o dórico, o eólico e o jônico-ático, sendo que o grego koine deriva desse último dialeto, com forte influência de outros idiomas devido as conquistas do Império Macedônico que anexou territórios egípcios, medos, persas, babilônicos, hebreus, gregos, etc.;

h) O substantivo ἀγάπη (ágape) e o verbo αγαπαω (agapáo) foram utilizados na Septuaginta para verter vários termos hebraico que descreviam a sujeição do homem a Deus, o cuidado de Deus para com o homem, a afeição do marido para com a esposa e vice versa, a afeição pelos filhos e familiares, etc.;

i) Além da Septuaginta, versão da Bíblia hebraica traduzida em etapas para o grego koiné, os judeus em Alexandria produziram obras literárias hebraica em língua grega, como epopeias, dramas, obras moralizantes, etc.;

j) É impossível precisar o motivo pelo qual os judeus helenizados que traduziram o A. T. para o grego nos séculos III e II a.C., escolheram os termos, ἀγαπάω (agaráo) e ἀγάπος (agapetos), se havia outros termos na língua grega para amor;

k) a possibilidade de o termo ἀγάπη (ágape) ter sido escolhido em função da similaridade de sons consonantes como o termo hebraico אָבָב<sup>73</sup> (agab), ou a raiz primitiva do termo ter origem em alguma das línguas Semíticas Ocidentais;

Conclui-se que:

a) O uso do termo ἀγάπη (ágape) no N. T. se deu por forte influência dos tradutores da Septuaginta, que identificaram nos termos φιλία (philia) e ἔρως (eros) elementos que não correspondiam a essência da ideia que precisavam transmitir;

b) A ἀγάπη (ágape) não é uma palavra que pertencia exclusivamente à comunidade cristã ou judaica, bem como não era uma palavra desconhecida dos escritores gregos do período pré-bíblico, embora seu uso tenha sido raro, possivelmente porque o termo não refletisse os sentidos fundamentais da filosofia, tragédias, poemas, mitologia, etc.;

c) São reducionismo entender que na língua grega amor fraterno é φιλία (philia), ou que amor entre casais é ἔρως (eros) e o amor divino é ἀγάπη (ágape), pois mesmo no grego clássico ou no grego koine é impossível delimitar o significado dos três termos fora de um contexto específico;

d) Amor entre casais é eros e amor divino é ágape, com sentidos demarcados para estas três palavras com significantes e significados diferenciados para falar sobre o amor. Nota-se, porém, que no grego clássico e koiné não há possibilidade de se delimitar precisamente seus significados, pois os três termos têm como ponto de convergência nomear, descrever e qualificar gama considerável de relações, ações e sentimentos do ser humano;

e) Qualificar o verbo αγαπω (agapáo) de incolor por seu sentido ser amplo ou incerto é temerário, pois os termos que nomeiam, descrevem e qualificam relações, ações e sentimentos dependem do contexto para ter uma ‘cor’ definida; nesse sentido, considerando o termo ‘querido’ como exemplo, para aquinhoar o seu significado, necessário é considerar o contexto; o termo ‘querido’ que se apresenta bem definido, de etimologia certa, pois advém do latim ‘quaerere’, significando “*procurar, desejar, buscar, tratar de saber*”; em uma carta o termo ‘querido’ pode figurar como uma simples saudação, como pode ser um tratamento de carinho para com um filho, demonstração de afeto para um cônjuge, fazer referência a um amigo, etc., de modo que o termo furta a cor das relações e sentimentos que nomeia, descreve ou qualifica;

f) o fato de o substantivo αγαπη (ágape) ser quase ausente no período pré-bíblico não significa que o termo fosse pouco utilizado pela massa, pois os registros que perduram ao longo das eras são textos acadêmicos, artísticos e documentos oficiais, que

geralmente não são redigidos no dialeto do homem comum, que por sua vez, não sabe ler e escrever, relegando essa tarefa a outros quando extremamente necessário.

Em uma sociedade com valores definidos pela aristocracia, qual seria o termo que o homem comum utilizaria para cuidar de um viajante, se *φιλία* implicava *agathos* e *areté*?

Ao meu ver, o termo *ágape* era utilizado pelo homem comum, que não gozava de autossuficiente, para fazer referência à cooperação que possibilitava a sobrevivência de um hospede/viajante<sup>73</sup> em substituição ao termo *φιλέω*.

Seria um problema compreender a essência do termo *αγαπάω* (*agaráo*) na Bíblia se o contexto não fosse extenso e específico. Específico porque se trata do evangelho de Cristo e extenso por se tratar de quatro evangelhos, narrativas históricas e várias epístolas que compõem o N. T.

A definição dos termos *ἀγάπη* (*ágape*), *αγαπάω* (*agaráo*) e *ἀγαπτός* (*agapetos*) emergem do N. T., de modo que é possível a quem estuda as Escrituras prescindir do significado dos termos quanto ao uso pelos gregos e, se ater, especificamente, ao uso feito pelos apóstolos.

<sup>73</sup> “25 *αγαπάω* *agapao* Talvez de *agan* (muito) [ou cf 5689 *αἰνέω*]; TDNT 1:21,5; v 1) com respeito às pessoas 1a) receber com alegria, acolher, gostar muito de, amar ternamente 2) com respeito às coisas 2a) estar satisfeito, estar contente sobre ou com as coisas Sinônimos ver *verbete 5914*” Dicionário Bíblico Strong.

**O** movimento de se aproximar dos gregos para buscar subsídio para compreender as Escrituras resultará em má leitura, pois a Bíblia apresenta as suas próprias definições ao evidenciar uma realidade espiritual que escapa ao homem natural.

Os filisteus após serem acometidos de hemorroidas e uma praga de ratos enviou a arca da aliança a cidade de Bete-Semes sobre um carro novo conduzido por duas vacas com crias recentes (1 Samuel 6:7). Os homens do campo de Josué fizeram o correto ao federem as lenhas do carro e oferecerem as vacas em holocausto (1 Samuel 6:14), bem como os levitas que ofereceram sacrifícios (1 Samuel 6:15).

Mas, os homens de Bete-Semes acabaram sendo feridos por Deus, pois olharam o interior da arca da aliança (1 Samuel 6:19), que em vez de questionarem como deveriam proceder com a arca da aliança, simplesmente procuraram se livrar dela (1 Samuel 6:21).

A arca permaneceu por vinte anos aos cuidados de Eleazar, filho de Abinadabe (1 Samuel 7:2). O tempo passou, mas ao realizarem o transporte da arca da aliança à Jerusalém com queria o rei Davi, os filhos de Abinadabe colocaram a arca da aliança sobre um carro novo, resultado na morte de Uzá, filho de Abinadabe.

“E puseram a arca de Deus em um carro novo, e a levaram da casa de Abinadabe, que está em Gibeá; e Uzá e Aiô, filhos de Abinadabe, guiavam o carro novo.” (2 Samuel 6:3).

A concepção dos filisteus atravessou várias décadas e influenciou o entendimento dos filhos de Israel, que sem se aterem ao determinado na lei, utilizaram um carro novo para conduzir a arca da aliança.

Essa passagem bíblica nos deixa uma lição: não importa a concepção dos filisteus, gregos, romanos, bárbaros, etc., o que importa é o estabelecido nas Escrituras.

Considerando o contexto das Escrituras, em determinadas passagens bíblicas o termo ἀγάπη (ágape) significa somente ter apreço, consideração.

“Porque ama a nossa nação, e ele mesmo nos edificou a sinagoga.” (Lucas 7:5).

Entretanto, o apóstolo João define qual é a ἀγάπη (ágape) de Deus: que se guarde os seus mandamentos.

“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados.” (1 João 5:3).

Para não restar dúvidas, essa é a definição bíblica para ἀγάπη (ágape) e ἀγαπάω (agapáo):

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele. (...) Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou.” (João 14:21 e 23-24).



Nesse sentido, o amor de Deus foi manifesto através da encarnação de Cristo, pois em Cristo está o mandamento de Deus.

“Nisto se manifesta o amor de Deus para conosco: que Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele vivamos.” (1 João 4:9).

A αγάπη (ágape) bíblica não se trata de um sentimento e não está atrelado a questões afetivas. A αγάπη (ágape) bíblica não é desinteressado, doação, caridade, oblativo, incondicional, etc., conceitos elaborados tendo por base a sabedoria humana que, essencialmente, não reflete o que o Espírito Santo ensina.

“As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.” (1 Coríntios 20:13).

A Bíblia não apresenta o amor de Deus como incondicional. Desde o A. T. o amor de Deus está condicionado à obediência.

“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.” (Êxodo 20:6).

E com o evangelho não é diferente. Embora a salvação seja gratuita e universal, pois Deus deu o Seu Filho Unigênito, só será salvo aquele que obedece ao mandamento de Deus em Cristo, pois em Cristo está implícito o mandamento de Deus.

“Se me amais, guardareis os meus mandamentos.”  
(João 14:15).

A ideia de que o amor de Deus é incondicional não resiste à declaração divina:

“E retribui no rosto qualquer dos que o odeiam, fazendo-o perecer; não será tardio ao que o odeia; em seu rosto lo pagará.” (Deuteronômio 20:7).

A má leitura do enunciado *‘Deus amou o mundo de tal maneira ...’* leva ao entendimento de que o amor de Deus é incondicional, pois muitos não consideram o mandamento de Deus implícito no versículo: *‘aquele que nele crê não pereça’*.

O que interpretam como sendo um amor incondicional, na verdade, se trata da providência divina com relação à salvação, que é gratuita e tem por alvo todos os homens. Como Deus quer que todos os homens se salvem (1 Timóteo 2:4), providenciou salvação poderosa na casa de Davi – Jesus Cristo homem - através do conhecimento revelado no evangelho.

A providência divina é incondicional, pois para a salvação da humanidade Deus deu o Seu Filho Unigênito. Por causa da ofensa de Adão não havia nada que os homens por si só pudessem realizar que resultasse em salvação, por isso Deus providenciou salvação antes mesmo da fundação do mundo.

Da mesma forma que Deus se agradou e escolheu os filhos de Israel para amá-los para cumprir o juramento que fizera aos pais (Deuteronômio 7:7-8), Deus amou o mundo para levar a efeito o propósito eterno que Ele

estabeleceu em Cristo Jesus (Efésios 1:9 e 3:11).

Deus fez misericórdia a Abraão, Isaque e Jacó porque amaram a Deus obedecendo-O, e Deus, por sua vez, se afeiçãoou e escolheu os seus descendentes para amar, guardando o juramento feito aos pais. Mas, não é porque Deus se afeiçãoou e escolheu os filhos de Israel por causa dos pais que todos em Israel são filhos de Abraão (Romanos 9:6), semelhantemente, não é porque Deus amou o mundo segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo que este amor é incondicional, pois só os que creem em Cristo são chamados ao propósito eterno: serem conforme a expressa imagem do Cristo ressurreto para que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

“Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.” (Romanos 8:29).

Por causa da ofensa de Adão, todos os homens, sem exceção, pecaram e carecem da misericórdia de Deus, de modo que a salvação em Cristo é ofertada a todos os homens, sem exceção, não importando nacionalidade, sangue, língua, tribo, etc., pois Deus não faz acepção de pessoas.

Como Deus não faz acepção de pessoas quanto ao derramar do seu espírito (Joel 2:29), muitos interpretam que o amor de Deus é incondicionado, porém, embora a salvação seja gratuita, o homem tem que aceitar o que Deus propôs em Cristo.

“Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca

terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.”  
(João 4:14).

A água ofertada por Deus dá vida, mas é necessário que o homem beba. A água foi providenciada e está à disposição, mas se o sedento não beber, não terá vida eterna.

# Como amar os irmãos?

*“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.” (1 João 5:2).*

**C**omo amar os irmãos, se as definições de amor que constam nos dicionários são sentimentos de foro íntimo que não podem ser mensurados, provados ou demonstrados através de evidências físicas, portanto, envolto em questões subjetivas? Como amar se palavras, atitudes e ações não evidenciam de maneira prática, inequívoca e irrefutável o que é amar?

O amor do ponto de vista sentimental é uma via de mão dupla, pois além daquele que ama, quem é alvo do amor precisa reconhecer que é amado. Neste sentido, não basta quem ama fazer ao outro o que gostaria que lhe fizessem, pois se o outro não considerar ou não sentir que está sendo amado, os sentimentos e as ações de quem ama restará inócua.

Para compreender o alcance do sentimento humano definido por amor não basta a definição que amar é fazer o bem ao outro, se o outro, por sua vez, não com-

prender que o que está sendo dispensado por quem ama é o bem, de modo que, há uma forte interdependência entre amar e se sentir amado.

De outra banda, o que é fazer o bem para com o irmão? Ações assistenciais é fazer o bem? O outro não se sentirá ofendido, caso lhe seja incluso em uma ação assistencial? Dar esmola é tido como fazer o bem, mas pouco consideram o mal da esmola quando perpetua a mendicância e a miséria de um indivíduo.

Ninguém gosta de ser repreendido, mas quando alguém comete um erro a repreensão não seria o bem? Se alguém repreende quem está no erro não estaria amando?

O maior problema ao tentar definir ‘amor’ ou ‘bem’ é o subjetivismo, mas a Bíblia impõe um amor objetivo que se traduz em mandamento:

“... deveis amar-vos uns aos outros” (João 13:34).

Ao disciplinar qual deve ser o comportamento dos cristãos em sociedade, como imitador de Cristo, o apóstolo Paulo se interpôs como exemplo, evidenciando como amar os irmãos.

“Portai-vos de modo que não deis escândalo, nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus. Como, também, eu, em tudo, agrado a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim se possam salvar” (1 Coríntios 10:32-33).

O apóstolo dos gentios se amoldava ao comportamento dos outros, de modo que essas pessoas pudessem se salvar. Para descobrir no que consiste amar os irmãos,

se faz necessário ter em foco a salvação.

O evangelista João é enfático ao apresentar, de modo objetivo, como é que se ama um irmão em Cristo:

“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.” (1 João 5:2)

“ἐν τούτῳ γινώσκομεν ὅτι ἀγαπῶμεν τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ. ὅταν τὸν θεὸν ἀγαπῶμεν καὶ τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ ποιῶμεν” Westcott/Hort with Diacritics.

O evangelista João **não diz** que quem ama a Deus é aquele que se propõe a perdoar as ofensas ou as dívidas do seu irmão, ou servir ao outro sem nada pedir em troca, ou fazer o bem sem olhar a quem, ou não desejar o mal ao outro, etc., pois todas essas questões se perdem no campo da subjetividade.

A abordagem de João é específica: ‘nisto conhecemos’, ou seja, nisto é possível saber que amamos os filhos de Deus (ou seja, os irmãos ou uns aos outros), quando amamos (obedecemos) a Deus.

Os filhos de Deus são todos os que creem em Cristo, ou seja, são gerados de Deus, portanto, irmãos:

“Tudo o que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus.” (1 João 5:1).

Só ama a Deus quem cumpre o Seu mandamento, como se observa:

“Se me amais, guardais os meus mandamentos.” (João 14:15);



“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama.” (João 14:21);

“Jesus respondeu e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras.” (João 14:23-24);

“E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, que andeis nele.” (2 João 1: 6).

Após verificar que só ama a Deus quem obedece ao Seu mandamento, resta saber qual é o mandamento de Deus. Oh evangelista João, objetivamente, aponta qual é o mandamento de Deus:

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento.” (1 João 3:23).

Crer em Cristo é o mandamento e o amor de Deus e, aquele que crê em Cristo obedece a Deus, ou seja, O ama. Com base no exposto pelo apóstolo João, só é possível identificar quem ama os irmãos quando efetivamente quem está sob análise crê que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, ou seja, quando guarda (ama) o mandamento de Deus.

O amor de Deus foi manifesto em Cristo e, quem crê que Jesus é o Filho de Deus guarda os mandamentos de Deus (1 João 3:23), portanto, reúne em si as condições necessárias para amar os irmãos.

O mesmo princípio utilizado para verificar se alguém que se diz cristão está em comunhão com Deus também é utilizado para verificar se essa pessoa ama os irmãos. Observar:

**“E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos.** Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas, qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele, verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele ". (1 João 2: 3-5);

**“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos.”** (1 João 5: 2).

Na abordagem do apóstolo João, embora os termos sejam os mesmos, saber e conhecer tem significados distintos, pois ao dizer: γινώσκομεν ὅτι ἐγνώκαμεν (sabemos que o conhecemos), o termo grego γινώσκω (ginósido causa con) contexto, expressa a ideia tanto de 'comunhão', 'união íntima', quanto de 'saber', 'conhecer'.

Só desfruta de comunhão íntima (conhece) com Deus aquele que obedece aos seus mandamentos (1 João 3:24).

No mesmo diapasão, só se ama os filhos de Deus quando se ama a Deus guardando os seus mandamentos.

Esses três versículos evidenciam que o amor aos irmãos está na comunhão, primeiro com o Pai e o Filho e uns com os outros.

**“O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo.”** (1 João 1:3).

Da mesma forma que só é possível saber se alguém está em Deus quando esse alguém O obedece, ou seja, O ama, só é possível identificar quem ama o irmão quando

essa pessoa obedece a Deus se fazendo servo de Deus ao crer em Cristo, portanto, sendo membro do corpo e em plena comunhão com Deus e com os demais irmãos.

O amor aos irmãos, ou a comunhão é matéria de suma importância para o evangelho, tanto que o apóstolo João aborda a questão exaustivamente na sua primeira epístola.

“Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.” (1 João 1:6-7).

“Aquele que diz que está na luz e odeia a seu irmão, até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz e nele não há escândalo.” (1 João 2:9-10).

Um crente em Cristo não é alguém que se gaba de estar em Deus ou de ter comunhão com Ele (amar de palavra ou de língua), antes é alguém que pratica (amar por obra e em verdade), ou seja, anda.

Sabedor de que Jesus é a propiciação pelos pecados, não só dos que agora estão em Cristo, mas também pelos pecados de todo o mundo, como é possível se escandalizar do irmão por ele não ter a mesma nacionalidade, língua, costumes, condição social, etc.? (1 João 2:10)

Não basta alguém dizer que tem comunhão com Deus, antes deve andar como Cristo andou: não fazendo acepção de pessoas e nem julgando os outros segundo a aparência (Tiago 2:1). Qualquer que diz amar a Deus, mas não aceita o outro como irmão por causa de nacio-

nalidade, condição social, língua, etnia, cor, etc., na verdade é um homicida, pois além de odiar o outro permanece nas trevas.

Os seguidores de Jesus têm que obedecê-Lo quanto ao ide por todo mundo, ou seja, fazer discípulos de todos os povos, portanto, não pode fazer acepção de pessoas (Mateus 28:19; Colossenses 1:23). Nesse sentido, como um cristão convertido dentre os judeus poderia pregar o evangelho se considerar os gentios como comuns ou imundos? Como evangelizar os gentios sem se assentar em uma mesa para comer com eles?

“E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um homem judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo.” (Atos 10:28).

A abordagem do apóstolo João é pertinente, pois o apóstolo Pedro só foi compreender essa verdade muito tempo depois da festa do Pentecostes, e para suprir essa carência se fez necessário uma visão celestial.

As pessoas só saberão que um judeu se tornou um seguidor de Cristo se ele abrir mão dos seus costumes herdados dos seus pais e der a destra da comunhão aos cristãos convertidos dentre os demais povos.

Da mesma forma que se reconhece que Abraão creu em Deus porque apresentou a Deus o seu único filho em holocausto, é possível saber que um judeu é um seguidor de Cristo quando se assenta com outras pessoas a comer em uma mesma mesa e debaixo de um mesmo teto.

Da mesma forma que se compreende que Raabe obedeceu a Deus ao receber e ocultar os espias, bem como colocar o cordão de cor vermelha na janela de sua

casa, um discípulo de Cristo se distingue pelo amor (Tiago 2:23-25).

“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:35).

Quem ama o seu irmão não se escandaliza do irmão, ou seja, não se recusa se assentar em uma mesma mesa para compartilhar o pão, ou hospedá-lo, ou entrar em sua casa, etc. Se pelo evangelho ambos clamam ‘Aba, Pai’, e são coerdeiros com Cristo, deve evidenciar o seu amor estendendo a destra da comunhão em todos os sentidos (Gálatas 4:6-7).

Aquele que ama a seu irmão que vê não leva em conta tudo o que a sua perspectiva humana desaprova é alguém que verdadeiramente creu em Deus que não vê (1 João 4:20-21).

Nessa perspectiva, um cristão convertido dentre os judeus que foi ensinado que não devia comer carne de porco, se andar conforme o ἀγάπη (agapē), deve se amoldar aos costumes do irmão recém chegado à comunidade cristã, e não o contristar por causa de comida.

“Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão, já não andas conforme o amor. Não destruas, por causa da tua comida, aquele por quem Cristo morreu.” (Romanos 14:15).

Amar o irmão é se portar conforme a verdade do evangelho, diferente da perspectiva que amar é doar bens materiais ou se deixar desgastar, até exaurir o fôlego de vida, para melhorar as condições econômicas dos pobres (1 Coríntios 13:3).

Quem obedece a Deus ama o seu irmão, portanto, abraçar causas sociais, assistenciais, feminismos, aboli-

cionismos, sindicais, etc., não se trata do amor exigido por Deus.

Em nome de um pseudo amor a Deus ou aos irmãos, é comum pessoas que se dizem cristãs abraçarem ideologias várias contra o homossexualismo, o ateísmo, o aborto, a ciência, o comunismo, o socialismo, o humanismo, etc., e se esquecem de andar conforme o amor: a) não tendo ninguém por comum ou imundo; b) contristar o outro com ideologias várias, e; c) não busca o interesse de muitos para que possam se salvar.

**A**ma a Deus quem crê em Cristo e, quem crê em Cristo, por sua vez, deve amar ao irmão segundo o mandamento de Deus (1 João 3:23). Só é possível amar os filhos de Deus (irmãos) quem crê em Cristo, ou seja, quem ama o seu irmão segundo o mandamento de Deus (1 João 5:2).

Além de obedecer ao mandamento de Deus (que é crer em Cristo), os que amam a Deus receberam o mandamento de amarem aos seus irmãos, segundo o que foi ordenado.

“E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também a seu irmão.” (1 João 4:21).

O verbo ἀγαπάω (agapaó) tem em si o sentido de honrar, de modo que quem obedece ao mandamento de Deus honra a Deus, conseqüentemente, deve honrar o seu irmão.

“Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o envio.” (João 5:23).



O escritor aos Hebreus destaca o trabalho dos cristãos a serviço dos santos como evidencia do amor a Deus.

“Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu nome mostrastes, enquanto servistes aos santos; e ainda servis.” (Hebreus 6:10).

Servir uns aos outros deve ser pelo amor, sem qualquer influência da carne, pois como cada cristão foi chamado à liberdade, agora deve agir segundo o amor e não segundo a carne.

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor.” (Gálatas 5:13).

O apóstolo Paulo estava explicando aos cristãos da Galácia que cada irmão agora era liberto do Senhor, portanto, não estavam mais sujeitos ao pecado, à morte e à lei, ou seja, agora serviam a Deus em novidade de espírito (evangelho) e não segundo a velhice da letra (lei).

“Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.” (Romanos 7:6).

Embora libertos do Senhor, os cristãos não podiam lançar mão da liberdade para dar ocasião as questões da lei, ou seja, servir uns aos outros segundo o mandamento de homens (carne), e não segundo Cristo, que é servir uns aos outros pelo amor.

Os cristãos da Galácia tinham começado pelo evangelho (espírito) servir a Deus, e agora, com a intromissão dos judaizantes voltado as questões da lei, ou seja, acabaram na ‘carne’, sujeitos a mandamentos de homens. Andar na carne é andar segundo o estabelecido por homens corruptos de entendimento, que tem zelo de Deus mas



sem o conhecimento (Romanos 10:2).

“Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?” (Gálatas 3:3).

Os judaizantes sempre estavam ao redor dos cristãos tentando cooptá-los a voltarem a estar debaixo do jugo da lei, e o apóstolo Paulo, por sua vez, sempre alertando dos riscos em voltar a estar debaixo de rudimentos fracos e pobres (Gálatas 4:9-10).

Uma questão dos judaizantes era não se sujeitarem as autoridades constituídas sob pretexto de serem uma nação livre por descenderem de Abraão, e na luta por se desvencilharem do jugo romano, os judaizantes queriam fazer uso político dos cristãos, potencializando movimentos de insurreição contra Roma.

Daí o alerta: *‘TODA a alma esteja sujeita às potestades superiores...’* (Romanos 13:1), pois os que tinham *‘cuidado da carne em suas concupiscências’* (Romanos 13:14), apresentavam a lei como pretexto, sendo que quem ama o outro já cumpriu a lei.

“A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.” (Romanos 13:8-10).

Como libertos do Senhor, os cristãos nada deviam aos da circuncisão, de modo que devessem andar segundo a carne e suas concupiscências.

“Mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as autoridades; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades; (...) Porque, falando coisas mui arrogantes de vaidades, engodam

com as concupiscências da carne, e com dissoluções, aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro, prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção. Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.” (2 Pedro 2:10 e 18-19).

“A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei. Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.” (Romanos 13:8-10).

Como libertos do Senhor, os cristãos nada deviam aos da circuncisão, de modo que devessem andar segundo a carne e suas concupiscências.

“Mas principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as autoridades; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades; (...) Porque, falando coisas mui arrogantes de vaidades, engodam com as concupiscências da carne, e com dissoluções, aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro, prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção. Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.” (2 Pedro 2:10 e 18-19).

Os cristãos deviam andar segundo o ensino de Cristo (espírito), para não se tornarem presas dos homens por meio de filosofias, sutilezas e tradições.

“Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, nela abundando em ação de graças. Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias

e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo;” (Colossenses 2:6-8).

O apóstolo Paulo, juntamente com Barnabé, ao contender com alguns judeus que vieram de Jerusalém e concitavam os gentios que se converteram a Cristo a se circuncidarem (Atos 15:1-5), estavam amando os irmãos segundo o mandamento de Deus. A disposição do apóstolo Paulo em defender a verdade do evangelho e os irmãos de um falso evangelho era amor, pelo cuidado dispensado aos irmãos.

Neste ponto se faz necessário diferenciar o ‘sentimento humano’ que se denomina ‘amor’ do mandamento de Deus, que na Bíblia também é designado ‘amor’.

Além do termo φιλία (philia) que destacava a amizade, afeição fraterna, os gregos faziam uso do termo σπλαγχνον (splanchnon) que significa ‘entranhas’, ‘intestinos’ (coração, pulmão, fígado, etc.), para apontar para a sede das emoções mais fortes como o ódio e o amor. Conforme observa o Dicionário Strong, para os hebreus as entranhas era a sede das afeições mais sensíveis, como a bondade, benevolência, compaixão, afetos, etc.

Algumas emoções e sentimentos são eminentemente subjetivos, como a melancolia, tristeza, satisfação. Outros, apesar de serem igualmente subjetivos, fluem por uma via de mão dupla, como o amor, o ódio, a amizade, etc., tem por alvo terceiros.

Um exemplo de sentimento de via dupla encontra-se no apóstolo Paulo, que amava afetuosamente os cristãos de Corinto, mas não era correspondido à altura. Alguns cristãos não conseguiam aquilatar o sentimento que o apóstolo Paulo nutria por eles, por conseguinte, estavam ‘estreitados’ no sentimento para com o apóstolo.

“Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado. Não estais estreitados em

nós; mas estais estreitados nos vossos próprios afetos. Ora, em recompensa disto, (falo como a filhos) dilatai-vos também vós.” (2 Coríntios 6:11-13).

A segunda epístola, além de ser uma defesa do evangelho, também tinha por alvo evidenciar aos cristãos de Corinto o quanto estava dilatado o coração do apóstolo por eles. O termo utilizado pelo apóstolo Paulo para fazer referência ao afeto dos cristãos de Corinto é *σπλάγχνα*, ou seja, entranhas.

“Porque em muita tribulação e angústia do coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho.” (2 Coríntios 2:4).

Embora amasse os cristãos de Corinto tendo o cuidado de não causar escândalo algum e se portar de modo a ser recomendável em tudo, na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, etc., alguns deles, por sua vez, não tinham igual afeto.

“Não dando nós escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado; antes, como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo; na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias...” (2 Coríntios 6:3-4).

Ao escrever acerca do escravo e irmão em Cristo, Onésimo, a Filemom, o apóstolo Paulo faz uso do termo *σπλάγχνα* para descrever o apreço por Filemom. É patente, na epístola, que o apóstolo Paulo e Filemom, além de irmãos em Cristo, eram grandes amigos.

Ao escrever a Filemom, inicialmente, o apóstolo dos gentios dá graças a Deus e enfatiza que sempre faz menção do irmão Filemom em suas orações (Filemom 1:4), isto porque ouvia acerca do amor e da fé de Filemom. A fé (crença) de Filemom era resultado do seu amor, ou seja, da obediência ao evangelho (fé).

Em decorrência de Filemom ter crido em Cristo, o após-

tolo sentiu grande gozo e consolação, e os sentimentos dos santos foram acalentados (Filemom 1:7).

Pela sua posição de apóstolo, Paulo podia ordenar a Filemom que o obedecesse, porém, pediu, um modo de honrá-lo (amor).

“Por isso, ainda que tenha em Cristo grande confiança para te mandar o que te convém, Todavia peço-te antes por amor, sendo eu tal como sou, Paulo o velho, e também agora prisioneiro de Jesus Cristo.” (Filemom 1:8-9).

Ao enviar o irmão Onésimo, que era um escravo que havia fugido do seu senhor, Filemom, o apóstolo Paulo esperava que Filemom recebesse Onésimo como se fosse as suas próprias entranhas, ou seja, o apóstolo dá destaque ao vínculo do sentimento de apreço que havia entre eles (Filemom 1:12, 17).

Hoje, em nossa língua, seria como se o apóstolo escrevesse que estava enviando o seu próprio coração, uma forma de expressar o seu sentimento. Esse cuidado do apóstolo, dispensado a Onésimo, também é amor, pois roga a Filemom que recebesse o seu escravo que havia fugido através do seguinte prisma:

- a) Como seu irmão amado, e;
- b) Como filho do apóstolo (Fl 1:16).

O apóstolo destaca duas razões para Filemom recepcionar Onésimo:

- a) Sujeição ao Senhor, e;
- b) Por Filemom e Onésimo compartilharem a mesma nacionalidade.

“Não já como servo, antes, mais do que servo, como irmão amado, particularmente de mim, e quanto mais de ti, assim na carne como no SENHOR?” (Filemom 1:16).

Comparando a relação de amizade entre o apóstolo Paulo e Filemom com o que se espera da relação entre um irmão e alguém com autoridade apostólica. Pela amizade com Filemom, o apóstolo dos gentios é ousado em seu pedido, pois esperava que o tratamento dispensado a Onésimo, um escravo e agora irmão em Cristo, que fosse o mesmo tratamento dispensado ao apóstolo dos gentios (Filemom 1:16). Como apóstolo, Paulo podia determinar que fosse atendido, porém, nesse quesito ele é menos ousado e se contenta em pedir (Filemom 1:8-9).

Afeição produz saudade, o que o apóstolo Paulo expressa com relação aos cristãos da cidade de Filipenses, conforme registrado:

“Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho, em entranhável afeição de Jesus Cristo” (Filipenses 1:8).

Observe que a relação do apóstolo Paulo com os Filipenses se iniciou pelo cuidado decorrente da imposição do evangelho, o que posteriormente evoluiu para um forte laço de afeição, sendo que é possível existir laços de afeição, como era o caso de Paulo com os judeus, porém, se faz necessário dispensar um cuidado segundo o amor em Cristo.

“Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!” (1 Coríntios 9:16);

“Que tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne;” (Romanos 9:2-3).

Através destes textos, verifica-se que há uma grande diferença entre entranháveis afetos (σπλάγχνοις) e a exigência de amar uns aos outros, pois este é dever que se impõe por mandamento, aquele é sentimento decorrente de convivência.



No amor não está em voga afeição, antes o dever de suportar uns aos outros:

“Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,” (Efésios 4:2);

“Suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também.” (Colossenses 3:13).

Após expressar o seu sentimento (Filipenses 1:8), o apóstolo Paulo faz um pedido aos cristãos da cidade de Filipenses: que o amor deles se desenvolvesse mais e mais em discernimento e em conhecimento! Esse amor, que demanda ἐπίγνωσις e αἴσθησις, respectivamente ‘conhecimento’ e ‘discernimento’, não é emocional ou sentimental, mas, objetivo: obediência a Deus (crer em Cristo) com o dever de honrar os irmãos (Filipenses 1:8).

O apóstolo Pedro destaca que os cristãos são purificados pelo evangelho (1 Pedro 1:2 e 22), o que requer obediência à verdade (evangelho), que por sua vez, leva ao amor fraternal sincero. Daí a ordem: amai-vos uns aos outros!

“Purificando as vossas almas pelo Espírito, na obediência à verdade, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos, ardentemente, uns aos outros, com um coração puro.” (1 Pedro 1:22).

A obediência à verdade leva ao amor fraterno (φιλαδελφίαν/philadelphia), que é livre de fingimento, de malícia, de engano, de inveja e de murmurações (1 Pedro 2:1). A ordem: amai-vos, intensamente (ἀγαπήσατε ἑκτενωῶς), uns aos outros, diz de um intenso cuidado para com os outros em virtude do mandamento.

O apóstolo Pedro faz essa recomendação para que os cristãos convertidos, dentre os judeus se transformassem pela renovação do entendimento



(1 Pedro 1:13), se comportando como filhos obedientes, ou seja, não seguindo as concupiscências de antes (1 Pedro 1:14). Se agora como cristãos invocavam a Deus como pai, e Deus não faz acepção de pessoas (1 Pedro 1:17), como filhos obedientes deveriam amar a todos cristãos, quer eles fossem convertidos dentre os judeus ou dentre gentios.

Se o amor é sem fingimento, sem engano, sem malícia, os cristãos da dispersão (judeus convertidos), deveriam ser hospitaleiros e sem murmurações. O apóstolo Pedro sinaliza que é necessário cuidar (amar, honrar) dos irmãos, sem fazer acepção, portanto, cada qual deveria servir uns aos outros, conforme o dom que cada um recebeu (1 Pedro 1:1 e 4:9).

A hospitalidade era uma questão sociocultural imprescindível à época dos apóstolos e um dos cuidados indispensáveis que todos os cristãos deveriam dispensar a todos os irmãos, não importando se judeus ou gentios.

O escritor aos Hebreus instrui para que o amor fraterno seja contínuo. Um dos aspectos do amor fraternal é a hospitalidade. Qual o valor em chamar os membros da comunidade cristã de irmãos em Cristo, e se recusa a receber outro por questões econômicas, sociais, nacionais, etc.

**“PERMANEÇA o amor fraternal. Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram a anjos.”** (Hebreus 13:1-2).

O ‘ardente amor’ (ἀγάπην ἐκτενῆ), apontado pelo apóstolo Pedro é superior ao amor fraternal, pois este deriva daquele por ser mandamento (1 Pedro 1:22).

Ao falar da hospitalidade, o apóstolo Pedro recomenda o ‘amor fervente’, ou seja, o cuidado intenso, uns para com

os outros. Na ‘hospitalidade’, está implícito o amor que desfaz as ofensas (1 Pedro 4:9; Provérbios 10:12), porque o ‘ódio’, no sentido de ‘desonra’, suscita contendas, dissensões, mas o ‘amor’, no sentido de ‘honra’, encobre (dissipa) transgressões, erros.

Temos que compreender a citação do apóstolo Pedro, à luz do contexto do Livro dos Provérbios:

“O ódio excita contendas, mas o amor cobre todos os pecados.” (Provérbios 10:12);

“Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros; porque o amor cobrirá uma multidão de pecados.” (1 Pedro 4:8).

Um cristão judeu ao receber outro cristão em sua residência, não importando a sua nacionalidade, ama fraternalmente. Essa hospitalidade é o mesmo que andar, dignamente, diante de Cristo, agradando a Ele em tudo. Se Cristo não faz acepção de pessoas e chama a todos que creem de irmãos (Hebreus 2:11), os seus seguidores não podem fazer diferente.

“Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra e crescendo no conhecimento de Deus.” (Colossenses 1:10).

Pensando a sociedade à época, a hospitalidade era recomendada a todos os cristãos, e cada cristão deveria receber o outro em honra, ou seja, sem fazer comentários desairosos, gracejos, dissimulação, etc. De nada adiantava um cristão judeu recepcionar um cristão convertido dentre os gentios, e, após despedi-lo, fazer gracejos, comentários e críticas sobre questões como: comidas, dias de festas, genealogias, jejuns, votos, etc.

“Portanto recebei-vos uns aos outros, como também

Cristo nos recebeu, para glória de Deus.” (Romanos 15:7).

Quando o apóstolo Pedro instrui os cristãos a servirem uns aos outros, a ideia é que cada cristão tivesse o outro em alta conta, ou seja, em honra. Além da hospitalidade sem murmurações, cada qual deveria ensinar ao outro o evangelho segundo o que recebeu, como bons despenseiros do evangelho (1 Pedro 4:10).

Como despenseiros da multiforme graça de Deus, quem fala aos irmãos deve se resignar a instruir segundo as palavras de Deus; ou, quem ministra, que ministre segundo o poder (evangelho) concedido por Deus, de modo que Deus seja glorificado (1 Pedro 4:11).

“Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos.” (João 15:8).

Falar o evangelho é o fruto dos lábios como apontado pelo escritor aos Hebreus, pois Cristo é a verdade e, por Ele, Deus é glorificado.

“Estas são as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo; executai juízo de verdade e de paz, nas vossas portas.” (Zacarias 8:16; Efésios 4:25; Hebreus 13:15; João 15:8).

Cristo é a verdade, e confessar a Cristo como Senhor, é dizer a verdade. Da mesma forma que o apóstolo Pedro, o apóstolo Paulo aponta qual é o modo pelo qual amamos os nossos irmãos:

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual, também, para o que é dos outros.” (Filipenses 2:3-4).

Em poucas linhas, o apóstolo dos gentios apresenta como deve ser o amor dos cristãos para com os irmãos. De tudo quanto o cristão vai fazer ou deixar de fazer, que as suas ações ou omissões não sejam para promover

contenda ou se autopromover. Tudo quanto o cristão vai fazer ou, deixar de fazer, em relação ao seu irmão, deve ser por humildade (sujeição), ou seja, em obediência a Deus.

Quem instruiu ou ministra com base em tradições e ordenanças de homens não ama o irmão. Filosofias, ordenanças de homens e tradições também ensinavam a hospitalidade, mas como não tem em vista o mandamento de Deus, que é crer em Cristo, não é amar o irmão.

**A**mar uns aos outros ou se sujeitar à toda ordenação humana por amor (obediência, honra) ao Senhor é amar o irmão segundo o mandamento de Deus.

“Sujeitai-vos, pois, a toda a ordenação humana, por amor do Senhor; quer ao rei, como superior.” (1 Pedro 2:13).

A sujeição à ordenação humana não é se posicionar politicamente seguindo a situação, antes é visar uma vida quieta e sossegada que proporcione o anúncio do evangelho para que muitos possam se salvar.

“Pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade; Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade.” (1 Timóteo 2:2-4).

Os apóstolos não queriam que os cristãos tivessem a mesma fama dos judeus, que se sujeitavam as autoridades com fingimentos esperando o momento oportuno para se insurgirem contra as autoridades constituídas tendo por pretexto a ideia de liberdade decorrente de um governo terreno (1 Pedro 2:16 compare 2 Pedro 2:19).

Os judaizantes desprezavam as autoridades, eram atrevidos, obstinados e não receavam blasfemar das dignidades, pois queriam, pela força, estabelecer um governo independente dos gentios, comportamento que poderia conspurcava a imagem dos cristãos na sociedade, vez que muitos cristãos eram judeus.

Em essência, amar uns aos outros é ter o outro em honra, considerando-o superior a si mesmo.

“... cada um considere os outros superiores a si mesmo.” (Filipenses 2:3).

– *“Como? Mas, eu sou senhor de escravos”!*

O dever de um cristão senhor de escravos, na qualidade de servo de Cristo era considerar o irmão escravo como superior a si mesmo!

– *“Que? Mas, eu sou cidadão Romano”!*

O dever de um cristão romano é considerar todos os outros cristãos, não importando a nacionalidade, como superior a si mesmo!

– *“Mas, eu sou descendente de Abraão, circuncidado ao oitavo dia, da tribo...”!*

O dever de um cristão convertido dentre os judeus é não fazer acepção de pessoas!

O dever de um cristão escravo era ser leal ao seu senhor, sem defraudá-lo, pois agindo dessa forma servia de enfeite à doutrina do evangelho.

“Não defraudando, antes mostrando toda a boa lealdade, para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador.” (Tito 2:10).

O amor bíblico está acima de um sentimento para com o outro, pois é mandamento! A afeição pode até aflorar com o tempo, pela inteiração que surge das relações entre aqueles que amam a Deus, mas cabe aos cristãos no mínimo suportarem uns aos outros.

As comunidades cristãs no início do primeiro século eram compostas de servos e livres, homens e mulheres, judeus e gregos, sábios e ignorantes, etc., mas cada um tinha que considerar o outro como superior a si mesmo, ou seja, em alta conta, em honra. Os membros das comunidades precisavam compreender a essência do evangelho, que é crer em Cristo e entender que o outro cristão era igualmente membro do corpo de Cristo.

“... não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gálatas 3:28).

Assim como no corpo damos honra aos membros que possuem menos honra, assim, também, deve ser o comportamento do cristão para com o seu irmão:

“E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos, damos muito mais honra. Porque os que, em nós, são mais nobres, não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela; Para que não haja divisão no corpo, mas, antes, **tenham os membros igual cuidado uns dos outros.**” (1 Coríntios 12:23-25).

O cuidado dispensado igualmente uns pelos outros é a essência do amor determinado no N. T., questão totalmente diferente de sentimento.

Ao se sujeitar (jugo) a Cristo, o cristão terá que carregar o fardo de Jesus, que é leve. O jugo é tomado quando o homem crê em Cristo, e no está incluso o dever de honrar uns aos outros, suportando uns aos outros, em amor.

“**ROGO-VOS**, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros, em amor.” (Efésios 4:1-2).



Suportar uns aos outros é uma das cargas que há no fardo decorrente do jugo, portanto, não é agradável, ou, decorrente de afeição, mas, por sujeição ao mandamento do Senhor.

“Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.” (Mateus 11:29-30).

É agradável um cristão convertido dentre os judeus receber em casa um grego? Como praticar a hospitalidade contrariando uma gama de tradições herdada dos pais? Como adentrar a casa de um gentio, se não for por amor (sujeição a Deus)? Como conceder a mão de uma filha em casamente a alguém que não é da nação? Etc.

“E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou.” (Atos 10:13-15).

“E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um homem judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo. Por isso, sendo chamado, vim sem contradizer. Pergunto, pois, por que razão mandastes chamar-me?” (Atos 10:28-29).

Cada cristão deve aprender de Cristo, que foi humilde e manso de coração, para poder, com longanimidade, humildade e mansidão, suportar o outro em obediência (amor) a Deus!

Daí a ordem para os servos:

“E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados. Isto ensina e exorta.” (1 Timóteo 6:2).



Recomendação semelhante aos senhores:

“VÓS, senhores, fazei o que for de justiça e equidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus.” (Colossenses 4:1);

“E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o SENHOR deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas.” (Efésios 6:9).

O apóstolo Paulo instrui os cristãos a não oprimirem ou enganarem o outro em negócio algum. De modo que, quem despreza a ordenança transmitida pelo apóstolo Paulo, na verdade despreza a Deus, que concedeu o Espírito Santo. Essa ordem alcança tanto senhores, quanto servos, gentios, judeus, homens ou mulheres, etc.

“Ninguém oprima ou engane a seu irmão, em negócio algum, porque o SENHOR é vingador de todas estas coisas, como também antes vos dissemos e testificamos. Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação. Portanto, quem despreza isto não despreza ao homem, mas, sim, a Deus, que nos deu também o seu Espírito Santo. Quanto, porém, ao amor fraternal, não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus, que vos ameis uns aos outros; Porque também já assim o fazeis, para com todos os irmãos, que estão por toda a Macedônia. Exortamos-vos, porém, a que ainda nisto aumenteis cada vez mais.” (1 Tessalonicenses 4:6-10).

Amar uns aos outros é instrução dada por Deus, o que deve ser feito sem distinção alguma (nacionalidade, língua, condição social, etc.) para com todos. É um serviço que deve aumentar cada vez mais (1 Tessalonicenses 3:12 e 4:1, 10). Como? Acrescentando à fé a virtude, à virtude a ciência, à ciência a temperança, à temperança a paciência, à paciência a piedade, à piedade o amor fraternal e ao amor fraternal, o amor (2 Pedro 1:5-7).

Se todos os elementos apontados pelo apóstolo Pedro forem acrescentados uns aos outros, o cristão não será ocioso e nem deixará de produzir (2 Pedro 1:8). Daí a necessidade de obediência ao mandamento: ter o outro em alta conta, ou seja, em consideração.

“E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.” (Hebreus 10:24).

Se um cristão judeu quiser viver como judeu, não há problema algum, mas, pelo dever de honrar seu irmão em Cristo não pode impor aos outros os seus costumes herdados por tradição dos seus pais. Um cristão convertido dentre os judeus que se sujeitou ao Senhor, deve reger as suas atitudes em submissão ao Senhor, portanto, não pode fazer acepção de pessoas.

Por essa razão, o apóstolo Paulo repreendeu o apóstolo Pedro:

“E, chegando Pedro a Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível. Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, foi se retirando e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus, também, dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação. Mas, quando vi que não andavam bem e corretamente, conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro, na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gálatas 2:11-14).

Em quanto comia com os gentios, o apóstolo Pedro honrava os gentios segundo o mandamento de Deus. Mas, ao chegar alguns cristãos convertidos dentre os judeus juntamente com Tiago, o apóstolo Pedro se separou dos cristãos convertidos dentre os gentios, deixando de honrá-los.

Embora a realidade em Cristo seja a reconciliação de ju-

deus e gentios, pois de dois povos fez um, viver essa nova realidade demandava boa compreensão da verdade do evangelho, bem como abrir mão de convicções que eram tão caras aos cristãos convertidos do judaísmo.

O comportamento do apóstolo Pedro parecia inofensivo para ele, mas os cristãos convertidos dentre os judeus poderiam ter uma compreensão e os cristãos convertidos dentre os gentios outra, o que causaria prejuízo ao evangelho.

A essência do mandamento do amor visa o andar do cristão que deve ser segundo o evangelho de Cristo, que desfez a barreira de separação entre judeus e gentios (Efésios 2:14).

Os cristãos convertidos dentre os judeus não podiam julgar os cristãos convertidos dentre os gentios, e nem esses por tropeço ou escândalo àqueles e vice versa.

“Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não por tropeço ou escândalo ao irmão.” (Romanos 14:13).

**P**or que Jesus ordena aos seus discípulos que amem uns aos outros? Essa capacidade não deveria ser nata do indivíduo nascido de novo?

“Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros.” (João 15:17);

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós, uns aos outros, vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.” (João 13:35).

Além de ordenar aos seus discípulos que amassem uns aos outros, Jesus se interpôs como exemplo, pois Ele

também havia amado todos eles. Os homens só conheceriam que os discípulos eram verdadeiramente discípulos de Jesus se amassem uns aos outros. Como entender isso?

Lembrando que Jesus amou ao Pai obedecendo a Ele em tudo, e por isso, Jesus permaneceu ao abrigo do amor (cuidado) do Pai.

“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor.” (João 15:9-10);

“Mas, é para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamos daqui.” (João 14:31).

Para permanecer sob o cuidado (amor) de Cristo, os cristãos devem guardar os seus mandamentos, pois foi assim que Jesus permaneceu sob o amor do Pai possibilitando ao mundo saber que Ele amava o Pai.

Como é possível ao mundo saber que Jesus amava o Pai?

No fato de Jesus não se sujeitar às tradições dos anciãos e nem comungar das práticas religiosas dos escribas, fariseus, saduceus, etc.

Se Jesus seguisse pelas ordenanças dos anciões, não seria possível aos homens ver distinção entre o evangelho e o judaísmo. Mas, ao amar os seus discípulos, Jesus se santificou a Si mesmo, ou seja, se manteve separado das práticas dos seus concidadãos.

“Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade.” (João 17:18-19).

O Senhor Jesus teve o cuidado de se manter separado da

doutrina e das práticas dos seus concidadãos, para que homens de todos os povos, nações e línguas soubessem que Ele, verdadeiramente, obedeceu a Deus.

O amor de Cristo para com os discípulos e para com a humanidade se vê:

- a) Quando Jesus comia sem lavar as mãos (Marcos 7:2-5);
- b) Quando operava sinais e maravilhas nos sábados (Marcos 2:24);
- c) Por não jejuar e nem ordenar tal aos seus discípulos (Mateus 9:17);
- d) Quando se assentava para comer com os cobradores de impostos e os gentios (Mateus 9:11).
- e) Quando deixou ser tocado por uma pecadora (Lucas 7:37-39), etc.

Da mesma forma que veio ao mundo como O enviado de Deus, Cristo enviou os seus seguidores ao mundo e os comissionou a amarem uns aos outros, e é na *ἐκκλησία* (ekklesia), ou seja, é na igreja que o amor dos cristãos uns pelos outros se manifesta e é através dela que os homens conhecem que os cristãos são discípulos de Cristo.

Ekklesia é era o nome da principal assembleia da democracia ateniense na Grécia Antiga aberta a todos os cidadãos que cumprissem os seguintes requisitos: a) sexo masculino; b) mais de dezoito anos; c) prestado pelo menos dois anos de serviço militar, e; d) filhos de um pai natural da polis.

O corpo de Cristo é denominado *ἐκκλησία* (ekklesia) por se tratar de uma assembleia de iguais, a *igreja dos primogênitos*<sup>74</sup>, ou seja, a assembleia dos que pertencem a Deus.

74 No A. T. os primogênitos de todos os animais pertenciam a Deus (Levítico 27:26), e igreja dos primogênitos é uma espécie de hebraísmo, um modo de dizer que os cristãos são propriedade de Deus.

“À universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados;” (Hebreus 12:23).

Após ser instruído por Deus através de uma visão, o apóstolo Pedro passou a amar segundo o amor de Deus a casa de Cornélio, tanto que adentrou a casa de um gentio (Atos 10:27-28). Que cuidado demonstrou o apóstolo Pedro ao recepcionar e hospedar os homens enviados por Cornélio! (Atos 10:23)

Quando dissimulou e foi repreendido pelo apóstolo Paulo, o apóstolo Pedro estava amando os cristãos gentios somente de palavra e de língua, mas ao entrar na casa de Cornélio, o apóstolo Pedro estava dando um testemunho público de que era um seguidor de Cristo. No simples ato de hospedar estrangeiros em sua casa, o apóstolo Pedro estava amando por obra e em verdade (1 João 3:18).

**O** evangelista João narra que, antes da festa da páscoa, Jesus sabendo que era a hora de partir desse mundo, por amar aos seus discípulos, os amou até o fim (João 13:1). O evangelista João descreveu um sentimento? Não! Ele narrou o cuidado que Jesus dispensou aos seus discípulos, ao instruí-los até o fim.

Durante a ceia, Jesus se levantou, tirou a vestimenta de cima e cingiu-se com uma toalha (João 13:4). Depois, colocou água em uma bacia e passou a lavar os pés aos discípulos. Após terminar de lavar os pés de todos os discípulos, retomou as suas vestes, voltou para a mesa e questionou:

– “Entendeis o que eu fiz” (João 13:12).

Os discípulos chamavam Jesus de Mestre e Senhor e Je-



sus se declarou Mestre e Senhor para demonstrar que, do mesmo modo que cuidou dos seus discípulos até o último dia, eles também deviam cuidar uns dos outros (João 13:14).

Jesus se interpôs como exemplo para que os seus discípulos fizessem o mesmo: cuidassem uns dos outros. Ao amarem (cuidarem) uns aos outros, seriam bem-aventurados (João 13:17).

“Cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual, também, para o que é dos outros.” (Filipenses 2:3-4).

Os cristãos convertidos dentre os judeus para amarem os demais deveriam ter em honra todos os cristãos, gentios ou não. Os senhores cristãos deveriam considerar os seus escravos cristãos em alta conta. Os homens cristãos deveriam honrar as mulheres cristãs. Os cristãos romanos deviam honrar os cristãos pertencentes às outras nações, etc., pois, amar decorre de honrar, a essência do termo grego ἀγάπη (ágape).

Sacrifício, como dar o corpo para ser queimado, não é amor ao mandamento de Deus. Se desfazer das riquezas e doá-las aos pobres, não é o amor exigido por Deus (1 Coríntios 13:3). Alimentar os desvalidos, doar bens, esmolar, práticas assistencialistas, etc., não é mamar segundo o mandamento de Deus.

Isso não significa que é vetado aos cristãos fazerem doações e ações de caridades, antes o cristão deve ter o conhecimento necessário para compreender que causas sociais, políticas e econômicas não são a essência do mandamento de Deus.

A distinção entre os filhos de Deus e os filhos do diabo está na prática da justiça, que é crer em Cristo e em amar os irmãos, ou seja, não fazendo acepção (1 João 3:10).

As obras de quem está em Cristo são justas, e a dos que



pertencem ao maligno más, e por amarem aos irmãos os cristãos poderiam ser perseguidos e mortos pelos que pertencem ao maligno, assim como fé Caim a Abel (1 João 3:12).

Quem ama o irmão é porque sabe que passou da morte para a vida. Pois creu que Jesus é o salvador prometido a Abraão em quem seria benditas todas as famílias da terra. Mas aqueles que não amam os irmãos é porque estão presos à antiga concepção segundo a carne herdada dos homens.

O amor de Cristo foi conhecido no fato de Cristo ter dado a vida por todos os cristãos em obediência ao Pai, e todos os cristãos devem dar a vida pelos irmãos, ou seja, o amor tem que ser efetivo.

Se alguém tem bens deste mundo e vê o seu irmão necessitado e não o socorre, é necessário se questionar se o amor de Deus está de fato nele. A efetividade do amor se demonstra nesse caso quando se assiste o outro em suas necessidades. Nesse diapasão, quem está de posse da abundante graça derramada em Cristo e não recebe em casa o seu irmão, ou não estende a destra da comunhão para preservar o seu status quo, como estará nele o amor de Deus?

Aquele que não abre mão da sua vida pelo irmão, na verdade considera os bens desse mundo como mais precioso que o irmão, portanto permanece na morte, vez que odeia o seu irmão por quem Cristo morreu (1 João 3:14-17).

**“Não destruas por causa da comida a obra de Deus. É verdade que tudo é limpo, mas mal vai para o homem que come com escândalo.” (Romanos 14:20).**

# É possível amar os inimigos?

*“E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam.”*  
(Lucas 6:32).

**N**ietzsche, citando Jean Paul, deixou registrado em ‘A Filosofia na era trágica dos gregos’ a seguinte lição:

*“No todo, é apropriado que tudo que é grande – pleno de sentido para aquele cuja sensibilidade é rara – seja falando apenas concisamente e (portanto) de modo obscuro, para que o espírito fútil prefira, antes, explicá-lo como algo sem sentido a traduzi-lo em seu próprio vazio de sentido. Pois os espíritos comuns têm a medonha capacidade de ver, nos dizeres mais ricos e profundos, única e exclusivamente a sua opinião diária”* (POUL apud NIETZSCHE, 2008, p. 69).

Nietzsche foi um grande leitor da filosofia, da arte e da cultura grega, mas leu correndo<sup>75</sup> o N. T. Apesar de sagaz, percebendo que os estoicos não souberam ler He-

<sup>75</sup> *“... heraclitiano: provavelmente, nenhum homem jamais escreveu de modo mais claro e iluminador. É certo que muito conciso, e, portanto, obscuro para aqueles que costumam ler correndo”* (NIETZSCHE, 2008. p. 70).

ráclito<sup>76</sup>, assim como Shakespeare<sup>77</sup> não soube ler as tragédias gregas, se Nietzsche tivesse lido o N. T. conhecendo a linguagem utilizada, não estenderia sua crítica a Cristo, e teria somente o clero como alvo.

Analisando a epístola aos Romanos, no verso 7, do capítulo 1, o apóstolo dos gentios utiliza o adjetivo ἀγαπητός (agapétos), traduzido por *amado* para fazer referência aos cristãos.

No capítulo 5, o apóstolo faz uso do substantivo ἀγάπη (ágape) para se referir ao amor de Deus, que derramou do seu Espírito Santo sobre os corações dos cristãos, e a evidência do amor de Deus está em Cristo morrer pelos pecadores (Romanos 5:5 e 8).

Vale destacar que, o apóstolo Paulo prefere utilizar o termo *fé* para fazer referência ao evangelho diferente do apóstolo João, que tem preferência pelo termo amor. Deste modo, enquanto o apóstolo Paulo diz *obediência à fé*, o apóstolo João diz *amor ao mandamento*.

No capítulo 8, o termo amor é utilizado para demonstrar a proteção que há em Cristo, e que Cristo é o amor de Deus (Romanos 8:35 e 39). No mesmo contexto, o termo é utilizado para fazer referência à obediência do cristão (Romanos 8:36).

No capítulo 9, o apóstolo faz uso do verbo ἀγαπάω (agapaó) para evidenciar o cuidado de Deus dispensado a Israel (Romanos 9:3).

<sup>76</sup> *“Ademais, e apesar disto, Heráclito não escapou aos ‘espíritos fúteis’; os próprios estoicos já o haviam interpretado superficialmente...”* (NIETZSCHE, op. cit., p. 70).

<sup>77</sup> *“Não é diferente o que se passa a respeito de Shakespeare, essa espantosa síntese de gosto hispano-mouro-saxônico, de que um ateniense do grupo de amigos de Ésquilo se teria rido às gargalhadas, se é que não se teria enojado a valer”* (NIETZSCHE, op. cit., p. 144).

No capítulo 12, ao exortar os cristãos, o apóstolo Paulo faz uso do termo ἀγάπη (ágape) para que o amor seja sem fingimento, mesma exortação feita pelo apóstolo Pedro.

“Já que tendes purificado as vossas almas **na obediência à verdade**, que **leva ao amor fraternal não fingido**, de coração amai-vos ardentemente uns aos outros.” (1 Pedro 1:22).

O que leva ao amor fraternal (φιλαδελφία/Philadelphia) não fingido é a obediência à verdade. Sem sujeição a Cristo o amor é fingido, ou seja, é de palavra e de língua, pois que diz amar não colocou por obra o mandamento de Deus.

“Na pureza, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido.” (2 Coríntios 6:6).

Quem tem a Cristo obedeceu ao mandamento de Deus, portanto, deve ser cordato e cheio de amor uns pelos outros. O exercício do ministério (Romanos 12:7-8), é um serviço ao Senhor que evidencia amor pelos membros do corpo de Cristo (Romanos 12:11; Filipenses 2:4).

O que purifica o homem é a obediência à fé, à verdade, em outras palavras, o amor a Cristo, condição essencial e suficiente para promover o amor fraternal não fingido.

No capítulo 12 da epístola aos Romanos, do verso 14 ao 21, o apóstolo Paulo muda o foco da abordagem para disciplinar qual deve ser o comportamento do cristão ao se relacionar com os não cristãos, bem como com os inimigos do evangelho.

O apóstolo enfatiza que cabe ao cristão abençoar as pessoas que os perseguem, e não amaldiçoar (Romanos 12:14). Como os seguidores de Cristo são bem-aventurados quando perseguidos por causa do evangelho (Mateus 5:11-12), deve abençoar os perseguidores, pois a oposição se dá por causa do evangelho.

A temática das relações do cristão é a empatia, ter a sensibilidade de se condoer com a dor do outro, ou de se alegrar com as conquistas do outro (Romanos 12:15).

Nessa temática, o apóstolo Paulo recomenda que o cristão não retribua o mal com mal, procurando sempre nortear sua conduta segundo o que é honesto perante todos os homens, quer sejam cristãos e não cristãos (Romanos 12:17).

“Orai por nós, porque confiamos que temos boa consciência, como aqueles que em tudo querem portar-se honestamente.” (Hebreus 13:18).

A regra de ouro para os cristãos é ter paz com todos os homens, desde que seja possível e se depender do cristão (Romanos 12:19). Se é para manter a paz, o cristão não deve se vingar, antes deve ceder lugar a Deus, pois a Ele pertence a vingança (Romanos 12:19; Hebreus 10:30).

Sabedor de que a vingança e a retribuição pertencem ao Senhor, caso alguém se posicione como inimigo do cristão e tiver fome ou sede, a recomendação paulina é para dar ao inimigo o que é necessário para suprir as suas necessidades.

“Antes, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto

amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça.”  
(Romanos 12:20).

Ao dar de comer ao inimigo que está com fome, o cristão está vencendo o mal com o bem, ou melhor, não se deixou vencer do mal. Essa recomendação aos cristãos o apóstolo dos gentios retirou do Livro dos Provérbios.

“Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe pão para comer; e se tiver sede, dá-lhe água para beber; Porque assim lhe amontoarás brasas sobre a cabeça; e o SENHOR to retribuirá.” (Proverbios 25:21-22).

O cristão deve dividir bem quando a oposição de alguém se dá por causa do evangelho, ou quando decorre de incompatibilidade de gênio, porém, em ambos os casos, visando preservar o evangelho, o cristão deve se resignar a não tornar mal por mal.

É importante destacar que, nas relações interpessoais, se estiver na alçada do cristão, deve primar pela paz com todos os homens, entretanto, o apóstolo não prescreve que os cristãos devam ser afetuosos com os seus desafetos, como sugere a Didaqué<sup>78</sup>.

O ensinamento do apóstolo Paulo para os cristãos não se vingarem a si mesmos e se absterem da ira também consta da lei, pois os filhos de Israel não podiam se vingar a si mesmos e nem guardar rancor entre si:

**“Não te vingarás** nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o SENHOR.” (Levítico 19:18).

<sup>78</sup> “Quanto a você, ame aqueles que o odeiam e assim você não terá nenhum inimigo” (v. 3) (DIDAQUÉ).

Com relação a Saul, Davi cumpriu essa regra à risca, mas quando Nabal fez mal impressão no coração de Davi, quase que Davi se vingava a si mesmo, e só não o fez porque foi alertado por Deus através de Abigail.

“E bendito o teu conselho, e bendita tu, que hoje me impediste de derramar sangue, **e de vingar-me pela minha própria mão.**” (1 Samuel 25:33).

Se um israelita encontrasse um animal desgarrado do seu desafeto, deveria devolvê-lo sem falta, ou se um animal estivesse impossibilitado de se locomover, deveria auxiliar, mesmo pertencendo a um rival.

“Se encontrares o boi do teu inimigo, ou o seu jumento, desgarrado, sem falta llo reconduzirás. Se vires o jumento, daquele que te odeia, caído debaixo da sua carga, deixarás, pois, de ajudá-lo? Certamente o ajudarás a levantá-lo.” (Êxodo 23:4-5).

Observe que o apóstolo Paulo não propôs aos cristãos nada além do que foi anunciado pelos profetas e Moisés disseram que aconteceria, e nesse diapasão, as recomendações aos cristãos sempre se apoiam em passagens do A. T.

“Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, **(não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer,**” (Atos 26:22).

Analisando o A. T., não há nenhuma recomendação ou determinação para os judeus amarem os seus inimigos.



Entende-se por inimigos os povos vizinhos quando em estado de guerra com o povo de Israel. Com relação à inimizade entre concidadãos, embora em algumas passagens essas desavenças possam ser rotuladas como inimigos, certo é que não era para os filhos de Israel guardarem ódio dos irmãos.

Amor e ódio são sentimentos que regem as relações interpessoais, e esses não são os termos que regem as questões de guerra entre os povos. Quando um soldado vai à guerra, não há como se exigir amor aos inimigos.

Em guerra declarada a disposição dos soldados de Israel deveria ser impor derrota aos inimigos, porém, guerra não envolve sentimentos pessoais, e sim, os interesses de uma coletividade. Individualmente os filhos de Jacó não deveriam guardar ira contra o seu vizinho, mas como membro de um exército, deveriam estar imbuídos de um espírito de conquista do adversário.

Uma deveria ser, em guerra, a disposição de Davi, e outra deveria ser a sua disposição no trato com os seus concidadãos. Observe:

“Perdoa, pois, à tua serva esta transgressão, porque certamente fará o SENHOR casa firme a meu senhor, **porque meu senhor guerreia as guerras do SENHOR**, e não se tem achado mal em ti por todos os teus dias, E, levantando-se algum homem para te perseguir, e para procurar a tua morte, contudo a vida de meu senhor será atada no feixe dos que vivem com o SENHOR teu Deus; **porém a vida de teus inimigos ele arrojará ao longe**, como do meio do côncavo de uma funda.” (1 Samuel 25:28-29).

Quando é dito na lei: "**Não matarás.**" (Êxodo 20:13), a determinação não tinha em vista ações de guerra, e sim, regular as ações entre os filhos de Israel, bem como com os estrangeiros. Nesse aspecto, o *próximo* da determinação '*amarás o teu próximo como a ti mesmo*' engloba os estrangeiros, uma determinação que cabia a indivíduos, e que não envolvia as demandas da nação, como juízo, justiça e guerra.

**"O estrangeiro não afligirás, nem o oprimirás; pois estrangeiros fostes na terra do Egito."** (Êxodo 22:21).

**A** má leitura de textos que envolvem proibições faz emergir questionamentos com relação ao amor, a justiça e a bondade de Deus. É comum em meio a estudiosos questionarem o fato de Deus ordenar aos filhos de Israel não matar, e Ele mesmo enviar os filhos de Israel para a guerra, pois não consideram o que é próprio à nação e o que é próprio ao indivíduo.

A falta de discernimento quanto ao que cabe ao coletivo e ao indivíduo leva a má compreensão da justiça e do juízo de Deus, pois muitos a vista da misericórdia de Deus apresentada no A. T. desconsideram a ira de Deus.

Há quem entende que a misericórdia de Deus suplanta a Sua ira, e lançam mão de texto como: "**... na tua ira lembra-te da misericórdia.**" (Habacuque 3:2).

Habacuque sabia que a ira de Deus pairava sobre os filhos de Israel por causa da desobediência, pois os cal-

deus haveriam de invadir Jerusalém, e por isso, ele clama ao Senhor para se lembrar da misericórdia enquanto executasse a sua ira.

“Porque assim sucedeu por causa da ira do SENHOR contra Jerusalém, e contra Judá, até os rejeitar de diante da sua presença; e Zedequias se rebelou contra o rei de Babilônia.” (2 Reis 24:20).

Muito tempo depois, a ira de Deus se abateu sobre a nação, e muitos membros da comunidade de Israel pereceram nas mãos dos caldeus. Os filhos de Jacó que pereceram não alcançaram misericórdia, e sim, a ira divina.

Na visão, sabendo da ira, o profeta Habacuque pede a Deus por misericórdia, isto porque ele tinha em mente o proposto por Deus à nação: o remanescente, e não indivíduos em particular.

“Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, só um remanescente dele se converterá; uma destruição está determinada, transbordando em justiça.” (Isaías 10:22).

A ira de Deus em vista do pecado dos filhos de Israel sempre foi patente, pois do Egito saíram seiscentos mil homens, mas por causa do pecado, somente dois entraram na terra prometida (Êxodo 12:37). Acaso Deus teve misericórdia dos que rejeitaram a voz do Senhor para tomarem por herança a terra prometida?

“Dize-lhes: Vivo eu, diz o SENHOR, que, como falastes aos meus ouvidos, assim farei a vós outros.

Neste deserto cairão os vossos cadáveres, como também todos os que de vós foram contados segundo toda a vossa conta, de vinte anos para cima, os que dentre vós contra mim murmurastes; Não entrareis na terra, pela qual levantei a minha mão que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num. Mas os vossos filhos, de que dizeis: Por presa serão, porei nela; e eles conhecerão a terra que vós desprezastes. Porém, quanto a vós, os vossos cadáveres cairão neste deserto. E vossos filhos pastorearão neste deserto quarenta anos, e levarão sobre si as vossas infidelidades, até que os vossos cadáveres se consumam neste deserto. Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos, e conhecereis o meu afastamento. Eu, o SENHOR, falei; assim farei a toda esta má congregação, que se levantou contra mim; neste deserto se consumirão, e aí falecerão.” (Números 14:28-35).

“Mas Deus não se agradou da maior parte deles, por isso foram prostrados no deserto.” (1 Coríntios 10:5).

Quando é dito:

“As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; Novas são cada manhã; grande é a tua fidelidade.” (Lamentações 3:22-23).

A causa de os filhos de Israel não serem consumidos de todo reside na fidelidade de Deus, que apesar da infidelidade deles, mantém a sua palavra a Abraão, Isaque e Jacó, pois a sua misericórdia se estende de ge-

ração a geração dos que o amam.

Utilizar textos que enfatizam a fidelidade de Deus aos pais para abrandar as consequências da desobediência que traz a ira de Deus, é uma má leitura das Escrituras que transtornam a ideia do amor e da ira de Deus.

Observe a colocação do Bispo Hermes:

*“Seu amor por nós independe de nosso amor por Ele. Paulo parece ter compreendido as implicações éticas por trás desta revolucionária verdade. Constrangido por este amor, o apóstolo decidiu igualmente amar às últimas consequências. Por isso, confessou: “Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas, ainda que, amando-vos cada vez mais, seja menos amado” (2 Co.12:15). Será que o amor de um simples mortal superaria o amor de Deus? Se Paulo pôde amar mais do que o próprio Deus, então, proponho que passemos a cultuá-lo no lugar de Deus. É claro que isso não é possível. Ninguém jamais amou como Ele nos amou, ama e amará. Ainda que seja menos amado... Ainda que não O correspondamos. E quanto à ira justa de Deus? A Bíblia parece clara ao afirmar que Deus ama a justiça, mas abomina a iniquidade. Sua ira é destinada a todos os que praticam a injustiça. Concluímos, precipitadamente, que Deus seja incapaz de amar àqueles sobre quem repousa a Sua ira. Para corrigir nossa perspectiva, temos que entender que o termo “ira” não é antônimo de “amor”. O contrário de amor é indiferença. Mesmo a ira divina nada mais é do que uma faceta do Seu amor. Há mais amor numa única gota da ira divina do que em todo o oceano de amores humanos. Por ser amor, Deus é incapaz de*

*manter-se indiferente a qualquer de Suas criaturas. Amor não é apenas um dos Seus atributos, mas Sua essência. Ele não tem amor. Ele é amor! Mesmo na ira, Ele se lembra da misericórdia (Hc.3:2), razão pela qual não somos consumidos por Sua justa indignação contra o pecado (Lm.3:22). E Seu “ódio” pelo pecado é proporcional ao Seu amor pelo pecador. Ele odeia o pecado justamente pelo mal que causa à Sua criatura. Enquanto Sua ira dura só um instante (Sl.30:5), Sua misericórdia dura para sempre. Tenho a impressão de que esta verdade foi invertida. Na compreensão de muitos, a misericórdia dura um ínfimo momento, enquanto Sua ira dura para sempre.”* Hermes Carvalho Fernandes, **Um Deus que odeia Seus inimigos não pode exigir que eu ame os meus** < <http://hermesfernandes.blogspot.com/2013/11/um-deus-que-odeia-seus-inimigos-nao.html> > Consulta realizada em 18/07/21.

“Também o farei meu primogênito mais elevado do que os reis da terra. A minha benignidade lhe conservarei eu para sempre, e a minha aliança lhe será firme, E conservarei para sempre a sua semente, e o seu trono como os dias do céu. Se os seus filhos deixarem a minha lei, e não andarem nos meus juízos, Se profanarem os meus preceitos, e não guardarem os meus mandamentos, Então visitarei a sua transgressão com a vara, e a sua iniquidade com açoites. Mas não retirarei totalmente dele a minha benignidade, nem faltarei à minha fidelidade.” (Salmo 89:27-33).

Por intermédio do profeta Davi, em espírito, o Cristo declara ódio aos inimigos de Deus, ou seja, àqueles que



tomam o nome de Deus em vão.

“Ó Deus, tu matarás decerto o ímpio; apartai-vos portanto de mim, homens de sangue. Pois falam malvadamente contra ti; e os teus inimigos tomam o teu nome em vão. **Não odeio eu, ó SENHOR, aqueles que te odeiam**, e não me aflijo por causa dos que se levantam contra ti? **Odeio-os com ódio perfeito; tenho-os por inimigos.**” (Salmo 139:19-22).

Como os líderes e religiosos judeus invocavam a Deus em vão, pois não tomavam o nome de Deus por obra e em verdade, se fizeram inimigos de Deus, portanto, inimigos do Filho do homem.

“Porque o filho despreza ao pai, a filha se levanta contra sua mãe, a nora contra sua sogra, **os inimigos do homem são os da sua própria casa.**” (Miquéias 7:6).

**A**nalizando as epístolas do N. T., não há qualquer recomendação ou determinação por parte dos apóstolos Paulo, Pedro, João, o irmão Tiago e o escritor aos Hebreus para os cristãos amarem os inimigos.

Alguém dirá: - *‘Mas, Jesus determinou amar os inimigos’!*

Nesse ponto, voltemos ao Sermão da Montanha, quando foi dito:

“Eu, porém, vos digo: **Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos**



odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:44);

“Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus.” (Lucas 6:35).

Por que é necessário revisitar o Sermão do Monte se parece evidente que Jesus determinou amar os inimigos? Porque assim como as questões da lei pareciam evidentes, a interpretação escapava aos mestres, doutores, escribas e fariseus pelo modo como liam a lei.

“E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lê?” (Lucas 10:26).

Diante do questionamento do mestre da lei sobre como herdar a vida eterna, Jesus evidenciou que é importante o que está escrito, e principalmente como a pessoa lê.

O Sermão da Montanha começa com as bem-aventuranças, como se observa a seguir:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; Bem-

aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mateus 5:3-12).

Esses versículos estão registrados, mas como ler? Ou melhor, como interpretá-los?

Para ler corretamente, primeiro se faz necessário observar o contexto, que inclui a narrativa, os personagens e o público alvo da mensagem, sem os quais o que está escrito fica vago.

“E JESUS, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo:” (Mateus 5:1-2).

É essencial à leitura considerar que quem redigiu o texto foi o evangelista Mateus, que quem ensinava era Jesus, o Mestre dos mestres e que havia uma multidão de pessoas para ouvi-lo.

Ao se assentar Jesus tomou a posição própria aos mestres, de modo que os seus discípulos se aproximaram aguardando serem instruídos, e eles estavam sendo observados pela multidão.

O evangelista Lucas descreve de modo semelhante como se organizou aquela sala de aula ao ar livre:

“E, descendo com eles, parou num lugar plano, e tam-

bém um grande número de seus discípulos, e grande multidão de povo de toda a Judéia, e de Jerusalém, e da costa marítima de Tiro e de Sidom; os quais tinham vindo para o ouvir, e serem curados das suas enfermidades, como também os atormentados dos espíritos imundos; e eram curados. E toda a multidão procurava tocar-lhe, porque saía dele virtude, e curava a todos. E, **levantando ele os olhos para os seus discípulos**, dizia:” (Lucas 6:17-20).

Quem eram os bem-aventurados? O grande número de discípulos, ou a grande multidão de povo de todas as cidades circunvizinhas? (Mateus 4:25) Através do evangelho de Lucas é evidenciado que os discípulos de Jesus eram os bem-aventurados, pois ao anunciar as bem-aventuranças Jesus levantou os olhos para os seus discípulos, o que os identifica como o público primário alvo da mensagem.

Quem seriam os pobres de espírito, ou os que choram, ou os mansos, ou os que tem fome e sede de justiça, ou os misericordiosos, ou os puros de coração, ou os pacificadores? Para compreender essas figuras, se faz necessário se socorrer dos profetas, pois eles evidenciam quem são os pobres, os que pranteiam, os mansos, os famintos e sedentos, etc.

“O ESPÍRITO do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas **aos mansos**; enviou-me a restaurar **os contritos de coração**, a proclamar liberdade **aos cativos**, e a abertura de prisão **aos presos**;” (Isaías 61:1);

“Porque a minha mão fez todas estas coisas, e assim

todas elas foram feitas, diz o SENHOR; mas para esse olharei, **para o pobre e abatido de espírito**, e que treme da minha palavra.” (Isaias 66:2).

Os versos 11 e 12 apontam para os discípulos como os bem-aventurados, pois ao crerem em Cristo como o enviado de Deus se posicionaram como pobres, mansos, humildes, famintos, sedentos, etc., portanto, dignos da providência divina.

O evangelista Lucas deixa evidente a condição dos discípulos, contrastando com a condição dos religiosos judeus:

“E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas. Mas ai de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis. Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas.” (Lucas 6:20-26).

Jesus realça a condição dos seus discípulos como sal da terra e luz do mundo, o que não era próprio à multidão, que não eram de fato discípulos.

“Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mateus 5:13-16).

Os versos seguintes são imprescindíveis para compreender a natureza da mensagem de Cristo:

“Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Mateus 5:17-20).

Deste ponto em diante o público da mensagem se expande e alcança a multidão, pois enquanto falava só aos discípulos, Jesus declarou que a eles pertencia o reino dos céus (Mateus 5:10). O público alvo da mensagem agora se refere àqueles que quisessem entrar no reino dos céus, e que, portanto, precisavam de justiça superior à dos escribas e fariseus (Mateus 5:20).

**Os discípulos** – “**Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o**

**reino dos céus**” (Mateus 5:10);

**A multidão** – “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, **de modo nenhum entrareis no reino dos céus.**” (Mateus 5:20).

O aviso para não pensarem que Jesus veio para por fim à lei e aos profetas tem por alvo a multidão, pois os discípulos creem que Jesus é o cumprimento da lei. De tudo que está na lei e nos profetas nada há que não será cumprido, e tudo se cumpre em Cristo.

Jesus deixa claro que é possível aos homens violarem os mandamentos e ainda ensinarem aos demais, sendo que é necessário obedecer e ensinar para ser denominado grande no reino dos céus.

Diferentemente do que foi dito dos discípulos, Jesus concita os seus ouvintes a alcançarem justiça superior à dos escribas e fariseus, pois se a justiça deles fosse igual à dos escribas e fariseus, de maneira alguma entrariam no reino dos céus.

Deste modo, Jesus evidencia à multidão que os escribas e fariseus não entrariam no reino dos céus, e nem qualquer que segue o proposto por eles.

A justiça dos escribas e fariseus tinha por base o que foi dito aos antigos, portanto, não seria por essas mesmas regras que os ouvintes de Jesus teriam acesso ao reino dos céus:

- ✓ **“Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo.”** (v. 21);



- ✓ **“Ouvistes que foi dito aos antigos:** Não cometerás adultério.” (v. 27);
- ✓ **“Também foi dito:** Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de desquite.” (v. 31);
- ✓ **“Outrossim, ouvistes que foi dito aos antigos:** Não perjurarás, mas cumprirás os teus juramentos ao SENHOR.” (v. 33);
- ✓ **“Ouvistes que foi dito:** Olho por olho, e dente por dente.” (v. 38);
- ✓ **“Ouvistes que foi dito:** Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.” (v. 43).

Neste ponto da análise do discurso, vale destacar que ninguém será salvo por meio das obras da lei, ou qualquer outro tipo de boas ações.

“Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.” (Romanos 3:20);

“Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.” (Gálatas 2:16).

Os escribas e fariseus não faziam uso legítimo da lei, pois ela os acusava de pecadores, e eles, por sua vez, se achavam justos aos seus próprios olhos.

“Querendo ser mestres da lei, e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam. Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela usa legitimamente;



Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, para os sodomitas, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina...” (1 Timóteo 1:7-10).

Os religiosos judeus se julgavam justos, mas as Escrituras os chamavam de idolatras, promíscuos, murmuradores, etc., pois o objetivo da lei era conduzi-los a Cristo ao instruí-los conscientizando-os de pecado.

“Mas Deus não se agradou da maior parte deles, por isso foram prostrados no deserto. E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar. E não nos prostituamos, como alguns deles fizeram; e caíram num dia vinte e três mil. E não tentemos a Cristo, como alguns deles também tentaram, e pereceram pelas serpentes. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo destruidor. Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos.” (1 Coríntios 10:5-11);

“Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.” (Romanos 3:20).

Mas, por que Jesus trouxe à baila o que foi dito pelos antigos e apresenta um padrão de conduta acima das

exigências da lei mosaica? Estava apresentando o novo padrão moral<sup>79</sup> do reino dos céus? Se uma pessoa tropeçasse em um só ponto da lei se tornava culpado de toda a lei, como alguém poderia se salvar com regras mais rígidas?

“Porque qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar em um só ponto, tornou-se culpado de todos.” (Tiago 2:10).

Pelas obras da lei ninguém podia se salvar, mas muitos religiosos judeus acreditavam que podiam herdar a salvação por serem descendentes de Abraão. Através da argumentação dos judeus verifica-se que à época a salvação era vista em termos de uma posição/condição derivada de berço.

Quando os judeus que criam em Jesus contra argumentaram que nunca foram escravos de ninguém, evocaram a filiação de Abraão, e após Cristo contestá-los, simplesmente se declararam filhos de Deus. Esse era o pensamento do homem da antiguidade, que evocava liberdade<sup>80</sup> e salvação em razão da filiação divina.

“Responderam-lhe: Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém; como dizes tu: Sereis livres? (...) Disseram-lhe, pois: Nós não somos nascidos de prostituição; temos um Pai, que é Deus.” (João 8:33 e 41).

Os judeus só se esqueceram de observar que o próprio Deus há muito tempo por intermédio de Moisés já havia

<sup>79</sup> “Todos iam a Ele para ouvir sobre o Reino; Jesus, em vez disso, falava sobre o estilo de vida daqueles que queriam viver no Reino. O Sermão do Monte contém a essência do ensinamento moral e ético de Jesus” (RADMACHER, 2010, p. 27).

<sup>80</sup> “É Helena de Teodecto que exclama: ‘De uma raça de deuses descendente, / Quem de escrava ousaria chamar-me?’” (ARISTÓTELES, 2011, p. 28).

declarado que eles não eram seus filhos:

“Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é.” (Deuteronômio 32:5).

Os pressupostos para a salvação não mudaram, pois para ser salvo é imprescindível o novo nascimento, quando o novo ser criado segundo Deus em verdadeira justiça e santidade vem à existência participante da natureza divina (Efésios 4:24), ou seja, a salvação não se opera por questões de ordem moral ou de caráter<sup>81</sup>, como alguns teólogos pontuam ao longo da história do cristianismo.

A regra de fé de um salvo em Cristo repousa no fato de, ao crer em Cristo, ter sido criado de novo, uma nova criatura em verdadeira justiça e santidade, decorrente do fato de o crente estar em Cristo através do evangelho, o que lhe confere uma nova natureza e condição, questão que os homens da antiguidade compreendiam, mas que escapa à compreensão dos homens de hoje.

A regra de fé de um salvo em Cristo repousa no fato de, ao crer em Cristo, ter sido criado de novo, uma nova criatura em verdadeira justiça e santidade, decorrente do fato de o crente estar em Cristo através do evangelho, o que lhe confere uma nova natureza e condição, questão que os homens da antiguidade<sup>82</sup> compreendi-

<sup>81</sup> *“Visto que o espírito do homem é o centro de seu ser ético, e uma vez que a salvação é, principalmente, transação ética, segue-se que o homem precisa ser espiritualmente despertado e iluminado a fim de poder receber e apreender as coisas pertencentes a Cristo e aceitá-lo pela fé”* – KEYSER (apud Bancroft, 2001, p. 227).

<sup>82</sup> *“E o fiel que chega aos umbrais do outro mundo pronunciará, como santo e senha de fé em que baseou a sua vida, a intrépida máxima: Também eu sou da raça dos deuses. Estas palavras estão gravadas, como passaporte para a viagem para o outro mundo, nas pequenas tabuas órficas de ouro, achadas nos sepulcros do sul da Itália.”* (JAEGER, 2003, p. 211).

am, mas que escapa à compreensão dos homens de hoje.

Com as novas exigências apresentadas por Cristo no Sermão da Montanha, talvez os seus ouvintes abrissem os olhos e questionassem: - *‘Quem poderá se salvar?’*. Se é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino dos céus, e os discípulos *indagaram ‘Quem poderá, pois salvar-se?’*, a proposta de Jesus era provocar essa indagação na multidão.

“Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino dos céus. E, outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: **Quem poderá, pois salvar-se?** E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível.” (Mateus 19:23-26).

Com as novas regras Jesus estava provocando os seus ouvintes a formularem a mesma indagação dos seus discípulos quando lhes foi anunciado a impossibilidade de um rico entrar no reino dos céus, o que é completamente diferente da ideia aceita pela comunidade de estudiosos de teologia de que Jesus estava estabelecendo uma nova moral pertinente ao reino dos céus.

A essência da mensagem de Jesus desde quando foi batizado pelo profeta João Batista era provocar a mudança de concepção (metanoia/arrependimento) em seus ouvintes. Para operar essa mudança, a mensagem anunciada precisava ser contundente, agressiva e transformadora de entendimento.

As considerações de Jesus anunciadas à multidão não tinham por objetivo prescrever ou estabelecer uma nova conduta, antes provocar novas indagações. Observe:

“Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: Raca, será réu do sinédrio; e qualquer que lhe disser: Louco, será réu do fogo do inferno.” (v. 22);

“Eu, porém, vos digo, que qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no inferno.” (v. 28-29);

“Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de prostituição, faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério.” (v. 32);

“Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; Nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei;” (v. 34-35);

“Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra;” (v. 39);

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perse-

guem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus;” (v. 44).

Os ouvintes de Jesus não conseguiam seguir as práticas dos escribas e fariseus, e agora, para terem direito ao reino dos céus, teriam que cumprir regras mais rígidas? Através de tais práticas teriam justiça superior à dos escribas e fariseus?

Se distribuir toda fortuna para sustento dos pobres, ou entregar o corpo para ser queimado nada aproveita a quem não tem amor, que proveito terá alguém que foi agredido em um lado da face se oferecer o outro? Que proveito terá alguém ao dar duas túnicas a quem pedir uma?

O ensinamento de Jesus à multidão tem por objetivo fazer as pessoas refletirem se de fato seriam recompensados por Deus pelo que estavam acostumados a fazer. Os judeus criticavam os cobradores de impostos de Roma que eram judeus (publicanos) e os consideravam como se fossem gentios, ou seja, pecadores.

“Pois, se amardes os que vos amam, que galardão tereis? **Não fazem os publicanos também o mesmo?** E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? **Não fazem os publicanos também assim?** Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.” (Mateus 5:46-48).

O evangelista Lucas repete a essência da mensagem evidenciada acima logo após Jesus declarar alguns ‘aís’ sobre os ricos:



“Mas a vós, que isto ouvís, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam; Bendizei os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam. Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses; E dá a qualquer que te pedir; e ao que tomar o que é teu, não llo tornes a pedir. E como vós quereis que os homens vos façam, da mesma maneira lhes fazei vós, também. **E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que recompensa tereis? Também os pecadores fazem o mesmo. E se emprestardes àqueles de quem esperais tornar a receber, que recompensa tereis? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para tornarem a receber outro tanto.** Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele é benigno até para com os ingratos e maus.”  
(Lucas 6:27-35).

Quem deveria amar os inimigos: os discípulos de Jesus que foram declarados bem-aventurados, ou aqueles que ouviram *‘ai de vós, ricos, fartos, alegres, etc.’*? Perceba que a ordem foi dada àqueles que ouviram os ‘ais’ e que achavam que teriam galardão por amar aos que os amavam.

Os ouvintes de Jesus, na sua grande maioria, eram judeus que se predispunham a auxiliar os seus concidadãos e que entendiam que seriam recompensados por Deus por essas práticas. Se desejavam recompensa da parte de Deus, os ouvintes de Jesus deveriam fazer algo diferente dos pecadores, co-



mo amar os inimigos, fazer o bem aos que os odiavam, bendizer aos que maldizem, orar pelos que caluniam, oferecer a outra face quando agredido, não requerer o que for tomado, a qualquer que pedir conceder, etc., pois só assim teriam um comportamento diferente dos publicanos e pecadores.

A proposta de Jesus aos seus ouvintes não é prescrição de comportamento, antes visa conscientizar os seus ouvintes que as suas práticas não eram diferentes e nem melhores que as dos gentios. Na sua essência, o discurso de Jesus não possui natureza coercitiva, pois tem por finalidade provocar uma mudança de concepção ao evocar práticas mais rígidas que as estipuladas na lei.

A mensagem do Sermão do Monte foi direcionada à multidão composta por judeus e não era dogmática e nem moralista, antes, visava operar uma transformação de mentalidade (metanoia) nos ouvintes. Entretanto, um espírito fútil, comum, ao ler o sermão não vê concepções doutrinárias antigas sendo confrontadas, pois só é capaz de ver *‘velhos monstros morais’*, como se Jesus tivesse interesse em *‘matar paixões’*<sup>83</sup>.

O argumento de Jesus se equipara ao argumento do apóstolo Paulo aos cristãos judeus em Roma:

“Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei;” (Romanos 2:14).

Os judeus religiosos se achavam melhores que os gentios que não tinham a lei, porém, se esqueciam das seguintes premissas:

<sup>83</sup> “... todos os velhos monstros morais são unânimes na opinião de que il faut tuer les passions (devem-se matar as paixões). A mais célebre fórmula para tanto se encontra no N. T., naquele Sermão da Montanha” (NIETZSCHE, 2009, p. 42).

- a) Para com Deus, não há acepção de pessoas;
- b) Todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados;
- c) Os que ouvem a lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados;
- d) Quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; Os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os (Romanos 2:12-14);

Os religiosos judeus deveriam considerar que os gentios faziam as coisas pertinentes à lei naturalmente, pois mesmo não tendo uma lei como a que Deus deu a Moisés, para si mesmos criavam leis. Desse modo, se queriam ser melhores que aqueles que consideravam comuns ou imundos, deveriam ter práticas diferenciadas.

Apresentar novas determinações ao povo como mandamento de Deus contraria a palavra de Deus, portanto, as colocações de Jesus não visavam estabelecer um novo padrão moral de conduta, e sim provocar uma ruptura no pensamento dos seus interlocutores.

“Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do SENHOR vosso Deus, que eu vos mando.” (Deuteronômio 4:2);

“Conforme ao mandado da lei que te ensinarem, e conforme ao juízo que te disserem, farás; da palavra que te anunciarem te não desviarás, nem para a direita nem para a esquerda.” (Deuteronômio 17:11).

Por meio do evangelho é de conhecimento que para ser salvo basta fazer a vontade de Deus, que é crer em Cristo (Mateus 12:50). Nesse sentido, não encontramos nos Evangelhos ou nas cartas do N. T. qualquer determinação aos cristãos para darem a outra face a quem ferir, ou não se recusarem entregar a túnica a quem quiser tirá-la, ou emprestarem a qualquer que pedir, etc.

**A** mensagem do apóstolo Paulo e a do Senhor Jesus Cristo é a mesma, porém, o diferencial está na abordagem em razão da diferença de público alvo. Enquanto o apóstolo Paulo escreveu a cristãos, Jesus estava falando a judeus, sendo que estes precisavam mudar a concepção acerca de como serem salvos, e aqueles instruídos quanto a permanecerem na verdade do evangelho.

Outro diferencial não menos importante com relação à abordagem é que Jesus só falava à multidão por parábolas, o que demandava por parte de quem lê certa compreensão do evangelho para poder compreender a mensagem transmitida (Marcos 4:34), e a abordagem do apóstolo Paulo é direta.

Quando o apóstolo Paulo direciona o discurso aos cristãos dentre os judeus, deixa claro que a circuncisão nada é se não guardar toda a lei, e ao mesmo tempo des-

taca que as Escrituras protestam contra eles como sendo transgressores (Romanos 2:23), e que os gentios, mesmo não tendo lei, faziam naturalmente o que a lei prescrevia (Romanos 2:14).

Através da abordagem do apóstolo Paulo é possível compreender o porquê Jesus ordenou aos judeus que amassem os seus inimigos, pois amar os amigos era algo que os gentios mesmo não tendo lei faziam. Ao ordenar que os judeus amassem os seus inimigos, Jesus estava ensinando que se refugiar na lei mosaica não os tornava melhores que os gentios a ponto de serem dignos do reino dos céus.

Todos os cristãos sabem que Cristo é a justiça de Deus e o reino de Deus e, que se o homem quiser entrar nos céus deve buscar o reino dos céus e a sua justiça, que é Cristo (Mateus 6:33). Como os escribas e fariseus era o parâmetro de justiça que o povo de Israel conhecia, Jesus alertou que necessitavam de uma justiça que excedesse a justiça dos escribas e dos fariseus, pois, se tivessem justiça superior, tanto o povo quanto seus líderes, de modo algum, veriam o reino dos céus.

Como a justiça dos judeus decorria da prática da lei, Jesus demonstra que para ter justiça maior que a justiça dos seus líderes religiosos era exigível dos seus ouvintes no mínimo práticas mais rígidas que a estabelecida na lei. Jesus apresenta regras mais rígidas ao povo evidenciando a impossibilidade de serem salvos pelas obras da lei.

“Porquanto, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus. Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.” (Romanos 10:3-4).

Devido à má leitura que muitos fazem do Sermão do Monte, há quem diga que Jesus estava apresentando aos seus irmãos segundo a carne a nova moral do reino dos céus, porém, Jesus estava evidenciando a impossibilidade deles se salvarem através das práticas da lei.

Dentro do que a lei prescrevia como justo, era dever amar o próximo, mas ao propor que amassem os inimigos e orar pelos que perseguem, caso fosse uma determinação para os cristãos cumprirem, seria contraditório como o mandamento de amar o próximo como a si mesmo. Qualquer que ama o seu inimigo destruirá a si mesmo, porquanto se ama o inimigo o homem fica impedido de amar a si mesmo.

Através do evangelho todos que creem se tornam filhos do Pai celeste, e a proposta de Jesus tinha por objetivo evidenciar que os seus concidadãos não eram filhos de Abraão, e, por conseguinte, não eram filhos de Deus.

“Corromperam-se contra ele; não são seus filhos, mas a sua mancha; geração perversa e distorcida é.” (Deuteronômio 32:5).

A moral da parábola do Sermão do Monte não é dogmática e nem imperativa, antes induz o ouvinte a dar resposta as seguintes perguntas:

“Pois, se amardes os que vos amam, **QUE GALARDÃO TEREIS? Não fazem os publicanos também o mesmo?** E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, **QUE FAZEIS DE MAIS? Não fazem os publicanos também assim?**” (Mateus 5:46-47).

O que é necessário para *‘ter galardão’* ou *‘fazer de ma-*

is'? Buscar justiça superior à justiça dos escribas e fariseus, pois eles amavam aqueles que os amavam e saldavam unicamente os seus irmãos (Mateus 5:20). Há certa ironia ao sugerir condutas mais rígidas que a lei, pois se queriam justiça superior de fato teriam que buscar o reino de Deus, que é entrar pela porta estreita, que é Cristo (Mateus 6:33 e 7:14).

Como é impossível aos judeus se salvarem através da lei, a proposta de amar o inimigo é irônica, pois homem algum pode se afeiçoar do seu inimigo, a não ser que sofra de algum distúrbio psíquico.

Com relação ao tratamento que se deve dispensar ao próximo, e até mesmo para com os inimigos, basta fazer aos outros aquilo que gostaria que os outros fizesse, uma justa medida que evidencia o espírito da lei.

“... tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lo também vós, porque esta é a lei e os profetas.” (Mateus 7:12).

Qualquer que se propuser amar o seu inimigo destruirá a si mesmo, ou seja, não ama a si mesmo.

O rei Davi quase se destruiu ao chorar por seu filho Absalão, declarado ser seu inimigo. Se pesar o amor pelos inimigos numa balança, o que sobrar para os amigos? Levar esse pensamento adiante somente faz entender que os amigos são menos importantes que os inimigos.

“**Amando tu aos teus inimigos, e odiando aos teus amigos.** Porque hoje dás a entender que nada valem para contigo príncipes e servos.” (2 Samuel 19:6).

A má leitura do discurso do Sermão do Monte tem início quando o leitor considera enunciados do discurso à parte da pessoa e da missão desempenhada pelo Senhor Jesus, que não podia se declarar abertamente à multidão dizendo *‘Eu sou o Cristo’*.

“Rodearam-no, pois, os judeus, e disseram-lhe: Até quando terás a nossa alma suspensa? Se tu és o Cristo, dizendo-o abertamente.” (João 10:24).

Os ouvintes de Jesus só poderiam reconhecê-lo como o Cristo através do testemunho de Deus contido nas Escrituras, e Jesus sabia muito bem que não podia dar testemunho de si mesmo.

“Se eu testifico de mim mesmo, o meu testemunho não é verdadeiro. Há outro que testifica de mim, e sei que o testemunho que ele dá de mim é verdadeiro. (...) E o Pai, que me enviou, ele mesmo testificou de mim. Vós nunca ouvistes a sua voz, nem vistes o seu parecer. E a sua palavra não permanece em vós, porque naquele que ele enviou não credes vós.” (João 5:31-32 e 37-38).

Jesus tinha a missão de revelar o Pai aos homens (João 1:18), e Ele bem sabia que os seus próprios familiares seriam os seus inimigos

“E assim os inimigos do homem serão os seus familiares.” (Mateus 10:36; Miquéias 7:6).

Jesus também sabia que os seus interlocutores consideravam a lei como verdade e conhecimento, e eles faziam mal uso da lei.

“Eis que tu que tens por sobrenome judeu, repousas na lei, te glorias em Deus; E sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído por lei;



confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, Instrutor dos néscios, mestre de crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei;” (Romanos 2:17-20).

Para se fazer compreendido pela multidão, o discurso de Jesus teve como ponto de apoio subjacente as bem-aventuranças anunciadas pelos profetas e o ordenamento que a multidão tinha como verdadeiro - a lei.

Como estava no início do seu ministério quando discursou o Sermão do Monte, Jesus não podia denunciá-los abertamente como transgressores da lei, visto que não faziam uso legítimo da lei, denuncia que foi feita próximo do fim do seu ministério.

“Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós. Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão.” (Romanos 2:24-25);

“Não vos deu Moisés a lei? **e nenhum de vós observa a lei.** Por que procurais matar-me?” (João 7:19).

Sabedor do papel desempenhado pela lei, que era servir de aio para conduzir os judeus a Cristo, Jesus não podia denunciar a impossibilidade da lei que estava enferma por causa da doutrina de homens (Gálatas 3:24; Romanos 8:3).

Em função de todas as impossibilidades elencadas, Jesus lembra os seus interlocutores o que os seus líderes

religiosos diziam acerca de pontos da lei e agrava todos eles, como proposta de se tornarem melhores que os pecadores e publicanos que tanto repudiavam.

Como é impossível ao homem se salvar por meio das obras da lei, e o proposto por Jesus para se diferenciarem dos pecadores e publicanos levava a mesma impossibilidade, Jesus cria a oportunidade de oferecer salvação através da parábola das duas portas e dos dois caminhos.

Evidenciar uma contradição no pensamento daqueles que, tendo por pretexto a lei, se julgavam melhores que os gentios e publicanos pelas suas práticas era o objetivo de Jesus ao propor que os seus ouvintes amassem os seus inimigos.

Abordado de modo conciso e por parábola (portanto, de modo obscuro), a ordem para entrar pela porta estreita é a marca do discurso de Jesus. Mas, a futilidade dos homens promoveu o elemento utilizado para estabelecer uma contradição no pensamento dos judeus, a ordem: *‘Amai os vossos inimigos’*, como sendo a marca do discurso de Jesus, reflexo da medonha capacidade de ver nas propostas plenas de sentido sua própria opinião.

Por que a essência do discurso de Jesus seria o amor aos inimigos em lugar de vender todos os bens e dar aos pobres? Porque os homens sabem que é possível a alguém dar aos pobres todos os seus bens, diferentemente da ideia de amar inimigos.

A essência do evangelho é crer que Jesus é o enviado de Deus, mas as pessoas preferem se centrar na ideia de amar os inimigos, do que obedecerem ao mandamento de Deus.

# Epílogo

**P**or que a linguagem do apóstolo Paulo em alguns pontos difere da linguagem utilizada pelo apóstolo João? Por que o apóstolo Paulo utiliza o termo ‘fé’ para fazer referência à doutrina do evangelho, e o apóstolo João tem preferência pelo termo ‘mandamento’ ao se referir ao mesmo corpo doutrinário?

As diferenças dos termos utilizado pelo apóstolo Paulo dos termos utilizado pelo apóstolo João se deve principalmente ao público alvo da mensagem, visto que o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos convertidos dentre os gentios, que eram mais afetos à língua grega; e o apóstolo João escreveu aos cristãos convertidos dentre os judeus, que, apesar de se comunicarem através do grego koine, eram mais afetos à cultura de origem semítica e uso de hebraísmos.

Embora os apóstolos Paulo e João tenham utilizado a língua grega para anunciar o evangelho, a abordagem do apóstolo Paulo ficou mais próxima das línguas da família indo-europeia e a abordagem do apóstolo João, por sua vez, não perdeu de vista questões afetas às línguas da família semítica<sup>84</sup>.

<sup>84</sup> Neste quesito sou forçado a discordar do Pr. Deissmann, citado pelo Dr. Bittencourt, pois as peculiaridades do grego do N. T. se deve ao grego coloquial popular, linguagem não-literária, não-científica e não-filosófica da época, porém, há sim, influência semítica na linguagem, principalmente por influência da poesia hebraica. (BITTENCOURT, 1993, p. 47). “*E na língua grega, que nas Escrituras conserva muitos hebraísmos...*” (HOBBS, 2003, p. 351).

Se analisarmos o termo ‘senhor’, segundo as influências das culturas e da língua indo-europeia, com foco principal na cultura Greco-romana, a definição dos lexicógrafos é:

*Senhor |ô| s. m. 1. O que possuía honras ou coutos; fidalgo; o que possuía vassallos; o que tinha autoridade feudal. 2. O dono da casa em relação aos criados. 3. Indivíduo distinto. 4. Título nobiliárquico. 5. Ento de cerimônia. 6. Título dado aos homens no trato usual. 7. Amo. 8. Deus.*

Dos termos sublinhados acima, destaco o termo ‘amo’, palavra que os escravos utilizavam antecedita do pronome possessivo ‘meu’, para fazer referência aos seus senhores. As senhoras, por sua vez, chamavam os seus maridos de ‘meu amado’.

Em muitas línguas, incluindo o avéstico, a ideia de divindade dos povos sempre foi reverenciada e tratada através do termo ‘senhor’. A noção da divindade como ‘senhor’ advém de concepções diversas sobre como reverenciar o divino e não deriva necessariamente de questões etimológicas.

Entretanto, a concepção de ‘senhor’ que a sociedade de hoje se acostumou sofreu certo ‘amolecimento’<sup>85</sup>, pois o termo não mais retrata a relação ‘amo’ e ‘escravos’, pois se transmutou em uma nova concepção por influência dos ideais humanista. ‘Senhor’ se tornou mero pronome de tratamento, perdendo, por assim dizer, a ideia de autoridade, se comparado ao uso do termo na antiguidade.

O uso do termo ‘Senhor’ com relação a Deus se tornou popular no ocidente, visto que, os tradutores das versões grega e latina do A. T., traduziram a palavra hebraica ‘Adonai’ e ‘Yahweh’, respectivamente, por ‘Senhor’ e ‘Dominus’.

<sup>85</sup> Nietzsche utiliza o termo ‘amolecimento’ em seu livro ‘A genealogia da moral’ para fazer referência ao declínio da aristocracia, do nobre, vez que a sociedade passou, a seu ver, ‘louvar’ o ‘animal de rebanho’. (NIETZSCHE, 2009, p. 11).

O termo ‘senhor’ com relação a Deus não deve ser visto somente como pronome de tratamento ou um título nobiliárquico, antes, deve ser visto com a pujança que o termo ‘amo’ carregava aos olhos das civilizações da antiguidade.

Comparando, o termo ‘Senhor’ está mais para o fenício ‘Adonai’ (Senhor meu), alguém que o servo deve se submeter, do que para o grego Adonis, nome de uma divindade mitológica, cujo nome é uma variante do termo ‘Adon’ (Senhor).

Os cananeus e os babilônicos empregavam respectivamente os nomes ‘Baal’ (deus) e ‘Bal’(deus) como ‘senhor’, ‘amo’, ‘patrão’, ‘dono’, o que indica que, se for necessário verificar a etimológica das palavras empregadas nas Escrituras, melhor é se socorrer das línguas de origem semítica do que das línguas de origem indo-europeias.

Enquanto o termo hebraico ‘Adonai’ (Senhor, Deus) no plural era o termo utilizado para se referir a Jeová, com a ideia de “*Meu Senhor*”, o que denota *sujeição, condição de servo ou propriedade*<sup>86</sup>, a ideia que se depreende do termo hoje denota somente uma condição ou uma qualidade pessoal.

Por sua vez, o termo grego ‘Hyrios’ (Senhor) denota autoridade, poderio, soberania, sem a conotação que deriva da relação senhor e servo pertinente a uma casa, indicando somente o título que se dá a um rei em seu reino.

<sup>86</sup> “O homem que, por natureza, não pertence a si mesmo, mas a um outro, é escravo por natureza: é uma posse e um instrumento para agir separadamente e sob as ordens de seu senhor.” (ARISTÓTELES, *A Política*, p. 9).

Essa redução de significado afetou o latim, que tem ‘Dominus’ (Senhor, Deus) como ‘dono da casa’, que por sua vez influenciou o termo inglês ‘Lord’ (senhor, Deus) como guarda, vigia, guardião, e o português ‘Senhor’, do latim *seniore(m)*, que passou a significar o ‘mais velho’ (ROMANELLI, 1968/69).

A palavra Adonai vem do hebraico אֲדֹנָי, plural da palavra Adon (meu Amo, meu Senhor), e encontra paralelo na força que lhe é peculiar na cultura e na língua de origem semítica como ‘Senhor, amo, patrão, dono’, pois, tais culturas e línguas têm, segundo as tradições islâmica e judaica, um ente comum: Abraão.

Neste sentido, é necessário considerar que, mesmo após a separação de Isaque e Ismael, muito da cultura dos árabes decorre do que Ismael aprendeu com o seu pai caldeu, Abraão, e com sua mãe egípcia, Agar.

Após a separação de Isaque e Ismael surgiram duas grandes nações: hebreus e árabes, cuja cultural e língua estão mais próximas entre si se comparado às nações de línguas indo-europeias.

Para os árabes a relação entre Deus e os homens se dá através de ordem e obediência<sup>87</sup> e só após influências recentes se deixaram influenciar por conceitos provenientes de ideais ascéticos.

Grosso modo, as culturas greco-romanas foram privilegiadas desde a patrística e, com as cruzadas, a cultura árabe acabou sendo ‘demonizada’, o que realçou ainda mais as ideias, a linguagem e a filosofia grega em detrimento da cultura e das línguas de origem semítica.

<sup>87</sup> “Desde o princípio, o desejo de pureza de intenção dera origem a práticas ascéticas, talvez sobre influência dos monges cristãos orientais. Implícita nelas estava a ideia de que podia haver outra relação entre Deus e os homens, além de ordem e obediência...” (HOURANI, 2006, p. 207).

Não podemos perder de vista que, nas sociedades antigas, a exemplo dos gregos, os termos eram utilizados para descrever e rotular as relações<sup>88</sup> humanas pautado na função<sup>89</sup> que indivíduo desempenhava, diferentemente do nosso tempo, em que os termos também são empregados para rotular sentimentos, paixões, que são volúveis se comparado as funções.

Observe a seguinte declaração de Jesus aos seus discípulos:

“Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer.” (João 15:15).

Sem considerar aspectos específicos das relações sociais à época, entre senhor e servo, ao ler a citação acima, o leitor entenderá que Jesus estava estreitando os laços de amizade com os seus discípulos.

Entender que, após Jesus ter dado a conhecer aos seus discípulos o que havia ouvido junto ao Pai, a relação Senhor e servo entre Jesus e os seus discípulos estava sendo substituído por um vínculo de amizade é torcer a essência do texto.

O texto tem que ser entendido à luz do seguinte enunciado:

<sup>88</sup> “Mas como só se conhece a natureza de um todo pela análise de suas partes integrantes, sem exceção das menores, e como as partes primitivas e mais simples da família são o senhor e o escravo, o marido e a mulher, o pai e os filhos, convém examinar quais devem ser as funções e a condição de cada uma destas três partes.” (ARISTÓTELES, A Política, p. 8).

<sup>89</sup> “Todas as coisas se definem pelas suas funções.” (ARISTÓTELES, 2011, p. 22). Através do princípio apontado por Aristóteles segue-se que a análise acerca da relação senhor/escravo, marido/mulher e pai/filho entre os gregos tinham em vista as funções e a posição social do indivíduo, por conseguinte, os sentimentos e as paixões eram questões de menor importância (ARISTÓTELES, op. Cit., p. 22, § 1).



“Vós sereis **meus amigos**, se fizerdes o que **eu vos mando**.” (João 15:14).

O que diferencia o ‘*amigo*’ do ‘*servo*’ é o conhecimento que aquele tem acerca das coisas do seu senhor, e não uma relação de coleguismo. Para ser amigo de Cristo, ou amigo de Deus como o crente Abraão é necessário se sujeitar a Deus como servo.

“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.” (Mateus 11:29).

Ser amigo de Cristo é relação diferente da que havia entre Herodes e Pilatos.

“E no mesmo dia, Pilatos e Herodes entre si se fizeram amigos; pois dantes andavam em inimizade um com o outro.” (Lucas 23:12).

Qual a relação nomeada de ‘amigo do esposo’ no verso a seguir:

“Aquele que tem a esposa é o esposo; mas **o amigo**<sup>90</sup>, que lhe assiste e o ouve, alegra-se muito com a voz do esposo. Assim, pois, já este meu gozo está cumprido.” (João 3:29).

O que possui a esposa é o esposo, por isso o dito: ‘**O meu amado é meu, e eu sou dele.**’ (Cantares 2:16), que deve ser entendido da seguinte forma: “**Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição.**” (Cantares 7:10).

A esposa pertence ao marido, que por sua vez, é afeiçãoado a ela. Na antiguidade, apesar de chamar o ma-

<sup>90</sup> “Enquanto escravo, portanto, não pode haver amizade com ele, mas enquanto homem sim; parece, pois que existe algo de justo para cada homem em favor de todos aqueles que têm em comum a capacidade de lei e de contrato; portanto, pode haver amizade (com o escravo) na medida em que é homem.” (ARISTÓTELES, 1984, p. 191).

rido de ‘meu amado’, na verdade, a esposa pertencia ao marido e devia obediência a ele.

“Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido.” (Romanos 7:2).

Já o amigo do esposo é o que assiste e serve o esposo, ou seja, aquele que tem o seu senhor como o seu ‘amo’. O único bem do servo era o seu senhor, por isso o chama de ‘meu senhor’.

Conforme o profeta Isaías, Abraão foi declarado amigo de Deus (Isaías 41:8), e essa verdade se evidencia nas Escrituras através do seguinte testemunho:

“E disse o Senhor: Ocultarei eu a Abraão o que faço...” (Gênesis 18:17).

Destas duas passagens temos que, como Deus não ‘ocultava’ o que fazia a Abraão, segue-se que Abraão era ‘amigo’ de Deus<sup>91</sup>.

O que entender por ‘amigo de Deus’? Entende-se como servo obediente! Um servo obediente como Abraão precisa estar a par do que faz o seu Senhor, por conseguinte, por conseguinte, estará apto para assistir (servir) e ouvir (obedecer) (Êxodo 33:11).

Os ‘amigos’ e as ‘amizadas’ que constam dos versos a seguir guardam relação direta com a condição de servos:

“Traidores, obstinados, orgulhosos, mais **amigos dos**

<sup>91</sup> “A ideia de um caminho de acesso a Deus implicava que o homem não era só criatura ou servo d’Ele, mas também podia tornar-se Seu amigo (*wali*)” (HOURANI, 2006, p.211) – Observe-se que o Dr. Albert faz referência à relação ‘amigo’ com base nas relações que nos são afetas em nossos dias, o que difere das questões próprias à antiguidade.

dos deleites do que amigos de Deus.” (2 Timóteo 3:4);

“Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser **amigo** do mundo constitui-se inimigo de Deus.” (Tiago 4:4).

Quando Judá se deitou com sua nora Tamar, pensando que ela fosse uma prostituta, subia para Timna acompanhado de um amigo de nome Hira, adulamita, para tosquiar as suas ovelhas.

Quando enviou a ovelha por mão do seu ‘amigo’ para reaver o penhor do contrato verbal que firmou, Hira procurou a suposta prostituta, e como não a encontrou, voltou e anunciou a Judá (Gênesis 38:20).

A relação de amizade entre Judá e o adulamita está atrelada a condição de servo que sabe o que faz seu senhor, do que por vínculo de amizade. Vê-se que o adulamita era tido por amigo por ter posição semelhante à de José, quando na casa de Potifar, pois como escravo cuidava dos negócios do seu senhor (Gênesis 39:4).

O uso do termo ‘*amigo*’<sup>92</sup> em Judá, Abraão, Moisés e Jesus era dispensado aos servos<sup>93</sup> de confiança, que ge-

<sup>92</sup> “Emprega-se hoje no árabe (oriental) com o sentido de amigo (companheiro; cf. port. Camarada, mesmo caso de analogia) e, particularmente, de proprietário. Neste caso, o nome que se lhe segue fica no genitivo.” (NIMER, 2005, p. 408).

<sup>93</sup> “O domínio adquirido por conquista, ou vitória militar, é aquele que alguns autores chamam despótico, de despótes, que significa senhor ou amo, e é o domínio do senhor sobre seu servo. O senhor do servo é também senhor PG7 EPÍLOGO EN ESPAÑOL de tudo quanto este tem, e pode exigir seu uso. Isto é, de seus bens, de seu trabalho, de seus servos e seus filhos, tantas vezes quantas lhe aprouver. Porque ele recebeu a vida de seu senhor, mediante o pacto de obediência, isto é, o reconhecimento e autorização de tudo o que o senhor vier a fazer. E se acaso o senhor, recusando-o, o matar ou o puser a ferros, ou de outra maneira o castigar por sua desobediência, ele próprio será o autor dessas ações, e não pode acusá-lo de injúria” (HOBBS, 2003, p. 174) grifo nosso.

ralmente vinha precedido do pronome possessivo ‘seu’.

Hoje, no árabe (oriental) o mesmo termo utilizado no sentido de amigo, particularmente serve para designar quem é proprietário de algo, termo este que era utilizado para designar o amo, o senhor (saibo).

Nimer destaca a expressão ‘*sibiralá*’, com o significado de ‘*Pela causa de Deus, por amor de Deus*’, que se referia ao caminho, rota ou ao edifício onde os viajantes do deserto sempre encontravam à disposição água, que ali era posta por alguém pago para tal mister. Figuradamente, o termo era utilizado para fazer referência à guerra santa, peregrinação, busca do saber, da ciência, e em destaque, ‘*cumprimento de tudo que ordenou Deus*’ (NIMER, 2005, p. 594).

Observa-se que o termo ‘sibiralá’<sup>94</sup> denota obediência à causa, ou seja, amor a Deus.

Segundo o dicionário Michaelis o termo ‘amo’ é substantivo masculino e significa ‘*1 Dono da casa (em relação aos criados). 2 Patrão, senhor*’, assim como ‘ama’ é substantivo feminino e significa ‘*1 Mulher que amamenta filho alheio; nutriz. 2 Aia, criada. 3 Senhora da casa, patroa (em relação aos criados). 4 Governanta. 5 Reg (Nordeste) Designa criadas em geral*’, derivado do grego *ámma* e do latim *amma*.

‘Amo’ era forma de tratamento que os escravos utilizavam para designar os seus senhores. Do mesmo modo que a esposa ao se submeter ao senhorio do seu marido chamava-o de ‘meu amado’ ou ‘meu senhor’, o servo que se submetia ao seu senhor denominava-o de

<sup>94</sup> Hourani destaca que o servo de Deus podia tornar-se amigo (*wali*) e, que tal relação entre Deus e os homens decorria da ‘*obediência à vontade de Deus por amor a Ele (...) e ao fazer isso tomava consciência de um amor retribuído, estendido por Deus ao homem*’ (HOURANI, 2006, p. 207 e 211).

‘meu amo’ ou ‘meu senhor’.

A relação marido/mulher<sup>95</sup> como figura aponta o ‘amor’ a Deus como submissão, ou melhor, obediência ao Seu mandamento. É por isso que o apóstolo Pedro lembra às mulheres cristãs da sua época que, na antiguidade, as mulheres eram sujeitas aos seus maridos, sendo que Sara dispensava a Abraão o tratamento de ‘senhor’, evidenciando que Sara era ‘obediente’ a Abraão.

Tal abordagem foca a relação marido/esposa nas sociedades antigas, quando a mulher devia obediência<sup>96</sup> ao marido<sup>97</sup> e o marido tinha o dever de cuidado para com a esposa (1 Pedro 3:6).

De igual modo, a Igreja como esposa é submissa a Cristo, o Senhor, portanto, a relação Cristo/Igreja serve de exemplo para a relação marido/esposa (Efésios 5:24), que, em suma, é cuidado do esposo e submissão da esposa.

**E**ntender as relações humanas à época dos escritores do N. T. não é menos importante que conhecer o idioma que os escritores do N. T. utilizaram. Ao fazer

<sup>95</sup> “A condição da mulher difere da do escravo (...) Somente entre os bárbaros a mulher e o escravo estão no mesmo nível” (ARISTÓTELES, 2011, p. 20).

<sup>96</sup> “A esposa devia ao marido obediência...” (HOURANI, 2006, p. 168).

<sup>97</sup> “Com efeito, toda família, sendo governada pelo mais velho como que por um rei, continuava a viver sob a mesma autoridade, por causa da consanguinidade. Este é o pensamento de Homero, quando diz: Cada um, senhor absoluto de seus filhos e de suas mulheres, distribui leis a todos...” (ARISTÓTELES, 2011, p. 21).

uso do grego *koine*, os escritores do N. T. fugiram da linguagem fechada aos círculos palacianos e acadêmicos, portanto, os apóstolos não firmaram a exposição do evangelho através dos pressupostos da filosofia, da literatura ou da arte grega.

Embora o apóstolo Paulo possa ter utilizado elementos da retórica como ferramenta de exposição, o discurso não se mesclou e nem se apoiou em filosofias e tradições humanas.

“A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder;” (1 Coríntios 2:4).

O evangelho e as cartas de João, juntamente com a carta de Tiago, evidenciam que os escritores do N. T. somente se utilizaram da escrita grega, porém, a estrutura textual e as ideias apresentadas seguem o mesmo ritmo e rima da poesia hebraica, figuras, adágios e símiles dos profetas, alegorias próprias à *práxis* do homem comum expressa no seu dialeto (*koine*).

Em proposições simples como “*Deus é luz*”, o apóstolo João utilizou-se da língua grega somente para expressar uma verdade, e a segunda proposição: ‘... *e não há nele trevas nenhuma*’ (1 João 1:5), complementou a verdade do primeiro enunciado, de modo que a simples repetição de ideias estabelece um encadeamento lógico que resiste a possibilidade de deturpação do texto.



Na poesia hebraica as proposições são denominadas de ‘hemistíquio’, sendo que, às vezes, a repetição é um complemento, uma ênfase ou negação da proposição inicial, o que leva o nome de paralelismo sintético ou progressivo. Ex:

"Com a minha voz clamei ao Senhor...", e;

"... e Ele ouviu-me do seu santo monte." (Salmo 3:5).

Na definição de primeira João 1, verso 5: “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma”, o apóstolo apresenta uma descrição da natureza divina, e em seguida enfatiza que, qualquer que tem comunhão com Ele não pode ser trevas, pois se em Deus não há trevas nenhuma, quem é trevas não tem comunhão com Deus (1 João 1:6).

A proposição apresentada pelo apóstolo João é uma releitura do exposto por Moisés:

“Deus é a verdade, e não há nele injustiça.”  
(Deuteronômio 32:4; Jeremias 10:10).

Quando lemos: “Deus é amor”, a regra do paralelismo sintético ou progressivo que é pertinente à poesia hebraica nos dá parâmetro seguro para construirmos, nos moldes do apóstolo João, a conclusão do pensamento: ‘... e não há nele ódio nenhum’ (1 João 4:16; Deuteronômio 4:31).

A proposição que complementa a ideia de ‘Deus é amor’ está diretamente relacionada com o homem, se ele está ou não em comunhão com Deus, pois quem não está



em Deus é homicida (1Jo 3:15), a expressão máxima do ódio.

Tais recursos da poesia hebraica ressaltam ao leitor da Bíblia o entendimento de termos e expressões que são próprios de uma época distante, e, ao mesmo tempo, nos dá parâmetros para dimensionar o quanto a linguagem e os pensamentos expressos na Bíblia diferem do pensamento da humanidade, a exemplo do expresso na filosofia ou no que é próprio à cultura grega.

Quando se lê: “**Aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor**” (1 João 4:8), certo é que quem não conhece a Deus é porque odeia a Deus. O apóstolo Paulo lembra a Tito que, antes de terem um encontro com o amor de Deus, eram odiosos e odiavam uns aos outros (Tito 3:3), mas agora, após serem transportados para o reino do Filho do seu amor, passaram a viver em amor, portanto, amando uns aos outros.

Quando se lê que o amor de Deus dura para sempre, não podemos deixar de considerar que o amor é a palavra de Deus encarnada, que dura para sempre, pois a palavra e o amor de Deus são imutáveis (Salmos 118:1-4; Hebreus 13:8).

Os que andam em amor como filhos amados (Efésios 5:1), andam como filhos da luz (Efésios 5:8), porque fazem o que é agradável ao Senhor: amam por obra e em verdade (1 João 3:22). Quem crê em Cristo não coaduna com as obras infrutuosas das trevas (Efésios 5:2 e 11), ou seja, como as obras dos néscios (judaizantes), porque compreende qual é a vontade do Senhor (Efésios 5:10 e 17).

Quando o apóstolo roga para que os cristãos se sujeitem uns aos outros na palavra de Cristo (Efésios 5:21), é porque somente aqueles que estão fundados e arraigados em Cristo, o amor de Deus (Efésios 3:17), são capazes de cumprir o Seu mandamento (Efésios 3:19).

Deus é amor, ou seja, ele é justo, reto, santo, etc., e quem permanece n'Ele é amor, luz, verdade, paz, manso, justo, santo, etc.

“E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está em amor está em Deus, e Deus nele.” (1 João 4:16).

Deus declarou ao homem o que é reto, justo e bom<sup>99</sup>, portanto, o homem deve se aplicar em obedecê-Lo, pondo por obra a justiça evidenciada em Cristo, ou seja, obedecendo a misericórdia (amor, mandamento) para ser perfeito:

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a misericórdia e andes humildemente com o teu Deus?” (Miquéias 6:8).

Qualquer que crê no amor de Deus demonstrado em Cristo e permanece firme ‘conhece’ ao Senhor e prossegue em conhecê-Lo:

<sup>98</sup> “Portanto não é a vitória que confere o direito de domínio sobre o vencido, mas o pacto celebrado por este. E ele não adquire a obrigação por ter sido conquistado, isto é, batido, tomado ou posto em fuga, mas por ter aparecido e ter-se submetido ao vencedor. E o vencedor não é obrigado pela rendição do inimigo (se não lhe tiver prometido a vida) a poupá-lo, por ter-se entregue a sua discricção; o que só obriga o vencedor na medida em que este em sua própria discricção considerar bom. E o que os homens fazem quando pedem quartel (como agora se lhe chama, e a que os gregos chamavam Zogría, tomar com vida) é escapar pela submissão à fúria presente do vencedor, e chegara um acordo para salvar a vida, mediante resgate ou prestação de serviços” (HOBBS, 2003, p. 173) Grifo nosso.

“Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.” (Oséias 6:3).

Quem crê em Cristo sujeitou-se a Deus e é agraciado com a filiação divina, portanto, como participante da natureza divina tem direito à vida eterna (João 1:12-13; 2 Pedro 1:4).

A salvação é vista em termo de uma posição/condição derivada da origem do novo ser que vem à existência participante da natureza divina, e não por questões de ordem moral ou de caráter, como se vem pontuando ao longo da história do cristianismo.

A regra de fé de um salvo em Cristo repousa no fato de ser uma nova criatura decorrente do fato de estar em Cristo através do evangelho, o que lhe confere uma nova natureza e condição, questão que era afeta aos homens da antiguidade , mas que não faz sentido aos homens de hoje.

# Bibliografia

**A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento.** Traduzida João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994/95.

AGOSTINHO. **A cidade de Deus.** Vozes, Petrópolis, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Livre Arbítrio.** 2 ed. São Paulo: Editora: Paulus, 1995. Coleção Patrística 08.

ARISTÓTELES. **A Política.** Tradução Nestor Silveira Chaves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco.** Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. **Política.** Tradução Therezinha M. Deutsch e Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 1999 – Coleção Os Pensadores.

BANCROFT, E. H. **Teologia Elementar – Doutrinária e Conservadora.** Tradução João Marques Bentes e W. J. Goldsmith. São Paulo: Batista Regular, 2001.

BARCLAY, W. **Comentário Al Nuevo Testamento – Vol. 1 - Mateo I.** Tradução Alberto Araújo. Escócia: Clie, 1995.

**Bíblia Sagrada: Antigo e novo Testamento.** Traduzida João Ferreira de Almeida. 4ª impressão. Ed. Contemporânea, Editora Vida, 1996.

BITTENCOURT, B. P. **O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual.** 3ª Ed. Ver. At. Amp. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.

BROWN, C. **New international dictionary of New Testament theology**, Vol. 1. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House. Electronic ed. 1986.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução Ilson Kayser. São Paulo: Teológica, 2004.

COELHO, Paulo, O dom Supremo, Livro digital.

COENEN, Lothar, **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**, Colin Brown, Lothar Coenen (orgs.); [tradução Gordón Chown], 2ª ed., São Paulo, Vida Nova, 2000.

**Dicionário da Idade Média**. Organizado por Henry R. Loyn. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1997.

**Didaqué**, Catecismo dos Primeiros Cristãos. Editora Paulus.

DRUMMOND H. **O dom supremo**. Traduzido e adaptado livremente do sermão “The Greatest Thing in the World” por Paulo Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ERICKSON, M. J. **Introdução a Teologia Sistemática**. Tradução Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GINGRICH, F. W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. Revisado por Frederick W. Danker. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. 1ª edição. Edições Vida Nova, 1984.

GRÜN, A. **Morar na casa do amor**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2006.

HAMMAN, A. G. **Santo Agostinho e Seu Tempo**. Tradução de Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1989.

HANTER, J. C. **O monge e o executivo**. Tradução Maria da Conceição F. de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

HOBBS, T. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. Organizado por Richard Tuck. Tradução João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Claudia Berliner. São Paulo: Marins Fontes, 2003.

HOURANI, A. **Uma história dos povos árabes**. Tradução Marcos Santa Rita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

JAEGER, W. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: edições 70, 2002.

JAEGER, W. **Paidéia – A formação do Homem Grego**. Tradução Artur M. Parreira. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KIERKEGAARD, S. **As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Tradução Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2003.

KITTEL, Gerhard, **Dicionário teológico do Novo Testamento Vol. I** / Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich; condensado por Geoffrey W. Bromiley; traduzido por; Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. \_ São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LUTHER, **Works of Martin Luther – The Philadelphia Edition**, trans. C. M. Jacobs, vol 6. Preface to the New Testament (Grand Rapids: Baker Book House, 1982).

MACEDO, Edir. **O poder sobrenatural da fé**. 1<sup>o</sup> Ed. Atualizada. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2011.

Martinho Lutero – Obras Seleccionadas Vol. 10: **Interpretação do Novo Testamento, Gálatas, Tito** Editora Sinodal, 2017.

MCLEISH, K. **Aristóteles: a Poética de Aristóteles**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 2000.



NIETZSCHE, F. **A filosofia na era trágica dos gregos**, Tradução Fernando R. de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal**. 3ª ed. Tradução Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIMER, M. **Influências Orientais na Língua Portuguesa: Os vocábulos Árabes, Arabizados, Persas e Turcos**, 2ª ed. rev., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

PINHEIRO, J. **Ética & Espírito Profético: Revisitando a História com Paul Tillich**. 1ª Edição. São Paulo: Coleção Igreja sem Fronteiras, 2002.

PLATÃO. **Diálogos – Eutífron ou da religiosidade**. Tradução Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **Diálogos** / Platão ; seleção de

textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo: Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores).

**RADMACHER, Earl O Novo Comentário Bíblico NT, com recursos adicionais — A Palavra de Deus ao Alcance de Todos**, Editores Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House, Rio de Janeiro, 2010.

**RICHARDSON, Alan, A Theological Word Book of the Bible** (London: SCM Press, 1950).

**SCHMIDT, W. H. A fé do Antigo Testamento.** Tradução de Vilmar Schneider. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2004.

**SCHOLZ, V. Novo Testamento interlinear Grego — Português**, incluindo o texto da Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada no Brasil. 2<sup>o</sup> Edição e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje, colaboração Roberto G. Bratcher, Editora SBB, 2004.

**TAYLOR, Richard S., Dicionário Beacon Teológico**, J. Kenneth Grider e Willard H. Taylor, Editores associados, originalmente publicado em Inglês sob o título: Beacon Dicionário de Teologia Por Richard

S.Taylor Copyright © 1984 Publicado por Beacon Hill Press of Kansas City.

TILLICH, P. **A Era Protestante**. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

\_\_\_\_\_. **Amor, Poder e Justiça: análises ontológicas e aplicações éticas**. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teologia Sistemática**. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korndorfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VINI, W. F., **Dicionário Vine O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**, CPAD, Rio de Janeiro – RJ, 1ª ed. 2002, Pág. 395.

### **Arquivos e artigos na Web**

ARISTÓTELES, **A Política** < <http://www.institutoelo.org.br/site/files/publications/97ef5049709d7b6bb9c54a32ac2893c7.pdf> > Consulta realizada em 01/08/2021.

ADKINS, A. W. H. **‘Friendship’ and ‘Self-**

**Self-Sufficiency' in Homer and Aristotle**, <  
<https://pdfslide.net/documents/adkins-friendship-and-self-sufficiency-in-homer-and-aristotle.html> > Consulta realizada em 27/07/2021.

AQUINO, T. **O amor desregrado de si mesmo**. (IIa IIae. q. XXV, a. VII) citado no portal Permanência (P. D. Mézard, O. P., Meditationes ex Operibus S. Thomae.). Disponível em:  
<<http://www.permanencia.org.br/drupal/node/1776>>. Acesso em: 01/01/2012.

\_\_\_\_\_. Suma Teológica <  
<https://permanencia.org.br/drupal/node/4836> >  
Consulta em 27/07/21.

**Documentos relativos à questão dos direitos de Portugal à soberania da Ilha de Bolama e outros pontos da Guiné resolvida pelo Presidente dos Estados Unidos da América por sentença arbitral de 21 de abril de 1870** – Portugal, Great Britain, segunda coleção: impressa por ordem do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional, 1870. Disponível em: <  
<http://books.google.com.br/ebooks/reader?id=cH4LAAAAIAAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&output=reader> >. Acesso em: 01/01/2012.

FRANCO, I. **Eros Platônico e Moderno**. O Que nos Faz Pensar. Rio de Janeiro, n. 1, 1989. p. 15-28. In: Dover, K.J. **Geek Homosexuality**. London: Duckworth & Co, 1978. Disponível em: < [http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/eros\\_platonico\\_e\\_moderno/n1irley.pdf](http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/eros_platonico_e_moderno/n1irley.pdf) >. Acesso em: 01/01/2012.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Vida, edição eletrônica de 2012 em < [http://www.4shared.com/office/iZYAMB8J/Os\\_quatro\\_amores\\_-\\_C\\_S\\_Lewis.htm](http://www.4shared.com/office/iZYAMB8J/Os_quatro_amores_-_C_S_Lewis.htm) > Consulta realizada em 01/08/21.

Hermes Carvalho Fernandes, **Um Deus que odeia Seus inimigos não pode exigir que eu ame os meus** < <http://hermesfernandes.blogspot.com/2013/11/um-deus-que-odeia-seus-inimigos-nao.html> > Consulta realizada em 18/07/21.

NIETZSCHE, Friedrich **Para a Genealogia da moral** < [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/Genealogia\\_da\\_Moral.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/Genealogia_da_Moral.pdf) > Consulta realizada em 01/08/21.

Oliveira, Francisco, **O conceito de φιλία de Homero a Aristóteles**, Coimbra, 1978, Vol. XXV e XXVI <

[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/29417/3/Humanitas25-26\\_artigo9.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/29417/3/Humanitas25-26_artigo9.pdf?ln=pt-pt) > Consulta realizada em 27/07/21.

PLATÃO, O Banquete <  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf> > Consulta realizada em 01/08/21.

\_\_\_\_\_. **Fedro** <  
[file:///C:/Users/crisp/Downloads/pdfcoffee.com\\_platao-fedropdf-2-pdf-free.pdf](file:///C:/Users/crisp/Downloads/pdfcoffee.com_platao-fedropdf-2-pdf-free.pdf) > Consulta realizada em 01/08/21.

REALE. G. - **Eros e Agape, na concepção do amor.** Celebração Litúrgica. L'Osservatore Romano, edição portuguesa de 01/07/06. Artigo disponível em: <<http://www.cliturgica.org/portal/artigo.php?id=449>>. Acesso em: 01/01/2012.

ROCHA, Zeferino. **O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles.** Psyche (São Paulo), São Paulo, v. 10, n. 17, p. 65-86, jun. 2006. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000100005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 jun. 2021.

ROMANELLI, R. C. **Os Nomes de Deus no Indo-Europeu e no Semítico**. Separata nº 18 da Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, dezembro 1968/1969, 11p. (141-151). Disponível em: <<http://www.rubensromanelli.net/nomesdeus.html>>. Acesso em: 01/01/2012.



# O autor

## **Claudio Crispim**

É articulista do Portal Estudo Bíblico (<https://estudobiblico.org>), com mais de 360 artigos publicados e distribuídos gratuitamente na web. Nasceu em Mato Grosso do Sul, Nova Andradina, Brasil, em 1973. Aos 2 anos de idade sua família mudou-se para São Paulo, onde vive até hoje. O pai, ‘in memória’, exerceu o ofício de motorista coletivo e, a mãe, é comerciante, sendo ambos evangélicos. Coursou o Bacharelado em Ciências Policiais de Segurança e Ordem Pública na Academia de Policia Militar do Barro Branco, se formando em 2003, e, atualmente, exerce é Capitão da Policia Militar do Estado de São Paulo. Casado com a Sra. Jussara, e pai de dois filhos: Larissa e Vinícius.



# Tradutora

**Páulete Maria de Paula Corrêa**

Tradução para o alemão, espanhol, francês, inglês e italiano por Páulete Maria de Paula Corrêa.



# Apresentação

É surpreendente a concepção do Autor sobre o ‘amor’ bíblico evidenciado neste livro.

A maneira como aborda passagens bíblicas complexas é peculiar e interpreta foge da hermenêutica trivial. Ao comparar algumas passagens bíblicas, o autor conduz o leitor a uma investigação intrigante e, em alguns momentos, gera até certo suspense que culmina em um desfecho surpreendente acerca do verdadeiro significado de termos bíblicos tão usuais, como o são o amor e o ódio.

Durante a leitura deste trabalho, a visão do amor segundo o romantismo e humanismo que nos é tão cara, rapidamente é substituída por uma concepção de amor que assume ares aristocrático e nobre, cenário comum ao contexto no qual as Escrituras foram produzidas.

A névoa do subjetivismo permeado pelo idealismo que as concepções religiosas prescrevem através do termo ‘amor’ é rapidamente substituída por um imperativo grave e objetivo, o que reveste o tema de um novo significado ímpar.

O que era pertinente ao mundo das ideias, ao “dever ser”, passa a ser categórico e tangível no mundo do ser. O amor deixa de ser uma experiência religiosa e moral, ou uma expressão unilateral da alma, da psique humana e passa a repousar em novas categorias.

É inovador o modo como o Autor deixa de lado as categorias gregas sobre o amor, tão usuais quando se aborda o tema, e as substitui por uma categoria segura e singular que há no Antigo Testamento. Tal releitura me fez redimensionar a compreensão de várias passagens bíblicas, dentro das quais está aquela que contém o importante alerta de Cristo: - *“Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro.”* (Lc 16:13).

Onde eu via sentimento, após a leitura deste livro, vejo comportamento. O amor transcende o mundo das ideias, do subjetivismo, do idealismo e reclama o seu lugar de direito como ação.